



Departamento de Sociologia

Género, RSI e mercado de trabalho: duas faces de uma mesma realidade

Vânia Cordeiro

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Serviço Social

Orientadora:
Doutora Maria do Rosário Serafim, Professora Auxiliar,
ISCTE-IUL

Setembro, 2009



Departamento de Sociologia

Género, RSI e Mercado de Trabalho: duas faces de uma mesma realidade

Vânia Cordeiro

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Serviço Social

Orientadora:
Doutora Maria do Rosário Serafim, Professora Auxiliar,
ISCTE-IUL

Setembro, 2009

Agradecimentos

Neste espaço dedicado aos agradecimentos gostaria de deixar uma palavra de apreço e reconhecimento a todos aqueles que, directa ou indirectamente, contribuíram para tornar esta dissertação possível.

Começo por agradecer à Professora Doutora Maria do Rosário Serafim que teve um papel fundamental para tornar esta dissertação em algo possível e concretizável. Agradeço-lhe ainda todo o processo de orientação, o qual foi pautado por um genuíno empenho, disponibilidade, apoio e constante motivação.

Aos meus pais, irmã e namorado por todo o apoio nesta fase de grande dedicação ao trabalho e em que tanto lhes privei da minha companhia.

Às colegas do mestrado pelo trabalho de motivação constante que fizemos uma pelas outras. Todas as dificuldades só contribuíram para que nos tornássemos um grupo pequeno, mas unido e coeso.

Às colegas de trabalho pela ajuda no esclarecimento de dúvidas relativas aos processos das beneficiárias e na selecção das entrevistadas.

À minha entidade empregadora, sobretudo à Chefe da Divisão de Acção Social de Ponta Delgada, Dr.^a Maria de Deus Frazão de Medeiros, por todo o apoio, dedicação e compreensão relativamente a este projecto pessoal que me afastou temporariamente dos meus projectos profissionais.

Por fim, agradeço às beneficiárias entrevistadas por terem partilhado comigo a sua vida e opiniões e pela receptividade com que aderiram à realização das entrevistas.

A todos, o meu muito obrigada.

ÍNDICE GERAL

Introdução.....	1
Capítulo I – Enquadramento teórico.....	3
1. O Estado-providência e as políticas sociais.....	3
1.1. A emergência do Estado-providência.....	3
1.2. O Estado-providência em Portugal.....	4
1.3. A crise do Estado-providência e a medida do RMG/RSI.....	5
2. Os fenómenos da pobreza e exclusão social face à inserção social.....	7
2.1. Aspectos relativos à pobreza e à exclusão social.....	7
2.2. O conceito de inserção social no quadro do RSI.....	9
3. As mulheres e o mercado de trabalho no contexto do RSI.....	10
3.1. A diferenciação dos papéis e das relações sociais de género na família..	10
3.2. O processo de reprodução social e as determinantes para a opção de não ingresso no mercado de trabalho.....	12
3.3. Mulheres beneficiárias de RSI: a opção pelo não-trabalho e a identidade centrada no lar e na família.....	14
Capítulo II – Enquadramento metodológico.....	17
1. Orientação da investigação.....	17
2. A utilização combinada dos enfoques de natureza quantitativa e qualitativa.....	18
3. Técnicas de recolha e análise de dados.....	20
3.1. Consulta de fontes de documentação escritas oficiais.....	20
3.2. A definição da amostra.....	22

3.3.	A realização de entrevistas semi-dirigidas e análise de conteúdo.....	23
Capítulo III – Apresentação e análise dos resultados.....		24
1.	Caracterização geral dos beneficiários de RSI do concelho da Lagoa – análise extensiva-quantitativa.....	24
1.1.	Caracterização da população beneficiária de RSI do concelho da Lagoa	24
1.2.	Caracterização da população feminina maior de idade.....	26
1.3.	Caracterização das beneficiárias disponíveis para inserção laboral mas não inscritas na APQE.....	29
1.4.	Caracterização das beneficiárias disponíveis para inserção laboral e inscritas na APQE.....	29
1.5.	Construção de grupos de beneficiárias.....	30
2.	A mulher, a prestação de RSI e a relação com a família e o mercado de trabalho: apresentação dos resultados da análise intensiva-qualitativa.....	31
2.1.	Ela e o passado: trajectória de vida.....	31
2.1.1.	Origem social e percepção da vida passada.....	32
2.1.2.	Trajectória escolar.....	35
2.1.3.	Trajectória familiar.....	37
2.1.4.	Trajectória profissional.....	39
2.2.	Ela e a relação com o Estado: a medida do RSI.....	42
2.2.1.	A visão do RSI.....	42
2.2.2.	O requerimento.....	43
2.2.3.	O Acordo de Inserção.....	45

2.3.	Ela e a família: o género nas relações familiares.....	47
2.4.	Ela e o trabalho.....	48
2.4.1.	Visão relativamente ao trabalho.....	48
2.4.2.	O trabalho feminino.....	52
2.5.	Perspectivas de futuro: expectativas.....	54
2.6.	Esquema argumentativo.....	56
Considerações finais.....		57
Bibliografia.....		60
Anexos.....		65
•	Anexo I – Evolução do número de beneficiários de RSI na RAA (2002-2009).....	65
•	Anexo II – Beneficiários de RSI face à população residente (%).....	69
•	Anexo III – Evolução da taxa de actividade feminina na RAA e no Continente (2000-2007).....	70
•	Anexo IV – Guião de entrevista.....	72
•	Anexo V – Transcrição das entrevistas.....	77
•	Anexo VI – Análise de conteúdo efectuada com o programa MAXQDA.....	144
•	Anexo VII – Análise quantitativa.....	226
•	Anexo VIII – Caracterização geral da entrevistadas.....	253
•	Anexo IX – Curriculum Vitae Resumido.....	255

Índice de Figuras

Figura 3.1 - Distribuição das mulheres de 18 anos por ocupação (%).....	25
Figura 3.2 – Distribuição das beneficiárias de acordo com a disponibilidade para a inserção laboral (%).....	25
Figura 3.3 – Distribuição de mulheres indisponíveis para inserção laboral por motivos (%)	26
Figura 3.4 – Distribuição das mulheres disponíveis para inserção laboral por situação na APQE (%).....	26
Figura 3.5 – Distribuição das mulheres disponíveis para inserção e não inscritas na APQE segundo as acções do A. I. (%).....	26

Lista de Siglas

RMG – Rendimento Mínimo Garantido

RSI - Rendimento Social de Inserção

APQE – Agência para a Qualificação e Emprego

IAS – Instituto de Acção Social

CPCJ – Comissão de Protecção de Crianças e Jovens

RAA – Região Autónoma do Açores

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa pretende realizar uma reflexão relativamente à relação das beneficiárias da medida do RMG/RSI e o mercado de trabalho no concelho da Lagoa. Numa altura em que a medida em questão conta com doze anos de existência, entende-se ser necessário realizar um balanço relativamente à sua capacidade de gerar inserção social por via do trabalho, uma vez que este é um dos seus principais objectivos.

A escolha deste tema prendeu-se com aspectos de ordem académica, profissional e pessoal. Ao nível académico, considera-se que o estudo dos contextos de pobreza nos Açores constitui um tema sempre actual e relevante, uma vez que se verifica que, nesta região, o número de beneficiários da medida do RMG/RSI tem vindo a crescer substancialmente ao longo dos anos (cf. Anexo I). Esta situação é sentida, de uma forma particular, em determinados concelhos, como é o caso da Lagoa, sendo que se constata que a percentagem de beneficiários face à população residente (10,41%) atinge valores que superam claramente não só a média regional (7,31%), como os números de outros distritos do país (cf. Anexo II). Deste modo, considera-se que se está em presença de uma realidade que merece ser estudada.

A motivação de ordem profissional deve-se ao sentimento de que uma das maiores dificuldades ao nível do trabalho desempenhado junto da população beneficiária do RSI consiste na sua inserção laboral, a qual é um dos pontos basilares da medida. Esta dificuldade ganha especial relevo quando se trata, em específico, do género feminino, uma vez que adquire, neste conselho, contornos muito particulares ao nível da motivação das beneficiárias. Assim sendo, a escolha deste tema surge como uma forma de trazer à superfície estas dificuldades sentidas pelos técnicos que trabalham no terreno com a população beneficiária do RSI, de modo a que se reflita sobre estas questões e se deixem linha orientadoras para que se encontrem formas de tornar mais eficazes as políticas sociais (neste caso o RSI), e consequentemente, a actuação do serviço social.

Por fim, a motivação de ordem pessoal para a escolha deste tema prendeu-se não apenas com o gosto pelo mesmo, mas também com uma vontade pessoal de deixar mais um contributo para o fortalecimento e enriquecimento da investigação em serviço social.

Assim sendo, os objectivos gerais que se pretendeu atingir com esta pesquisa foram: analisar se os aspectos da trajectória de vida das beneficiárias de RSI do concelho da Lagoa influenciam a decisão de ingressar o mercado de trabalho ou não; e perceber se o RSI, enquanto medida de protecção social, tem promovido a inserção laboral das beneficiárias do

concelho em causa, ou se, pelo contrário, tem contribuído para a reprodução de aspectos que mantêm a dependência da prestação.

Deste modo, estruturou-se o presente trabalho em três capítulos. O capítulo I realiza o enquadramento teórico que suporta o tema escolhido, sendo que a problemática é construída em torno de eixos teóricos como o Estado-providência e as políticas sociais, a pobreza e exclusão social face à inserção social e as questões de género e o mercado de trabalho no contexto do RSI.

No segundo capítulo realiza-se o enquadramento metodológico da pesquisa, sendo este o espaço em que se operacionalizam as estratégias, métodos e técnicas de investigação que irão desenhar a pesquisa.

O capítulo III é reservado à apresentação e análise dos resultados que se atingiu com a pesquisa. Posteriormente, seguem-se as considerações finais que têm por objectivo a realização de uma reflexão global dos resultados a que foi possível chegar com a pesquisa e, por fim, a bibliografia e os anexos.

CAPÍTULO I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

O presente capítulo tem como principal objectivo aprofundar os três eixos teóricos que servem de suporte às questões da relação das beneficiárias de RSI com o mercado de trabalho, nomeadamente: o Estado-providência e as políticas sociais, os fenómenos da pobreza e exclusão social face à inserção social e, por fim, as mulheres e o mercado de trabalho no contexto do RSI.

1. O ESTADO-PROVIDÊNCIA E AS POLÍTICAS SOCIAIS

1.1. A emergência do Estado Providência

O Estado-providência consolida-se, em grande parte dos países europeus, no período posterior à Segunda Guerra Mundial, num cenário em que o modelo político assenta no Estado de direito e em que a conjuntura económica é de crescimento e pautada por uma situação de pleno emprego.

O Estado-providência surge como uma consequência imprescindível do fenómeno de diferenciação e desenvolvimento das sociedades que perante acontecimentos como o processo de industrialização e urbanização, a divisão social do trabalho e o aparecimento de hierarquias funcionais e profissionais, representativos da instauração de uma sociedade de mercado, provocam na sociedade a necessidade novas formas de solidariedade nas quais o Estado tenha um papel activo na economia e questão social. (Mozzicafredo, 1997). Assim, pretendia-se uma maior integração social, uma vez que a decomposição das antigas estruturas sociais de inserção dos sujeitos fizeram aumentar o grau de incerteza perante determinados riscos.¹ Para o amadurecimento desta concepção foi fundamental a experiência retirada da crise da década de 1930, em que se percebeu que o livre funcionamento do mercado só por si não apresentava garantias de produção de bem-estar.

Deste modo, o principal objectivo deste modelo político consistia em garantir o bem-estar social através da redução das incertezas, da promoção da segurança individual e

¹ A noção de risco social reporta-nos à ideia de que qualquer indivíduo se encontra à mercê de um determinado conjunto de riscos de que são exemplo o desemprego, a doença, a invalidez e a velhice.

colectiva, bem como de uma maior justiça social, propiciando, então, o aumento da igualdade de oportunidades e a correcção das desigualdades sociais (Rosanvallon, 1984; Mozzicafredo, 1997; Mishra, 1995). Pretendia-se, portanto, promover as condições necessárias para que os indivíduos exercessem efectivamente o seu direito de cidadania, sendo que o Estado interviria ao nível da economia, propiciando a criação de emprego, bem como ao nível social, produzindo o acesso universal a sectores essenciais como a educação, a saúde e a segurança social.

Desta feita, é instituída uma relação contratual de protecção social entre o indivíduo e o Estado (Mozzicafredo, 1997) que visa assegurar os direitos sociais e constituir formas de redução do risco social, por meio de esquemas de protecção social mínima.

O modelo de Estado-providência generalizou-se gradualmente a muitos outros países, tendo adoptado diferentes tonalidades de actuação consoante as diferentes conjunturas e realidades nacionais. Apesar disso, e de forma genérica, é possível identificar quatro domínios nos quais a sua actuação se desenvolve: a democracia (enquanto forma de enquadramento político-institucional); a expansão dos direitos de cidadania (sobretudo os direitos sociais e laborais); a consolidação das normas (que pretende o aumento da igualdade de oportunidades e a redução das desigualdades sociais); e a institucionalização dos direitos associativos (Mozzicafredo, 1997).

1.2. O Estado-Providência em Portugal

A implementação do Estado-providência em Portugal foi tardia comparativamente à maioria dos países europeus, pois só após a revolução de Abril de 1974 se conseguiu implementar um Estado de direito.

Este facto veio influenciar os contornos pelos quais este recém-formado Estado-providência se viria a caracterizar pois, à data da sua formação, a conjuntura económica internacional já apresentava sinais de crise (desemprego, inflação e estagnação) que influenciavam as estruturas dos Estados-providência formados no pós-Guerra, onde já era visível o crescimento das despesas públicas e a diminuição das receitas. Assim, os Estados-providência mais recentes obrigaram-se a refrear expectativas, conter gastos e procurar soluções de iniciativa privada para necessidades sociais (Mishra, 1995).

A conjuntura internacional não foi a única responsável pela feição que o Estado-providência Português veio a revelar. Também o atraso no desenvolvimento capitalista português e facto da sociedade portuguesa ser fortemente tradicional ao nível das estruturas

económicas, sociais e demográficas vieram contribuir para que o Estado-providência de Portugal não atingisse a plenitude da sua eficiência enquanto sistema de protecção social (Mozzicafreddo, 1997).

O facto do Estado-providência em Portugal nascer numa conjuntura de crise fez com que rapidamente se sentissem alguns sintomas desta, nomeadamente o acentuado crescimento das despesas públicas em relação às receitas.

1.3. A crise do Estado-providência e a medida do RMG / RSI

A implementação da medida do RMG / RSI tanto nos vários países europeus como (ainda que tardiamente) em Portugal surge num contexto em que se acentuam as “profecias” relativas à crise do Estado-providência e como uma tentativa de resposta a esta crise.

Podem-se apontar duas faces a esta crise: uma de cariz financeiro e outra relacionada com a legitimidade da concepção de Estado-providência (Rosanvallon, 1984; Fitoussi e Rosanvallon, 1997; Capucha, 1998 a).

No que concerne ao aspecto financeiro da crise, este prende-se essencialmente com o aumento das despesas numa proporção superior às receitas, as quais demonstram exactamente a tendência inversa (Rosanvallon, 1984). Ademais, assiste-se à diminuição acentuada do ritmo de crescimento económico verificados durante a década de 1960, bem como à alteração demográfica das estruturas populacionais portuguesa e europeia que tendem para a redução dos activos e a um acréscimo dos pensionistas resultante do aumento da esperança média de vida (Medina, 1996). Um outro aspecto prende-se com a melhoria ao nível das prestações, o que contribuiu para o aumento dos encargos para os fins em questão, assim como o facto de ocorrer o incumprimento sistemático por parte do Estado das transferências do Orçamento de Estado para o Orçamento da Segurança Social, de modo a garantir a cobertura dos custos provenientes do regime não contributivo (Mozzicafreddo, 1997).

Relativamente à crise de legitimidade do Estado-providência, está relacionada com a anterior, contudo foca aspectos de maior profundidade que põem em questão o modelo de Estado-providência europeu.

Uma das principais críticas apontadas a este modelo reside no facto deste não ter conseguido erradicar o fenómeno da pobreza, tendo-se assistido não só a um aumento das situações de desigualdade social e de pobreza, mas também a uma diversificação das suas formas (Laville, 2001). É de salientar que esta situação ocorre em paralelo com o aguçar de uma tendência social para o enfraquecimento dos laços sociais de proximidade e crescente

individualização, facto que se encontra na base daquilo a que se passou a designar de exclusão social (Rosanvallon, 1997; Silva, 1998).

Ainda a este respeito, são de mencionar as críticas neoliberais ao Estado-providência que vão no sentido do efeito desincentivador para o trabalho que poderão ter os apoios sociais aos mais desfavorecidos (Laville, 2001; Gough, 2001).

É perante este panorama que, em 1992, o Conselho de Ministros elabora uma resolução que delineava os traços gerais e aconselhava a aplicação em todos os estados-membros de uma nova medida de política social que proporcionasse um rendimento mínimo de modo a responder às situações de pobreza e exclusão social, assim como para fazer face aos novos problemas sociais emergentes. Esta medida pretendia fortalecer a coesão social, num contexto em que se detectava a crescente exclusão de determinadas camadas da sociedade à participação na vida social. Assim, nasce em Portugal, em 1996, o RMG, que em 2003 passa a ser designado de RSI. De um modo geral, é possível identificar dois objectivos nesta medida: por um lado, diminuir o risco de exclusão social e, por outro, proporcionar aos seus beneficiários condições para se autonomizarem desta, sendo o meio eleito para tal o trabalho.

Os principais aspectos caracterizadores desta medida considerados inovadores que se podem retirar de ambas as leis (Lei 19-A/96 de 29 de Julho e Lei 13/2003 de 21 de Maio), consistem no facto desta medida ser considerada um direito universal, pois pode ser requerida por qualquer cidadão, sendo que a sua atribuição depende do montante de rendimentos existentes face à dimensão e configuração do agregado familiar, e não do livre-arbítrio dos técnicos; ser uma prestação pertencente ao regime de prestações não contributivas, prevendo ainda a existência de um programa de inserção; e exigir uma intervenção na base da parceria e da territorialidade.

Da análise atenta de ambas as leis, verifica-se que tanto o acesso como a saída da medida encontram-se associados a questões de rendimento. Contudo, depreende-se que este rendimento de saída seja proveniente do trabalho, sendo este um conceito central em toda a redacção legal, em especial quando se remete para as questões da inserção. Com efeito, ambas as leis parecem estabelecer uma espécie de conexão entre a prestação e o impulso para o trabalho, já que as questões da disponibilidade para o trabalho e a inserção dos beneficiários por esta via, surgem de forma bastante vincada a focar nos programas de inserção e como condição essencial para a manutenção da prestação.

Assim, existem autores que defendem que estamos perante uma medida de *workfare* e não de *welfare* (Gough, 2001; Laville, 2001) pois o trabalho surge como uma contrapartida à prestação e o não cumprimento desta directiva implica a cessação da prestação económica. Assim, o trabalho é encarado como um meio de luta contra a dependência de apoios sociais provenientes de financiamento público. Prevê-se ainda que em alguns casos, em vez do trabalho, os beneficiários devam frequentar formações de cariz profissional e social, que permitam a aquisição de novas competências para a futura inserção profissional e social.

O Programa de Inserção consiste na realização, por parte do beneficiário, de determinadas acções acordadas entre este e os parceiros sociais do RSI, de modo a promover a sua inserção na sociedade. A existência desta contrapartida associada à prestação económica justifica-se com três aspectos: a salvaguarda da medida contra as críticas neoliberais assentes na ideia de que os apoios sociais fornecidos pelo Estado-providência constituem um desincentivo ao trabalho (Capucha, 1998 b); a aspiração de combater a exclusão social fomentando activamente a inserção social; e a luta ao desemprego (enquanto dimensão privilegiada no combate mais geral à exclusão social) (Diogo:2003). O Programa de Inserção é celebrado com o beneficiário por um período de 12 meses, o que nos remete para o carácter temporário que a prestação pretende assumir, pressupondo sempre que o período em que um beneficiário auferir esta prestação é um período transitório no caminho para a autonomização e a consequente saída da medida.

Esta relação entre a prestação, a inserção e o trabalho assume para a presente pesquisa particular relevo, visto que o texto legal que serve de base à medida coloca a centralidade da inserção primordialmente no trabalho.

2. OS FENÓMENOS DA POBREZA E EXCLUSÃO SOCIAL FACE À INSERÇÃO SOCIAL

2.1 Aspectos relativos à pobreza e à exclusão social

As questões da pobreza têm cada vez maior atenção no debate contemporâneo uma vez que esta é um traço caracterizador da estrutura das sociedades modernas, pois este fenómeno é percepcionado de forma negativa, sendo socialmente aceite a necessidade de combatê-lo (Paugam, 2003).

O estudo da pobreza realiza-se à luz de duas perspectivas: a perspectiva sócio-económica e a perspectiva culturalista (Capucha, 1998 a), sendo que esta segunda ganha maior destaque nesta pesquisa.

No que concerne à perspectiva sócio-económica, esta assenta numa base material, pelo que pretende fazer a medição da pobreza: distinção entre pobreza absoluta e pobreza relativa (Centeno, 2001; Capucha, 1998 a). Verifica-se que a pobreza encontra-se directamente ligada à escassez de rendimentos, pois se partirmos do pressuposto que é do nível de rendimento auferido que derivam todas as condições de vida (saúde, habitação, educação, alimentação e acesso aos mais variados aspectos da vida social e cultural), esta pode ser entendida como falta de recursos.

A perspectiva culturalista defende que a pobreza não se restringe a questões materiais e de recursos, dando também origem a “culturas de pobreza”, o que engloba conhecimentos, crenças, valores e representações, capacidades, hábitos e modos de agir que se constituem em estilo de vida transmitido intergeracionalmente, sendo possível falar em “ciclo de pobreza” (Capucha, 1998 a). Assim, o conceito de pobreza possui uma dimensão subjectiva e relacional, a qual demonstra as representações do fenómeno por parte dos indivíduos por ele afectados e a forma como estes se posicionam face à pobreza (Capucha, 1998 a).

Considera-se que a articulação entre estas duas perspectivas é a forma mais vantajosa para definir e analisar o fenómeno multifacetado que constitui a pobreza. Enquanto que a perspectiva sócio-económica centra-se em aspectos materiais que se encontram directamente relacionados com os grupos sócio-profissionais, dinâmicas sociais criadoras de pobreza, dinâmicas de funcionamento do mercado de trabalho, estruturação de políticas sociais quer da parte do Estado, quer da parte das instituições, a perspectiva culturalista gira em torno de elementos da dimensão simbólica da pobreza, tocando a sua produção e reprodução no tempo e no espaço (Capucha, 1998 a).

No que concerne à exclusão social, provavelmente pela abrangência e complexidade do conceito, não existe uma opinião concertada entre os autores a respeito da sua definição. Etimologicamente, os vocábulos excluído e excluir apontam para algo que se encontra de fora do sistema. Este afastamento pode ser visto através de duas perspectivas: por um lado, uma perspectiva de cariz relacional em que ocorre uma ruptura entre os cidadãos e as suas redes familiares, bem como com a sociedade e, por outro, uma perspectiva de cariz distributivo que reflecte a exclusão social em torno da relação dos cidadãos com os seus direitos sociais (trabalho, saúde, níveis mínimos de vida, educação, participação política), encontrando-se os

cidadãos numa situação de negação ou não efectivação destes direitos (Centeno *et al*, 2001; Costa, 2002; Paugam, 2003; Castel, 1998).

O conceito exclusão social está directamente relacionado com a noção de cidadania, pois esta implica que as estruturas sociais se norteiem pela existência de um quadro de direitos (e deveres) de âmbito cívico, social, político e cultural devidamente valorado pela legislação (nomeadamente pela Constituição da República), sendo que é o benefício destes mesmos direitos e deveres que concede aos indivíduos o estatuto de cidadão. Ora, a análise da realidade faz com que se perceba que o estatuto de cidadão não se encontra acessível a todos, pois a sociedade não concede a todos os seus elementos a mesma oportunidade para usufruir destes direitos nem de cumprir os deveres que lhes estão inerentes (Costa, 2002; Capucha, 1998 b).

A complexidade do conceito de exclusão social relaciona-se com o facto do indivíduo, em qualquer momento da sua trajectória de vida, poder estar incluído em alguns sistemas sociais básicos e excluído de outros, não tendo de estar necessariamente incluído ou excluído de todos estes sistemas (Moller e Hespanha, 2002). A diversidade, complexidade, e o carácter multidimensional destes fenómenos, tem levado a que cada vez mais por se opte por falar em exclusões sociais em vez de exclusão social. De um modo geral, é possível apontar cinco tipos de exclusão social: económica, social, cultural, patológica e por comportamentos auto-destrutivos (Costa, 2002). A prática diz-nos que raramente estes tipos de exclusão aparecem isoladamente, sendo que o mais frequente é o surgimento de situações com vários tipos de exclusão combinados.

2.2.O conceito de Inserção Social no quadro do RSI

A noção de inserção social começou a ser utilizada no debate político português a partir da implementação do RMG, uma vez que um dos seus objectivos primordiais incidia exactamente sobre a questão da “inserção” dos beneficiários, por meio do acordo de inserção.

No entanto, o estudo e desenvolvimento da temática da inserção social remonta à década de 80, no contexto do mal-estar generalizado dos “desinseridos” invocando a necessidade de uma aproximação entre o indivíduo e a sociedade. “A inserção apela a uma luta contra a exclusão, contra a dessocialização e reenvia para essa relação entre o sujeito e as suas redes comunitárias e societárias, apelando para novas formas de aproximação entre os projectos individuais e as possibilidades e recursos sociais” (Guerra, 1999:57). Deste modo,

a inserção social deve ser entendida como: “o duplo movimento que leva, por um lado, as pessoas, as famílias e os grupos em situação de exclusão social e de pobreza a iniciar processos que lhes permitam o acesso aos direitos de cidadania e à participação social e, por outro lado, as instituições a oferecer a essas pessoas, famílias e grupos reais oportunidades de iniciar estes processos, disponibilizando-lhes os meios, dando-lhes apoio e criando os lugares sociais onde se possam colocar.” (Capucha, 1998: 214).

3. AS MULHERES E O MERCADO DE TRABALHO NO CONTEXTO DO RSI

Os estudos relativos à mulher e às questões da igualdade no mercado de trabalho, são uma temática de investigação recente, pois só a partir da década de 1970 se reconheceu que o género poderia ser um aspecto fundamental ao nível da estruturação de processos de percepção e explicação da realidade social (Giddens, 2008).

No entanto, também outro tipo de variáveis começaram a ser tomadas como importantes de associar às questões de género, como é o caso da classe social, a escolaridade, a profissão, a idade. A combinação destes aspectos é fundamental para o objectivo do presente trabalho, uma vez que se verifica que o acesso ao mercado de trabalho da mulher em contexto de pobreza e de exclusão social não é entendido, desejado, nem possibilitado de forma idêntica no contexto de uma mesma sociedade.

3.1. A diferenciação dos papéis e das relações sociais de género na família

A desigualdade social de género é também produzida e reproduzida no seio da família (Aboim, Wall, 2002, Torres, 2002, Giddens, 2008). A separação do local de residência do local de trabalho desde a revolução industrial, influenciou uma divisão, quase que natural, ao nível dos papéis de género, tendo ficado a mulher “presa” ao seu estatuto de mãe e cuidadora. Hoje, cada vez mais, as mulheres rompem com esta forma de pensar e ingressam no mercado de trabalho conjuntamente com os homens.

Esta situação tem levado a alterações profundas na forma como os papéis de género se encontram organizados na sociedade e na família, conduzindo a mudanças sociais, económicas e culturais que marcam a vida contemporânea: as mulheres casam mais tarde para prosseguir estudos e os filhos nascem mais tarde e em número mais reduzido; aumentam as rupturas conjugais devido à conquista da independência financeira; a entrada no mercado de trabalho

implica que funções que anteriormente competiam exclusivamente à família por acção da mulher passem a ser equacionadas por instituições externas à família; assiste-se a uma luta cada vez mais actual pela distribuição de tarefas relacionadas com a casa e os filhos entre os membros do casal; ao nível económico, com o aumento dos rendimentos a família passa a ser entendida como uma unidade de consumo. (Giddens 2008: Saraceno, 1997).

No entanto, estudos recentes realizados sobre os contextos de pobreza da ilha de S. Miguel enfatizam que o trabalho é entendido como uma forma de garantir o bem-estar da família, verificando-se uma visão tradicional da família e dos papéis de género (Diogo, 2003).

De acordo com a visão de Parsons (1956), as diferenças ao nível dos comportamentos e personalidades masculina e feminina são algo não só necessário como desejado na família e na estrutura social, de modo a garantir a sua subsistência e equilíbrio interno. Assim, a função da figura masculina consiste em assegurar e prover a subsistência da família ao nível das condições materiais de existência por meio do trabalho remunerado e a função da figura feminina prende-se com o cuidar da casa e dos filhos. Neste quadro, é importante referir que a esfera pública permaneceu como espaço destinado aos homens, enquanto que as mulheres se restringiam à esfera privada (Arendt, 1999). Nesta conformidade, para os homens englobados nos contextos de pobreza da ilha de S. Miguel, o trabalho feminino assume-se como uma ameaça ao seu papel na família, pelo que a opção pelo não trabalho acaba por não ser somente feminina mas uma decisão partilhada ao nível conjugal (Diogo, 2003).

A divisão do trabalho entre os sexos, foi também estudada pela teoria marxista, nomeadamente por Engels na sua obra *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, publicada em 1984 (embora apenas ao nível das classes burguesas). Esta teoria defende que a divisão sexual do trabalho, em que a actividade doméstica se encontra separada da actividade de produção, resulta da implementação de um tipo de estrutura familiar característica do capitalismo, a qual coloca a mulher numa condição proletarizada ao nível do espaço familiar. Assim, preconiza-se que a reversão desta condição da mulher depende da sua entrada na esfera de produção.

Nos dias de hoje, os estudos efectuados junto de populações de classes mais desfavorecidas na RAA (Diogo, 2003) revelam que este ideal da mulher enquanto cuidadora da casa e da família, responsável pelos afazeres domésticos e afastada da esfera de produção se mantém bastante vincado e presente, o que já não ocorre nas restantes classes sociais. Assim sendo, para a análise das temáticas do género, sobretudo no que toca à sua relação com a participação na esfera de produção, torna-se essencial incluir outras variáveis, de que é

exemplo a classe social, uma vez que a diferentes posições sociais das famílias correspondem diferentes tipos de postura face ao emprego feminino (Giddens, 2008; Amâncio, 1998; Aboim, Wall, 2002, Torres, 2002; Poeschl, 2000).

3.2. O processo de reprodução social e as determinantes para a opção de não ingresso no mercado de trabalho

É comum na literatura a existência de uma relação entre a origem social e a trajetória pessoal e social (Bertaux, 1978), à qual podemos chamar de reprodução social, entendida, como “o processo mediante o qual uma sociedade, através de diversos mecanismos, reproduz a sua própria estrutura” (Maia, 2002: 323), conduzindo, frequentemente, à determinação social dos percursos pessoais.

São vários os factores que contribuem para a ocorrência desta reprodução social, sendo o seu estudo feito à base de categorias de análise, como é o caso da “distribuição antroponómica” de Bertaux (1978) e, inspirada nesta primeira, a “trajetória social acumulada” de Diogo (2007 b). Com efeito, a opção feminina pelo ingresso ou não no mercado de trabalho também é influenciada por este factores, dos quais de destacará a família, a escolaridade, a classe social e a idade.

A família constitui, sem dúvida, o local privilegiado de distribuição e produção antroponómica, uma vez que é possível a identificação de famílias de classe que agem de formas diferenciadas consoante a classe social em que estão integradas, sendo, assim, a socialização dos indivíduos um processo inteiramente cultural (Bertaux, 1978). Deste modo, se uma criança do género feminino pertence a uma família de um estrato social cuja função feminina no espaço doméstico é muito valorizada em detrimento do desempenho de funções no espaço externo à habitação, é comum que esta venha a reproduzir este padrão familiar, pois este património cultural estrutura profundamente a personalidade.

No que concerne à escolaridade, nas sociedades actuais esta encontra-se associada a ideais de igualdade de oportunidades. Contudo, a escola é o principal motor de reprodução das relações de produção, uma vez que, segundo Bourdieu e Passeron, as crianças oriundas de classes populares possuem um *handicap social* que não permite a aquisição dos conteúdos como ocorre nas outras classes (Bertaux: 1978).

No caso das beneficiárias de RSI denota-se que estas possuem, em regra, escolaridades muito baixas e não atribuem valor ao percurso escolar (MSST, 2002). Em consequência disso,

o acesso ao mercado de trabalho restringe-se a poucas oportunidades de emprego e sempre em actividades pouco qualificadas. Assim, quanto mais baixa for a escolaridade de uma mulher, maior é a probabilidade desta possuir uma fraca relação / motivação para com o mundo do trabalho.

No entanto, há que referir que a escolaridade é o meio primordial para que as mulheres consigam romper com o papel tradicional de cuidadora do lar e da família e ingressarem no mercado de trabalho em condições de igualdade com os homens. Quer isto dizer que quanto maior for o investimento de uma mulher na educação, mais probabilidade esta terá em termos de oportunidades ingressar o mercado de trabalho (Costa *et al*, 1985; Benavente *et al*, 1996; Branco e Gonçalves, 2001; DGEOP, 2006).

A variável classe social encontra-se relacionada com a escolaridade, pois é o nível de habilitações que irá ditar as oportunidades de acesso ao mercado de trabalho e, em consequência deste, o lugar que é ocupada na estrutura social.

Classe social “ é um conjunto de indivíduos que se relacionam e agem de maneira similar quando sujeitos a constrangimentos e condições semelhantes. A ela está associada, em regra, uma cultura, ou seja, um conjunto de normas e práticas que condicionam a existência dos indivíduos e se exprimem em modos de comportamento (...) socialmente reconhecidos e reproduzidos em qualquer contexto, quer esperado, quer imprevisto” (Maia, 2002: 58). Tendo em conta que o presente estudo dá particular atenção aos contextos de pobreza, iremos centrar-nos nas classes mais desfavorecidas, onde o facto da mulher não estar inserida no mercado de trabalho culmina na maioria das vezes em situações de insuficiência de rendimentos para fazer face às despesas do agregado familiar, levando muitas famílias a recorrer à medida do RSI para colmatar estas dificuldades financeiras.

Assim, no contexto das classes mais desfavorecidas assiste-se à grande valorização do papel da mulher enquanto doméstica. Daí que seja comum notar-se uma certa resistência no que toca aos aspectos do programa de inserção no âmbito da medida do RSI relacionados com a inserção das mulheres no mercado de trabalho. Deste modo, “as razões para uma opção pelo não trabalho podem passar por questões relacionadas com as contingências das relações sociais concretas de cada pessoa, constrangidas pelo substrato cultural que forma boa parte do mundo social em que se constroem e vivem” (Diogo, 2007 b).

Quanto à variável idade, é possível referir que a análise de dados estatísticos recentes (cf. Anexo III) indicam uma tendência das gerações mais novas estarem a optar mais pela decisão de ingressar o mercado de trabalho em vez seguir o padrão de domesticidade das

gerações anteriores. Contudo, é ainda bastante frequente encontrar nas classes mais baixas um grande número de mulheres muito jovens cujo projecto de vida se encontra centrada na casa e na família.

Para além dos efeitos da reprodução social, há que atender ao facto da RAA em termos económicos assentar numa certa especialização junto de determinadas actividades (pecuária, a agricultura e a pesca) marcadamente masculinas em termos sociais, que se encontram vedadas às mulheres (Pontes, 2006).

3.3. Mulheres beneficiárias de RSI: a opção pelo não-trabalho e a identidade centrada no lar e na família

O conceito de não-trabalho não é um sinónimo de desemprego, pois enquanto que este último aponta para algo que não é uma opção do indivíduo, uma vez que este deseja possuir a condição de trabalhador e desenvolve esforços para a obter, o não-trabalho, ao contrário, é um estado que reflecte uma opção do indivíduo por se manter ausente do mercado de trabalho, não desenvolvendo qualquer esforço ou demonstrando qualquer intenção de se inserir neste (MSST, 2002). Um exemplo claro de não-trabalho que pretendemos abordar na presente dissertação é o caso das domésticas. “ Por trabalho doméstico entende-se o trabalho relativo às tarefas domésticas” (Maia, 2002: 391), as quais incluem as tarefas relacionadas com a manutenção do espaço da habitação, educação dos filhos e aspectos relacionados com a vida familiar (compras, idas com as crianças a consultas médicas, prestação de cuidados aos membros doentes da família, entre outros).

Quanto ao segundo conceito em questão, a identidade social é “ (...) o resultado simultaneamente estável e provisório, individual e colectivo, subjectivo e objectivo, biográfico e estrutural dos diversos processos de socialização que, em conjunto constroem os indivíduos e definem as instituições”(Dubar, 1997:105).

A identidade de um determinado indivíduo ou grupo não existe de uma forma isolada relativamente ao contexto social em que se encontra inserido. Também a identidade de uma determinada sociedade se constrói pela observação dos percursos individuais e grupais dos indivíduos que compõem uma dada sociedade. Assim, é possível referir que a identidade de género é também algo em que não intervém apenas a trajectória pessoal, sendo também socialmente construída. (Dubar, 1997)

O trabalho é considerado como um fenómeno social, o que significa que as características e as decisões com ele relacionadas não são apenas fruto de decisões individuais, mas também de determinados aspectos e contextos sociais (Albert *et al*, 2004). É nesta perspectiva que iremos aprofundar a relação/opção pelo trabalho ou pelo não trabalho das beneficiárias de RSI.

A medida do RSI, enquanto recurso, acaba por produzir consequências importantes ao nível identitário nos indivíduos que dela beneficiam (Diogo, 2003) e, por esta razão, esta medida pode ser entendida como uma forma de aceder a um emprego ou melhorar as suas competências habilitacionais para aceder ao mercado de trabalho. Mas esta medida, devido à componente monetária que envolve, pode também desencadear um efeito perverso, que reside na modulação de uma identidade social cujo pilar principal não seja a relação com o trabalho, mas sim, um substituto deste.

A análise das estatísticas da RAA indica que esta é uma região do país em que a taxa de actividade feminina é bastante baixa, comparativamente à média nacional (cf. Anexo III). Ademais, se nos centrarmos nas estatísticas de caracterização da população beneficiária de RSI, verificamos que a percentagem mais elevada de ocupação das mulheres reside no grupo das domésticas. Estes números parecem revelar um determinado padrão social que merece ser explorado.

Com efeito, a análise das profissões das mulheres em contextos de pobreza que optaram pela inserção laboral aponta para actividades profissionais desqualificadas e precárias (ausência de contratos e de protecção social), consideradas de baixo prestígio social, relacionadas com serviços pessoais e domésticos, e marcadas pela instabilidade (facilidade de despedimento) e fraca remuneração relativamente à sua penosidade.

Além disso, vários autores (Diogo, 2007 b; MSST, 2002; Dubet, Véréttout, 2001) vêm ainda chamar a atenção para um outro aspecto que se prende com os gastos invisíveis inerentes ao trabalho, nomeadamente, custos com os transportes, com o vestuário quer das próprias, quer das crianças, local para deixar as crianças em segurança durante o horário de trabalho, entre outros.

Estes dois aspectos (condições de trabalho e gastos invisíveis inerentes ao trabalho) são fundamentais para que a opção pelo não-trabalho seja uma dominante no grupo das mulheres pertencentes a classes sociais desfavorecidas, uma vez que os ganhos proporcionados pela obtenção de um emprego, nem sempre são, para estas, suficientemente

atractivos e compensadores quando comparados com os ganhos sociais, simbólicos que outras actividades ou outras prestações sociais proporcionam.

Uma outra questão que se reveste de uma relevância particular quando analisamos a situação das mulheres em contextos de pobreza e exclusão social, tem a ver com a questão da identidade centrada no lar e na família. Para as mulheres de classes desfavorecidas, o espaço de identificação prioritário é a casa e a actividade privilegiada baseia-se no cuidado desta e dos filhos, pelo que a construção da sua identidade alicerça-se no papel de mãe e dona de casa. Em termos sociais é conferida à mulher uma opção socialmente aceite entre o mercado de trabalho e permanência em casa, sendo que esta possibilidade de opção se encontra socialmente vedada aos homens, que ao optarem pelo não trabalho deixam de ser socialmente bem reconhecidos. Assim, perante as dificuldades sentidas ao nível do mercado de trabalho, a opção pela identidade de mãe e dona de casa é a forma mais fácil e socialmente respeitável de identidade positiva que resta às mulheres.

“Se as características do trabalho possível não desempenham um papel preponderante na formação de uma identidade social, os filhos (mas também o papel de doméstica) são traços identitários socialmente valorizados com base nos quais esta é construída. Estes traços funcionam como uma verdadeira âncora identitária à qual o indivíduo se agarra, por forma a ser valorizado e prestigiado face a si próprio e aos outros” (Diogo, 2003: 112).

Em suma, com o presente capítulo pretendeu-se enquadrar teoricamente o tema, tendo-se iniciado com o enquadramento do RMG/RSI no contexto do Estado-providência e, posteriormente, efectuado uma aproximação gradual ao tema pretendido, focando as questões relacionadas com a pobreza e a exclusão social e a mulher pertencente a estes contextos perante o mercado de trabalho. O capítulo que se segue irá focar os aspectos metodológicos pelos quais se norteará a investigação.

CAPÍTULO II - ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

Neste segundo capítulo pretende-se explanar as opções metodológicas escolhidas para o desenvolvimento da pesquisa. Deste modo, começar-se-á por abordar a orientação e enfoques que se entendeu serem os mais adequados à pesquisa e, posteriormente, explorar-se-á a opção relativamente às técnicas de recolha e análise dos dados.

1. ORIENTAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO

Após se ter assentado “um conjunto de perguntas de investigação, a próxima tarefa será a de engendrar formas para lhes dar resposta” (Blaikie, 2000: 85), isto é, procurar a lógica ou estratégia de investigação que mais se adapta aos objectivos pretendidos.

De um modo geral, é possível identificar três tipos de estratégias metodológicas que se distinguem essencialmente no que concerne às finalidades analíticas diferenciadas, géneros de resultados distintos e modos particulares de orientar a investigação. São elas: a estratégia de investigação extensiva-quantitativa, a estratégia de investigação comparativa-tipológica e a estratégia de investigação intensiva qualitativa (Costa, 1999).

Porém convém salientar que a razão de ser desta tipologia reside apenas na procura de estruturação e coerência metodológica numa investigação, não significando que não se possa recorrer a aspectos característicos de outro dos tipos de estratégia metodológica identificados, nomeadamente no que diz respeito às técnicas de recolha e análise da informação empírica.

No caso da investigação que se pretende ver desenvolvida, e tendo em conta que esta pretende incidir sobre a relação das mulheres beneficiárias de RSI do concelho da Lagoa com o mercado de trabalho, adoptou-se uma lógica de investigação intensiva. Esta opção deve-se ao facto deste tipo de estratégia metodológica ser consistente na pesquisa daquilo que Firmino da Costa designa de “unidade social singular” (Costa, 1999: 10), ou seja, um determinado grupo específico que, neste caso, são as beneficiárias de RSI do concelho acima identificado, existindo o objectivo de se descrever e caracterizar de forma profunda a sua relação / articulação com o mercado de trabalho.

Considera-se, assim, que esta é a estratégia de investigação mais adequada e eficaz para “ analisar em profundidade as características, as opiniões, uma problemática relativa a uma população determinada, segundo vários ângulos e pontos de vista” (Almeida, 1994: 198).

“Visa-se assim, contribuir para a elucidação daquilo em que consiste a singularidade do caso, em especial do que nela decorre daquela articulação específica de dimensões, mas, também, para o esclarecimento dos modos como, em algumas destas dimensões, ele se relaciona com domínios sociais mais vastos” (Costa, 1999: 11).

Outra razão para a opção por esta lógica intensiva de investigação relaciona-se com o facto desta privilegiar a abordagem directa com as pessoas nos seus próprios contextos de interacção. Se tivermos em consideração que a actuação do Serviço Social, na sua prática profissional, assenta neste mesmo pressuposto e que a temática de investigação escolhida surgiu exactamente de uma inquietação / preocupação resultante deste processo interactivo com as beneficiárias de RSI no contexto onde decorre a actividade profissional, então faz todo o sentido que seja esta a lógica de investigação escolhida.

Assim, pretende-se não só aprofundar (e criar novo) conhecimento relativo à temática em questão, mas sobretudo estabelecer uma aliança entre a investigação e a intervenção, de modo a “alargar o leque de alternativas viáveis a desenvolver a acção profissional, no âmbito das relações entre profissional / instituição e utentes e no nível mais vasto da formulação das políticas sociais” (Martins, 1999: 58).

2. A UTILIZAÇÃO COMBINADA DOS ENFOQUES DE NATUREZA QUANTITATIVA E QUALITATIVA

Numa primeira visão, os métodos qualitativos podem parecer normalmente mais adaptados aos estudos que se esperam ver realizados em serviço social. Como se pretende que a temática da investigação surja através da prática, supõe-se que já se conhece relativamente bem o fenómeno em estudo, sendo possível garantir um alto grau de controle do contexto de investigação quando se pretende testar hipóteses ou simplesmente descrever com exactidão as características específicas de uma população.

No entanto, a leitura atenta das perspectivas de diversos autores (Flick, 2005; Fortin, 2003; Sampieri, 2006) mostra uma abordagem metodológica relativamente recente que consiste em combinar, no contexto de uma mesma pesquisa, as abordagens quantitativa e qualitativa, que durante muito tempo foram vistas metodologias antagónicas. Contudo, teve-se subjacente que a opção por esta metodologia de combinação assentou na natureza da questão a investigar, ou seja, no caso da presente pesquisa, parece-nos que, embora seja dada prevalência à metodologia qualitativa, será enriquecedor optar pela combinação de ambas as

metodologias (qualitativa e quantitativa), uma vez que para se ter uma dimensão mais abrangente do fenómeno do relacionamento com o mercado de trabalho das mulheres beneficiárias de RSI do concelho da Lagoa será importante, numa primeira fase, aplicar metodologia quantitativa no sentido de conhecer e quantificar a população beneficiária de RSI deste concelho e, em particular, a população feminina em idade laboral, tentando, numa segunda etapa, descobrir a frequência com que esta população realiza acções que manifestam a opção ou não pelo ingresso no mercado de trabalho.

Esta análise numérica e estatística, apesar de fornecer uma panorâmica bastante útil ao nível da caracterização e frequência da ocorrência do fenómeno, não se mostra, contudo, suficiente para explicar a experiência subjectiva da relação que esta população específica estabelece com o mercado de trabalho, sendo, por isso necessária a aplicação de metodologia qualitativa para se atingir um grau de conhecimento mais profundo acerca das razões pelas quais o fenómeno ocorre. Além disso, a acção do serviço social, tanto ao nível da prática, como ao nível da investigação atribui, em geral, um valor considerável às pessoas com quem trabalha, esforçando-se por abarcá-las no processo e investigação; confere individualidade ao sujeito; coloca a subjectividade no seu contexto social; reconhece as estruturas e processos sociais que servem de base a que cada um compreenda o mundo envolvente de uma maneira peculiar e própria. Este tipo de estudo exige indubitavelmente uma grande flexibilidade na actuação, que só é realizável pela aplicação dos métodos qualitativos (Martins, 1999).

No fundo, o que se pretende é a utilização de ambas as metodologias, em que na “abordagem quantitativa os dados numéricos fornecem conhecimentos objectivos no que concerne às variáveis em estudo [permitindo] delimitar o problema de investigação e suprir os efeitos de variáveis estranhas (...) [e] a abordagem qualitativa concentra-se em demonstrar a relação que existe entre os conceitos, as descrições, as explicações e as significações dadas pelos participantes e investigador relativamente ao fenómeno (...)” (Fortin, 2003: 322).

Deste modo, parece-nos que a combinação destas duas metodologias poderá contribuir para o aumento da fiabilidade dos resultados, uma vez que são aproveitadas as vantagens de ambas as visões e compensados os pontos fracos de cada um dos métodos.

Segundo Flick (2005) a combinação da metodologia quantitativa e qualitativa pode ser feita de forma sequencial ou em simultâneo, sendo que na presente investigação iremos optar por utilizá-las de forma sequencial, ou seja, utilizando primeiramente a metodologia quantitativa e posteriormente a metodologia qualitativa de modo a focar aspectos diferentes do mesmo problema.

3. TÉCNICAS DE RECOLHA E ANÁLISE DE DADOS

A colheita dos dados é uma fase importante do processo de investigação, devendo o tipo de método a utilizar ser escolhido de acordo com a natureza do problema de investigação (Fortin, 2003).

3.1. Consulta de fontes de documentação escritas oficiais

Entendeu-se que a técnica de recolha de dados a utilizar em primeiro lugar iria assentar na consulta das fontes de documentação escritas oficiais (Albarelo, 1997), mais precisamente na consulta da informação constante dos processos de RSI do concelho da Lagoa.

Os dados a recolher para fundamentar a investigação em causa serão centrados exclusivamente no presente, ou seja, pretende-se realizar uma análise a todos os processos de RSI activos até à data de 31 Janeiro de 2009, tendo-se apurado serem em número de 404 os processos activos. De modo a facilitar a análise dos processos de RSI será efectuada uma grelha de análise da qual irão constar os seguintes itens: identificação do titular; tipo de família; número de elementos do agregado familiar (segundo o género e idades); identificação dos elementos femininos do agregado com mais de 18 anos; escolaridade dos elementos femininos com mais de 18 anos; ocupação dos elementos femininos com mais de 18 anos; existência de inscrição na APQE Ponta Delgada dos elementos femininos com mais de 18 anos; existência de motivos de dispensa de inserção laboral para os elementos femininos com mais de 18 anos; data do requerimento; existência de processo de RSI anterior; fontes de rendimento familiar e, por último, valor da prestação de RSI.

Saliente-se que esta grelha de análise irá posteriormente ser utilizada na construção de uma base de dados em formato informático, de modo a possibilitar a análise quantitativa destes mesmos dados, através do seu tratamento estatístico (Gauthier, 2000).

Importa, porém, fornecer alguma explicação relativamente a determinadas itens acima referenciados, que poderão suscitar algumas dúvidas, nomeadamente o tipo de família; os motivos de dispensa de inserção laboral para os elementos femininos com mais de 18 anos e as fontes de rendimento familiar.

No que concerne ao tipo de família iremos utilizar a terminologia mais comum ao nível da sociologia da família, a qual caracteriza a família nuclear como sendo composta por “dois adultos vivendo juntos num mesmo agregado com os seus filhos biológicos ou adoptados” (Giddens, 2008:175). A família extensa, por sua vez pode ser considerada “quando outro

parente além do casal de dos filhos, vive na mesma casa ou está em contacto próximo e contínuo com eles” (Giddens, 2008:175). Quanto às famílias monoparentais, torna-se difícil estabelecer uma definição devido à grande diversidade interna desta categoria, contudo, podemos referir que estamos em presença deste tipo de família quando se trata de um adulto vivendo com os filhos. É de ressaltar a maioria destas famílias são encabeçadas por mulheres (Giddens, 2008:183). Para além destas tipologias de famílias focadas ao nível do plano teórica é ainda comum encontrarmos entre os beneficiários de RSI mais dois tipos de famílias: os elementos isolados e os casais. Os primeiros podem ser definidos como alguém “que está separado dos outros elementos de um mesmo conjunto” (Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, 2005, tomo XI: 4751), ou seja, são indivíduos que normalmente residem sós e que o agregado é composto apenas pelos próprios (embora possam manter relações de parentesco com outros agregados), enquanto os segundos devem ser entendidos como “par formado por macho e fêmea, marido e mulher” (Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, 2005, tomo V: 1838).

Relativamente aos motivos de dispensa de inserção laboral para os elementos femininos com mais de 18 anos, é feita uma referência legal à sua existência, embora o texto legal não os designe especificamente (art. 52º d) do DL 42/2006 de 23 de Fevereiro). Assim, em termos técnico-profissionais, entende-se que tais motivos são: a idade (mais de 54 anos); os problemas de saúde clinicamente comprovados; a prestação de cuidados a filhos menores não integrados em estabelecimentos de ensino (creches, jardins-de-infância e escolas); a prestação de cuidados imprescindíveis a outros elementos do agregado familiar (idosos, deficientes) não integrados em estabelecimentos de suporte social; a prossecução dos estudos (estudantes).

Por fim, entende-se por fontes de rendimento familiar a origem ou proveniência da “totalidade dos rendimentos do agregado familiar”(art. 9 a 16 do DL 42/2006 de 23 de Fevereiro).

É ainda de salientar que a principal finalidade da realização da análise quantitativa, para além do conhecimento da população beneficiária de RSI do concelho da lagoa, em particular do grupo das mulheres e de tentar quantificar objectivamente a sua relação com o mercado de trabalho, reside no facto desta ser fundamental para possibilitar a delineação de grupos de beneficiárias, de modo a que, posteriormente seja possível a selecção da amostra à qual serão aplicadas entrevistas.

3.2. A definição da amostra

O procedimento da amostragem num trabalho de investigação é uma etapa que se reveste de grande importância, pois é a partir dela que se irá proceder à escolha dos sujeitos de uma determinada população a incluir na pesquisa enquanto fontes de recolha de dados, de forma que a população total esteja representada (Fortin, 2003; Flick, 2005; Gauthier, 2003; Sampieri, 2006). No presente estudo, e na impossibilidade de submeter a entrevista todas as beneficiárias de RSI identificadas através da análise quantitativa, é a partir da amostragem que se pretende que sejam escolhidas as beneficiárias de RSI a quem serão submetidas as entrevistas.

Os critérios de selecção destas beneficiárias terão de se reportar obrigatoriamente às características gerais da população que irão ser definidas pelos grupos extraídos da análise quantitativa, uma vez que, “uma amostra é dita representativa se as suas características se assemelharem o mais possível às da população alvo” (Fortin, 2003: 203).

Assim, optou-se por uma amostra probabilística (Fortin, 2003; Flick, 2005; Gauthier, 2003, Sampieri, 2006) devido ao facto deste método de amostragem garantir determinada precisão na estimação dos parâmetros da população, permitindo, assim a diminuição do erro da amostra (Fortin, 2003). Assim, é possível referir que a escolha por esta categoria de amostra assentou num dos seus principais elementos caracterizadores, ou seja, o facto de cada elemento da população ter uma probabilidade conhecida e diferente de zero de ser escolhido aquando da escolha ao acaso para fazer parte da amostra (Fortin, 2003).

Apesar de existirem diferentes tipos de amostragem probabilística (Fortin, 2003; Gauthier, 2003), decidiu-se pela utilização da amostragem aleatória simples de forma a permitir que os elementos que compõem o universo da população tenham a mesma possibilidade de ser escolhidos para integrar a amostra. Em termos de procedimento, pretende-se elaborar uma listagem onde se identifiquem os elementos do universo já agrupados nos respectivos grupos a que pertencem, sendo atribuído a cada elemento um número identificativo que será, posteriormente seleccionado aleatoriamente de entre o universo existente em cada grupo anteriormente identificado.

No que diz respeito à dimensão da amostra, denota-se na literatura em geral (Fortin, 2003; Flick, 2005; Gauthier, 2003, Sampieri, 2006) uma certa reserva em avançar critérios específicos e definidos, sendo esta encarada como uma questão complexa e variável de pesquisa para pesquisa.

Com efeito, a dimensão aceitável da amostra varia de acordo com a investigação, contudo, é possível seguir-se algumas orientações, nomeadamente, “para um estudo descritivo, uma amostra que integre 10% da população é julgado como a dimensão mínima a obter. Se a população é pequena, pode ser necessária uma amostra de 20%” (Carmo, Ferreira, 2008: 214).

Assim sendo, para a presente pesquisa iremos seguir este critério, pelo que serão realizadas 15 entrevistas (5 por cada grupo), tendo sempre em consideração o princípio da saturação e da diversidade da informação (Guerra, 2008).

3.3. A realização de entrevistas semi-dirigidas e análise de conteúdo

A entrevista semi-dirigida pode ser entendida como uma interacção verbal flexível que se centra na verbalização dos elementos alvo da pesquisa, e visa a recolha de informação relativa a factos, ideias, comportamentos, preferências, sentimentos, expectativas e atitudes (Fortin, 2003; Gauthier, 2003).

A opção pela entrevista semi-dirigida (cf. Anexo IV) na presente investigação ocorreu porque se pretende essencialmente compreender a significação dada pelas beneficiárias de RSI ao trabalho e a forma como se relacionam com este e com a prestação auferida, tomando como ponto de partida a sua experiência de vida e visão valorativa e cultural acerca do papel da mulher na família e no mercado de trabalho.

Para além disso, este tipo de entrevista foi escolhido porque possui a vantagem de conferir um determinado grau de liberdade em termos da formulação e sequência das questões, ficando o guião de entrevista elaborado previamente com a configuração que o entrevistador lhe pretender dar consoante o contexto e decurso de cada entrevista.

Saliente-se ainda que após a realização das entrevistas, estas serão alvo de transcrição (cf. Anexo V) de forma a permitir a análise de conteúdo (Bardin, 1977; Guerra, 2006) apoiada no programa informático MAX QDA (versão 2007) (cf. Anexo VI).

Em suma, neste capítulo procedeu-se à apresentação da estratégia metodológica, a qual se encontra inserida na definição do objecto de estudo. Em seguida passar-se-á à apresentação e análise dos resultados.

CAPÍTULO III – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

O capítulo que agora se inicia pretende apresentar e analisar os resultados obtidos na investigação, sendo que primeiramente serão apresentados os resultados referentes à análise extensiva-quantitativa e, seguidamente, os resultados da análise intensiva-qualitativa.

1. CARACTERIZAÇÃO GERAL DOS BENEFICIÁRIOS DE RSI DO CONCELHO DA LAGOA – ANÁLISE EXTENSIVA- QUANTITATIVA

A presente análise resultou do estudo e sistematização dos processos de RSI activos² no concelho da Lagoa à data de Janeiro de 2009 e teve como principal objectivo a caracterização geral dos beneficiários residentes neste concelho e a caracterização da população-alvo deste estudo. Constata-se que à data existiam um total de 404 processos activos, mas, por motivos relacionados com a utilização dos processos, apenas foi possível efectuar a análise de 316 destes processos.

1.1 Caracterização da população beneficiária de RSI do Concelho da Lagoa

Dos processos analisados verifica-se que a maior incidência de processos encontra-se na freguesia de Água de Pau (cf. Anexo VII.1). Quando analisamos a titularidade destes processos por género, verifica-se que maioritariamente são as mulheres as titulares da prestação de RSI.

Importa referir que nestes 316 processos temos um total de 1178 beneficiários da prestação, continuando as mulheres a ser o género mais prevalecente entre os beneficiários (52%), embora a diferença de género não se possa considerar muito expressiva (cf. Anexo VII.2). Se atendermos à distribuição desta população por grupos etários (cf. Anexo VII.3), verificamos que cerca de 47% são menores de idade; cerca de 48% encontra-se em idade activa (e a idade activa aqui considera-se até aos 65 anos, visto ser a idade legalmente estipulada como a idade de reforma) e cerca de 4% constituem idosos, o que nos leva a concluir que a população beneficiária é uma população bastante jovem.

Dos processos analisados, constata-se que 58% são famílias nucleares, sendo este então o tipo de família dominante entre os beneficiários (cf. Anexo VII.4). Em termos do número de

² Os processos activos são os processos de beneficiários que se encontram a receber a prestação de RSI

elementos de cada família, o número mais expressivo reside nas famílias de 4 elementos (cf. Anexo VII.5).

A análise efectuada permitiu ainda identificar que fontes de rendimento familiar existem nestes agregados para além da prestação de RSI (cf. Anexo VII.6), sendo que estas incidem essencialmente sobre o trabalho (54,1%), o qual é desempenhado pelos elementos masculinos dos agregados, e sobre outras prestações sociais, sobretudo o subsídio familiar a crianças e jovens (72,7%). Com efeito verifica-se que esta prestação social possui um grande impacto na gestão económica destas famílias, existindo inclusivamente agregados cujo valor desta prestação é considerável. É de salientar que o valor desta prestação não é considerado para efeitos dos cálculo do RSI.

Ainda ao nível das fontes de rendimento, salienta-se que a percentagem de agregados que subsiste apenas do RSI (e eventualmente de outras prestações sociais não contabilizáveis para o cálculo) é bastante reduzido face ao total (cerca de 10%). Por outro lado, o número de agregados cujas pensões de alimentos se encontram contabilizados no cálculo da prestação é bastante reduzido, o que vem traduzir uma realidade com que os assistentes sociais se deparam com muita frequência e que se prende com o facto de aquando das separações conjugais os progenitores se desresponsabilizarem por completo da subsistência dos menores, ficando estes totalmente a cargo das mães. Além disso, é de ressaltar a falta de eficácia do sistema judicial na actuação junto destas situações.

Centremo-nos agora no ano do requerimento dos processos analisados (cf. Anexo VII.7). Verifica-se que o maior volume processual encontra-se nos requerimentos de anos mais recentes, demonstrando que a tendência dos processos activos encontra-se nos anos mais recentes (de 2003 a 2008), enquanto que nos anos anteriores a 2003 o número de processos ainda activos é já bastante baixo. A explicação para este facto deve-se muito provavelmente a factores externos aos beneficiários, que dizem respeito à situação económica do país, uma vez que, ao analisarmos a evolução da taxa de desemprego na RAA (cf. Anexo VII.8), verificamos que esta assumiu uma tendência decrescente de 1998 a 2001 (em que passa de 4% para 2,2%), tendo, a partir de 2002, assumido a tendência inversa, ou seja, de crescimento até 2008 (tendo aumentado de 2,5% para 5,6%). A excepção encontra-se apenas no ano de 1997 (ano da implementação da prestação), em que se presencia que 14,23% dos processos ainda se encontram activos. Apesar de não termos encontrado uma explicação para esta situação deixamos a hipótese de que talvez a maioria destes processos sejam relativos a situações em

que a inserção preconizada ao nível do RSI não se efectua via inserção laboral, mas sim a outros níveis de inserção.

Quanto à existência de processo de RSI anterior ao que se encontra activo na presente data (cf. Anexo VII.9), verifica-se que 65% são processos originários de um requerimento efectuado pela primeira vez. No entanto, convém salientar que em 26% dos processos não foi possível obter a informação se a família já tinha sido beneficiária ou não, devendo-se este facto à forma de arquivo da documentação.

Para finalizar este ponto, resta-nos apenas analisar a distribuição dos processos segundo o valor da prestação de RSI auferida (cf. Anexo VII.10). Assim, verifica-se que a maior incidência de processos auferem prestações entre os 100 e os 300 €, funcionando o RSI como um complemento nos rendimentos das famílias beneficiárias.

1.2 Caracterização da população feminina maior de idade

Decidiu-se analisar com maior detalhe a população feminina com mais de 18 anos na medida em que o objecto de estudo incide essencialmente nas mulheres em idade activa. Desta forma não se aprofunda o grupo das crianças e jovens que, como vimos, possui um peso bastante expressivo nesta população. Assim sendo, o universo constitui-se num total de 332 mulheres.

No que concerne à escolaridade destas mulheres verificamos que estas possuem baixas escolaridades, pois 60% destas situam-se ao nível do 1º ciclo do ensino básico, conforme salientado no capítulo I. Observa-se ainda que à medida que aumenta o grau de escolaridade vai sendo cada vez mais reduzido o número de efectivos (cf. Anexo VII.11).

Em termos de ocupação (cf. figura 3.1), verifica-se que das 332 mulheres beneficiárias da prestação, a maioria são domésticas (68%), sendo bastante baixo o volume de mulheres que desenvolve actividade profissional remunerada. Esta constatação sugere que existe, de facto uma clara separação de funções ao nível de género nas famílias beneficiárias da prestação de RSI, cabendo à mulher as funções desenvolvidas ao nível da esfera privada e relacionadas com a prestação de cuidados à casa e aos filhos. Assim, a desenvolver actividade profissional remunerada (tanto no mercado de trabalho como através de programas ocupacionais), regista-se um total de 15,4%, que representam, em termos de frequência, 51 mulheres.

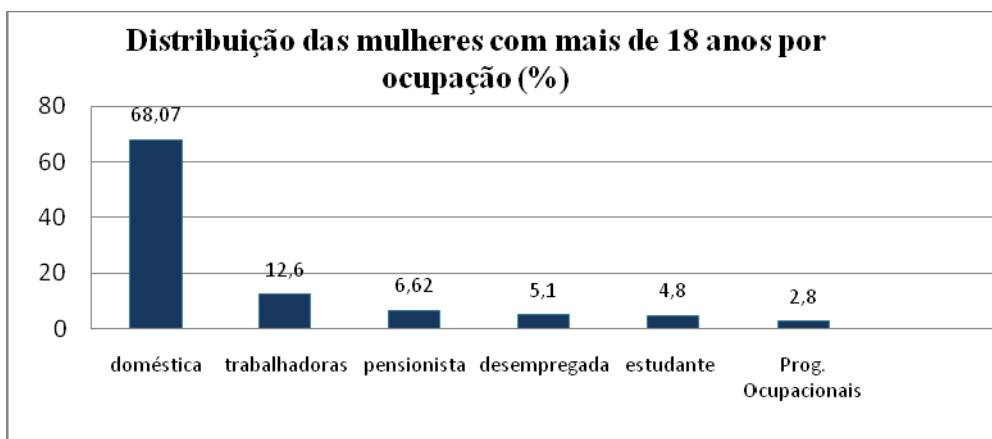


Figura 3.1

A análise à disponibilidade das restantes mulheres para o ingresso no mercado de trabalho foi feita subtraindo do total de mulheres beneficiárias da prestação (332), o número de mulheres que se encontra a desenvolver actividade profissional quer através de emprego, quer através de programa ocupacional (51), resultando um total de 281 mulheres.

Assim sendo, verifica-se que do total de beneficiárias em idade activa e que não se encontram a desempenhar actividade profissional remunerada, apenas 130 (46%) se encontra numa situação de disponibilidade para inserção laboral. Todas as restantes 151 mulheres (54%) encontram-se indisponíveis.

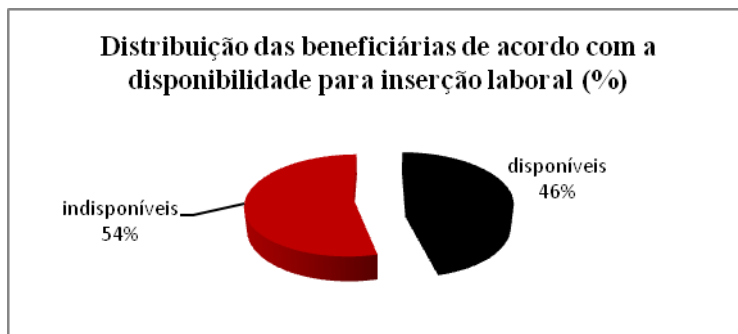


Figura 3.2

Quanto aos motivos que foram identificados para justificar a indisponibilidade para a inserção laboral o mais apontado, como é possível visionar na figura 3.3, centra-se na idade (e convém lembrar que aqui então integradas todas as pensionistas), seguindo-se, com valores próximos, os problemas de saúde e a prestação de cuidados a filhos.

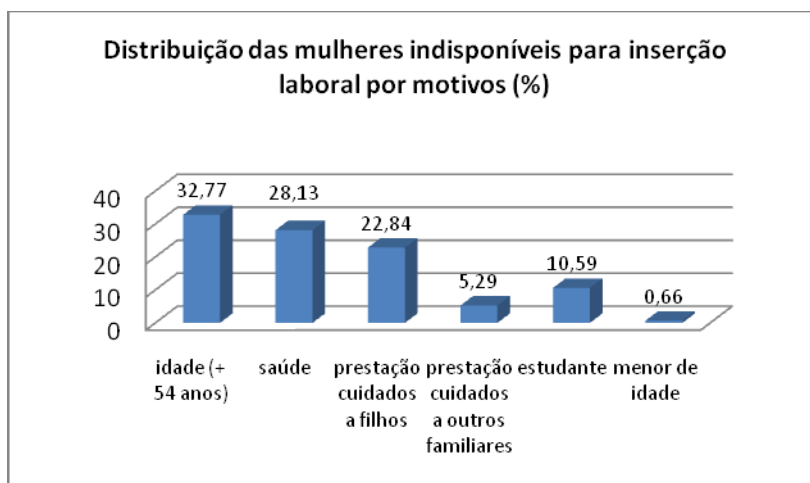


Figura 3.3

Analisando com maior detalhe as 130 mulheres disponíveis para inserção laboral verifica-se que, como mostra a figura 3.4, a grande maioria não se encontra inscrita na APQE (71%), concluindo-se que esta acção não é algo de comum entre as mulheres beneficiárias de RSI. Observando a figura 3.5, verifica-se que das beneficiárias que não se encontram inscritas na APQE 76% esta inscrição não faz parte das acções do Acordo de Inserção e 24% a inscrição é uma acção que consta deste acordo, o que significa que se estas não o fizerem dentro do prazo estipulado, poderão correr o risco da prestação ser cessada por incumprimento do acordo de inserção.

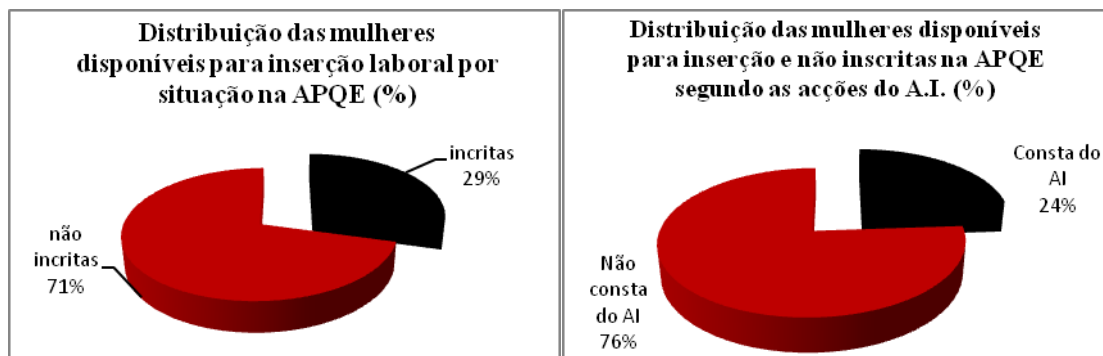


Figura 3.4

Figura 3.5

O facto da maior parte das beneficiárias de RSI disponíveis para inserção laboral não estar inscrita na APQE, nem esta acção constar do seu Acordo de Inserção mereceu maior reflexão. Nesta perspectiva, os pontos que se seguem irão analisar quer as mulheres inscritas na APQE, quer as mulheres que não estão inscritas.

1.3 Caracterização das beneficiárias disponíveis para inserção laboral mas não inscritas na APQE

O número total de efectivas disponíveis para inserção laboral mas não inscritas na APQE é de 92 beneficiárias. Começando pela idade, constata-se que a maioria destas beneficiárias (cerca de 60%) têm mais de 35 anos (cf. Anexo VII.12), 77% pertencem a famílias nucleares (cf. Anexo VII.13), 53% têm entre dois e três filhos (cf. Anexo VII.14) e a sua escolaridade situa-se maioritariamente ao nível do 1º ciclo do ensino básico (67%) (cf. Anexo VII.15). Quanto à ocupação, verifica-se que 93% são domésticas e só as restantes 7% encontram-se na condição de desempregadas (cf. Anexo VII.16). Esta distinção prende-se com as definições de desemprego e não-trabalho exploradas aquando do capítulo I.

No que respeita ao ano do requerimento (cf. Anexo VII.17), verifica-se que este grupo de beneficiárias segue a tendência geral do concelho, ou seja, existem um número considerável de beneficiárias com processos com um número de anos considerável.

Um aspecto muito importante relativamente a este grupo refere-se ao montante da prestação auferida, cuja média é mais elevada do que a média geral (cf. Anexo VII.18). Deste modo, estas beneficiárias recebem, em média, entre 200 e 400 €, podendo ser este um factor explicativo para a falta de inscrições na APQE, uma vez que, tratando-se de valores mais elevados e relativamente próximos do salário mínimo nacional, acabam por achar mais vantajoso receber o RSI e manter o seu papel na família do que ingressar o mercado de trabalho.

1.4. Caracterização das beneficiárias disponíveis para inserção laboral e inscritas na APQE

Quanto às beneficiárias disponíveis para inserção laboral e que se encontram inscritas na APQE, são em número efectivo de 38 e pertencem maioritariamente a grupos etários inferiores ao grupo das beneficiárias não inscritas que analisamos acima, ou seja, 50% das inscritas encontram-se nos grupos etários que compreendem as idades entre os 18 e os 29 anos (cf. Anexo VII.19).

Relativamente à escolaridade (cf. Anexo VII.20), o nível prevalecente continua a ser o 1º ciclo do ensino básico (31,5%), porém, verifica-se um aumento considerável do número de beneficiárias que conseguiram atingir graus de escolaridade mais elevados (2º e 3º ciclos com 26,31% e o ensino secundário com 15,78%), o que nos leva a pensar que existe uma tendência

nas beneficiárias mais jovens para obterem níveis de ensino mais elevados, comparativamente às gerações anteriores.

A família nuclear continua a ser prevalecente (cf. Anexo VII.21), com 52,6%, todavia convém ressaltar algumas das inscritas na APQE assumem nestas famílias não uma posição de cônjuge, mas antes a posição de filhas.

A distribuição das beneficiárias inscritas na APQE pelo número de filhos (cf. Anexo VII.22) vem exactamente corroborar esta ideia, pois apesar da coluna mais alta do gráfico apontar para os dois filhos (34,2%), constata-se que os valores para as mulheres sem filhos ou apenas com um filho único (26,3% e 18,4% respectivamente) aumentam consideravelmente face às beneficiárias estudadas no ponto anterior.

Em termos da ocupação (cf. Anexo VII.23), é possível verificar que apesar de continuar a ser dominante o grupo das domésticas (66%), observa-se um aumento muito significativo nas que se consideram como desempregadas (34%) face ao grupo das beneficiárias não inscritas, o que nos leva a pensar que a geração de mulheres mais jovens possui um maior desejo de integração laboral e autonomização da prestação comparativamente às mulheres pertencentes a gerações anteriores.

Quanto ao ano do requerimento (cf. Anexo VII.24), constata-se que os requerimentos das beneficiárias inscritas na APQE são requerimentos recentes, maioritariamente dos anos de 2007 e 2008 (31,5% e 23,6%). Quanto aos requerimentos de datas mais antigas, verifica-se que, nestas situações, estas beneficiárias encontram-se normalmente na situação de filhas do(a) titular.

No que toca ao montante da prestação auferida (cf. Anexo VII.25), este situa-se, à semelhança da média geral do concelho, entre os 100 e os 300 €, verificando-se que este montante é inferior ao registado no grupo das beneficiárias não inscritas na APQE.

1.5. Construção de grupos de beneficiárias

Após a análise dos dados quantitativos resultante da análise dos processos de RSI activos no concelho da Lagoa, foi possível formar agrupamentos de beneficiárias, de modo a seleccionar um conjunto de beneficiárias para submeter a entrevista. O critério subjacente à criação destes agrupamentos assentou em variáveis relacionadas com a reprodução social, nomeadamente, a escolaridade e a idade, e, deste modo, foram identificados três grupos de beneficiárias.

Grupo 1: beneficiárias de RSI entre os 30 e os 39 anos, cuja escolaridade encontra-se maioritariamente ao nível do 1º ciclo do ensino básico.

Grupo 2: semelhante ao primeiro, uma vez que engloba mulheres também com escolaridades ao nível do 1º ciclo do ensino básico, mas a faixa etária situada entre os 40 e os 49 anos. A razão pela qual se optou por esta separação de grupo com base na idade prendeu-se com o facto das beneficiárias integradas no grupo 1 terem, à partida, pela idade mais reduzida, maiores probabilidades de inserção no mercado de trabalho.

Grupo 3: beneficiárias entre os 18 e os 29 anos, com escolaridades maioritariamente entre o 2º e 3º ciclos do ensino básico.

Com base nestes agrupamentos foram seleccionadas as entrevistadas (cf. Anexo VIII) e realizadas 14 entrevistas, uma vez que uma das beneficiárias seleccionadas no grupo 3 acabou por não colaborar com a pesquisa, apesar de inicialmente se ter mostrado receptiva.

Assim, é possível verificar-se que nos agrupamentos 1 e 2 há uma tendência para a manutenção da dependência da prestação, enquanto que no grupo 3 constata-se uma tendência para a autonomização da prestação.

2. A MULHER, A PRESTAÇÃO DE RSI E A RELAÇÃO COM A FAMÍLIA E COM O MERCADO DE TRABALHO: APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DA ANÁLISE INTENSIVA-QUALITATIVA

Após a realização da análise quantitativa, que permitiu caracterizar a população-alvo do estudo e agrupar as beneficiárias, torna-se fundamental chegar ao ponto central da pesquisa – a relação das beneficiárias de RSI com o mercado de trabalho. Para tal, procedeu-se à realização de entrevistas e à posterior análise dos discursos das beneficiárias, sendo a partir desta análise que se pretende chegar ao sentido que estas atribuem ao trabalho.

2.1. Ela e o passado: trajectória de vida

A primeira categoria de análise constante das entrevistas reside na trajectória de vida, a qual se subdivide em 4 subcategorias: origem social e familiar, trajectória escolar, trajectória de vida, e trajectória profissional. O objectivo desta análise consiste em traçar, de um modo geral, o historial de vida destas beneficiárias conferindo-lhes uma identidade através do

entendimento dos factores que contribuíram para que estas tivessem entrado num ciclo de pobreza que as tornou beneficiárias do RSI.

2.1.1. Origem social e percepção da vida passada

Da análise de conteúdo das entrevistas, verifica-se que ao nível da profissão dos pais das entrevistadas, estas enquadram-se sobretudo em actividades pouco qualificadas e mal remuneradas como a construção civil, pesca, agricultura e jardinagem. Quanto à profissão das mães das beneficiárias, estas eram / são praticamente na sua totalidade domésticas, sendo de salientar que a única que exercia actividade profissional (enquanto empregada doméstica) aquando da infância dos filhos, não o fazia por opção, mas sim em consequência das circunstâncias de vida, uma vez que o falecimento do marido a obrigou a assumir a função, tipicamente masculina, de garante financeiro da família. É visível no discurso de algumas entrevistadas, ao referirem-se à profissão das mães, a identificação, ainda que de forma leve, de um traço cultural que define que o lugar da mulher na família.

“O meu pai era pescador e a minha mãe teve 10 filhos e ficava em casa a cuidar dos pequenos. O meu pai bebia a sua pinga, mas era um homem trabalhador.” (E. 2)

“Penei muito. Não conheci o meu pai. Ele morreu eu tinha 3 anos. Minha mãe sempre trabalhou muito para agente. Era empregada doméstica, todos os dias.” (E. 6)

“O meu pai era camponês e a minha mãe era em casa. Não havia trabalhos no tempo.” (E. 8)

A situação profissional acaba por ser corroborada pelas baixas escolaridades, quer dos pais, quer das mães das entrevistadas, verificando-se que estas nunca vão além do 1º ciclo do ensino básico, existindo ainda um número significativo que não frequentou a escola, sendo que, no caso dos pais foi verbalizado pelas entrevistadas que estes não frequentavam a escola porque ingressavam cedo a vida activa para ajudar na satisfação das necessidades da família de origem.

“Eles tiraram os dois a 4ª classe.” (E. 5)

“A minha mãe até à 3ª classe. O meu pai, coitadinho, nunca meteu os pés na escola, naquele tempo não era obrigatório. A minha avó botou-o a trabalhar e ele nunca soube o que era a escola.” (E. 9)

“A minha mãe diz que antigamente a escola não era obrigatória, quer dizer, se ela teve escola foi por pouco tempo e o meu pai por igual. Eles não sabem ler nem escrever, a minha mãe sabe fazer o seu nome mas é copiado.” (E. 13)

Ao abordar a temática da infância verifica-se que as entrevistadas encontram-se divididas entre um grupo que descreve a sua infância como um período feliz do qual possuem

boas recordações e, pelo contrário, um outro grupo com infâncias marcadas por problemas de alcoolismo, sobretudo por parte dos progenitores, discussões conjugais e violência.

“Sempre havia alguns problemas. O meu pai gostava de beber. Apoquentava a minha mãe e eu não gostava de ver.” (E. 3)

“O meu pai e a minha mãe brigavam muito. Ele batia na minha mãe e agente via. Também dava nos filhos. Agente tinha medo dele.” (E. 3)

“A família sempre foi muito unida e ainda hoje é. Esta casa está sempre cheia, por isso não pára nada direito. É uma relação muito boa, agente está sempre juntos.” (E. 11)

O facto de serem referidas dificuldades económicas nas famílias de origem das entrevistadas foi um aspecto uniforme, sendo que estas dificuldades, na maioria, não colocavam em causa a satisfação das necessidades básicas. Embora duas das entrevistadas tenham referido não existir problemas económicos nas suas famílias de origem, verificou-se, no decorrer da entrevista, que se trata de uma questão de percepção das entrevistadas, uma vez que acabam por apontar dificuldades económicas que não obstaram à satisfação das necessidades básicas.

Saliente-se, porém, que em quatro das entrevistadas, esta situação não se verificou, pois estas necessidades não estavam asseguradas, originando inclusivamente situações de privação de alimentos.

Os motivos que, segundo as entrevistadas, levavam à existência de problemas económicos incidem no facto de serem famílias numerosas; no consumo excessivo de bebidas alcoólicas e o facto de ser o progenitor o único rendimento da casa, o que associado ao facto de possuir um salário baixo e, por vezes também incerto, causava dificuldades na subsistência da família. Estas questões por vezes surgiam conjuntamente numa mesma família.

“É assim... o meu pai nunca teve grandes dinheiros, mas era um homem que sabia organizar bem o seu dia-a-dia e tinha muita força de vontade. Ele dizia que o querer era poder. Não se podia comer bifes todos os dias, como ainda hoje eu não faço isso! Íamos comendo e vivendo.” (E. 1)

“Sim havia dificuldades, porque o meu pai era camponês e tinham 5 filhos.” (E. 8)

“Como o meu pai era vendilhão de peixe ele tinha boa venda, mas quando acabava de vender o peixe dava na bebida, bebia o dinheiro que ganhava, a minha mãe em casa é que se desenrascava com comida para agente comer (...)” (E. 12)

A resolução dos problemas económicos na família não passava pelo recurso ao apoio dos serviços, uma vez que todas as entrevistadas referem que a família de origem nunca

recebeu apoios sociais, recorrendo a outras estratégias para a resolução destes mesmos problemas como é o caso do recurso às redes familiares de suporte ou a mendicidade.

“Ajuda de serviços?!... Nunca tivemos isso.” (E. 10)

“Antes do rendimento acho que nunca tivemos nenhum apoio”. (E. 11)

“Só familiares de fora que mandavam roupa, sempre ajudava.” (E. 4)

“Era as minhas irmãs casadas que nos ajudavam. Agente ajudava elas e elas davam comidinha agente, a minha mãe não dava para tudo.” (E. 6)

“(…) eu ia pedir esmola porque era a mais desenrascada, tive de trabalhar para tomar Nosso Senhor, eu comia pão com laranja e às vezes ia com as lágrimas a correr de porta em porta pedir esmola. Depois chegava a casa e ficavam todos tão contentes porque eu trazia laranjas, pão e mais coisas...” (E. 2)

“A minha mãe quando não tinha que comer, eu e a minha irmã a baixo de mim, agente saía para pedir esmola e ter o que comer.” (E. 13)

Esta situação leva-nos a pensar acerca da dependência existente relativamente aos serviços, em particular ao RSI (uma vez que entre as entrevistadas acabamos por ter famílias que beneficiam da prestação há vários anos, sem que se tenha verificado a sua autonomização), na medida em que pode ser uma estratégia de sobrevivência desenvolvida pelas famílias num passado relativamente recente, provavelmente datada da aplicação da medida do RMG / RSI em Portugal. Podemos ainda depreender que a actuação do serviço social antes deste período seria algo pouco estruturado e restrito, uma vez que nenhuma destas famílias, apesar da maioria passar por grandes dificuldades, beneficiaram alguma vez de apoios sociais. Ademais, pelo historial relatado pelas entrevistadas relativamente à sua infância, estas, enquanto crianças, estavam expostas e sujeitas a determinadas situações de privação que actualmente, na grande maioria dos casos, não se verificam.

Isto leva-nos a reflectir acerca do sistema de protecção social em Portugal, e consequentemente a actuação do serviço social, que têm registado uma evolução positiva em termos da sua estruturação, abrangência e eficácia na atenuação dos problemas da pobreza e da exclusão social, tendo a medida do RMG / RSI sido um grande contributo para este facto. Inclusivamente os relatos das entrevistadas relativamente à sua condição de pobreza apontam neste sentido.

“Na altura éramos muito pobres, não havia as coisas que há agora. Havia muita falta de condições e não haviam assistentes sociais.” (E. 2)

“Imenso, éramos muito pobres... não tem nada a ver com hoje em dia. Se tivéssemos naquela altura... mas agente amanhava-se, tinha de ser.” (E. 7)

Comparando com a infância das minhas filhas, a minha foi totalmente diferente. (...) Elas não passaram o mesmo que eu passei, eu nem comida tinha para comer. (E. 13)

2.1.2. Trajectória escolar

No que concerne à escolaridade, como foi visto no capítulo I, a maioria das beneficiárias possui baixas qualificações, situando-se ao nível do 1º ciclo do ensino básico (grupos 1 e 2). As excepções a esta situação situam-se essencialmente ao nível das entrevistadas correspondentes ao grupo 3, cujas escolaridades se situam ao nível do 2º e 3º ciclo e ensino secundário.

As beneficiárias submetidas a entrevista elencam essencialmente 5 motivos que justificam o abandono escolar. O primeiro prende-se com as dificuldades económicas sentidas pela família, as quais já foram explanadas anteriormente.

“Ainda fui para a Lagoa onde comecei a fazer o 5º ano, mas tive de deixar porque a minha mãe não podia pagar os meus estudos. Ficou incompleto.” (E. 8)

Em segundo lugar, surge-nos o insucesso escolar, o qual não só é identificado por algumas entrevistadas, mas também visível quando se confronta o nível de escolaridade com a idade de abandono escolar.

“12 Anos. Eu não gostava, as professoras já nem faziam caso porque eu não dava nada, sempre fui cabeça de burra. Eu fugia de escola para vir ajudar a minha irmã. (...) Eu nunca dei nada na escola. Só tive a 1ª classe.” (E. 6)

O terceiro motivo apontado pelas entrevistadas reside na sobreposição da lógica familiar aos estudos, uma vez que estas identificam o apoio à família, concretizado na prestação de cuidados aos irmãos ou no ingresso no mercado de trabalho como forma de complementar os rendimentos familiares, como motivos para deixarem a escola.

“Saí com mais ou menos 13 anos porque a minha mãe começou a trabalhar, ela tinha tido uma menina e as dificuldades eram tantas que eu tinha que tomar conta dela, e eu saí da escola.” (E. 7)

Esta questão da sobreposição da lógica familiar aos estudos, conjuntamente com o quarto motivo identificado pelas beneficiárias que incide sobre factores culturais associados à condição feminina são talvez os mais importantes para o presente trabalho. Da análise dos discursos das entrevistadas, percepção-se que existia uma certa pressão social e familiar que

empurrava estas beneficiárias para o espaço doméstico e para o desempenho de funções domésticas, não sendo comum que, neste estrato social, as mulheres prossigam os estudos.

“Tinha 14 ou 15 anos. Na altura o meu namorado, que é agora o meu marido era camponês e achava que eu tinha de sair.” (E. 1)

“(…) fiquei mulherzinha e a minha mãe retirou-me da escola. Ela era muito “antiga” e tirou-me porque não queria que os rapazes me fizessem mal, porque na altura tinha aparecido muitas raparigas grávidas, e ela não queria que me acontecesse o mesmo e por isso fez aquilo. Eu não concordo.” (E. 12)

“Naquele tempo, quando ficávamos maiores agente até se sentia mal por ainda estar na escola porque as raparigas não estudavam muito, era só até aos 14 anos.” (E. 8)

Por último, há que mencionar que duas das entrevistadas mais jovens (integradas no grupo 3) indicam como motivo para o abandono escolar a desmotivação perante a frequência da escola.

“Tinha 16 anos. Deixei porque me passou pela cabeça, já não tinha aquela vontade. Depois arrependi-me e fui estudar outra vez.” (E. 14)

No que concerne à relação das entrevistadas com a escola, constata-se que a maioria das entrevistadas refere-se a esta como tendo uma boa relação, a qual funcionava como um espaço em que estas podiam ser crianças, escapando quer aos problemas familiares, quer às funções domésticas e de prestação de cuidados aos irmãos de que já eram encarregues pela família apesar de ainda serem bastante jovens. Por outro lado, as beneficiárias que referiam não gostar da escola, justificam a sua posição com o facto da frequência escolar funcionar como um entrave à ajuda financeira que poderiam dar à família, e, por vezes com críticas ao próprio funcionamento escolar.

“Gostava imenso. Quando eu fiquei a tomar conta da minha irmã ficava sempre em casa e na escola eu saía. Sei que tinha outras responsabilidades, adorava conhecer gente nova, os professores eram diferentes do que são agora, apoiavam imenso os estudos e as coisas. Era mesmo diferente de casa e eu sentia-me bem.” (E. 7)

“Não gostava da escola, eu queria trabalhar para ajudar à vida da minha mãe porque o meu pai não ajudava.” (E. 10)

Quanto à relação da família de origem com a escola, apesar das entrevistadas alegarem que esta era uma boa relação, verifica-se que tal resposta se baseia apenas no facto destes mandarem os filhos para a escola por um período mínimo, uma vez que ao cruzarmos com este item com os motivos de abandono escolar, denota-se que foi a família de origem que

esteve, muitas vezes, na origem deste abandono, não mostrando motivação para que as filhas prosseguissem com os estudos.

“Sim, eles obrigavam-me a ir a escola, até ao dia em que fiquei mulherzinha e a minha mãe retirou-me da escola.” (E. 12)

Quando se trata de relacionar o nível de escolaridade com a vida actual, as beneficiárias entrevistadas são unânimes e compreendem que as suas baixas qualificações constituem um entrave não só à sua inserção sócio-profissional, como também em determinadas tarefas do dia-a-dia. Contudo, há que mencionar que duas entrevistadas não fazem esta relação, alegando que a falta de qualificações não possui interferência na sua vida actual.

“Acho que podia ser diferente, porque ia ter estudos, ia ter um serviço que a 4ª classe não dá. Até para limpar casas está difícil agora.” (E. 4)

“Sim, podia ser diferente, às vezes sinto-me mal porque uma pessoa vai para um lado e para o outro e não sabe ler. Não consigo ver um filme nas legendas, quando vêm as cartas eu dou à minha filha para ler. A minha filha já tentou me ensinar, mas não me entra.” (E. 2)

“Acho que não... quer dizer, podia ser que sim e podia ser que não. Eu podia ter emprego ou não ter porque hoje em dia há tantos que têm estudos e não têm emprego.” (E. 9)

2.1.3. Trajectória familiar

Na análise deste item, começaremos por observar a idade e motivos do casamento, bem como o número de filhos das entrevistadas, sendo que esta análise será feita com base nos grupos de beneficiárias anteriormente definidos. A opção por analisar estas variáveis prendeu-se com o facto de que estas são algumas das causas para que o RSI surja em determinada fase do percurso de vida das beneficiárias estudadas. Começando por analisar as entrevistadas dos grupos 1 e 2, constata-se que a média de idades para o casamento situa-se nos 19 anos, sendo que os motivos mais mencionados para o casamento são a gravidez precoce e a necessidade de independência / autonomia da família de origem. Torna-se, assim, interessante verificar que para estas beneficiárias esta independência relativamente à família biológica faz-se exclusivamente pelo acto do matrimónio, pois estas maioritariamente continuaram a residir conjuntamente com a família de origem na mesma habitação, ainda nos discursos dêem quase a parecer que se tratou de uma separação também física, que não ocorreu. No entanto, o que se verificou nestes casos foi apenas uma transferência da dependência a económica para pessoa, neste caso, o marido.

“Com 14 anos. Porque eu namorei o meu homem e gostava dele. Estava grávida e tive a minha mais velha com 15 anos. Já se sabe que o amor é louco, eu namorei o meu homem 3 meses e depois fiquei grávida. Quando a minha mãe soube levei muita pancadaria porque eu estava na altura a trabalhar.” (E. 6)

“Casei-me com 18. Casei porque já não aguentava mais estar em casa. Era muita tarefa, depois a minha mãe trabalhava... queria ter um momento só meu, queria sentir que eu é que tinha sido responsável por aquilo que eu fiz, não queria que ninguém se metesse. Sou uma pessoa assim. Eu casei-me fora de casa. Fui para a casa de uma cunhada do meu marido. Morei com ela, casei-me... ela é que me fez o casamento e tudo. No dia que casamos pedimos a bênção à minha mãe e, mesmo assim, ela deu. Primeiro ela não aceitou, mas depois quando foi para me casar ela já aceitou. Já com a minha irmã foi a mesma coisa, ela também casou-se foi fora de casa.” (E. 7)

“Casei com 23 anos. Casei porque queria ser independente, não queria estar sempre com os meus pais. Queria ter a minha vida.” (E. 8)

Corroborando o que já foi anteriormente explanado aquando da análise quantitativa dos processos existentes que serviu de pilar à construção dos grupos das beneficiárias, verifica-se que a média do número de filhos das entrevistadas pertencentes ao grupo 1 situa-se nos 3 filhos e a média das entrevistadas pertencentes ao grupo 2 situa-se nos 5 filhos.

Focando agora as entrevistadas que se enquadram no grupo 3, verifica-se que duas vivem maritalmente e duas ainda não se casaram nem fazem intenção de contrair matrimónio brevemente. Também o número de filhos é inferior à dos grupos anteriores, verificando-se que das quatro entrevistadas apenas duas já tiveram a experiência da maternidade a apenas por uma vez, não manifestando interesse em vir a ter mais filhos. Esta situação parece denotar alguma mudança relativamente às gerações anteriores, constantes dos grupos 1 e 2.

É ainda de salientar que entre as várias entrevistadas apenas uma passou por uma situação de separação conjugal, não obstante, tenha ocorrido entrevistadas que verbalizaram a existência de problemas na sua relação conjugal.

Relativamente às alterações advindas com a maternidade, é de salientar que todas as entrevistadas se referem à experiência da maternidade como um momento marcante nas suas vidas, pautado por sentimentos de alegria. Contudo, estas não identificam transformações substanciais nas suas vidas advindas da experiência da maternidade, identificando apenas o acréscimo da responsabilidade. É de relevar o facto de apenas uma das entrevistadas se ter referido a mudanças económicas na sua vida após o nascimento dos filhos, o que nos leva a pensar que a experiência da maternidade para estas beneficiárias se encontra pouco relacionada com a ponderação económica visível em outros estratos sociais na decisão de ter filhos.

“Foi uma alegria enorme. (...) Alterou. Agora a minha mãe vê que eu sou uma pessoa responsável, sei cuidar dos meus filhos, faço as coisas da casa, a comida... tudo. Só por mim, eu consegui sozinha, sem a ajuda de ninguém. Os filhos ensinam muito.” (E. 7)

“Da minha vida de solteira para o nascimento da minha filha não houve muitas alterações, a vida manteve-se mais ou menos igual.” (E. 13)

“Correu tudo bem, foi uma alegria muito grande. Passei a viver mais apertadinha, mas tudo se resolve. Agente quando não tem filhos, vive-se melhor, quando se tem vive-se mais apertados, mas os filhos são uma alegria.” (E. 9)

2.1.4. Trajectória profissional

Apesar de nenhuma das entrevistadas exercer uma actividade profissional remunerada, o facto é que a maioria já teve, pelo menos, uma experiência laboral. De fora desta situação ficam apenas três das beneficiárias entrevistadas.

Começando por prestar atenção às beneficiárias que nunca exerceram qualquer actividade profissional remunerada, verifica-se que estamos em presença de uma por cada um dos grupos anteriormente definidos. No caso das beneficiárias integradas nos grupos 1 e 2, estas alegam como motivos para nunca ter trabalhado os cuidados aos filhos e a outros familiares, motivos culturais em que os maridos consideram que estas devem ficar em casa ao invés de trabalhar e problemas de saúde. Assim, e como vimos no capítulo I, a decisão de trabalhar ou não acaba por não ser algo que se veja como uma opção individual, mas sim confluem muitos outros aspectos.

“Porque enquanto estive lá fora o meu marido queria que fosse eu a criar os meus filhos e que não os desse a criar, depois vim para cá tive os meus gémeos. A minha mãe estava já meia doente e eu não tinha a coragem de a deixar porque ela não tinha mais ninguém senão eu porque os meus irmãos estão todos embarcados. Cá era a única. Depois ela foi piorando... olhe, foram 10 anos. A minha mãe faleceu em 2001 mas depois os meus filhos cresceram e o trabalho quase que dobrou e a saúde também já não é o que era quando eu tinha 30 anos.” (E. 1)

“No princípio, porque tinha os miúdos, e agora porque eu não quero depender da minha mãe, não quero que ela fique com eles porque ela já tem a sua idade. Já moro aqui com ela há 11 anos porque estou à espera de uma casa. Se os filhos fossem maiores, se cada um já tivesse... assim, responsabilidade, aí eu não me importava nada de trabalhar.” (E. 7)

Contudo, é de salientar que principalmente no que toca aos cuidados aos filhos existem respostas sociais que permitem colmatar este problema, não existindo porém vontade por parte das entrevistadas para fazer uso destes. Atentemos no extracto transcrito da entrevista n.º 7. Verifica-se que a beneficiária em questão confere na sua vida uma importância primordial ao desempenho das funções maternas, apesar dos seus dois filhos

terem 7 e 9 anos respectivamente e existir uma resposta local de ATL onde estes poderiam permanecer após o horário escolar, caso esta ingressasse o mercado de trabalho.

Quanto ao extracto retirado da entrevista 1, encontramos-nos perante uma situação semelhante, uma vez que aquando do falecimento da mãe da beneficiária, em 2001, os filhos mais novos estavam com 7 anos de idade.

Quanto à entrevistada que se situa no grupo 3, esta alega como motivo para nunca ter trabalhado o facto de não ter ainda conseguido encontrar um emprego, constatando-se uma diferença relativamente aos perfis anteriores, uma vez que esta, apesar de também já ser mãe, não se refugia na filha para não integrar o mercado de trabalho.

“Porque ainda não apareceu trabalho.” (E. 5)

Assim, é possível referir que os cuidados aos filhos e o desempenho das funções maternas surgem muitas vezes como uma estratégia defensiva utilizada pelas beneficiárias para evitar o ingresso no mercado de trabalho, ignorando estas a utilização de recursos sociais de apoio às famílias existentes nas suas comunidades.

Indo agora ao encontro das entrevistadas que já possuem experiência laboral, verifica-se que estas, na maior parte e essencialmente, trabalharam em serviços de limpeza. Surgem ainda situações pontuais de trabalho sazonal, cuidado a idosos, comércio, restauração e trabalho fabril. É ainda de salientar a situação da entrevistada n.º 8 que apesar de exercer actividade profissional, fazia-a em casa enquanto costureira.

Quanto à duração do exercício das actividades profissionais, este, embora seja muito variado, verifica-se ser sempre relativamente curto, normalmente de alguns meses, sendo o máximo de 3 anos consecutivos no mesmo emprego.

Os motivos apontados para o despedimento são também muito variados sendo o mais referido a ocorrência do casamento e a gravidez. Com efeito, parece ser frequente a ocorrência do desempenho de actividade profissional por estas mulheres antes do matrimónio, servindo este acontecimento de vida quase que para pôr termo à experiência laboral. Este manifesta-se como mais um indicador de uma identidade tipicamente feminina centrada na família, uma vez que estas acabam por deixar o emprego no momento em que começam a constituir a sua própria família. Normalmente nas situações em que o trabalho é novamente retomado após o casamento, esta retoma coincide com situações pontuais de dificuldade sofridas pela família em que o trabalho se apresenta como a última solução possível. Vejamos o seguinte extracto de entrevista n.º 6.

“E: Já alguma vez trabalhou?

Sr.^a T: Sim já trabalhei. Comecei com 14 anos, mas foi pouco tempo porque fiquei grávida e o meu homem disse que não ia trabalhar. Isso foi ainda pior porque a minha mãe ainda levou a guerrear mais comigo porque aquele dinheiro que eu ganhava quando trabalhava fazia falta em casa.

E: Que empregos teve?

Sr.^a T: Aos 14 anos fui empregada doméstica numa casa mais aqui acima. Depois, quando a minha mãe morreu, há 9 anos, para pagar o funeral fui pedir ao Sr. Braga dos Correios para me dar serviço, porque tinha um enterro para pagar. Eu fazia era horas de limpeza nuns apartamentos. Tanta família que eu tinha e tive de pagar sozinha.

E: Durante quanto tempo teve estes empregos?

Sr.^a T: Não tive muito tempo, 4/5 meses. Depois foi durante 8 meses.

E: Porque saiu do(s) emprego(s)? O que sentiu?

Sr.^a T: Do primeiro emprego saí porque fiquei grávida e o meu homem não queria que continuasse a trabalhar. Do segundo, eu saí quando acabei de pagar o enterro da minha mãe. Fiquei mais leve porque só queria mesmo trabalhar porque precisava para pagar o enterro, isso já foi mais ou menos há nove anos.

É de mencionar que maioria das entrevistadas associa sentimentos positivos à perda do emprego, sendo que apenas três conseguem identificar sentimentos negativos pela perda do emprego, aos quais se segue, no entanto, a acomodação à situação. Mais um aspecto que vem corroborar a ideia que para a maioria das beneficiárias o trabalho remunerado não surge como uma prioridade na vida, servindo mais para colmatar necessidades pontuais na família do que para satisfazer e propiciar realização pessoal às entrevistadas. Assim, é visível pelos seus discursos que estas beneficiárias maioritariamente vêem mais benefícios no facto de estarem em casa a cuidar do lar e dos filhos do que em estar a trabalhar.

“Da Corretora eu saí porque fui para o Fundo de desemprego. Sim, fui despedida. O que senti... oh, uma pessoa também precisa descansar um bocadinho. Senti-me bem até porque com o Fundo de Desemprego agente sempre recebe lá. Não é tanto como quando se trabalha, é menos um bocadinho, mas também ajuda à vida. Foi uma altura boa, fiz uma viagem para a ilha do Faial que tenho uma irmã lá, fui passear. Senti-me bem nesta altura.” (E. 3)

“O que eu senti... senti-me aliviada porque eu deixava a Mariana na escola mas tinha o coração sempre num susto com ela a pensar se podia estar acontecendo alguma coisa. Estava sempre naquela ansiedade.” (...) Eu sabia que estava ganhando um dinheirinho, mas eu sentia uma coisa como que contra vontade. Eu não sou daquelas de me despartar das minhas filhas, sinto muito a falta delas. Fiquei muito mais calma depois de ter deixado o trabalho. Mas eu deixei também porque já não podia da perna, estava cheia de dores.” (E. 13)

“Para falar a verdade à senhora, meu marido é que me tirou de lá, de todos os meus empregos, para eu ficar com as crianças porque não havia ninguém para ficar com elas. Em relação ao tempo em que trabalhava na tropa, eu ainda não tinha filhos, mas já estava grávida. Quando saí, senti que aquilo ia-me fazer muita falta, e a criança que eu estava a espera ia ter necessidade daquilo que eu ia comprar para ela. O pequeno podia ter uma educação mais especial. Foi

sempre a mesma coisa... sabe, ele é muito ciumento e onde eu estava lá no quartel tinha muitos homens, e a cabecinha dele... enfim.” (E. 12)

Não deixa de ser curioso que todas as beneficiárias submetidas a entrevista reconheceram algum proveito na experiência laboral, no entanto quando colocada esta experiência em confronto com os aspectos da vida familiar, estas não procuram forma de os conciliar, abdicando de imediato dos benefícios profissionais em prol das questões familiares.

“Se foi importante para mim?... Talvez. Porque ajudava mais à vida. Já se sabe que uma pessoa trabalhando ajuda mais. (...) O emprego é muito importante, mas quem tem filhos é mais importante criar os nossos filhos. Os nossos filhos estão antes do emprego.” (E. 9)

2.2. Ela e a relação com o Estado: a medida do RSI

A categoria de análise que se prende com o RSI, subdivide-se em 3 subcategorias: a visão do RSI; o requerimento e o acordo de inserção. Com esta categoria pretendeu-se essencialmente perceber a relação das beneficiárias com a prestação e a percepção que estas possuem sobre esta medida.

2.2.1. Visão do RSI

Nesta categoria de análise começou-se por analisar o que as beneficiárias entendiam ser o RSI, sendo a resposta mais uniforme constituía que se refere a uma “ajuda” às famílias em situação de dificuldade. Todavia, em algumas respostas, sobretudo naquelas entrevistadas que já são beneficiárias há vários anos, denota-se uma certa acomodação à prestação, como se esta constituísse algo de permanente, chegando a ser comparada a um salário proveniente de trabalho.

“Eu costumo a dizer que o rendimento foi uma bênção. Em solteira passei dificuldades, em casada por igual. O rendimento é aquilo que eu sei que é seguro para ter e pagar as minhas contas. É o meu ordenado para pagar a água, a luz, a renda... tudo depende dali.” (E. 7)

É de referir que o significado retirado do extracto acima mencionado vai no sentido contrário àquele que a lei do RSI propõe, levando-nos a concluir que existe uma desadequação entre o que é legislado e a utilização e interpretação que é efectuada pelas beneficiárias, o que pode ser corroborado pela presente citação legal:

“A prestação do rendimento social de inserção assume natureza pecuniária e possui carácter transitório, sendo variável o respectivo montante” (art.º 2º L 13/2003 de 21 de Maio)

Esta desadequação verifica-se também no que concerne à duração da prestação, pois enquanto a lei define que esta prestação pecuniária deverá ser transitória, existindo para promover a progressiva inserção laboral social e comunitária, os discursos das entrevistadas revelam que estas percepcionam a prestação como algo que deverá existir por um período de tempo bastante longo.

“Não sei... porque a Dr.ª A. diz sempre que isso pode acabar, tanto podem dar como podem tirar, por isso não sei... Mas acho que devia durar toda a vida, para sempre.” (E. 10)

“Eu não sei bem isso do tempo, mas se calhar até as crianças terem 18 anos. Porque é enquanto crianças que eles precisam do nosso apoio. Já quando eles têm 18 anos já não querem o nosso apoio. O adulto defende-se mas as crianças não se sabem defender.” (E. 9)

É de salientar que as beneficiárias possuem uma postura bastante crítica relativamente a quem deve beneficiar de RSI, sendo contra a abrangência da prestação. Ou seja, estas entrevistadas defendem, de uma forma geral, que os beneficiários da prestação deverão ser famílias com dificuldades económicas e idosos, sendo visível que fazem uma grande distinção entre as mulheres casadas e solteiras, pois sendo mães e esposas têm impedimentos ao trabalho e, conseqüentemente, uma maior legitimidade para receberem a prestação. Além disso, mesmo quando falam de outras beneficiárias nestas circunstâncias também de mães e esposas, as entrevistadas conseguem identificar estratégias defensivas para garantir a manutenção da prestação e criticam este facto.

“Eu acho que as pessoas deviam ser escolhidas. Devia ser para famílias com dificuldades, para as famílias com muitos filhos, para os pescadores e para as pessoas do campo que também ganham pouco, para os idosos também porque têm a medicação. Agora, as pessoas solteiras... que trabalhem! Se eu não tivesse filhos eu trabalhava porque o trabalho não mata. As pessoas solteiras que não querem trabalhar, que estão por aí aos cantos, que estão bebendo e umas até drogam-se com aquele dinheiro, mas aquilo não é dinheiro para estas coisas, é dinheiro para quem precisa.” (E. 7)

“As mulheres não têm noção disso e engravidam de propósito e têm mais filhos para receberem mais porque o rendimento vai pelo número de filhos. Um casal de tarelo deve olhar para o rendimento como uma ajuda e não se fiar só naquilo porque isso acontece muito.” (E. 2)

2.2.2. O requerimento

As entrevistadas apontam, em geral, como motivos para o requerimento do RSI os fracos rendimentos familiares advenientes dos trabalhos precários desempenhados pelos

maridos, os quais se desenvolvem maioritariamente em actividades como a construção civil e a agricultura, a ocorrência de problemas conjugais e situações em que os maridos se encontraram em situação de reclusão. Estas situações repercutiam-se na família em dificuldades em assegurar a alimentação, as despesas fixas, os gastos escolares e a saúde. Assistimos, portanto, a um renovar do ciclo de pobreza relativamente à família de origem, uma vez que nos relatos relativos à vida passada, também são relatadas dificuldades económicas praticamente pelos mesmos motivos.

“Porque os meus gémeos iam para a escola, eu tinha 5 filhos. O meu marido é camponês e de inverno quando chove não se trabalha. Tínhamos uma terrinha e tivemos de vender, que eu até tive muito desgosto porque era dos meus pais. Começamos a passar por dificuldades... não passámos fome mas era sopa.” (E. 1)

“As dificuldades eram a nível de dinheiro. O meu marido não bebe, nunca. Era difícil comprar alimentação e pagar as contas. As contas é que eram mesmo o pior. A alimentação, agente amanhava-se porque ele trazia peixinho.” (E. 7)

Todas as entrevistadas são da opinião de que a prestação trouxe diversas melhorias às suas vidas, as quais se traduzem sobretudo por impactes ao nível do consumo e na manutenção de uma gestão familiar organizada.

“Deu para pagar as contas, para fazer compras. Nunca me lembro de ter tido tantas compras na minha despesa. Paguei as dívidas... Agradei muito e foi bem empregado porque eu sei lindamente terminar a minha vida.” (E. 2)

“Ajudou-me a dar um salto na vida... Já tinha dinheiro para tudo, para pagar a água, a luz, a renda e a comida.” (E. 5)

Importa referir que sete das catorze entrevistadas já tinham beneficiado anteriormente de apoios sociais. Destas sete, cinco prenderam-se com apoios ao nível de subsídios de acção social de curta duração (normalmente apenas até começarem a beneficiar da prestação de RSI) e apoio em géneros alimentares e duas mencionaram já terem sido beneficiárias de RSI anteriormente, tendo as prestações sido cessadas por incumprimento do Acordo de Inserção.

“Eu já tinha recebido antes o rendimento há muitos anos, mas depois fui cortada e depois fiz outro contrato novo. Na altura fui cortada porque o meu rapaz que Deus dá o céu, na altura, eu terminava-o para ir para a escola e ele não ia às aulas. Eu era chamada à assistente social e avisava-o mas era sempre igual, ele faltava às aulas. Não lhe sei dizer quanto tempo recebi ao certo, mas sei que foi muito tempo, talvez uns 5 anos. Depois pedi outra vez mas recebi pouco tempo. As mães terminam os rapazes para a escola mas eles não têm juízo e não querem perceber. Agora recebo há 3 anos.” (E. 9)

Este facto leva-nos a duvidar se estaremos em presença de uma efectiva inserção social, na medida em que se por um lado o RSI contribuiu para uma melhoria nas vidas destas

beneficiárias e, como tal, torna mais eficaz a intervenção do serviço social, por outro, e pensando que algumas destas beneficiárias recebem a prestação há já vários anos, talvez não estejamos em presença de uma verdadeira inserção social, pois esta melhoria das condições de vida acaba por se fazer com base na dependência de uma prestação que se supõe ser temporária. Ademais, acabam por ocorrer situações, como a que se constata no extracto acima transcrito, de famílias que já efectuaram mais de um requerimento e que a prestação acaba por ser sempre cessada por incumprimento do Acordo de Inserção, acabando por se entrar num ciclo de dependência que finda a penalização resultante do incumprimento do Acordo de Inserção, deparamo-nos com um novo requerimento.

Um outro aspecto que importa salientar refere-se às vantagens e as desvantagens que estas associam à condição de beneficiário, tendo sido visível que a grande maioria reconhece apenas vantagens no facto de ser beneficiária da prestação. No entanto, há que salvaguardar a posição de três entrevistadas que, paralelamente às vantagens, reconhecem que o recebimento da prestação lhes confere algum estigma social e a obrigatoriedade no desempenho de acções de inserção às quais estas não atribuem significado e importância.

“As coisas boas é que eu sei que todos os meses sei que tenho ali aquele dinheiro e em pescador eu não sei. Eu sei que aquilo não é seguro, mas eu tenho aquela fé que com aquilo estou livre das despesas e o resto... há-de ser o que Deus quiser. As coisas más que eu não gosto no rendimento, é por exemplo, o meu miúdo mais novo que não gosta de levar vacinas, quando ele tem de ir levar é preciso quatro pessoas para o aguentar e a enfermeira fica com medo porque a agulha pode partir. Depois elas dizem “ele não quer levar as vacinas? Então eu vou falar com a assistente social”. Depois ameaçam agente e dizem “Ai recibes o rendimento e vais ser cortada”. Isso é que eu não gosto! Eu sei que é preciso as vacinas, é preciso, mas ele há-de ir levando com tempo.” (E. 7)

“(...) quando estamos a receber pela assistente social, também ajuda muito mas agente somos muito controladas se fazemos as nossas obrigações como elas querem ou não.” (E. 13)

2.2.3. O Acordo de Inserção

Começando por retomar o último item analisado no ponto anterior, todas as entrevistadas (à excepção de uma) têm a noção de que o benefício da prestação pecuniária implica a realização de acções específicas, conforme definido em Acordo de Inserção. Contudo, e corroborando o que foi dito acima, em algumas situações as beneficiárias não atribuem importância a este aspecto nem visionam estas acções como essenciais para a sua inserção, acabando por realizá-las com o intuito de manterem a prestação e não com a perspectiva de se autonomizarem desta.

“Sim, pediram ao meu marido para ir para o PROSA. Foi através do projecto do rendimento. Neste caso eu concordo, mas é consoante o que agente recebe, não é receber uma ninharia e ainda ter de trabalhar. Consoante o que agente recebe de rendimento é que temos de ir trabalhar. Também eu sei que às vezes recebem muito porque têm muitos filhos, mas eu não penso nisso. Tenho só a minha filha e já me custa. Não tenho filhos para receber abonos.” (E. 3)

“Pediram para o meu marido se inscrever no centro de emprego. Da minha parte, sempre fui a reuniões, sempre fui a passeios que elas organizam, deixava a minha filha na escola que me custava bastante. Tive uma vez que fui a Vila Franca para a Nossa Senhora da Paz, mas agente não podia levar as crianças e isso ficava-me custando, mas eu tinha que ir. Também tive um ano num curso de culinária e tive outro ano no Centro de São Pedro nos bordados. Nunca faltei com as minhas obrigações. Agente para poder receber alguma coisa temos que colaborar. Se agente recusa elas dizem que desta maneira não dá, e agente fica com o pedido cancelado. Não custa agente ir àquilo que elas acham que agente precisa de ir.” (E. 13)

Curiosamente, apesar das entrevistadas identificarem que necessitam realizar acções para garantir a manutenção da prestação, constata-se que estas, em número expressivo não sabe definir e explicar o que é o Acordo de Inserção, levando-nos a concluir que o momento da assinatura deste acordo não é algo marcante para os beneficiários, como legalmente se pretendia que fosse.

“Eu sei que isso passou de rendimento mínimo para rendimento de inserção, mas ainda não me apercebi o que é que isso quer dizer. Mas a menina P. disse que eu ia daqui a 15 dias assinar acho que era essa coisa.” (E. 13)

Este desprendimento face ao acto da assinatura do Acordo de Inserção poderá ser explicado pelo facto dos beneficiários serem pouco chamados a participar na construção do seu próprio acordo. Este aspecto deverá merecer uma análise aprofundada pelo serviço social, uma vez que não coloca no beneficiário a possibilidade de participar na construção do seu caminho em direcção à autonomia face à prestação, faz com que os beneficiários também sintam menos necessidade de se implicarem em aspectos que não consideram importantes para a sua vida. Por outro lado, e tendo em atenção a temática que motivou a realização deste trabalho, percebe-se que, em termos práticos, se torna muito difícil conseguir que a maioria das beneficiárias se despenda da sua identidade centrada na casa e na família para, por exemplo, colocar voluntariamente os filhos em estabelecimentos de ensino e ingressar, também de forma voluntária, no mercado de trabalho, em ordem a deixar de receber a prestação. Ou seja, se não fosse este carácter de obrigatoriedade em determinadas acções constantes dos Acordos de Inserção, muito dificilmente teríamos crianças do estrato social em

questão a frequentarem creches e jardins-de-infância e as suas mães inscritas no centro de emprego local.

Importa ainda salientar que das beneficiárias entrevistadas apenas cinco conhecem situações de outras mulheres que se integraram no mercado de trabalho pelo facto de estarem a receber o RSI, o que significa que a maioria não possui esta representação relativamente à medida, ou seja, não percebem a medida como algo que lhes pode conferir formação e maiores oportunidades de ingresso no mercado de trabalho.

“Eu conheço uma senhora que deu o nome comigo no fundo de desemprego e ela está a trabalhar.” (E. 1)

“Não... eu penso que quase todas elas tão em casa.” (E. 12)

Como vimos no capítulo I, o RSI também produz efeitos identitários nos seus beneficiários, logo, se a percepção das mulheres que dele beneficiam vai no sentido de que a integração laboral por via da medida é algo muito residual, logo, também vão manter esta identidade de género centrada na casa e na família, saindo esta reforçada com o recebimento da prestação.

2.3. Ela e a família: o género nas relações familiares

Nesta terceira categoria de análise procurou-se identificar a existência de papéis familiares associados ao género. Começou-se por analisar quais as funções femininas e masculinas na família. À excepção da entrevista n.º 5, que considera que tanto o homem como a mulher devem trabalhar, todas as restantes consideram que, na sua família, as funções femininas centram-se na esfera doméstica, encarregando-se das tarefas e dos cuidados aos filhos, enquanto que as funções do homem desenvolvem-se na esfera pública, trabalhando fora de casa para garantir o sustento económico da família, o que corrobora tanto o exposto no capítulo I pela visão parsoniana como pela teoria marxista. Em determinadas entrevistas, denota-se que esta divisão de papéis encontra-se bastante enraizada, sendo mesmo um antigo hábito familiar que se pretende ver mantido.

“A mulher termina a vida e o marido tem de trabalhar. Agente tem de cuidar da vida e eles têm de trabalhar para a vida.” (E. 9)

“Cabe ao homem trabalhar. A mulher tem de ficar em casa a trabalhar. O homem tem de trabalhar para a mulher. Eu penso assim e o meu marido também. Ele acha que as coisas têm de seguir o mesmo sistema do pai e do avô e nisso a mulher não trabalha. Apesar das dificuldades todas que nós temos, o meu marido diz que enquanto ele puder eu não trabalho. A mulher tem é de terminar as coisas todas para quando o marido chega e cuidar dos filhos. (...)” (E. 3)

Esta situação faz com que, embora a maioria das beneficiárias mencione que na sua família o poder é repartido pelo casal, os seus discursos acabam por dar a entender que existe na família uma superioridade em termos do poder do género masculino. Apesar disso, estas mostram-se maioritariamente satisfeitas com esta divisão de poder.

E: “Quem acha que tem mais poder na família: o homem ou a mulher? Porquê?”

Sr.^a T: “É os dois, eu vivo bem com o meu homem. Porque quando ele está em casa é ele que manda, quando não está sou eu.”

E: “Acha que poderia ou deveria ser diferente?”

Sr.^a T: “Está bem assim, para mim está.” (E. 6)

Quando se questiona as beneficiárias relativamente ao facto de existir uma relação entre as funções de género e a dependência do RSI, todas elas admitem que sim, pelo que se torna claro que estas têm a percepção de que se assumissem um papel diferente na família e ingressassem o mercado de trabalho, poderiam mais facilmente autonomizar-se da prestação.

“Sim tem influência, porque se eu tivesse força e tivesse o meu ordenado já me ajudava e eu não precisava do rendimento.” (E. 1)

2.4. Ela e o trabalho

Esta categoria de análise prende-se com a visão relativamente ao trabalho e tem como objectivo perceber as representações associadas ao trabalho em geral e ao trabalho feminino (das próprias).

2.4.1. Visão relativamente ao trabalho

Começou-se por analisar o que representa a felicidade para as entrevistadas, tendo onze das catorze entrevistadas respondido que esta se prendia com aspectos relacionados com o bom relacionamento entre os elementos da família e a felicidade dos filhos. As restantes entrevistadas centraram-se mais em aspectos como a saúde e os bens materiais.

Posteriormente questionou-se as beneficiárias a respeito do que consideravam “vencer na vida”, tendo o leque de respostas sido bastante abrangente. Deste modo, quatro das entrevistadas responderam que significava atingir os objectivos de vida a que se proponham; duas entrevistadas mencionaram que só se vence na vida tendo um trabalho; três das entrevistadas referiram aspectos relacionados com os filhos; outras três beneficiárias

centraram-se que tal consistia em terem bens materiais que não têm a possibilidade de adquirir; e, por fim, duas entrevistadas responderam que seria a sua vida actual.

Se tivermos em conta os últimos três grupos de respostas (que perfaz um total de oito entrevistadas), podemos verificar que estas se encontram bastante identificadas com o seu papel na família e a sua situação de vida.

Em seguida aprofundou-se como as entrevistadas definiam o trabalho e a família. Relativamente ao trabalho, todas as entrevistadas referem que consideram o trabalho como algo a que atribuem uma grande importância, sendo este percepcionado quase simplesmente como forma para permitir a aquisição de bens.

“É uma coisa que dá saúde e é para ter alguma coisa na vida, senão não temos nada que tarelo. É importante para viver melhor.” (E. 6)

“Serve para pagar dívidas, para comprar sustento, para ajudar nas contas da casa, nestas coisas do dia-a-dia.” (E. 3)

Quanto à definição da família, verifica-se que os discursos proferidos por todas as entrevistadas conferem um grau de importância fundamental à família nas suas vidas.

“Para mim a família é tudo!” (E. 8)

Tendo em conta que tanto o trabalho como a família foram classificados pelas beneficiárias como sendo duas coisas muito importantes nas suas vidas, solicitou-se que estas os colocassem por ordem de importância: todas elas colocaram a família em primeiro lugar, adquirindo o trabalho, de imediato, uma posição muito mais periférica na vida destas entrevistadas, o que é indicativo de que estas beneficiárias de RSI não observam o trabalho como uma solução de autonomização nas suas vidas, nem sequer o percepcionam como algo de onde possam tirar realização pessoal. Denota-se ainda uma particular incidência de aspectos focados aquando do capítulo I, nomeadamente os gastos invisíveis associados ao trabalho, e o facto de ser identitariamente mais prestigiante, para as mulheres deste estrato social, a prestação do cuidado aos filhos e a dedicação à casa do que trabalhar em actividades mal remuneradas e de baixo prestígio social.

“Já fizeram essa pergunta à minha filha e eu não concordo com a resposta dela porque para mim é a família. Hoje em dia os padrões dizem que primeiro é o trabalho, mas eu não acho isso correcto porque o trabalho vai-se e a família fica. E se agente se dedicar 100% ao trabalho, o que vai ser da família?” (E. 1)

“Primeiro a minha família. O meu marido é uma pessoa lutadora e sempre trabalhou. Nunca trabalhei fora porque nunca tive ninguém que cuidasse dos meus filhos. Se eu fosse trabalhar tinha de ter dado a minha filha a criar, ia ter de

pagar e ia dar elas por elas. Ia trabalhar para pagar uma mulher, e o que me ia crescer? Um troco mal amanhado?! Ou muito ou pouco sempre trabalhei em casa e cuidei dos meus filhos.” (E.8)

Em seguida, procurou-se compreender se as beneficiárias entrevistadas consideram que as mulheres que trabalham sentem-se felizes por isso. Em termos das respostas, seis entrevistadas responderam que sim, outras seis entrevistadas responderam que não e duas responderam de forma ambivalente. Das entrevistadas que deram respostas negativas face à felicidade das mulheres que trabalham denota-se uma ideia de que as mulheres que trabalham fazem-no não por gosto e vontade própria, mas sim por circunstâncias da vida que não lhes dão outra alternativa. Estas são percepcionadas com sentimentos de pena por parte das entrevistadas.

“Acho que não é preciso trabalho para ser feliz. (...) Algumas não são felizes. Não sei da vida delas, mas muitas sofrem em casa e têm de trabalhar porque muitos maridos não prestam e não dão o sustento porque caem nos vícios da bebida ou da droga e elas, coitadas têm de fazer para se manter. (...) Penso que sofrem em casa, e são obrigadas a trabalhar.” (E. 3)

“Estas coitadinhas trabalham mais porque fazem as suas vidas em casa à noite e também fazem por fora, para de manhã cedo irem trabalhar, e deixam as crianças aqui e acolá e pagam a pessoas para ficar com as crianças. É mais chato e faz diferença.” (E. 9)

No que concerne às entrevistadas que deram respostas positivas face à felicidade das mulheres que trabalham, verifica-se que estas são um grupo bastante heterogéneo, uma vez que é constituído não apenas por mulheres que já tiveram experiências laborais, mas também por beneficiárias que nunca tiveram qualquer contacto com o mercado de trabalho e que apesar de reconhecerem as vantagens e a felicidade que o trabalho confere a outras mulheres, acabam por não desejar a sua integração laboral quando numa parte mais avançada da entrevista recusariam um emprego se este surgisse. Um dos exemplos desta situação é o seguinte excerto:

“Elas sentem-se felizes porque eu já vi. Elas dizem que a vida muda porque já não estão tão apertadas na vida e mesmo no aspecto físico delas. Acho-as mais alegres, mais falantes, já conhecem outras coisas e transmitem e eu às vezes fico com pena de não ter, como por exemplo amigas com outras pessoas e há gente fora da nossa família que são melhores que os de casa. Em casa há sempre conflitos. Se eu conseguisse era outra realização para mim, porque estou sempre aqui, o trabalho é um distraimento, não mata. As mulheres que trabalham vão ao cabeleireiro, vestem roupas novas e eu tenho que me amanharr com aquilo que tenho. Talvez comigo trabalhando eu conseguisse trazer para casa mas também fazer uso porque eu sei que aquilo é meu.” (E. 7)

Além disso, estas beneficiárias que consideram o trabalho como algo que confere felicidade às mulheres, acabam por, na realidade, entrar numa contradição, vendo esta felicidade como algo que ocorre por não haver outro tipo de alternativa ao trabalho, como aqueles casos em que as prestações sociais não são suficientes para cobrir as despesas do agregado familiar.

“Sei lá... Acho que elas são felizes, porque é mais uma ajuda que entra. Se agente não tem ajudas, não tem rendimento, agente tem de se pôr a trabalhar. Eu é que não posso trabalhar porque tenho netos estou amarrada. (...) Sim, a minha filha. É empregada doméstica numa casa. Ela... pronto, tem de gostar porque dá para pagar o apartamento, a renda. Com o apartamento para pagar ele sozinho não dá.” (E. 6)

Com efeito, o contacto com o mercado de trabalho destas beneficiárias é tão restrito e, na realidade, tão pouco procurado e ambicionado que estas revelam dificuldades em identificar o que consideram ser um bom emprego, sendo que a maioria refere não saber responder à questão. Como excepção a esta situação temos apenas três das entrevistadas integradas no grupo 3, que referem que um bom emprego é algo fixo, ou ainda mais especificamente, o trabalho na recepção de um hotel.

“Um emprego fixo... sem paragens.” (E. 14)

Quando às suas preferências e gostos no caso de puderem escolher uma actividade profissional, a escolha maioritária recai sobre trabalhos que exijam o contacto com crianças e trabalhos relacionados com as funções domésticas, nomeadamente a limpeza e a cozinha, embora duas entrevistadas não apontem qualquer tipo de actividade profissional que gostassem de desempenhar. Estas escolhas das entrevistadas são apenas mais um indicador que vem corroborar uma identidade feminina destas mulheres muito centrada na maternidade e na domesticidade, uma vez que até a trabalhar fora de casa estas escolheriam tarefas associadas às que realizam em casa.

“Gostava de tomar conta de crianças porque acho que só a alegria das crianças e o sorriso delas dá-nos vida. Até nos sentimos mais novos. Lavar casas é que não porque eu já estou cansada e não tenho forças. Já tenho a minha casa para limpar que é muito grande.” (E. 1)

“De empregada doméstica porque eu não sei fazer mais nada. Eu não tenho estudos, só sei limpar a casa.” (E. 9)

2.4.2. O trabalho feminino

Quando se questionam as entrevistadas relativamente ao desempenho das tarefas domésticas por parte das mulheres que trabalham fora de casa, estas na sua maioria (9 das 14 entrevistadas) têm uma ideia formada de que estas mulheres não desempenham convenientemente os seus afazeres domésticos. Esta ideia pré-concebida funciona como mais um motivo para agravar a resistência já denotada na maior parte das entrevistadas de ingressar no mercado de trabalho. É de salientar que as entrevistadas que não partilham desta ideia ou já tiveram uma experiência laboral relativamente recente ou possuem alguém próximo (como por exemplo uma familiar) que tenha esta experiência de trabalho.

E: Acha que as mulheres que trabalham fora de casa conseguem desempenhar da mesma forma que você as suas tarefas domésticas? Porquê? E se estivesse a trabalhar fora de casa?

Sr.^a A. : “Acho que não conseguem, eu não conseguia. Em casa faz diferença, tenho as crianças comigo. Às vezes a minha filha dorme até às 11 da manhã, e se eu trabalhasse não dormia, tinha de a levantar cedo para ir levar à creche ou a qualquer lado e assim a criança dorme.” (E. 9)

Sr.^a G.: Claro que sim. As minhas irmãs são assim. Mal chegam do trabalho vão logo arranjar a casa e fazer o jantar.” (E. 11)

No entanto, naquilo que toca ao desempenho das funções maternas a situação inverte-se, pois a maioria das entrevistadas (12 das 14 beneficiárias) considera que independentemente de uma mulher trabalhar, esta consegue manter uma boa prestação enquanto mãe. Apenas duas entrevistadas não partilham desta opinião e, curiosamente, uma delas é a entrevistada n.º 7 da qual citamos acima um excerto relativo ao lugar do trabalho na felicidade feminina.

“Não acho que conseguem ser boas mães. Porque quando eu saio para ir fazer alguma coisa, não demoro muito, mas quando chego os miúdos agarram-me e dizem “mamã, mamã tanto tempo”. Aí eu vejo, então se eu trabalhasse... desde que eles nasceram fui sempre eu que fiz tudo, eu é que os criei e se eu não estiver eles vão sentir que a presença da mãe não está. Uma mulher que trabalha não tem tempo para os filhos.” (E. 7)

Assim, verifica-se que, para a maioria das entrevistadas, a maternidade é uma condição que não surge prejudicada com a entrada no mercado de trabalho. Contudo, estamos aqui novamente em presença de outro contra-senso, na medida em que quando se questiona as beneficiárias a respeito da sua disponibilidade laboral onze das catorze entrevistadas responde que não se encontra disponível para inserção laboral, alegando, a maioria (7 das 11), que os motivos prendem-se com a prestação de cuidados aos menores. As outras três entrevistadas

indisponíveis alegam motivos que se prendem com a saúde e com a idade. No entanto, é de salientar que no processo social de qualquer destas entrevistadas não consta qualquer atestado médico que comprove uma situação de saúde impeditiva de trabalho. A última beneficiária do grupo das que se consideram indisponíveis não aponta qualquer justificação para a sua indisponibilidade.

“Agora não por causa da minha filha mais pequena. Porque ela tem só 3 anos e ainda é pequena. Agora era mais complicado.” (E. 9)

“(…) se era para arranjar emprego, com quem é que o meu mais velho ia ficar? Ele já é grandinho mas em casa não pode ficar porque tem aqui uns vizinhos que põem-se com ele, depois se ele brinca à bola e vai para o quintal da vizinha, ele pede com bons modos, ela começa a “ladrar”... ele está na biblioteca, mas não é todos os dias. Uma pessoa tem de estar com o seu juízo sossegado no serviço onde está.” (E. 12)

“Neste momento acho que não porque ainda me acho um bocado presa. Para sair já seria complicado porque eu já tenho problemas de saúde. Agora se for para ficar com os filhos dos meus filhos aí é diferente porque eles vêm cá deixá-los e eu continuo no meu cantinho. Na minha mente, eu ainda levantava o mundo... mas o meu corpo já não deixa. Já tenho 47 anos e isso já pesa.” (E. 1)

“Eu... trabalhar? Não sei... se me mandassem ia ter de ver...” (E. 2)

Com os excertos acima mencionados não resta qualquer dúvida que apenas uma minoria das beneficiárias pretende realmente a inserção laboral e a consequente autonomização da prestação de RSI. É de salientar que em qualquer das situações que os menores são entendidos como um impedimento (as transcritas para o presente trabalho e as restantes que não puderam ser transcritas), existem respostas sociais que poderiam dar solução ao problema. Contudo, verifica-se um verdadeiro choque de intenções entre a legislação que regulamente o RSI e a identidade das mulheres que beneficiam da prestação, encontrando-se o serviço social da fronteira entre ambos.

Nesta questão da disponibilidade laboral decidimos ir ainda mais longe e passar à concretização da hipótese de uma oferta de trabalho feita pela assistente social de acompanhamento. As respostas foram na linha anterior e verifica-se que apenas as mesmas três beneficiárias aceitariam a proposta de emprego. Todas as restantes recusariam. Nos discursos destas entrevistadas verifica-se acentuadamente o descontentamento com a proposta de emprego e a procura de argumentos para a recusar. Assim, somos levados a pensar que o RSI tem tido efeitos muito positivos ao nível das condições de vida das famílias e ao nível do consumo destas. No entanto, este tem tido um impacto negativo na mudança de mentalidades, fazendo com que a identidade feminina centrada na casa e na família esteja a ser reforçada,

uma vez que apenas três das beneficiárias incluídas no grupo 3 mostram uma vontade genuína para aceitar a proposta de trabalho.

“A primeira coisa que eu dizia é que para a Dr.^a R. arranjar um emprego agente tem de ser avisados porque não é de um momento para o outro que agente decide a nossa vida, e eles não vão decidir por nós. Precisava organizar a minha vida. Por um lado, acho que ia ficar contente por terem olhado por mim, mas por outro... Desta maneira, não!” (E. 7)

“Eu ia... mas era se tivesse alguém que fizesse comida para o meu marido comer ao almoço e alguém que fosse buscar os meus filhos depois da escola. A minha sogra às vezes pode e às vezes não pode e a minha cunhada também nem sempre pode e aí sou eu que fico com o meu miúdo. Também para haver lavações de cara, não estou para isso. Se eu tivesse isso, eu me obrigava a trabalhar. E eu tinha de vir antes das 6h para ter tempo de fazer a comida antes que o meu marido viesse do trabalho. Assim, como o meu marido vem a casa comer o almoço não me dá jeito ir trabalhar. Eu ia dizer que não dava jeito agora ir trabalhar.” (E. 10)

A questão deste efeito perverso do RSI, ao manter as identidades culturais das beneficiárias, ao invés de as transformar e fazer as beneficiárias caminharem no sentido da autonomização, é também bastante visível quando se questiona como seria a vida das entrevistadas se estas não tivessem recebido o RSI. Deste modo constata-se que estas mencionam que as suas vidas seriam bastante mais complicadas, do ponto de vista financeiro, chegando algumas a colocar a hipótese do trabalho ser a alternativa que iriam optar caso não beneficiassem da prestação. Curiosamente algumas destas beneficiárias são as que se mostram mais resistentes à ideia de trabalhar pelo facto de estarem a receber a prestação.

“Depois surgiu esta ideia de fazer o rendimento e eu pensei se der deu, se não der eu então vou trabalhar. Ia ser uma vida infeliz.” (E. 7)

“Havia de ter ido arranjar serviço para ir trabalhar. Para mim ia ser pior.” (E. 10)

2.5. Perspectivas de futuro – Expectativas

A última categoria de análise pretende verificar essencialmente as expectativas de futuro das beneficiárias. Através dos discursos das entrevistadas depreende-se que todas estas beneficiárias não conseguem fazer uma previsão exacta de quanto tempo mais vão necessitar da prestação de RSI, no entanto, todas vislumbram que ainda terão de receber por muito tempo. Esta situação indica a falta de vontade das beneficiárias para se desvincularem da prestação, sendo de salientar que um grupo considerável destas beneficiárias encontra-se em idade activa e reúne condições para ingressar no mercado de trabalho (como é o caso de entrevistada nº 10 que tem 32 anos de idade e cuja resposta se encontra abaixo transcrita).

“Eu recebo há 9 anos... não digo que vou receber sempre... bem, o meu filho tem 10 anos... talvez mais uns 7 ou 8 anos.” (E. 7)

“Durante mais algum tempo para as crianças. Até as crianças terem os seus 18 anos. A minha mais nova ainda tem 3 anos.” (E. 9)

“O resto da vida porque isso faz-me muita falta e ajuda muito à minha vida.” (E. 10)

Para finalizar a entrevista solicitou-se às entrevistadas a projecção da sua situação profissional daqui a dez anos. Sete das catorze entrevistadas responde claramente que irão continuar a ser domésticas e três entrevistadas (todas pertencentes ao grupo 3) revelam que irão estar a trabalhar, só não conseguem dizer em que área de actividade. Todas as restantes dão respostas incertas sendo que numa delas a hipótese de ingresso no mercado de trabalho até chega a suscitar o choro.

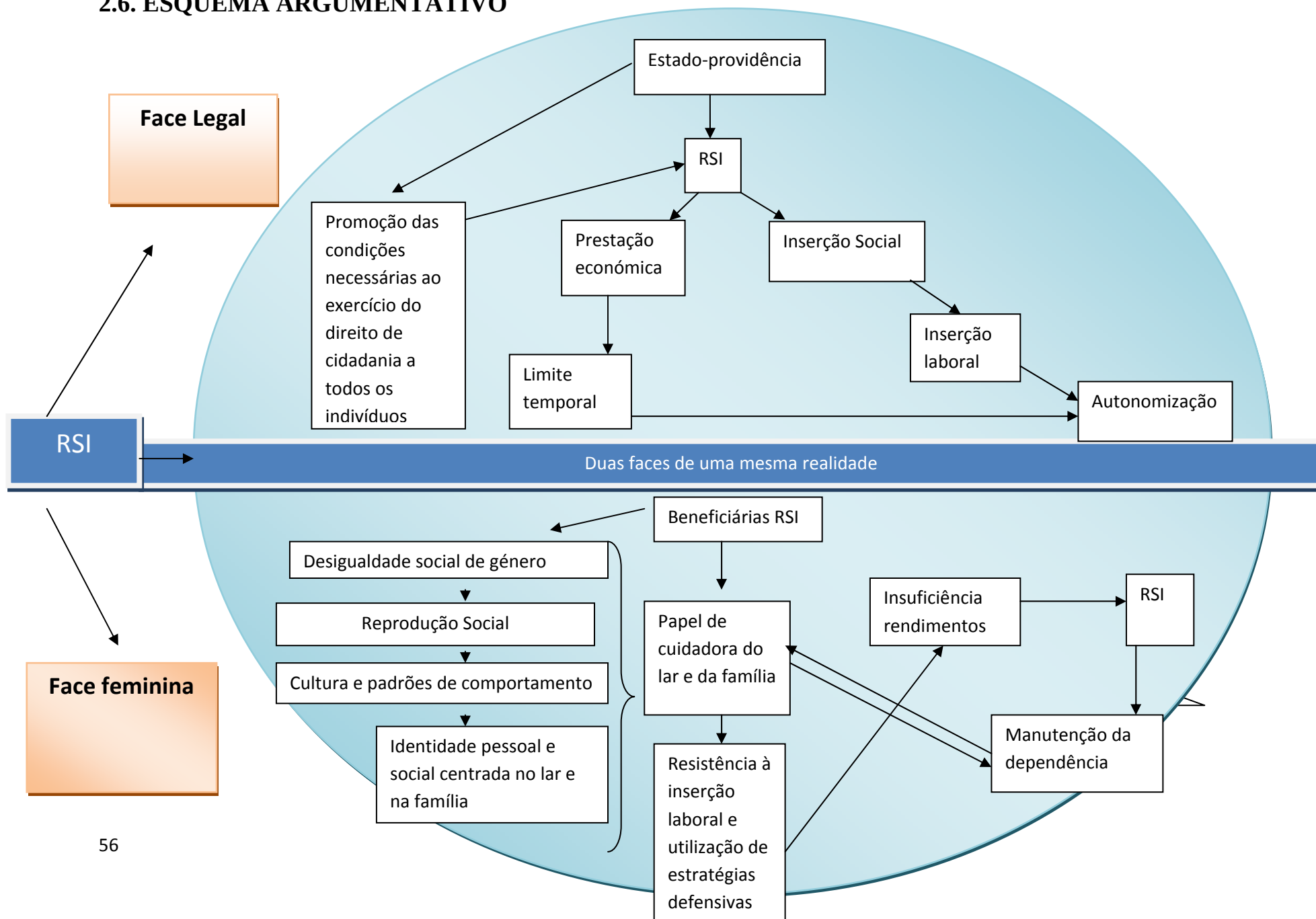
“Daqui a 10 anos se calhar vou continuar doméstica porque eu não tenho estudos e porque eu já estou acostumada com esta vida em que é o meu marido a trabalhar e eu oriento a casa e os meus filhos.” (E. 2)

“Como eu não tenho ninguém que faça a comida para o meu marido e que vá buscar os meus filhos, o mais certo é eu ser doméstica.” (E. 10)

“Ter um trabalho... não sei em quê... mas quero ter um trabalho.” (E. 5)

“Depende, nunca se sabe se eu ainda vou trabalhar... (choro) Não sei.” (E. 3)

2.6. ESQUEMA ARGUMENTATIVO



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente ponto tem por objectivo apresentar as ideias conclusivas a que se chegou com a realização desta dissertação.

A primeira conclusão deste estudo é a de que a implementação do RSI veio gerar maior eficácia e estruturação ao sistema de protecção social português e, conseqüentemente, à actuação do Serviço Social, no que toca ao combate às situações de pobreza e exclusão social, tendo proporcionado às franjas mais vulneráveis da população maiores oportunidades de inclusão social e efectivação dos seus direitos de cidadania.

Com efeito, e através dos relatos das beneficiárias entrevistadas, percebeu-se que, no período anterior à implementação da medida, as situações que beneficiavam de apoios sociais eram muito reduzidas, o que tornava a actuação do serviço social em algo restrito, limitado e pouco eficaz, sendo a maioria dos problemas resolvidos com o recurso às redes familiares de suporte ou à mendicidade (que era uma prática muito frequente).

Este combate à pobreza e exclusão social proporcionado pelo RSI veio também a ser feito ao nível preventivo, uma vez que uma das grandes modificações de comportamento que se observou nos beneficiários ao fim de 12 anos de medida, reside no facto destes garantirem a prestação de cuidados ao nível da saúde primária, mas também a continuidade nos estudos dos filhos, não existindo, como outrora, motivos de ordem financeira que justifiquem o abandono escolar. Se tivermos em conta uma análise das escolaridades das beneficiárias da prestação, verifica-se que as gerações mais novas estão a conseguir permanecer mais anos na escola do que fizeram os seus progenitores. É de relevar que nesta questão tem também contribuído o papel de outras instituições como é o caso das CPCJ.

Uma outra vertente relacionada com a eficácia da medida tem a ver com o impacto ao nível do consumo nas famílias beneficiárias, as quais, devido à prestação, conseguiram eliminar dificuldades como sejam as necessidades básicas como a alimentação, acesso a cuidados de saúde, gastos escolares e manutenção de uma gestão familiar equilibrada.

A segunda ideia conclusiva desta dissertação prende-se com o facto de que, não obstante os aspectos positivos de combate à pobreza e exclusão social acima mencionados, a medida do RSI acabou, também, por produzir efeitos perversos, sobretudo no que toca à manutenção de determinados padrões identitários e culturais que produzem efeitos ao nível da manutenção da dependência.

Com efeito, e focando em particular a situação das beneficiárias do concelho da Lagoa, denota-se a existência de um factor cultural e identitário muito enraizado e reproduzido socialmente que define o lugar da mulher na família como restrito à esfera privada na prestação de cuidados à casa, aos filhos e aos familiares.

Assim, e contrariamente àquilo que é definido na lei, que preconiza que a prestação deve ser um apoio temporário e que deve ser produzida a autonomização por via da inserção no mercado de trabalho, a medida acaba por reforçar este padrão cultural e identitário, entendendo as beneficiárias que o requerimento da prestação é uma alternativa ao ingresso no mercado de trabalho na colmatação das dificuldades financeiras advenientes, principalmente, da insuficiência de rendimentos, os quais provêm exclusivamente do salário dos elementos masculinos do agregado.

Assim, perversamente, o RSI acaba por ser percepcionado pelas beneficiárias e suas famílias como uma espécie de “ordenado vitalício” pelo desempenho das funções maternas e domésticas na família. É de salientar que o acto do matrimónio e o nascimento dos filhos são entendidos como aspectos legitimadores do direito ao recebimento e manutenção da prestação, e também como verdadeiros impedimentos ao ingresso no mercado de trabalho, sendo estes utilizados, frequentemente, como estratégias defensivas de sobrevivência das famílias e/ou beneficiários da medida (por exemplo a ocorrência de novas gravidezes aquando da cessação dos impedimentos para ingresso no mercado de trabalho). Neste contexto, percebe-se claramente que as acções acordadas nos Acordos de Inserção não são entendidas como algo essencial para garantir a inserção social e laboral das beneficiárias, mas antes como algo que deve ser cumprido para manter o benefício da prestação e não para proporcionar a sua autonomização como mulher, cidadã, pessoa de direitos e deveres.

Nesta sequência, surge-nos a terceira grande conclusão deste estudo que se refere às reais percepções das beneficiárias face à inserção no mercado de trabalho. De facto, e apesar de, nas entrevistas, a maioria das beneficiárias ter tecido considerações relativamente ao trabalho que o vislumbram como algo positivo, a que dão valor e que desejam, o que ocorre, na realidade, é que estas o entendem como algo cujo desempenho deve estar associado ao género masculino ou às mulheres que ainda não constituíram família. Com efeito, a maioria das beneficiárias associa sentimentos positivos à perda ou à falta de emprego, na medida em que este não é encarado como algo que contribua para a sua realização pessoal, profissional e social. Toda a sua realização centra-se nos aspectos familiares, sendo, para estas mulheres, identitariamente e socialmente mais prestigiante o desempenho exclusivo das funções

maternais, do que a sua conciliação com uma actividade profissional. Esta situação é tanto mais visível com o aumento das faixas etárias.

Em suma, a presente dissertação veio revelar e reforçar que apesar do quadro legal que suporta o RSI se encontrar bem estruturado no sentido da prevenção da manutenção da dependência, na realidade efectiva da aplicação prática da medida, tal não tem acontecido, sobretudo no que toca às mulheres, originando a existência de duas faces antagónicas numa mesma realidade: a face legal e a face feminina.

Deste modo, deixa-se aqui algumas sugestões para a melhoria de uma medida que, apesar dos seus pontos fracos, tem conseguido atingir os seus principais objectivos de atenuação das questões da pobreza e da exclusão social. Começamos por sugerir que a legislação deverá ser reforçada no que toca aos deveres e responsabilidades dos seus beneficiários. Importa não apenas enaltecer os direitos provenientes da medida, mas responsabilizar os beneficiários no cumprimento das suas obrigações, através de acções simultâneas de controlo e fiscalização da medida, na verdadeira aceção deste conceito e de acções de autonomização e inserção no mercado de trabalho.

Considera-se ainda que o quadro legal sairia reforçado se proporcionasse maior responsabilização e liberdade aos técnicos de acompanhamento na avaliação das situações de renovação da medida, conferindo uma temporalidade às famílias com possibilidades de inserção via laboral para o fazerem. Desta forma contrariar-se-ia o que ocorre actualmente de renovação sucessiva por vários anos da prestação sem que se produza verdadeira inserção profissional e social.

Importaria ainda a criação de maiores e melhores respostas comunitárias de ocupação e formação para mulheres desempregadas, de modo a que se tornasse possível a efectivação de uma espécie de “trabalho comunitário” como contrapartida ao recebimento da prestação.

É de salientar a relevância para o serviço social da realização pesquisas como a que deu corpo a esta dissertação, uma vez que estas são um contributo fundamental, não só para a produção de conhecimentos, mas também para um exercício profissional qualificado e ainda para garantir a participação dos assistentes sociais na concepção e ajustamento de medidas de política social.

BIBLIOGRAFIA

Aboim, Sofia e Karin Wall, (2002) “Tipos de família em Portugal: interações, valores e contextos”, *Análise Social*, XXXVII (163) Lisboa, pp. 475-506.

Amâncio, Lúcia (1998), *Masculino e Feminino – a construção social da diferença* (2ª Edição), Porto, Edições Afrontamento.

Albarelo, Luc, *et al.* (1997) *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva.

Albert, Eric, *et al.* (2004), *Trabalhar para quê?*, Lisboa, Bertrand .

Almeida, Ana Nunes de (1985), “Trabalho Feminino e estratégias familiares”, *Análise Social*, XXI (85), pp. 7-44.

Almeida, Ana Nunes de (2003), “Família, conjugalidade e procriação: valores e papéis”, em VALA, Jorge (org.), *Valores Sociais: mudanças e contrastes em Portugal e na Europa*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, pp. 47-93.

ALMEIDA, Ana Nunes de, Maria das Dores Guerreiro, Cristina Lobo, Anália Torres, Karin WALL, (1998), “Relações familiares: mudança e diversidade”, em VIEGAS, José Manuel Leite e António Firmino da Costa (orgs.), *Portugal, que Modernidade?*, Lisboa, Celta, pp. 45-78.

Almeida, João Ferreira de (1993), “Integração social e exclusão social: algumas questões”, *Análise Social*, XXVIII (123-124), 829-834.

Almeida, João Ferreira de (coord.)(1994), *Introdução à Sociologia*, Lisboa, Universidade Aberta.

Arendt, Hannah (1999), *A condição Humana*, Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária.

Bardin, Larence (1977), *Análise de conteúdo*, Lisboa, Edições 70.

Benavente, Ana (coord.) (1996), *A literacia em Portugal: resultados de uma pesquisa extensiva e monográfica*, Lisboa, Gulbenkian.

Blaikie, Norman (2000), *Designing Social Research*, Cambridge, Polity Press.

- Bertaux, Daniel (1978), *Destinos pessoais e estruturas de classe*, Lousã, Moraes Editores.
- Branco, Rui e Cristina Gonçalves (2001) “Exclusão Social e pobreza(s) em Portugal: uma primeira abordagem aos dados do painel dos agregados familiares na União Europeia (1994-1997)”, *Conferência Internacional – O modelo latino de Protecção Social*, ISEG.
- Capucha, Luís (1998 a), “ Pobreza, exclusão social e marginalidades”, Viegas, José Manuel e António Firmino da Costa, (orgs.) *Portugal, que modernidade?*, Lisboa, Celta, pp. 209-244.
- Capucha, Luís (coord.) (1998 b), *Rendimento Mínimo garantido: avaliação da fase experimental*, Lisboa, DEPP (MTS).
- Carmo, Hermano e Manuela Malheiro Ferreira (2008), *Metodologia da Investigação: Guia para Auto-aprendizagem* (2ª Edição), Lisboa, Universidade Aberta.
- Castel, Robert (1998), *As metamorfoses da questão social – uma crónica do salário*, Petrópolis, Editora Vozes.
- Centeno, Luís, *et al*, (2001) *Percursos Profissionais de Exclusão Social*, Lisboa, Observatório do Emprego e Formação Profissional.
- Costa, Alfredo Bruto da, (2002), *Exclusões Sociais*, Lisboa, Gradiva.
- Costa, Alfredo Bruto da, *et al* (1985) *A pobreza em Portugal*, Lisboa, Cáritas.
- Costa, António Firmino da (1999), *Sociedade de Bairro: Dinâmicas Sociais da Identidade Cultural*, Oeiras Celta.
- DGEEP – Direcção Geral de Estudos Estatísticas e Planeamento (2006), *Os Jovens e o Mercado de Trabalho*, Lisboa Ministério do Trabalho.
- Diogo, Fernando (2007a), *Pobreza, trabalho e identidade*, Oeiras, Celta Editora.
- Diogo, Fernando (2007b), “Determinantes do trabalho feminino: princípios e dados sobre os Açores, consultado em <http://www.uac.pt/~fdiogo> em 12/11/2008.
- Diogo, Fernando (2003), *Trabalho, e RMG: tensão identitária e (re)produção das identidades sociais*, Ponta Delgada, Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade dos Açores.

Diogo, Fernando (2006), “Singularidades do trabalho Feminino nos Açores: do macro ao microsocial”, Comunicação ao VI Encontro de Sociologia dos Açores, Ponta Delgada 27 e 28 de Novembro de 2006, Policopiado.

Dubar, Claude (1997), *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*, Porto, Porto Editora.

Dubet, Francois e Antoine Véréout (2001), “Une «reduction» de la rationalité de l’acteur. Pourquoi sortir du RMI?” *Revue Française de Sociologie*, 42 (3), Jul/Set, pp 407/436.

Fitoussi, Jean-Paul e Pierre Rosanvallon, (1997) *A nova era das desigualdades*, Lisboa Celta.

Flick, Uwe (2005), *Métodos qualitativos na investigação científica*, Lisboa, Monitor.

Fortin, Marie-Fabienne (2003), *O processo de investigação: da concepção à realização* (3ª Edição), Loures, Lusociência.

Gauthier, Benoît (org.) (2003), *Investigação Social: da problemática à colheita de dados*, Loures, Lusociência.

Giddens, Anthony, (2008), *Sociologia* (6ª edição), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

Gough, Ian, (2001) “Do Welfare ao Workfare: integração social ou trabalho compulsivo” em Instituto para o Desenvolvimento Social, *Políticas e instrumentos de combate à pobreza na União Europeia: a garantia de um rendimento mínimo*, Lisboa, IDS, pp. 51/63.

Guerra, Isabel (1999), “ A Nova Acção Social: Certezas e Perplexidades”, *Acção Social em Debate*, Lisboa, DGAS, NDTD, p. 45-64.

Guerra, Isabel Carvalho (2008), *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo – Sentidos e formas de uso*, Cascais, Príncípa.

Instituto António Houaiss de Lexicografia de Portugal (2005), *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Lisboa, Temas e Debates.

Laville, Jean Louis (2001), “Inserção e workfare na Europa: perspectiva histórica e ideológica – reflexões a partir do exemplo francês” em Instituto para o Desenvolvimento Social, *Políticas e instrumentos de combate à pobreza na União Europeia: a garantia de um rendimento mínimo*, Lisboa, IDS, pp. 141/165.

Lei 19-A/96 de 29 de Julho

Lei 13/2003 de 21 de Maio

Maia, Rui Leandro (coord.) (2002), *Dicionário de Sociologia*, Porto, Porto Editora.

Martins, Alcina, “Serviço Social e Investigação” (1999), em Negreiros, M. Augusta *et al.*, *Serviço Social, Profissão & Identidade: Que trajectória?* Lisboa, Veras Editora.

Medina, Henrique (1996), *As Políticas Sociais em Portugal*, Lisboa, Gradiva.

Ministério da Segurança Social e do Trabalho (2002), *Avaliação de Impactes do RMG*, Lisboa, Instituto para o Desenvolvimento Social, vols. 1 e 5.

Mishra, Ramesh (1995), *O Estado Providência na Sociedade Capitalista*, Oeiras, Celta.

Moller, Iver Hornemann, HESPANHA, Pedro, (2002) “Padrões de exclusão e estratégias pessoais”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 64, Dezembro, pp. 55-79.

Mozzicafreddo, Juan (1997), *Estado Providência e Cidadania em Portugal*, Oeiras, Celta.

Parsons, Talcott (1956), “The american family” em Parsons T. e R. F. Bales (orgs), *Family, Socialization and the interaction process*, Londres, Routledge.

Paugam, Serge (2003), *A desqualificação social: ensaio sobre a nova pobreza*, editora Cortez.

Poeschl, Gabrielle (2000), “Trabalho doméstico e poder familiar: práticas, normas e ideias”, *Análise Social*, XXXV (1569, Lisboa, pp.695-719.

Pontes, Inésia (2006), *As trajectórias sociais dos lavradores micalenses*, Ponta Delgada, Trabalho final do Seminário do curso de Sociologia (polifotocopiado).

Rosanvallon, Pierre (1984), *A Crise do Estado Providência*, Lisboa, Editorial Inquérito.

Rubin, Allen, BABBIE, Earl (2008), *Research Methods for Social Work* (6th Edition), International Student Edition, USA, Thompson Books.

Sampieri, Roberto Hernández *et al* (2006), *Metodologia de Pesquisa* (3^a Edição), São Paulo, McGrawHill.

Saraceno, Chiara (1997), *Sociologia da Família*, Lisboa, Editorial Estampa.

Silva, Pedro Adão e (1998), “O rendimento mínimo garantido e a nova questão social”, *Sociedade e Trabalho* (3), pp. 39-49.

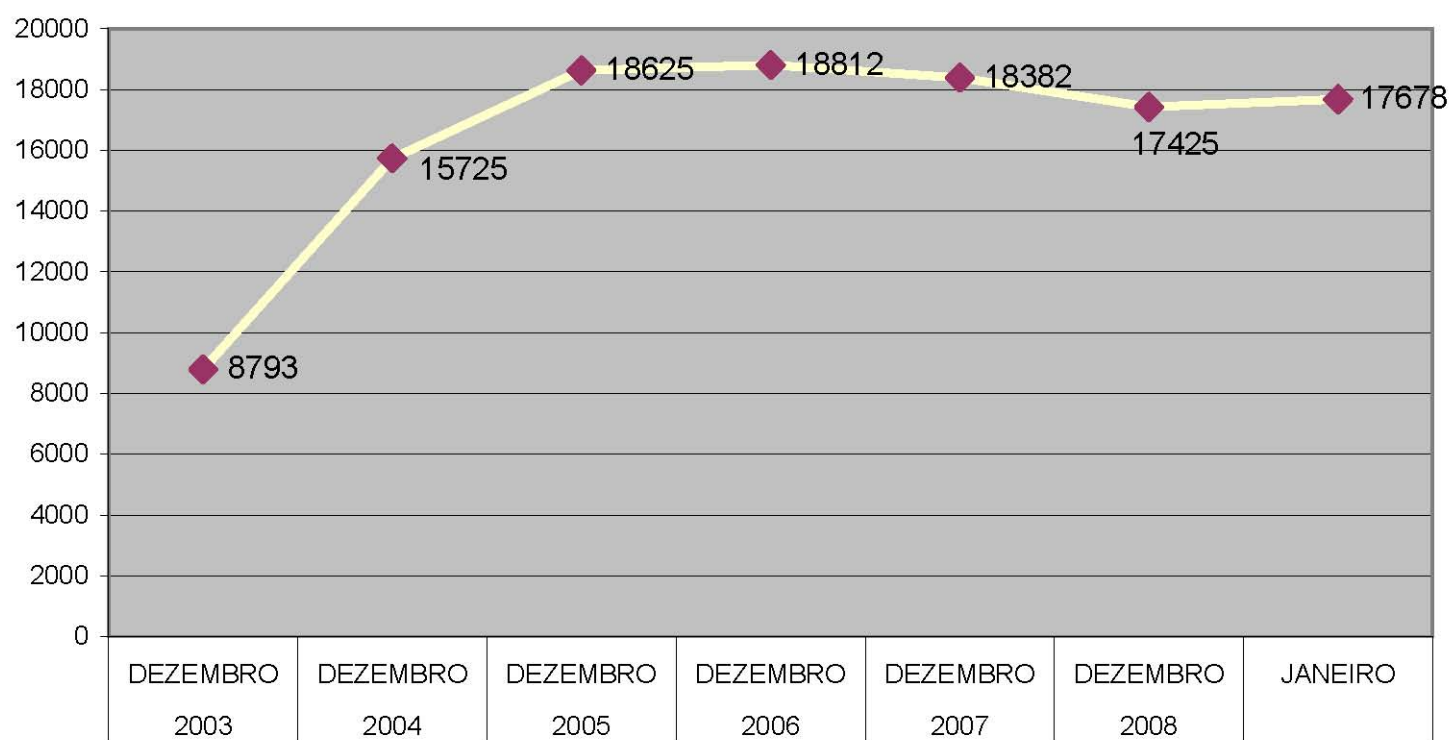
Torres, Anália, (2002) “Casamento: conversa a duas vozes e três andamentos”, *Análise Social*, XXXVII (163), Lisboa, pp.569-602.

Viegas, José Manuel Leite (1998), “ Elites e cultura política – liberalização económica e políticas sociais no contexto da integração comunitária” em Viegas, José Manuel Leite e António Firmino da Costa, (orgs.) (1998) *Portugal, que modernidade?*, Lisboa Celta.

Anexo I

Evolução do número de beneficiários de
RSI na RAA 2003-2009

Evolução dos Beneficiários nos Açores



Fonte: Estatísticas do IAS – Relatório mensal de Janeiro de 2009

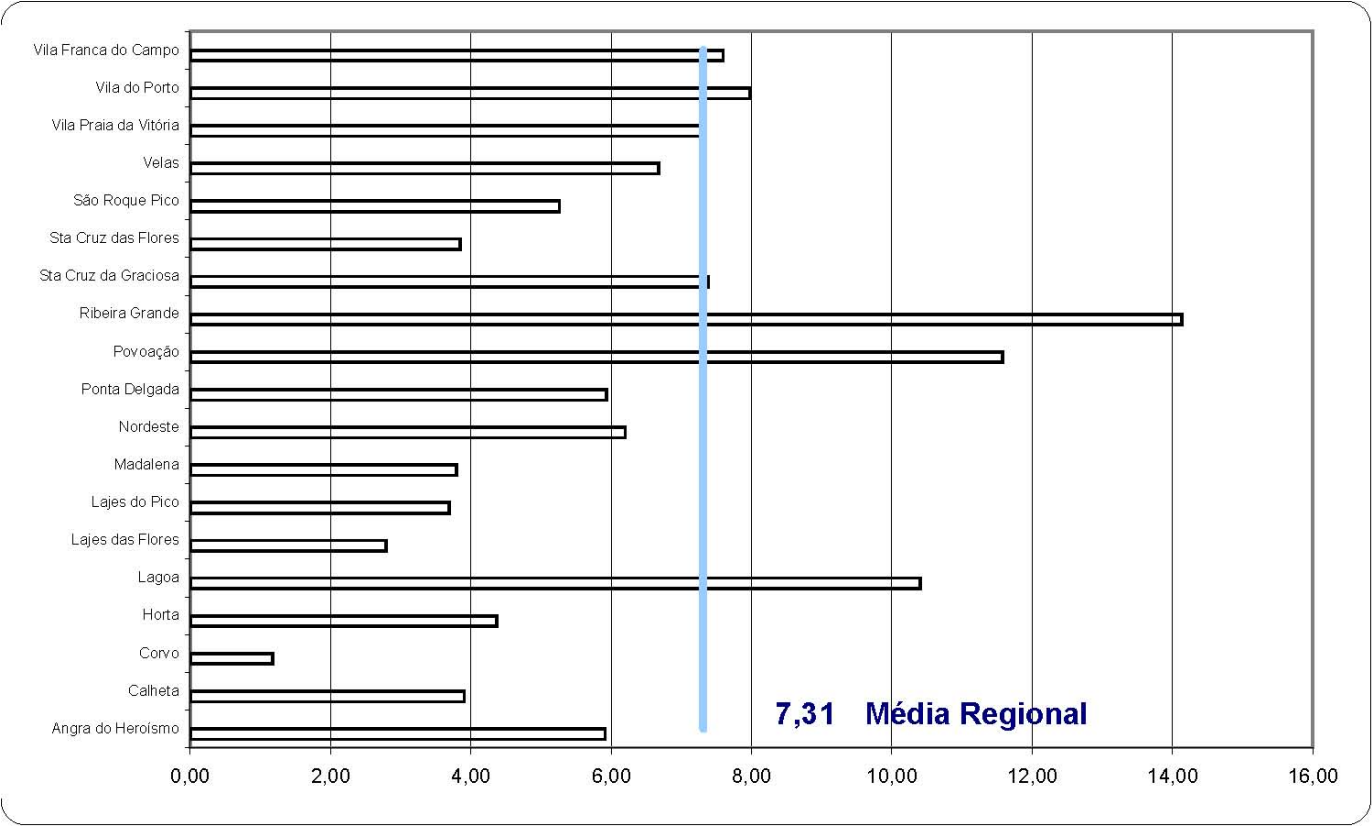
Anexo II

Distribuição dos beneficiários de RSI
face à população residente (%)

Distribuição dos beneficiários de RSI face à população residente (%)

Concelhos	N.º de Beneficiários	%	% face à População Residente (2001)
Angra do Heroísmo	2105	11,91	5,92
Calheta	159	0,90	3,91
Corvo	5	0,03	1,18
Horta	658	3,72	4,37
Lagoa	1470	8,32	10,41
Lajes das Flores	42	0,24	2,80
Lajes do Pico	186	1,05	3,69
Madalena	233	1,32	3,80
Nordeste	328	1,86	6,20
Ponta Delgada	3906	22,10	5,93
Povoação	779	4,41	11,58
Ribeira Grande	4023	22,76	14,13
Sta Cruz da Graciosa	353	2,00	7,38
Sta Cruz das Flores	96	0,54	3,85
São Roque Pico	191	1,08	5,26
Velas	374	2,12	6,67
Vila Praia da Vitória	1478	8,36	7,30
Vila do Porto	445	2,52	7,98
Vila Franca do Campo	847	4,79	7,60
R.A.AÇORES	17678	100,00	7,31

Fonte: Estatísticas disponibilizadas pelo IAS - Relatório mensal de Janeiro de 2009



Anexo III

Evolução da Taxa de Actividade Feminina no Continente e Açores (2000/2007)

**Evolução da Taxa de Actividade Feminina no Continente e Açores
(2000/2007)**

Ano	Taxa de actividade feminina no Continente	Taxa de Actividade Feminina nos Açores
2000	53,4	36,4
2001	54,3	39,9
2002	54,9	39,9
2003	55	41,5
2004	55,6	41,4
2005	56,2	42,4
2006	56,3	43,8
2007	56,6	44,7

Fonte: www.ine.pt (dados do 4º trimestre de cada ano)

Anexo IV

Guião de entrevista

Guião de entrevista

0. Apresentação e explicação da entrevista

I. Ela e o passado: trajectória de vida

Origem social e percepção da vida passada

- O que faziam os seus pais para ganhar a vida?
- Até que ano os seus pais estudaram?
- Como descreve a sua infância e adolescência?
- Existiam dificuldades económicas? Porquê?
- O que faziam para não passarem por tantas dificuldades? Recebiam algum tipo de apoio? Qual a proveniência deste?
- Razões para que motivaram o recebimento de um apoio estatal
- Como era a relação entre os elementos da família?
- Considerava-se uma pessoa/família pobre? Porquê? E actualmente?

1.1. Trajectória escolar

- Qual foi o ano escolar que atingiu?
- Deixou de frequentar a escola com que idade? Porquê?
- Na altura, gostava da escola (relação com a escola)?
- As pessoas com quem vivia ajudavam-na / encorajavam-na a ir à escola e a estudar?
O que faziam?
- Acha que a sua vida poderia ser diferente se tivesse continuado a estudar?

1.2. Trajectória pessoal e da família actual

- Com que idade casou? E porque casou.
- Quantos filhos teve?
- Que alterações na vida familiar veio trazer o nascimento dos seus filhos?
- O facto de ser mãe alterou o seu envolvimento na família?

- Casos de separação/divórcio: O que foi diferente na vida pessoal e familiar após o divórcio?

1.3. Trajectória profissional

- Já alguma vez trabalhou?
- Se nunca trabalhou, porque é que nunca trabalhou?
- Que empregos teve?
- Durante quanto tempo teve estes empregos?
- Porque saiu do(s) emprego(s)? O que sentiu?
- Foi importante para si ter trabalhado? Porquê?
- Para si, enquanto pessoa, considera que ter emprego é fundamental ou acha que há outras coisas mais importantes? Quais?

II. Ela e o Estado: O Rendimento Social de Inserção

2.1. Visão do RSI

- Para si, o que é o RSI?
- Quem acha que deve ter o RSI?
- No seu caso, acha que tinha direito ao RSI ou isso dependeu de quem decidiu ou da sua sorte?
- Na sua opinião, quanto tempo deve durar a prestação de RSI? Porquê?
- Sabe quais são os motivos pelos quais uma pessoa pode deixar de receber o RSI?

2.2. O Requerimento

- Porque resolveu requerer o RSI?
- Quais os problemas/dificuldades pelas quais passava?
- Antes de requerer o RSI já tinha solicitado outro apoio do Serviço de Acção Social? Teve apoio, qual? Durante quanto tempo?
- O que mudou na sua vida depois de receber a prestação?

- Actualmente está a receber o RSI? Tendo em conta a sua situação actual, considera que necessita do RSI? Porquê?
- Em geral quais são as principais vantagens e desvantagens do RSI?

2.3. O Acordo de Inserção

- Já alguma vez os serviços pediram a si ou a alguém da sua família para fazer alguma coisa para continuar a receber o dinheiro do RSI? O quê? O que pensa sobre isso?
- Sabe o que é o acordo de inserção?
- Qual é o seu acordo de inserção? O que acha do acordo?
- Efectuou sugestões para o seu acordo?
- O que pensa da existência do acordo de inserção?
- Conhece outras mulheres que tenha conseguido emprego com a ajuda do RSI ou dos técnicos do RSI?

III. Ela e a família: o género nas relações familiares

- Na sua família, quais são as funções que cabem ao homem e à mulher?
- Quem acha que tem mais poder na família: o homem ou a mulher? Porquê? Acha que poderia ou deveria ser diferente?
- Na sua família de origem as coisas já funcionavam assim?
- Conhece famílias cujas funções do homem e da mulher sejam diferentes das que apontou? O que acha sobre isso?
- Acha que a sua organização familiar tem interferência ou não no facto de necessitarem do RSI? Porquê?

IV. Ela e o trabalho

4.1. Visão relativamente ao trabalho

- O que significa para si ser feliz?
- E vencer na vida?
- O que é para si o trabalho?
- Para si, é importante na vida ter trabalho?
- O que é para si a família?
- O que coloca em primeiro lugar por ordem de importância? Porquê?
- Qual a importância que dá ao trabalho na sua felicidade?
- Para si, trabalhar serve principalmente para quê?
- Acha que as mulheres que trabalham sentem-se felizes por trabalhar?
- O que considera ser um bom emprego?
- Se fosse trabalhar, qual o emprego que gostaria de ter? Porquê?

4.2. Visão face ao trabalho feminino

- Quais são os seus afazeres diários?
- Acha que as mulheres que trabalham fora de casa conseguem desempenhar da mesma forma as funções domésticas? Porquê? E se estivesse a trabalhar fora de casa?
- Acha que uma mulher que trabalha fora de casa consegue ser uma boa mãe?
- Alguma mulher na sua família (ou vizinhança) trabalha fora de casa? O que faz e o que pensa sobre o trabalho dela?
- No seu caso, acha que poderia trabalhar fora de casa? Porquê? (e se sim em quê?)
- O que faria se a sua Assistente Social lhe ligasse amanhã a dizer que lhe arranjou um emprego?
- Se não tivesse recebido o RSI como acha que seria a sua vida agora? (o que seria igual e o que seria diferente)

V. PERSPECTIVAS DE FUTURO

- Durante quanto tempo acha que vai precisar (ou que ainda precisava) do RSI?
- O que acha que está a fazer agora para melhorar a sua vida futura e a dos seus familiares?
- Acha que a sua vida vai ser melhor no futuro? O que pensa fazer no futuro? Quais os seus maiores sonhos que gostaria de ver realizados?
- Daqui a 10 anos que actividade profissional acha que é mais provável estar a fazer? Porquê?

Anexo V

Transcrição das entrevistas

Entrevista 1
Guião de entrevista

0. Apresentação e explicação da entrevista

I. Ela e o passado: trajectória de vida

Origem social e percepção da vida passada

• **O que faziam os seus pais para ganhar a vida?**

A minha mãe era doméstica e o meu pai era pedreiro, era mestre de obras. Teve 8 filhos mas era um homem muito lutador.

• **Até que ano os seus pais estudaram?**

A minha mãe penso que na altura tirou a 2ª classe, mas o meu pai fez a 1ª, a 2ª e a 3ª classe e depois ainda foi tirar a 4ª classe já com cinquenta e tal anos. Eu já tinha nascido e recordo-me disso, tenho ali o diploma dele guardado e tudo.

• **Como descreve a sua infância e adolescência?**

A minha infância e adolescência foi muito boa, nunca me faltou nada, foi muito feliz. Os meus irmãos mais velhos já estavam todos casados, eu fui praticamente a filha única. Tinha mais dois rapazes, mas depois eles saíram. Os meus pais já tinham a sua idade quando eu nasci.

• **Existiam dificuldades económicas? Porquê?**

É assim... o meu pai nunca teve grandes dinheiros, mas era um homem que sabia organizar bem o seu dia-a-dia e tinha muita força de vontade. Ele dizia que o querer era poder. Não se podia comer bifes todos os dias, como ainda hoje eu não faço isso! Íamos comendo e vivendo.

• **O que faziam para não passarem por tantas dificuldades? Recebiam algum tipo de apoio? Qual a proveniência deste?**

Como eu já lhe disse, não posso dizer que tivéssemos passado por grandes dificuldades porque eu fui a mais nova de 8 filhos e o meu pai era uma pessoa muito esforçada. Nunca me faltou nada. Nunca tivemos apoio dos serviços.

• **Como era a relação entre os elementos da família?**

Era muito boa. Todos sempre nos demos bem.

• **Considerava-se uma pessoa/família pobre? Porquê? E hoje em dia?**

Éramos uma família remediada e ainda somos.

• **Razões para que motivaram o recebimento de um apoio estatal**

1.1. Trajectória escolar

• **Qual foi o ano escolar que atingiu?**

Ceguei a estar no princípio do 8º ano em Ponta Delgada. Depois abriu o ciclo aqui na Lagoa. Até tinha boas notas.

• **Deixou de frequentar a escola com que idade? Porquê?**

Tinha 14 ou 15 anos. Na altura o meu namorado, que é agora o meu marido era camponês e achava que eu tinha de sair. Nesta altura foi um pouco difícil porque os meus pais achavam que eu devia continuar, mas quem dois gostos quer ter, um deles tem de perder...e foi assim...

• **Na altura, gostava da escola (relação com a escola)?**

Gostava, eu nunca perdi e tinha sempre boas notas.

• **As pessoas com quem vivia ajudavam-na / encorajavam-na a ir à escola e a estudar? O que faziam?**

Sim, eles queriam que agente fosse. O meu pai todos os dias levantava-se e fazia-me sumo de laranja antes de eu ir para a escola porque ele já estava na reforma. Eu já convivi com ele não novo.

• **Acha que a sua vida poderia ser diferente se tivesse continuado a estudar?**

Sim. Podia ser diferente no sentido de eu ter o meu emprego e fazer aquilo que eu gostava na altura. É claro que com mais um ordenado era tudo diferente.

1.2. Trajectória familiar

- **Com que idade casou? E porque casou.**

Tinha 19 anos. Porque foi a minha escolha. O meu marido saiu da tropa, foi para a Bermuda um ano e depois veio cá casar. Casei por gostar dele e também para ter a minha vida, porque não ia viver com os meus pais o resto da vida. Depois fui para a Bermuda com ele que foi a melhor coisa da minha vida.

- **Quantos filhos teve?**

Tenho 5 filhos. Os três mais velhos nasceram na Bermuda e os meus gémeos cá.

- **Que alterações na vida familiar veio trazer o nascimento dos seus filhos?**

Foi uma alegria enorme. Os três primeiros foram planeados, os gémeos já vieram por “acidente”, a princípio chorei muito, mas depois foi dois, foi uma alegria e foi com muito amor e carinho. Nunca me arrependi de ter tido os meus filhos. O que mudou foi que lá na Bermuda o meu marido trabalhava muito, tinha 3 empregos porque nunca quis que eu trabalhasse e que desse os meus filhos a criar. Também foi muito trabalho, mas hoje até tenho saudades de ver as fotos deles todos pequeninos.

- **O facto de ser mãe alterou o seu envolvimento na família?**

Eu sempre fui muito responsável pela família, por isso acho que neste ponto não alterou muito. Continuei a fazer a minha vida.

- **Casos de separação/divórcio: O que foi diferente na vida pessoal e familiar após o divórcio?**

1.3. Trajectória profissional

- **Já alguma vez trabalhou?**

Trabalhar assim fora não. Vou ali limpar a casa do meu irmão que está emigrado e trabalho muito em casa, depois cuidei da minha mãe 10 anos porque esteve acamada...

- **Se nunca trabalhou, porque é que nunca trabalhou?**

Porque enquanto estive lá fora o meu marido queria que fosse eu a criar os meus filhos e que não os desse a criar, depois vim para cá tive os meus gémeos. A minha mãe estava já meia doente e eu não tinha a coragem de a deixar porque ela não tinha mais ninguém senão eu porque os meus irmãos estão todos embarcados. Cá era a única. Depois ela foi piorando...olhe, foram 10 anos. A minha mãe faleceu em 2001 mas depois os meus filhos cresceram e o trabalho quase que dobrou e a saúde também já não é o que era quando eu tinha 30 anos.

- **Que empregos teve?**

- **Durante quanto tempo teve estes empregos?**

- **Porque saiu do(s) emprego(s)? O que sentiu?**

- **Foi importante para si ter trabalhado? Porquê?**

- **Para si, enquanto pessoa, considera que ter emprego é fundamental ou em vez do emprego acha que há outras coisas mais importantes? Quais?**

Eu acho que um emprego é muito importante porque a pessoa fica independente, ganha o seu próprio dinheiro. Mais importante que isso é o bem-estar da família, eu nunca tive ninguém com quem os deixar, eles iam comigo para todo o lado.

II. Ela e o Estado: o Rendimento Social de Inserção

2.1. Visão do RSI

- **Para si, o que é o RSI?**

É uma ajuda muito preciosa porque me tem ajudado muito. Tem-me servido de muito!

- **Quem acha que deve ter o RSI?**

Eu acho que há mães solteiras que vivem com homens e às vezes estes homens são o pai das crianças. Se ele é pai das crianças tem todo o dever de ajudar e às vezes elas não se casam para não deixarem de receber este dinheiro.

- **No seu caso, acha que tinha direito ao RSI ou isso dependeu de quem decidiu e da sua sorte?**

Eu acho que depende dos factos que eu apresentei que estavam correctos. Penso que foi por direito.

- **Na sua opinião, quanto tempo deve durar a prestação de RSI? Porquê?**

Deve ser consoante a necessidade de cada um. Eu recebo há mais ou menos 10 anos, mas infelizmente ainda não estou em posição de dizer que já não preciso.

- **Sabe quais são os motivos pelos quais uma pessoa pode deixar de receber o RSI?**

Eu já tive muitas formações e eles diziam isso. Acho que é quando a pessoa já está encaminhada e já não precisa, se por acaso tem outros rendimentos que não sejam ditos...é mais ou menos isso.

2.2. O Requerimento

- **Porque resolveu requerer o RSI?**

Porque os meus gémeos iam para a escola, eu tinha 5 filhos. O meu marido é camponês e de inverno quando chove não se trabalha. Tínhamos uma terrinha e tivemos de vender, que eu até tive muito desgosto porque era dos meus pais. Começamos a passar por dificuldades...não passámos fome mas era sopa. Com os meus gémeos passai a ter os cinco filhos na escola. O meu marido não está sentado à espera deste dinheiro, mas é uma ajuda preciosa.

- **Quais os problemas/dificuldades pelas quais passava?**

Era na comida e para os médicos.

- **Antes de requerer o RSI já tinha solicitado outro apoio do Serviço de Acção Social? Teve apoio, qual? Durante quanto tempo?**

Não tive nada. Cheguei a pedir o rendimento antes uma vez e fui cortada. Chorei muito, mas depois fui falar com a Dr.ª I. de depois então comecei a receber.

- **O que mudou na sua vida depois de receber a prestação?**

Mudou tudo. Eu tinha alcatifas nos quartos, mas sofro de bronquite e o médico mandou-me tirar. Estava há quase 2 anos com o chão em cimento e quando recebi isso, a primeira coisa que fiz foi meter os tijolos. Isso melhorou a minha maneira de viver.

- **Actualmente está a receber o RSI? Tendo em conta a sua situação actual, considera que necessita do RSI? Porquê?**

Sim necessito muito...é uma ajuda preciosa, sem isso a minha filha não conseguia estar estudando na universidade e tenho de pagar a renda dela em Lisboa. Os meus gémeos ainda estão na escola. A todo o tempo que eu ache que já não preciso também vou lá dizer que já me ajudou bastante e que ajudem agora outra pessoa com necessidade. Infelizmente ainda não tive a oportunidade de fazer isso.

- **Em geral quais são as principais vantagens e desvantagens do RSI?**

As vantagens é a ajuda que nos dá. Desvantagens é que nas formações às vezes vamos com outras pessoas que nos apontam o dedo...é a desvantagem. Eu não me meto na vida de ninguém, mas também não gosto que se ponham na minha.

2.3. O Acordo de Inserção

- **Já alguma vez os serviços pediram a si ou a alguém da sua família para fazer alguma coisa para continuar a receber o dinheiro do RSI? O quê? O que pensa sobre isso?**

Na altura ia para formações e também já me pediram para dar uma formação. Às vezes as assistentes sociais julgam mal porque dizem que se agente não for somos cortadas, mas eu cheguei a deixar a minha mãe acamada e acho que é preciso ver estas situações, porque acho que se consegue ver quando uma pessoa diz a verdade ou não. Os meus irmãos chegaram a parar uma mulher para tomar conta da minha mãe uma hora enquanto eu ia. Nisso acho que se agente pode ir vai, mas se é para ficar transtornada...é complicado.

- **Sabe o que é o acordo de inserção?**

É aquele acordo em que devemos partilhar com eles aquilo que nos mandam.

- **Qual é o seu acordo de inserção? O que acha do acordo?**

Agora não me lembro...mas acho que é as crianças têm de ir para a escola bem lavados e bem vestidos...mas isso não mexe comigo porque já faço isso naturalmente.

- **Efectuou sugestões para o seu acordo?**

Eu acho que sim...eu falo muito, mas não me lembro. Mas sei que nunca me senti obrigada a fazer estas coisas normais.

- **O que pensa da existência do acordo de inserção?**

Eu acho bem isso, não tenho nada a esconder.

- **Conhece outras mulheres que tenha conseguido emprego com a ajuda do RSI ou dos técnicos do RSI?**

Eu conheço uma senhora que deu o nome comigo no fundo de desemprego e ela está a trabalhar.

III. Ela e a família: o género nas relações familiares

- **Na sua família, quais são as funções que cabem ao homem e à mulher?**

As funções que me competem a mim é a casa e o pagamento das coisas e o meu marido é o trabalho. Ele dá-me aquilo que ganha e sou eu que pago as coisas.

- **Quem acha que tem mais poder na família: o homem ou a mulher? Porquê?**

Os dois. Porque estamos os dois para o mesmo. Não temos nada em separado, é tudo em comum.

- **Acha que poderia ou deveria ser diferente?**

Acho que deve ser assim. Mesmo se fosse diferente eu não deixava.

- **Na sua família de origem as coisas já funcionavam assim?**

Já eram os dois. Só que eu tenho uma maneira de falar que a minha mãe não tinha, ela era mais tímida, saía pouco e era o meu pai que ia buscar tudo para casa. Comigo, sou eu que vou buscar as coisas todas. Saí mais ao meu pai.

- **Conhece famílias cujas funções do homem e da mulher sejam diferentes das que apontou? O que acha sobre isso?**

Conheço. Acho bem porque se a mulher trabalha o homem também tem de ajudar. O dever é dos dois.

- **Acha que a sua organização familiar tem interferência ou não no facto de necessitarem do RSI? Porquê?**

Sim tem influência, porque se eu tivesse força e tivesse o meu ordenado já me ajudava e eu não precisava do rendimento.

IV. Ela e o trabalho

4.1. Visão relativamente ao trabalho

- **O que significa para si ser feliz?**

É conseguir tudo o que agente tem. É olhar para os meus filhos e ver que eles não se metem em drogas, não bebem, estão com saúde, estão bem na escola...é uma alegria. É também viver com a pessoa que agente gosta. Os meus filhos mais velhos vão-se casar e quero que eles sejam felizes. Se eles são felizes, eu sou feliz.

- **E vencer na vida?**

É quando temos de trabalhar muito para conseguir alguma coisa. Tivemos na Bermuda, fizemos muitos sacrifícios mas valeu a pena porque temos uma casa e se tivesse ficado aqui eu não a tinha.

- **O que é para si o trabalho?**

É tarefas que temos de desenvolver ao longo do dia.

- **Para si, é importante na vida ter trabalho?**

Acho 100% importante.

- **O que é para si a família?**

É isso... desenvolver relações uns com os outros, as diversões, as alegrias, as tristezas, os sentimentos. É esta empatia que existe entre agente. É a união.

- **O que coloca em primeiro lugar por ordem de importância? Porquê?**

Já fizeram essa pergunta à minha filha e eu não concordo com a resposta dela porque para mim é a família. Hoje em dia os patrões dizem que primeiro é o trabalho, mas eu não acho isso correcto porque o trabalho vai-se e a família fica. E se agente se dedicar 100% ao trabalho, o que vai ser da família?

- **Qual a importância que dá ao trabalho na sua felicidade?**

Sem trabalho não há nada.

- **Para si, trabalhar serve principalmente para quê?**

Para tudo. Se eu quero a casa limpa é com trabalho, se eu quero pôr a mesa é com trabalho...serve para tudo.

- **Acha que as mulheres que trabalham sentem-se felizes por trabalhar?**

Eu vejo pela minha filha...ela sente-se feliz porque recebe dinheiro mas também se recente porque não está em casa e agora que vai casar acho que isso vai complicar muito. A minha filha o outro dia chegou às 9 horas e pediu-me para lavar o camiseiro do trabalho, ela já vem aborrecida, e quando casar como é que vai ser? É muito complicado. Ela já me encarregou que quando tiver filhos eles vêm para aqui. Desde que eu tenha saúde não me importa, mas eu gosto de crianças. Eu não acho bem é aquelas pessoas que trabalham e criticam por eu ser doméstica porque eu também trabalho muito. Lá está, chega ao Verão elas têm o seu mês de férias e vão para a praia. Eu estou aqui sempre a trabalhar, não tenho férias, descansos, nada!

- **O que considera ser um bom emprego?**

Um trabalho que a pessoa faz com gosto. Acho que é muito importante a pessoa gostar daquilo que faz.

- **Se fosse trabalhar, qual o emprego que gostaria de ter? Porquê?**

Gostava de tomar conta de crianças porque acho que só a alegria das crianças e o sorriso delas dá-nos vida. Até nos sentimos mais novos. Lavar casas é que não porque eu já estou cansada e não tenho forças. Já tenho a minha casa para limpar que é muito grande.

4.2. O trabalho feminino

- **Quais são os seus afazeres diários?**

Tratar dos animais, lavar roupa, fazer as camas, a comida, limpar a casa...é tudo. Depois se eu tenho um bocadinho para mim faço renda.

- **Acha que as mulheres que trabalham fora de casa conseguem desempenhar da mesma forma que você as tarefas domésticas? Porquê? E se estivesse a trabalhar fora de casa?**

Acho que não. Só se fosse a super mulher. Elas podem se esforçar muito mas o trabalho é dobrado. Enquanto eu faço durante o dia elas têm de fazer à noite e o ser humano também se cansa. É muito mais difícil.

- **Acha que uma mulher que trabalha fora de casa consegue ser uma boa mãe?**

Eu acho que sim porque a pessoa que trabalha também tem amor aos filhos. Embora não tenha as horas que eu tenho com os meus, mas de certeza que vai compensar quando estiver em casa.

- **Alguma mulher na sua família (ou vizinhança) trabalha fora de casa? O que faz e o que pensa sobre o trabalho dela?**

A minha filha e a minha nora. A minha filha trabalha no escritório do Sol Mar e a minha nora na perfumaria Maviripa. Acho que a minha faz um trabalho com muita responsabilidade, mas ela gosta e a minha nora igual.

- **No seu caso, acha que poderia trabalhar fora de casa? Porquê? (e se sim em quê?)**

Neste momento acho que não porque ainda me acho um bocado presa. Para sair já seria complicado porque eu já tenho problemas de saúde. Agora se for para ficar com os filhos dos meus filhos aí é diferente porque eles vêm cá deixá-los e eu continuo no meu cantinho. Na minha mente, eu ainda levantava o mundo...mas o meu corpo já não deixa. Já tenho 47 anos e isso já pesa.

- **O que faria se a sua Assistente Social lhe ligasse amanhã a dizer que lhe arranjou um emprego?**

Eu respondia que se fosse com crianças, assim, uma coisa tranquila eu ia, agora se fosse para lavar casas eu dizia-lhe que “pelo amor de Deus!”. Para que é que eu ia fazer um serviço que já sei que vou fazer o primeiro dia com a minha vontade toda e depois vou forçar e ficar sem me mexer?

- **Se não tivesse recebido o RSI como acha que seria a sua vida agora? (o que seria igual e o que seria diferente)**

Seria tudo diferente. Da maneira como as coisas estão caras não sei como seria... e também com os estudos da minha filha...não sei.

V. PERSPECTIVAS DE FUTURO

- **Durante quanto tempo acha que vai precisar (ou que ainda precisava) do RSI?**

Principalmente enquanto a minha filha ainda estiver na Universidade. Quando ela acabar o seu curso já vai para a sua vida. Neste entretanto, não sei o que é que se vai passar com os meus gémeos...não sei se vão para a universidade ou se vão trabalhar. Quando

eu estiver sozinha com o meu marido em casa eu já não preciso. É muito difícil ter uma filha lá fora. A bolsa dá para pagar a renda, mas depois tem a comida, as fotocópias...

- **O que acha que está a fazer agora para melhorar a sua vida futura e a dos seus familiares?**

Dou apoio para eles irem sempre em frente.

- **Acha que a sua vida vai ser melhor no futuro?**

Espero que seja cada vez melhor.

- **Quais os seus maiores sonhos que gostaria de ver realizados?**

Ver a minha filha com o seu curso. Ver os meus filhos com a sua vida organizada.

- **Daqui a 10 anos que actividade profissional acha que é mais provável estar a fazer? Porquê?**

É continuar a ser doméstica. Os nossos reflexos e capacidades vão ficar mais lentos com a idade.

Entrevista 2

0. Apresentação e explicação da entrevista

V. Ela e o passado: trajectória de vida

Origem social e percepção da vida passada

- **O que faziam os seus pais para ganhar a vida?**

O meu pai era pescador e a minha mãe teve 10 filhos e ficava em casa a cuidar dos pequenos. O meu pai bebia a sua pinga, mas era um homem trabalhador.

- **Até que ano os seus pais estudaram?**

O meu pai não sabe ler e a minha mãe também não. Eu também não sei ler.

- **Como descreve a sua infância e adolescência?**

Eu fui uma criança feliz, mas nós passávamos por muitas necessidades. O meu pai bebia mas não chateava, ele chegava a casa e ia-se deitar. Eu brincava e depois a uma certa hora tinha de estar em casa, o meu pai quando chegava a casa queria ver todos na caminha, não gostava de ver agente por aí. De Verão até nos deitávamos de dia. Às vezes, depois dele chegar, eu guindava a janela para ir para o pé da minhas vizinhas conversar.

- **Existiam dificuldades económicas? Porquê?**

Já se sabe que havia dificuldades. O dinheiro às vezes dava e às vezes não. O meu pai bebia e eu ia pedir esmola porque era a mais desenrascada, tive de trabalhar para tomar Nosso Senhor, eu comia pão com laranja e às vezes ia com as lágrimas a correr de porta em porta pedir esmola. Depois chegava a casa e ficavam todos tão contentes porque eu trazia laranjas, pão e mais coisas.

- **O que faziam para não passarem por tantas dificuldades? Recebiam algum tipo de apoio? Qual a proveniência deste?**

Eu pedia esmola e trabalhava a limpar casas, lavava janelas, varria quintais. Devo muitos favores a uma senhora que me ajudava. Até quando foi para tomar Nosso Senhor ela teve pena e vestiu-me da cabeça aos pés. Eu penso que nunca tivemos nenhum apoio da assistência, mas não me lembro.

- **Razões para que motivaram o recebimento de um apoio estatal**

- **Como era a relação entre os elementos da família?**

Davam-se todos muito bem. Meu pai era muito bom para a minha mãe e para os filhos também. A minha mãe também era muito boa para nós. Minha rica mãe! Com os meus irmãos também nos dávamos todos bem, ainda hoje. Hoje vou muito a casa das minhas irmãs casadas, tomamos o nosso café e de vez em quando vamos juntas ao Rosário. Também quando uma faz uma comida diferente chama as outras para comer. Minhas ricas irmãs!

- **Considerava ser uma pessoa/família pobre? Porquê? E actualmente?**

Na altura éramos muito pobres, não havia as coisas que há agora. Havia muita falta de condições e não haviam assistentes sociais. A minha mãe teve 10 filhos, mas éramos muito unidos.

5.1. Trajectória escolar

- **Qual foi o ano escolar que atingiu?**

Até à 1ª classe, só sei assinar o meu nome. Também não sei ler, mas eu termino a minha vida toda, graças a Deus, vou para médicos com os meus filhos e para qualquer lado. Eu digo que sou a mulher e o homem aqui dentro de casa, eu é que termino a vida toda, não é o meu marido.

- **Deixou de frequentar a escola com que idade? Porquê?**

Eu larguei a escola com 12 anos. Porque não gostava e não havia possibilidades de continuar os estudos. Era 10 filhos e o meu pai não podia.

- **Na altura, gostava da escola (relação com a escola)?**

Eu não gostava porque estava sempre com aquela coisa de ir para a casa das pessoas para ajudar. Depois eu gostava de ir para a missa e tinha um desgosto porque estava na missa e não tomava Nosso Senhor porque não tinha uma roupinha.

- **As pessoas com quem vivia ajudavam-na / encorajavam-na a ir à escola e a estudar? O que faziam?**

Não me ajudavam porque eram muitas dificuldades, mas a minha mãe dizia que eu havia de ir para a escola, e eu respondia que não queria.

- **Acha que a sua vida poderia ser diferente se tivesse continuado a estudar?**

Sim, podia ser diferente, às vezes sinto-me mal porque uma pessoa vai para um lado e para o outro e não sabe ler. Não consigo ver um filme nas legendas, quando vem as cartas eu dou à minha filha para ler. A minha filha já tentou me ensinar, mas não me entra.

5.2. Trajectória familiar

- **Com que idade casou? E porque casou.**

Eu casei com 18. Casei por causa destas ilusões. Estava apaixonada pelo meu marido.

- **Quantos filhos teve?**

Tive três.

- **Que alterações na vida familiar veio trazer o nascimento dos seus filhos?**

Foi uma alegria. E foi planeada. Passou a haver mais carinho o também mais responsabilidade porque a mulher transforma-se, sente-se mais aquela para tomar conta dos nossos filhos. Meus ricos filhos!

- **O facto de ser mãe alterou o seu envolvimento na família?**

Sim, eram a minha alegria.

- **Casos de separação/divórcio: O que foi diferente na vida pessoal e familiar após o divórcio?**

5.3. Trajectória profissional

- **Já alguma vez trabalhou?**

Sim. Já trabalhei.

- **Se nunca trabalhou, porque é que nunca trabalhou?**

- **Que empregos teve?**

Trabalhei nas pimentas e cuidei de um velhinho em casa de uma irmã.

- **Durante quanto tempo teve estes empregos?**

Nas pimentas era na época delas quando precisavam de mim chamavam-me, era mais ou menos duas semanas. Depois a cuidar do velhinho foi durante mais ou menos um mês, mas não era sempre, era só quando a minha irmã precisava de mim.

- **Porque saiu do(s) emprego(s)? O que sentiu?**

O velhinho morreu e as pimentas depois fechou. Eu estranhei depois de sair...mas pronto.

- **Foi importante para si ter trabalhado? Porquê?**

Foi importante. Porque o meu marido era pescador e não ganhava quase nada. Já éramos eu a minha filha e o meu Zeca e tínhamos de pagar água e luz à minha mãe. Ela sempre ajudava e a minha irmã que eu ia ajudar a tratar do velho também. Dava-me comidinha porque eu só ganhava era 4 contos. Eu ajudava a ela e ela ajudava-me a mim.

- **Para si, enquanto pessoa, considera que ter emprego é fundamental ou em vez do emprego acha que há outras coisas mais importantes? Quais?**

Um emprego sempre é bom, mas é mais importante ter saúde porque sem isso não conseguimos ter nada.

VI. Ela e o Estado: o Rendimento Social de Inserção

6.1. Visão do RSI

- **Para si, o que é o RSI?**

É uma grande ajuda e eu agradeço.

- **Quem acha que deve ter o RSI?**

Aqueles que têm a fera certa e têm saúde não deviam ter. Agora aqueles que o marido é pescador que às vezes ganham, outras não ganham, devem ter. Se eu tivesse um ordenado certo não precisava do rendimento. Dessem a quem precisasse. Quem está bem de vida são os vendilhões, os pescadores, coitaditos, não ganham nada e vêem a morte no mar.

- **No seu caso, acha que tinha direito ao RSI ou isso dependeu de quem decidiu ou da sua sorte?**

Recebi por causa da necessidade. Disse à assistente social à minha situação, depois ela veio à minha casa e gostou da minha casa e viu que eu tinha necessidade. O rendimento ajudou-me muito.

- **Na sua opinião, quanto tempo deve durar a prestação de RSI? Porquê?**

Devem receber durante um tempo. O rendimento dá, mas a qualquer momento pode ser tirado. As mulheres não têm noção disso e engravidam de propósito e têm mais filhos para receberem mais porque o rendimento vai pelo número de filhos. Um casal de tarelo deve olhar para o rendimento como uma ajuda e não se fiar só naquilo porque isso acontece muito. O meu marido nunca foi assim. Quando não dava num lado, ele procurava para outro e nunca foi homem de estar em lojas. É um homem que luta.

- **Sabe quais são os motivos pelos quais uma pessoa pode deixar de receber o RSI?**

Quando as condições de vida já estão melhores.

6.2. O Requerimento

- **Porque resolveu requerer o RSI?**

Eu pedi porque eu estava com dívidas de ter mobilado a minha casinha. Depois eu ficava nervosa e a minha renda era alta. Tinha dificuldades porque era só o meu marido e era a água, a luz, a renda, tudo para pagar e eu gosto de tudo certinho. É uma vergonha virem à porta cortar a luz.

- **Quais os problemas/dificuldades pelas quais passava?**

Para comer, não faltava comida, mas não se podia, por exemplo, comer bife, era só de vez em quando ao domingo. Durante a semana era sopa e peixe. Nunca faltou o pão e o leite aos meus filhos, nunca os deixei passar fome.

- **Antes de requerer o RSI já tinha solicitado outro apoio do Serviço de Acção Social? Teve apoio, qual? Durante quanto tempo?**

Nunca tive outro apoio. Eu pedi o rendimento sete vezes e sete vezes fui cortada. Enquanto tive em casa da minha mãe nunca tive sorte. Depois tive esta casinha, vim para cá viver e aí tive sorte.

- **O que mudou na sua vida depois de receber a prestação?**

Deu para pagar as contas, para fazer compras. Nunca me lembro de ter tido tantas compras na minha despesa. Paguei as dívidas...Agradei muito e foi bem empregado porque eu sei lindamente terminar a minha vida.

- **Actualmente está a receber o RSI? Tendo em conta a sua situação actual, considera que necessita do RSI? Porquê?**

Oh sagrada, sim, mas também um dia que eu não precise eu vou lá dizer.

- **Em geral quais são as principais vantagens e desvantagens do RSI?**

É bom, é uma grande ajuda. Não vejo nada de mal, só aqueles que recebem e têm feras certas. Os pescadores não têm. Eu até chorei quando soube que ia receber.

6.3. O Acordo de Inserção

- **Já alguma vez os serviços pediram a si ou a alguém da sua família para fazer alguma coisa para continuar a receber o dinheiro do RSI? O quê? O que pensa sobre isso?**

Já pediram. Tive de ir para um curso de computadores. Já se sabe que eu não sei ler, mas estava pr'ali. Foi mais ou menos um mês. Também quando havia reuniões eu ia. Eu acho bem pedirem estas coisas e eu vou sempre porque estão me ajudando. Deus me livre não cumprir as coisas que a Dr.^a A. disser. Se, de repente, tenho de ir ao médico ou às vacinas trago o papel para mostrar à Dr.^a A. porque eu gosto das coisas é direitas.

- **Sabe o que é o acordo de inserção? Ou o contrato...**

Não sei...

- **Qual é o seu acordo de inserção? O que acha do acordo?**

Deve ser tratar dos filhos, dar alimentação e dar vacinas. Eu acho que é bom porque se eu quero ser ajudada também tenho de ajudar. Assim quando a Dr.^a A. manda ir a um lado eu vou e se eu não for acho bem cortarem o rendimento.

- **Efectuou sugestões para o seu acordo?**

Não dei ideias.

- **O que pensa da existência do acordo de inserção?**

Acho bem. Para receber o dinheiro é logo e já e para fazerem as coisas depois não querem?! Também não acho direito assim! As assistências também têm de ter alguma recompensa por parte das pessoas.

- **Conhece outras mulheres que tenha conseguido emprego com a ajuda do RSI ou dos técnicos do RSI?**

Não conheço.

VII. Ela e a família: o género nas relações familiares

- **Na sua família, quais são as funções que cabem ao homem e à mulher?**

O homem trabalha e as mulheres ficam em casa terminando a vida. E os dois têm a ajudar um ao outro.

- **Quem acha que tem mais poder na família: o homem ou a mulher? Porquê?**

Quando o meu marido está em casa é ele que manda. Quando ele está fora sou eu que mando e que sou cabeça da casa. Se ele está em casa eu estou calada. Se ele diz qualquer coisa, eu fico calada. É assim porque ele é homem.

- **Acha que poderia ou deveria ser diferente?**

Acho que deve ser assim.

- **Na sua família de origem as coisas já funcionavam assim?**

Já era assim. O meu podia ser bêbedo mas agente tinha muito medo dele. Era boca calada!

- **Conhece famílias cujas funções do homem e da mulher sejam diferentes das que apontou? O que acha sobre isso?**

Sim, não falta...a minha sobrinha. Eu acho bem...têm de se ajudar um ao outro.

- **Acha que a sua organização familiar tem interferência ou não no facto de necessitarem do RSI? Porquê?**

Então não tem! Porque só o meu marido é que trabalha e não dá para tudo. E ele não tem fera certa.

VIII. Ela e o trabalho

8.1. Visão relativamente ao trabalho

- **O que significa para si ser feliz?**

É os nossos filhos e viver tudo em paz.

- **E vencer na vida?**

É os meus filhos, lutar por eles.

- **O que é para si o trabalho?**

É limpar casas.

- **Para si, é importante na vida ter trabalho?**

Já se sabe que é importante.

- **O que é para si a família?**

É as pessoas que se dão bem. É os meus filhos, o meu marido, os irmãos. Dou-me bem com toda a gente.

- **O que coloca em primeiro lugar por ordem de importância? Porquê?**

Mais importante é os meus filhos. Não sei porquê, mas os meus filhos é o que é mais importante.

- **O que é mais importante para si para ser feliz? Qual a importância que dá ao trabalho na sua felicidade?**

Os meus filhos são o mais importante. Mas o trabalho também é importante para comprar as coisinhas que são precisas!

- **Para si, trabalhar serve principalmente para quê?**

Para ajudar à vida.

- **Acha que as mulheres que trabalham sentem-se felizes por trabalhar?**

Têm de trabalhar para a vida. Acho que são felizes, tem de ser.

- **O que considera ser um bom emprego?**

Não sei.

- **Se fosse trabalhar, qual o emprego que gostaria de ter? Porquê?**

Eu?? Limpar casas...

8.2. O trabalho feminino

- **Quais são os seus afazeres diários?**

Limpar, fazer comidas, as roupas, cobrir as camas, limpar as portas, ir ao hiper, fazer comida...é não parar!

- **O que pensa acerca das mulheres que trabalham fora de casa?**

Acho que não fazem as coisas em casa como eu.

- **Acha que as mulheres que trabalham fora de casa conseguem desempenhar da mesma forma as suas tarefas domésticas? Porquê? E se estivesse a trabalhar fora de casa?**

Nunca mais! Porque as mulheres que trabalham não têm tempo

- **Acha que uma mulher que trabalha fora de casa consegue ser uma boa mãe?**

Consegue ser boa mãe, mas tem menos tempo para os filhos.

- **Alguma mulher na sua família (ou vizinhança) trabalha fora de casa? O que faz e o que pensa sobre o trabalho dela?**

A minha sobrinha. Ela é secretária. Acho que o trabalho dela é muito bom porque ela pôde levantar dinheiro no banco para comprar um apartamento.

- **No seu caso, acha que poderia trabalhar fora de casa? Porquê? (e se sim em quê?)**

Eu...trabalhar? Não sei...se me mandassem ia ter de ver...

- **O que faria se a sua Assistente Social lhe ligasse amanhã a dizer que lhe arranjou um emprego?**

Eu havia de ir falar com ela e depois via conforme as coisas. Não sei dizer se ia aceitar.

- **Se não tivesse recebido o RSI como acha que seria a sua vida agora? (o que seria igual e o que seria diferente)**

Já lhe disse que ajudou muito a pagar as coisas. Senão...não sei.

V. PERSPECTIVAS DE FUTURO

- **Durante quanto tempo acha que vai precisar (ou que ainda precisava) do RSI?**

Eu não posso dar certeza de tempos porque ele às vezes ganha e às vezes não.

- **O que acha que está a fazer agora para melhorar a sua vida futura e a dos seus familiares?**

Vai ser melhor...não sei...quero é o bem dos meus filhos.

- **Acha que a sua vida vai ser melhor no futuro?**

Vai ser melhor.

- **Quais os seus maiores sonhos que gostaria de ver realizados?**

Quero é paz e saúde.

- **Daqui a 10 anos que actividade profissional acha que é mais provável estar a fazer? Porquê?**

Daqui a 10 anos se calhar vou continuar doméstica porque eu não tenho estudos e porque eu já estou acostumada com esta vida em que é o meu marido a trabalhar e eu oriento a casa e os meus filhos.

Entrevista 3

0. Apresentação e explicação da entrevista

IX. Ela e o passado: trajectória de vida

Origem social e percepção da vida passada

- **O que faziam os seus pais para ganhar a vida?**

A minha mãe sempre foi doméstica. O meu pai era jardineiro, é o que ele ainda faz hoje em dia. Ele esteve muito tempo a trabalhar na Bermuda.

- **Até que ano os seus pais estudaram?**

O meu pai tirou o 5º ano à noite, mas já com a sua idade e a minha mãe tem a 4ª classe.

- **Como descreve a sua infância e adolescência?**

Sempre havia alguns problemas. O meu pai gostava de beber. Apoquentava a minha mãe e eu não gostava de ver.

- **Existiam dificuldades económicas? Porquê?**

Sim, por causa do meu pai. Ele bebia... Foi sempre a minha mãe quem pagou as contas lá de casa... às vezes ele não dava dinheiro, gastava o dinheiro na bebida e depois faltava as coisas que eram precisas. Passávamos muitas necessidades.

- **O que faziam para não passarem por tantas dificuldades? Recebiam algum tipo de apoio? Qual a proveniência deste?**

A minha mãe nunca teve ajudas. A minha mãe tinha umas terras e era de lá que tirava alguma coisa para fazer a comida. Agente ia vivendo.

- **Como era a relação entre os elementos da família?**

O meu pai e a minha mãe brigavam muito. Ele batia na minha mãe e agente via. Também dava nos filhos. Agente tinha medo dele. A minha mãe sempre foi carinhosa e gostava muito dos seus filhos. O meu pai esteve fora na Bermuda 12 anos, deixou de ter amor à família. Com os meus irmãos, agente gostava muito uns dos outros, como ainda hoje agente gosta-se.

- **Considerava-se uma pessoa/família pobre? Porquê?**

Sim, éramos uma família pobre, passávamos por muitas dificuldades. Hoje a vida é melhor.

- **Razões para que motivaram o recebimento de um apoio estatal**

9.1. Trajectória escolar

- **Qual foi o ano escolar que atingiu?**

Eu tirei o 5º ano. Depois mais tarde, quando tinha 15 ou 16 anos, tirei o 6º ano à noite. Depois casei e não consegui fazer mais.

- **Deixou de frequentar a escola com que idade? Porquê?**

A primeira vez eu tinha 12 anos. Saí porque eu não gostava daquele ambiente, daqueles rapazes malcriados, falavam muito mal e eu não gostava daquilo. A segunda vez eu deixei porque me ia casar.

- **Na altura, gostava da escola (relação com a escola)?**

Eu gostava de aprender lá dentro com os professores, mas cá fora no recreio eu não gostava. Eles eram muito malcriados e eu não gostava daquilo.

- **As pessoas com quem vivia ajudavam-na / encorajavam-na a ir à escola e a estudar? O que faziam?**

Sim. A minha mãe dizia-me para eu ir. Eu é que não gostava de ir.

- **Acha que a sua vida poderia ser diferente se tivesse continuado a estudar?**

Pois, tinha mais estudos, tinha um emprego.

9.2. Trajectória pessoal e da família actual

- **Com que idade casou? E porque casou.**

Eu tinha 21, ou ia fazer 21. Eu casei porque eu amo o meu marido. Eu gostei muito dele.

- **Quantos filhos teve?**

Só esta menina.

- **Que alterações na vida familiar veio trazer o nascimento dos seus filhos?**

Mudou tudo um pouco: ser mãe, que eu nunca tinha sido, passei a ter de tomar conta dela e a fazer estas coisas que uma mãe faz. Tinha de olhar pela minha filha e não deixá-la aos perigos. Ficamos muito contentes.

- **O facto de ser mãe alterou o seu envolvimento na família?**

Sim.

- **Casos de separação/divórcio: O que foi diferente na vida pessoal e familiar após o divórcio?**

9.3. Trajectória profissional

- **Já alguma vez trabalhou?**

Eu já trabalhei.

- **Se nunca trabalhou, porque é que nunca trabalhou?**
- **Que empregos teve?**

Trabalhava na conserva de Vila Franca. Trabalhei lá e tomei conta de senhoras idosas. Quando aparecia também dava um dia ou dois a fazer limpeza.

- **Durante quanto tempo teve estes empregos?**

Já não me lembro muito bem. Acho que primeiro trabalhei na “Corretora”. Tive lá um ano e tal, ou foi 2 anos. Com os idosos eu não tive muito tempo porque eles precisavam, depois deixavam de precisar e eu ia para casa. Acho que cheguei a estar um ano com uma senhora chamada Laurinda.

- **Porque saiu do(s) emprego(s)? O que sentiu?**

Da Corretora eu saí porque fui para o Fundo de desemprego. Sim, fui despedida. O que senti...oh, uma pessoa também precisa descansar um bocadinho. Senti-me bem até porque com o Fundo de Desemprego agente sempre recebe lá. Não é tanto como quando se trabalha, é menos um bocadinho, mas também ajuda à vida. Foi uma altura boa, fiz uma viagem para a ilha do Faial que tenho uma irmã lá, fui passear. Senti-me bem nesta altura.

- **Foi importante para si ter trabalhado? Porquê?**

Gostei daquela experiência, porque na altura nunca tinha saído de casa para trabalhar e aquilo era uma coisa nova. Gostei porque sempre estava ganhando de uma coisa que eu estava fazendo, de um trabalho que era meu e eu ganhava.

- **Para si, enquanto pessoa, considera que ter emprego é fundamental ou em vez do emprego acha que há outras coisas mais importantes? Quais?**

Agente precisa de trabalhar para viver, muita gente é assim, mas também quando não se pode... Muita gente tem doenças, a saúde é mais importante, vem em primeiro porque sem saúde não se faz nada.

X. Ela e o Estado: o Rendimento Social de Inserção

10.1. Visão do RSI

- **Para si, o que é o RSI?**

É uma ajuda àqueles que são pobres.

- **Quem acha que deve ter o RSI?**

Aqueles que necessitam mesmo. Porque há gente que pode receber mas não tem aquela coisa de ser pobre, mas há quem seja pobre e necessite mesmo daquilo para ajudar à sua vida. Nós somos uma família pobre, só o meu marido é que trabalha.

- **No seu caso, acha que tinha direito ao RSI ou isso dependeu de quem decidiu e da sua sorte?**

Não sei bem porque o meu marido é que andou com isso, mas acho que foi um direito porque o meu marido nem sempre pode trabalhar porque tem um problema na coluna.

- **Na sua opinião, quanto tempo deve durar a prestação de RSI? Porquê?**

Da maneira que isso vai, não sei se vai durar muito tempo, mas acho que o tempo que as pessoas recebem deve ser consoante as suas necessidades, porque há gente ainda pobre. Agora aqueles que não necessitam não merecem.

- **Sabe quais são os motivos pelos quais uma pessoa pode deixar de receber o RSI?**

Não sei, eu nunca vi esses casos.

10.2. O Requerimento

- **Porque resolveu requerer o RSI?**

O meu marido estava desempregado em casa aleijado sem andar. Tem um problema de coluna e eu estava para ter a minha filha.

- **Quais os problemas/dificuldades pelas quais passava?**

Eu tinha dificuldades de muita coisa, comida, mantimentos, muita coisa.

- **Antes de requerer o RSI já tinha solicitado outro apoio do Serviço de Acção Social? Teve apoio, qual? Durante quanto tempo?**

Não, nunca tive. Só passaram a me ajudar quando eu fiquei para ter a minha filha, antes disso, nunca me ajudaram, mesmo com o meu marido doente e eu com as dificuldades que tinha.

- **O que mudou na sua vida depois de receber a prestação?**

Os primeiros meses deu para muita coisa, injeções medicamentos que o meu marido estava a tomar e também quando nasceu a minha filha deu para comprar fraldas e outras coisas. Mas depois o meu marido foi trabalhando e foram-me sempre cortando e agora está uma miséria, são só cento e tal euros. O meu marido ganha cerca de 300 € na Câmara, pelo PROSA, mais o rendimento ficamos com quatrocentos e tal euros para viver.

- **Actualmente está a receber o RSI? Tendo em conta a sua situação actual, considera que necessita do RSI? Porquê?**

Sim, ainda necessito, mesmo sendo pouco isso ajuda-me muito. O meu marido tem uma dívida que se meteu nela, mas depois ficou aleijado e nunca mais pode pagar, isso está em penhoras e tudo.

- **Em geral quais são as principais vantagens e desvantagens do RSI?**

As vantagens é que a minha filha ainda usa fraldas e o dinheiro do rendimento é quase para as fraldas. Ajuda também a pagar as contas da água e da luz ao meu sogro. O ordenado do meu marido não chega, mas o rendimento já é mais uma ajuda. As coisas más é que eu vejo outros casais que recebem mil e tal euros e com isso vão buscar droga e não trabalham. O meu marido, graças a Deus não tem vícios nenhuns, mesmo se tivesse não dava para viver.

10.3. O Acordo de Inserção

- **Já alguma vez os serviços pediram a si ou a alguém da sua família para fazer alguma coisa para continuar a receber o dinheiro do RSI? O quê? O que pensa sobre isso?**

Sim, pediram ao meu marido para ir para o PROSA. Foi através do projecto do rendimento. Neste caso eu concordo, mas é consoante o que agente recebe, não é receber uma ninharia e ainda ter de trabalhar. Consoante o que agente recebe de rendimento é que temos de ir trabalhar. Também eu sei que às vezes recebem muito porque têm muitos filhos, mas eu não penso nisso. Tenho só a minha filha e já me custo. Não tenho filhos para receber abonos.

- **Sabe o que é o acordo de inserção?**

Não sei bem, o meu marido sabe melhor que eu, mas acho que é para fazer um acordo para trabalhos e o que agente acorda tem de cumprir, senão corta.

- **Qual é o seu acordo de inserção? O que acha do acordo?**

Não sei bem mas acho que está lá para inscrever a minha filha na creche que já está inscrita, nunca faltar a reuniões, eu ir trabalhar caso apareça um emprego. É tanta coisa...

- **Efectuou sugestões para o seu acordo?**

Foi a Dr.^a F. que disse, mas ela está sempre dentro do assunto, também isso vai mudando, não é sempre igual. Quando eu tenho alguma dificuldade vamos ter com ela e ela explica.

- **O que pensa da existência do acordo de inserção?**

Tem de haver o contrato, isso é bem feito e tem de existir sempre, senão era um tal esbanjar dinheiro. Mas os contratos têm se der bem feitos e bem explicados.

- **Conhece outras mulheres que tenha conseguido emprego com a ajuda do RSI ou dos técnicos do RSI?**

Por acaso eu não conheço.

XI. Ela e a família: o género nas relações familiares

- **Na sua família, quais são as funções que cabem ao homem e à mulher?**

Cabe ao homem trabalhar. A mulher tem de ficar a casa a trabalhar. O homem tem de trabalhar para a mulher. Eu penso assim e o meu marido também. Ele acha que as coisas têm de seguir o mesmo sistema do pai e do avô e nisso a mulher não trabalha. Apesar das dificuldades todas que nós temos, o meu marido diz que enquanto ele puder eu não trabalho. A mulher tem é de terminar as coisas todas para quando o marido chega e cuidar dos filhos. E também passear um pouco, porque também não se pode estar sempre em casa. Às vezes eu penso que se calhar gostava de trabalhar, mas da maneira que as coisas vão sem trabalhos, os que estudam não têm empregos, o que se dirá para aqueles que não têm estudos.

- **Quem acha que tem mais poder na família: o homem ou a mulher? Porquê?**

O meu marido acima de tudo e eu a seguir dele.

- **Acha que poderia ou deveria ser diferente?**

Acho que deve ser assim.

- **Na sua família de origem as coisas já funcionavam assim?**

Sim, era igual. A minha mãe era doméstica, sempre cuidou de dois filhos.

- **Conhece famílias cujas funções do homem e da mulher sejam diferentes das que apontou? O que acha sobre isso?**

Que trabalha o homem e a mulher? Acho que chega à noite e depois há discussões pelas coisas da casa. Mas se calhar às vezes é bom porque há homens que dizem às mulheres que trabalham para elas e isso ninguém gosta de ouvir. Aí a mulher fica revoltada por ele falar assim e vai trabalhar.

- **Acha que a sua organização familiar tem interferência ou não no facto de necessitarem do RSI? Porquê?**

Por mais que não se queira tem. Porque o meu marido ganha pouco.

XII. Ela e o trabalho

12.1. Visão relativamente ao trabalho

- **O que significa para si ser feliz?**

Ter alegria na vida, ter um bom marido e gostar muito da minha filha.

- **E vencer na vida?**

É ter tanta coisa que não tenho. Ter uma casa minha...ter dinheiro.

- **O que é para si o trabalho?**

É ganhar o pão de cada dia.

- **Para si, é importante na vida ter trabalho?**

Acho que sim, o trabalho é importante.

- **O que é para si a família?**

A minha família é o meu porto de abrigo.

- **O que é mais importante para si para ser feliz?**

A minha família, porque é o meu porto de abrigo. O trabalho também é preciso. Se eu fosse rica não precisava porque eu tinha do que viver, só que não sou e é preciso. Mas a família é mais importante, pode não haver trabalho, mas somos felizes na mesma.

- **Qual a importância que dá ao trabalho na sua felicidade?**

Acho que não é preciso trabalho para ser feliz.

- **Para si, trabalhar serve principalmente para quê?**

Serve para pagar dívidas, para comprar sustento, para ajudar nas contas da casa, nestas coisas do dia-a-dia.

- **Acha que as mulheres que trabalham sentem-se felizes por trabalhar?**

Algumas não são felizes. Não sei da vida delas, mas muitas sofrem em casa e têm de trabalhar porque muitos maridos não prestam e não dão o sustento porque caem nos vícios da bebida ou da droga e elas, coitadas têm de fazer para se manter.

Penso que sofrem em casa, e são obrigadas a trabalhar.

- **O que considera ser um bom emprego?**

Não sei...

- **Se fosse trabalhar, qual o emprego que gostaria de ter? Porquê?**

Uma coisa que eu gostasse e me sentisse bem, tinha de ser conforme as condições. Talvez ser costureira.

12.2. O trabalho feminino

- **Quais são os seus afazeres diários?**

Cuidar das coisas do meu marido, a comida a roupa, cuidar muito bem da minha filha para não lhe faltar nada.

- **Acha que as mulheres que trabalham fora de casa conseguem desempenhar da mesma forma que você as suas tarefas domésticas? Porquê? E se estivesse a trabalhar fora de casa?**

Não, nunca mais. As mulheres que trabalham estão sempre de um lado para o outro, vira que vira, tomam café e não conseguem prestar atenção aos filhos.

- **Acha que uma mulher que trabalha fora de casa consegue ser uma boa mãe?**

Não. Está muito pouco tempo com os filhos.

- **Alguma mulher na sua família (ou vizinhança) trabalha fora de casa? O que faz e o que pensa sobre o trabalho dela?**

Tenho uma vizinha que já trabalhou, mas agora está em casa. Ela estava num hotel. Acho que ela não se deu bem e teve problemas. Não gostava da sogra mas teve de se pôr boa com ela para lhe ficar com a filha.

- **No seu caso, acha que poderia trabalhar fora de casa? Porquê? (e se sim em quê?)**

Neste momento, se eu fosse trabalhar preferia deixar a minha filha na creche do que deixá-la com alguém... neste momento não posso ir trabalhar porque acho que a minha filha ainda é muito pequena para ficar com outras pessoas. Só tem 3 anos.

- **O que faria se a sua Assistente Social lhe ligasse amanhã a dizer que lhe arranjou um emprego?**

Eu dizia que até me dava jeito para ajudar o meu marido porque ele tem dívidas para pagar, mas como vai ser a minha filha? Primeiro tenho de pensar é na minha filha.

- **Se não tivesse recebido o RSI como acha que seria a sua vida agora? (o que seria igual e o que seria diferente)**

Seria muito pior, muito mais complicada. Ia ser pior para comprar comida e pagar as contas. Seria também pior com a família porque teve um tempo que nos lavavam a cara por ajudar porque diziam que ele não trabalhava por vício.

V. PERSPECTIVAS DE FUTURO

- **Durante quanto tempo acha que vai precisar (ou que ainda precisava) do RSI?**

Da maneira que está o meu marido, eu não sei ao certo mas acho que vai ser por muito tempo, da maneira que as coisas estão, está tudo muito difícil.

- **O que acha que está a fazer agora para melhorar a sua vida futura e a dos seus familiares?**

Eu dou de mim, faço o que posso fazer. Trabalho para o meu marido e para a minha filha. É verdade que eu aqui não ganho dinheiro, que quem me sustenta é o meu marido, mas isso é assim.

- **Acha que a sua vida vai ser melhor no futuro?**

Eu gostava que fosse. Gostava muito.

- **Quais os seus maiores sonhos que gostaria de ver realizados?**

Ter as dívidas pagas...e uma casa.

- **Daqui a 10 anos que actividade profissional acha que é mais provável estar a fazer? Porquê?**

Depende, nunca se sabe se eu ainda vou trabalhar... Não sei.

Entrevista 4

0. Apresentação e explicação da entrevista

XIII. Ela e o passado: trajectória de vida

Origem social e percepção da vida passada

- **O que faziam os seus pais para ganhar a vida?**

Meu pai era pintor, vendedor de tintas. A minha mãe era doméstica.

- **Até que ano os seus pais estudaram?**

Até á quarta classe. Os dois.

- **Como descreve a sua infância e adolescência?**

Foi terrível, muitas discussões dos pais, por causa da bebida, sempre foi assim, mesmo já crescida.

- **Existiam dificuldades económicas? Porquê?**

Sempre tinha. Meu pai bebia e gastava muito dinheiro na bebida. Mas mesmo assim sempre havia sopa, pão.

- **O que faziam para não passarem por tantas dificuldades? Recebiam algum tipo de apoio? Qual a proveniência deste?**

Minha mãe nunca foi de pedir ajuda a serviços, nem a outras pessoas. Só familiares de fora que mandavam roupa, sempre ajudava.

- **Razões para que motivaram o recebimento de um apoio estatal**

- **Como era a relação entre os elementos da família?**

Desde que me lembre até me casar sempre houve discussões, era uma má relação. Sempre tive boa relação com a minha mãe. Com o meu pai também, mas não posso dizer que era assim tão boa por causa da bebida. Os meus irmãos éramos todos amigos, até hoje é.

- **Considerava-se uma pessoa/família pobre? Porquê?**

Na altura era. Agora está melhor.

13.1. Trajectória escolar

- **Qual foi o ano escolar que atingiu?**

A 4ª classe.

- **Deixou de frequentar a escola com que idade? Porquê?**

Com 13. Tive que passar a minha 4ª classe completa, se fosse um acordo de não ir para o “Fisher” e porque tinha dificuldades.

- **Na altura, gostava da escola (relação com a escola)?**

Sim gostava. Era mais calmo na altura do que estar em casa, mas não tinha essa noção, só depois.

- **As pessoas com quem vivia ajudavam-na / encorajavam-na a ir à escola e a estudar? O que faziam?**

Não, nunca me apoiaram, também aquele ambiente não ajudava... agente também quando vinha da escola tinha logo tarefas para fazer em casa, limpar a casa, enxugar a louça.

- **Acha que a sua vida poderia ser diferente se tivesse continuado a estudar?**

Acho que podia ser diferente, porque ia ter estudos, ia ter um serviço que a 4ª classe não dá. Até para limpar casas está difícil agora.

13.2. Trajectória familiar

- **Com que idade casou? E porque casou.**

Com 20 anos. Teve de ser, engravidei.

- **Quantos filhos teve?**

Tenho 3 filhos, dois rapazes e uma menina.

- **Que alterações na vida familiar veio trazer o nascimento dos seus filhos?**

Muitas, a alegria que eles dão. Mudou a vida em todos os sentidos...na alegria que eles dão.

- **O facto de ser mãe alterou o seu envolvimento na família?**

Sim. Foi diferente.

- **Casos de separação/divórcio: O que foi diferente na vida pessoal e familiar após o divórcio?**

13.3. Trajectória profissional

- **Já alguma vez trabalhou?**

Já trabalhei.

- **Se nunca trabalhou, porque é que nunca trabalhou?**

- **Que empregos teve?**

Como auxiliar no PROSA. Só tive este.

- **Durante quanto tempo teve estes empregos?**

Durante 1 ano e meio, em 2003.

- **Porque saiu do(s) emprego(s)? O que sentiu?**

Porque acabou o contrato e fui para casa. Até hoje ainda não me chamaram. Agente sempre recebe o fundo de desemprego, mas senti-me mais fechada, porque com o trabalho sentia-me livre, distraia-me.

- **Foi importante para si ter trabalhado? Porquê?**

Sim, ajudava mais à vida.

- **Para si, enquanto pessoa, considera que ter emprego é fundamental ou acha que há outras coisas mais importantes? Quais?**

É importante criar os nossos filhos...depois de uma certa idade...pronto, agente quer trabalhar. Agora ele já tem idade e vai para a escola em Setembro, para ver se arranjo emprego.

XIV. Ela e o Estado: o Rendimento Social de Inserção

14.1. Visão do RSI

- **Para si, o que é o RSI?**

É uma ajuda para as famílias para ver se conseguem viver com aquele pouco.

- **Quem acha que deve ter o RSI?**

Há muitas pessoas que não devem. Agente vê...estragam de uma maneira... compram coisas desnecessárias, quando há outras pessoas que precisem e não têm. Acho que só devia receber quem precisa.

- **No seu caso, acha que tinha direito ao RSI ou isso dependeu de quem decidiu ou da sua sorte?**

Depende da necessidade de cada um, tive direito a receber.

- **Na sua opinião, quanto tempo deve durar a prestação de RSI? Porquê?**

Depende, por exemplo, pessoas com crianças pequenas que não têm posses de meter os filhos na creche e não há vaga, devia durar até a criança ter escola, até aos 5 anos, para a mãe ficar mais descansada que a criança está na escola.

- **Sabe quais são os motivos pelos quais uma pessoa pode deixar de receber o RSI?**

Há vários motivos, já não precisa, já tá a viver mais organizada, já está trabalhando, vai receber mais do que aquilo que recebia, por isso já não é preciso.

14.2. O Requerimento

- **Porque resolveu requerer o RSI?**

Precisei muito dele. O meu marido estava na Madeira, na altura. E ele não mandava para cá dinheiro...porque tinha lá outra.

- **Quais os problemas/dificuldades pelas quais passava?**

Sobretudo a falta de alimentos.

- **Antes de requerer o RSI já tinha solicitado outro apoio do Serviço de Acção Social? Teve apoio, qual? Durante quanto tempo?**

Já tive. Desde que sou casada tive apoio para eles. Chegaram a dar-me duas vezes alimentação e dinheiro. Foi durante dois meses o banco alimentar e davam um tanto para a ajuda dos alimentos.

- **O que mudou na sua vida depois de receber a prestação?**

Já ficou melhor... é sempre uma ajuda, já dá para as compras, remédios se é preciso.

- **Actualmente está a receber o RSI? Tendo em conta a sua situação actual, considera que necessita do RSI? Porquê?**

Sim, porque não estou trabalhando ainda e o meu marido só recebe o ordenado mínimo por isso sempre ajuda.

- **Em geral quais são as principais vantagens e desvantagens do RSI?**

As vantagens...ajuda as pessoas. Desvantagens... sempre tive só vantagens.

14.3. O Acordo de Inserção

- **Já alguma vez os serviços pediram a si ou a alguém da sua família para fazer alguma coisa para continuar a receber o dinheiro do RSI? O quê? O que pensa sobre isso?**

Já, pediram para trabalhar nas fotocopiadoras das 9h ao 12h, no princípio. Agora é matricular o meu filho e por o meu nome no fundo de desemprego, se ele entrar. Acho que é bom porque sempre está ajudando, se eu conseguir arranjar um emprego, melhor ainda.

- **Sabe o que é o acordo de inserção?**

É um acordo que agente tem e que tem que obedecer a este acordo.

- **Qual é o seu acordo de inserção? O que acha do acordo?**

Sei. Matricular ele e por o nome no fundo de desemprego, que já ta pronto. Acho bem o acordo.

- **Efectuou sugestões para o seu acordo?**

Não, a assistente social é que deu o acordo e eu aceitei.

- **O que pensa da existência do acordo de inserção?**

Acho que devia continuar a haver o acordo para as pessoas para que as pessoas continuem com a ilusão que podem ir mais além.

- **Conhece outras mulheres que tenha conseguido emprego com a ajuda do RSI ou dos técnicos do RSI?**

Sim. Que tiram escola e tudo, e depois conseguem arranjar emprego, porque a assistente social tem o PROSA e arranja aquele serviço.

XV. Ela e a família: o género nas relações familiares

- **Na sua família, quais são as funções que cabem ao homem e à mulher?**

O meu dever é educar os meus filhos, dizer o melhor para eles, estudarem para terem alguma coisa na vida, a vida doméstica já que temos as nossas tarefas e é obrigatório e haver paz, não ter aquelas discussões à frente dos filhos. Do homem, respeitar os filhos também, e ter sempre uma palavra para os filhos.

- **Quem acha que tem mais poder na família: o homem ou a mulher? Porquê?**

A mulher, em todos os sentidos. A mulher é que está 24 horas com a criança, está sempre “pára, faz isso, faz aquilo”, o homem sim que está trabalhando, chega, ta cansado, não esta tanto tempo com o filho como a mãe.

- **Acha que poderia ou deveria ser diferente?**

Não, devia ser os dois, as tarefas domésticas, por exemplo. Mas não é. Mas agora está mudando...

- **Na sua família de origem as coisas já funcionavam assim?**

Não, era mais no homem. Na altura o homem é que trabalhava, a mulher é que ficava em casa, e o homem exigia a mulher fazer os trabalhos da casa.

- **Conhece famílias cujas funções do homem e da mulher sejam diferentes das que apontou? O que acha sobre isso?**

Não... Por exemplo, meu sogro e a minha sogra, meu sogro é que faz as contas, termina a vida, é bom porque sempre é um peso que sai de cima da mulher. Mas já estou acostumada a virar a vida, foi uma regra desde o tempo dos meus pais.

- **Acha que a sua organização familiar tem interferência ou não no facto de necessitarem do RSI? Porquê?**

Sim, porque eu sei quanto é que ele ganha e o que eu devo. Mas depois de pagar as coisas sempre falta. Se fosse por ele sozinho passávamos muito mais necessidade que agora. Assim com o rendimento, com aquele dinheiro eu faço as compras e do dinheiro dele eu termino-me a pagar a água, a luz e estas coisas. É sempre uma ajuda.

XVI. Ela e o trabalho

16.1. Visão relativamente ao trabalho

- **O que significa para si ser feliz?**

Ter uma casa.

- **E vencer na vida?**

Trabalho.

- **O que é para si o trabalho?**

É uma coisa muito importante.

- **Para si, é importante na vida ter trabalho?**

É.

- **O que é para si a família?**

É tudo.

- **O que coloca em primeiro lugar por ordem de importância? Porquê?**

A família porque é mais importante que trabalho. Ponho em primeiro lugar os meus filhos.

- **Qual a importância que dá ao trabalho na sua felicidade?**

Agente sente-se mais livres em ter um trabalho porque temos dinheiro para a vida porque se agente fica contanto com a outra pessoa nunca é aquilo que agente pensa.

- **Para si, trabalhar serve principalmente para quê?**

Para ganhar a vida.

- **Acha que as mulheres que trabalham sentem-se felizes por trabalhar?**

Acho que são felizes, porque se sentem “descansam mais a cabeça” pelo menos não estão sempre agarradas à casa, assim saem, distraem e sabem que tão ganhando e quando chegam a casa sabem que têm de fazer a vida de casa, mas é diferente.

- **O que considera ser um bom emprego?**

Um trabalho que agente gosta. Se agente não gosta...pronto, sempre se tem de fazer um sacrifício...

- **Se fosse trabalhar, qual o emprego que gostaria de ter? Porquê?**

Auxiliar na escola, porque gosto de trabalhar com crianças. Ou numa creche.

16.2. O trabalho feminino

- **Quais são os seus afazeres diários?**

Casa, família, roupa, o que é de casa.

- **Acha que as mulheres que trabalham fora de casa conseguem desempenhar da mesma forma que você as suas tarefas domésticas? Porquê? E se estivesse a trabalhar fora de casa?**

Acho que sim, conseguem. Porque já trabalhei e conseguia.

- **Acha que uma mulher que trabalha fora de casa consegue ser uma boa mãe?**

Consegue ser boa mãe. Tem de ter regras. Era como antes quando eu estive trabalhando. Estava separada do meu marido naquela altura, e consegui meter as minhas regras nas crianças.

- **Alguma mulher na sua família (ou vizinhança) trabalha fora de casa? O que faz e o que pensa sobre o trabalho dela?**

Assim, de repente, não me estou a lembrar.

- **No seu caso, acha que poderia trabalhar fora de casa? Porquê? (e se sim em quê?)**

Sim. Para mim distrair, não apanha muito os trabalhos de casa, o dia-a-dia. Agente trabalhando passa o dia, sabe que tem as tarefas para fazer, mas sempre distrai.

- **O que faria se a sua Assistente Social lhe ligasse amanhã a dizer que lhe arranhou um emprego?**

Tem um quê... Isso agora de um dia para o outro é mais difícil. Porque assim de repente não tenho ninguém para ficar com ele....É sempre um risco. Eu recusar acho que não podia...mas também o meu contrato foi diferente, diz que ele vai se matriculado e só depois é que vou para o fundo de desemprego. Se ela me chamasse dizia-lhe que o contrato não foi feito assim.

- **Se não tivesse recebido o RSI como acha que seria a sua vida agora? (o que seria igual e o que seria diferente)**

Ia ser difícil apesar de ter alguma ajuda da minha sogra.

V. PERSPECTIVAS DE FUTURO

- **Durante quanto tempo acha que vai precisar (ou que ainda precisava) do RSI?**

Quando eu tiver recebendo o ordenado, é claro que elas me vão cortar. Em Setembro vou procurar trabalho, mas não vou arranjar logo e já. É até arranjar um trabalho.

- **O que acha que está a fazer agora para melhorar a sua vida futura e a dos seus familiares?**

Estou procurando uma casa, já fiz os papéis para isso, só que está a demorar tanto tempo...já estou há 12 anos procurando uma casa, só que a Secretaria lá em baixo leva muito tempo.

- **Acha que a sua vida vai ser melhor no futuro?**

Vai, se eu tiver uma casa vai mudar imenso. Aqui a família grande, com a casa é só o casal e os filhos e já posso por a minha regra mais à frente.

- **Quais os seus maiores sonhos que gostaria de ver realizados?**

Uma casa e a minha família.

- **Daqui a 10 anos que actividade profissional acha que é mais provável estar a fazer? Porquê?**

Não sei, com a 4ª classe que é o que eu tenho é muito difícil... Qualquer trabalho que aparecer é bom, nessa altura.

Entrevista 5

0. Apresentação e explicação da entrevista

XVII. Ela e o passado: trajectória de vida

Origem social e percepção da vida passada

- **O que faziam os seus pais para ganhar a vida?**

Trabalhavam. A minha mãe é doméstica, o meu pai trabalha na Câmara. Ainda está lá como varredor e nos camiões do lixo.

- **Até que ano os seus pais estudaram?**

Eles tiraram os dois a 4ª classe.

- **Como descreve a sua infância e adolescência?**

Eu não me lembro da minha infância...não havia problemas. Corria tudo bem.

- **Existiam dificuldades económicas? Porquê?**

Não tínhamos dificuldades. Agente tinha sempre de tudo, não faltava nada. O meu pai sempre trabalhou, sempre deu dinheiro em cada.

- **O que faziam para não passarem por tantas dificuldades? Recebiam algum tipo de apoio? Qual a proveniência deste?**

Não tínhamos estas ajudas.

- **Como era a relação entre os elementos da família?**

Tudo bem. Os meus pais davam-se bem, como ainda se dão agora. Com os filhos também era tudo bem. Não havia brigas, não havia nada!

- **Considerava-se uma pessoa/família pobre? Porquê? E hoje em dia?**

Era remediada e ainda somos.

- **Razões para que motivaram o recebimento de um apoio estatal**

17.1. Trajectória escolar

- **Qual foi o ano escolar que atingiu?**

Estudei até ao 5º.

- **Deixou de frequentar a escola com que idade? Porquê?**

Tinha 15 anos. Deixei porque já não gostava da escola, só gostava quando era mais pequenina.

- **Na altura, gostava da escola (relação com a escola)?**

Eu gostava em pequenina porque era mais para a brincadeira, depois já tinha de fazer tudo, ter aulas...tudo, era mais difícil. Assim deixei de gostar.

- **As pessoas com quem vivia ajudavam-na / encorajavam-na a ir à escola e a estudar? O que faziam?**

Ajudavam-me a ir, eu é que saí de propósito e pela minha vontade.

- **Acha que a sua vida poderia ser diferente se tivesse continuado a estudar?**

Era a mesma coisa...

17.2. Trajectória pessoal e da família actual

- **Com que idade casou? E porque casou.**

Sou solteira mas vivo com um companheiro que não é o pai da minha filha. Vivo com ele vai fazer dois anos em Setembro.

- **Quantos filhos teve?**

Tenho uma filha. Já tive outra vez grávida mas perdi o outro que já era filho deste companheiro. Por enquanto não queremos ter mais nenhum...a vida não está muito boa. Não tenho trabalho, está muito difícil. É só ele que é pedreiro.

- **Que alterações na vida familiar veio trazer o nascimento dos seus filhos?**

Foi bom. Eu ia ter uma vida diferente, dei um salto na vida...não sei explicar...quando eu era criança não sabia tratar de crianças, já hoje sei que tenho de comprar leite e estas coisas assim. Tenho de ser mais responsável.

- **O facto de ser mãe alterou o seu envolvimento na família?**

Sim.

- **Casos de separação/divórcio: O que foi diferente na vida pessoal e familiar após o divórcio?**

Eu separei-me do pai da minha filha quando engravidei. Ele bebia muito e eu separei-me dele. Nunca cheguei a viver com ele mas ele dava-me má vida e deixou-me grávida. A minha filha estava quase a nascer. Estive 9 meses sozinha, sentia que primeiro era a minha filha. Depois ela nasceu e eu fui desenvolvendo...Depois nas festas do Rosário eu conheci o meu companheiro. Ele aceitou a minha filha e disse que ia trabalhar para mim e para ela e sustentá-la já que o pai não lhe dava o sustento.

Agora é diferente que eu vivo melhor com ele. Ele dá tudo à minha filha, já o pai dela era só para a bebida. Comecei a viver com este companheiro a minha filha tinha 2 meses. Ela chama-o de pai e quem a criou foi ele. Ela tem de tudo.

17.3. Trajectória profissional

- **Já alguma vez trabalhou?**

Não, nunca trabalhei.

- **Se nunca trabalhou, porque é que nunca trabalhou?**

Porque ainda não apareceu trabalho.

- **Que empregos teve?**

- **Durante quanto tempo teve estes empregos?**

- **Porque saiu do(s) emprego(s)? O que sentiu?**

- **Foi importante para si ter trabalhado? Porquê?**

- **Para si, enquanto pessoa, considera que ter emprego é fundamental ou em vez do emprego acha que há outras coisas mais importantes? Quais?**

Acho que ter um emprego é muito importante.

XVIII. Ela e o Estado: o Rendimento Social de Inserção

18.1. Visão do RSI

- **Para si, o que é o RSI?**

É uma ajuda.

- **Quem acha que deve ter o RSI?**

Os pobres. Hoje há muitas pessoas que têm o rendimento mas não necessitam porque é para a bebida e isso não são coisas necessárias.

- **No seu caso, acha que tinha direito ao RSI ou isso dependeu de quem decidiu e da sua sorte?**

Tive o rendimento antes de ficar grávida, há mais ou menos 3 anos. Acho que recebi por causa da assistente social que me quis dar uma ajuda.

- **Na sua opinião, quanto tempo deve durar a prestação de RSI? Porquê?**

Não sei...é conforme...a necessidade.

- **Sabe quais são os motivos pelos quais uma pessoa pode deixar de receber o RSI?**

Porque as crianças não vão à escola, porque não vêm às reuniões e porque gastam o dinheiro mal gasto.

18.2. O Requerimento

- **Porque resolveu requerer o RSI?**

Porque eu estava sozinha e não tinha ninguém que me ajudasse. Tive de me virar à assistência. Não vivia com os meus pais na altura, vivia sozinha e não tinha ninguém que me ajudasse.

- **Quais os problemas/dificuldades pelas quais passava?**

Não tinha dinheiro para pagar a água, a luz, a renda.

- **Antes de requerer o RSI já tinha solicitado outro apoio do Serviço de Acção Social? Teve apoio, qual? Durante quanto tempo?**

Não tive nada.

- **O que mudou na sua vida depois de receber a prestação?**

Ajudou-me a dar um salto na vida...Já tinha dinheiro para tudo, para pagar a água, a luz, a renda e a comida.

- **Actualmente está a receber o RSI? Tendo em conta a sua situação actual, considera que necessita do RSI? Porquê?**

Necessito... porque preciso muito. Não estou a trabalhar.

- **Em geral quais são as principais vantagens e desvantagens do RSI?**

É a ajuda. Só há coisas boas.

18.3. O Acordo de Inserção

- **Já alguma vez os serviços pediram a si ou a alguém da sua família para fazer alguma coisa para continuar a receber o dinheiro do RSI? O quê? O que pensa sobre isso?**

Sim, já pediram. Matricular a pequena na creche. Acho bem porque faz bem às crianças e quando saem dali já sabem tudo quando vão para a escola.

- **Sabe o que é o acordo de inserção?**

Não sei bem, mas já fui ali aos correios assinar uma coisa...é isso?

- **Qual é o seu acordo de inserção? O que acha do acordo?**

Não sei.

- **Efectuou sugestões para o seu acordo?**

Já não me lembro...

- **O que pensa da existência do acordo de inserção?**

Eu acho bem.

- **Conhece outras mulheres que tenha conseguido emprego com a ajuda do RSI ou dos técnicos do RSI?**

Não conheço.

XIX. Ela e a família: o género nas relações familiares

- **Na sua família, quais são as funções que cabem ao homem e à mulher?**

O homem tem de trabalhar e a mulher também para ajudar à vida. Os dois a trabalhar é que é bom. Agora ele está a trabalhar e eu agora estou em casa arranjando a casa, mas quero ir trabalhar, para dar um salto à vida.

- **Quem acha que tem mais poder na família: o homem ou a mulher? Porquê?**

É o homem... mas também é os dois que têm de estar em acordo.

- **Acha que poderia ou deveria ser diferente?**

Acho que é bom ser assim.

- **Na sua família de origem as coisas já funcionavam assim?**

Sim, era os dois que mandavam em casa.

- **Conhece famílias cujas funções do homem e da mulher sejam diferentes das que apontou? O que acha sobre isso?**

Não conheço, mas acho que é bom, porque de dia agente trabalha os dois e à noite um vai, por exemplo, para a roupa, o outro vão tratar da casa... é bom.

- **Acha que a sua organização familiar tem interferência ou não no facto de necessitarem do RSI? Porquê?**

Tem, porque é ele sozinho e às vezes quando chove ele não vai trabalhar e agente fica sem dinheiro. Ele está de pedreiro e é tudo por fora a fazer muros de pedra...mas quando chove ele fica em casa.

XX. Ela e o trabalho

20.1. Visão relativamente ao trabalho

- **O que significa para si ser feliz?**

É estar tudo bem, não haver brigas, não haver nada.

- **E vencer na vida?**

É a minha filha ter um futuro.

- **O que é para si o trabalho?**

É trabalhar bem.

- **Para si, é importante na vida ter trabalho?**

Sim, é muito importante.

- **O que é para si a família?**

É estar tudo unido, as pessoas da famílias todas juntas.

- **O que coloca em primeiro lugar por ordem de importância? Porquê?**

O trabalho também é importante, mas a família vem primeiro. Não sei explicar bem...mas a família tem a convivência, agente vive com ela, junta-se com ela...

- **O que é mais importante para si para ser feliz?**

- **Qual a importância que dá ao trabalho na sua felicidade?**

Tem importância, o trabalho dá dinheiro e o dinheiro ajuda nas outras coisas.

- **Para si, trabalhar serve principalmente para quê?**

Para ganhar dinheiro.

- **Acha que as mulheres que trabalham sentem-se felizes por trabalhar?**

Acho que se sentem felizes, porque é muito melhor que estar em casa. Fora agente ganha e em casa agente não ganha nada.

- **O que considera ser um bom emprego?**

Um trabalho fixo.

- **Se fosse trabalhar, qual o emprego que gostaria de ter? Porquê?**

Trabalhar na escola, como contínua. Para tomar conta das crianças porque eu gosto de crianças.

20.2. O trabalho feminino

- **Quais são os seus afazeres diários?**

É tratar da comida, da roupa, da minha filha...é estas coisas assim.

- **Acha que as mulheres que trabalham conseguem desempenhar da mesma forma que você as suas tarefas domésticas? Porquê? E se estivesse a trabalhar fora de casa?**

Acho que sim, fazem na mesma as suas coisas de casa, porque o trabalho fora é diferente e em casa é outro tipo de coisas...não sei bem explicar.

- **Acha que uma mulher que trabalha fora de casa consegue ser uma boa mãe?**

Sim, consegue ser boa mãe.

- **Alguma mulher na sua família (ou vizinhança) trabalha fora de casa? O que faz e o que pensa sobre o trabalho dela?**

A minha tia. Ela trabalha no hospital. É mais cansativo e ela sente-se cansada porque o trabalho do hospital é mais pesado do que o de casa e ela fica muito cansada.

- **No seu caso, acha que poderia trabalhar fora de casa? Porquê? (e se sim em quê?)**

Sim, acho que podia ir trabalhar, porque a pequena está na creche e eu queria ver se arranjava um trabalho.

- **O que faria se a sua Assistente Social lhe ligasse amanhã a dizer que lhe arranjou um emprego?**

Eu ficava contente e aceitava.

- **Se não tivesse recebido o RSI como acha que seria a sua vida agora? (o que seria igual e o que seria diferente)**

Era diferente daquilo que é agora...ia ser mais apertado de dinheiro.

V. PERSPECTIVAS DE FUTURO

- **Durante quanto tempo acha que vai precisar (ou que ainda precisava) do RSI?**

Enquanto eu não arranjar trabalho.

- **O que acha que está a fazer agora para melhorar a sua vida futura e a dos seus familiares?**

Estou fazendo de tudo...a ver se arranjo trabalho para melhorar o futuro da minha filha.

- **Acha que a sua vida vai ser melhor no futuro?**

Acho que sim, porque quero dar um salto na vida e para isso preciso arranjar trabalho.

- **Quais os seus maiores sonhos que gostaria de ver realizados?**

Arranjar uma casa para viver com o meu companheiro e com a minha filha.

- **Daqui a 10 anos que actividade profissional acha que é mais provável estar a fazer? Porquê?**

Ter um trabalho...não sei em quê...mas quero ter um trabalho.

Entrevista 6

0. Apresentação e explicação da entrevista

XXI. Ela e o passado: trajectória de vida

Origem social e percepção da vida passada

- **O que faziam os seus pais para ganhar a vida?**

Penei muito. Não conheci o meu pai. Ele morreu eu tinha 3 anos. Minha mãe sempre trabalhou muito para agente. Era empregada doméstica, todos os dias.

- **Até que ano os seus pais estudaram?**

Não me lembro. A minha mãe nunca foi para escola.

- **Como descreve a sua infância e adolescência?**

A infância muito má. Houve tanta fome, o que eu penei! Ia para o calhau apanhar lapas para comer ao cheiro do pão. Também ia ao calhar arranjar chinelas para calçar, e às vezes era um de uma cor e outro de outra. A adolescência já foi melhor. A minha mãe pôs-me a trabalhar com 14 anos. Eu comia melhor era em casa das patroas, porque em casa não havia disso.

- **Existiam dificuldades económicas? Porquê?**

Sim, havia muitas dificuldades. O meu pai morreu cedo, era a minha mãe para tudo e nós éramos 7 filhos.

- **O que faziam para não passarem por tantas dificuldades? Recebiam algum tipo de apoio? Qual a proveniência deste?**

Nunca tivemos apoio. Era as minhas irmãs casadas que nos ajudavam. Agente ajudava elas e elas davam comidinha agente, a minha mãe não dava para tudo.

- **Como era a relação entre os elementos da família?**

Eu e a minha mãe agente dava-se bem mas ela era mazinha em tudo, ela dava muita pancadaria na gente. Com a minha irmã casada eu dava-me bem mas o meu cunhado era tão bêbedo! Ela penou muito com ele.

- **Considerava-se uma pessoa/família pobre? Porquê?**

Era, sempre foi.

- **Razões para que motivaram o recebimento de um apoio estatal**

21.1. Trajectória escolar

- **Qual foi o ano escolar que atingiu?**

Eu nunca dei nada na escola. Só tive a 1ª classe.

- **Deixou de frequentar a escola com que idade? Porquê?**

12 anos. Eu não gostava, as professoras já nem faziam caso porque eu não dava nada, sempre fui cabeça de burra. Eu fugia de escola para vir ajudar a minha irmã.

- **Na altura, gostava da escola (relação com a escola)?**

Nunca gostei da escola, não dava uma para a caixa, as professoras também eram muito mazinhas, davam pancadaria na gente e já nem faziam caso de mim porque eu não dava nada, elas iam era para aqueles que aprendiam. Então fugia para vir ajudar a minha irmã que morava aqui perto. A minha mãe vinha a minha procura e eu ali escondida.

- **As pessoas com quem vivia ajudavam-na / encorajavam-na a ir à escola e a estudar? O que faziam?**

A minha mãe encorajava, ia a procura da gente porque as continuas iam lá a casa dizer que eu não estava na escola e depois ela ficava ruim.

- **Acha que a sua vida poderia ser diferente se tivesse continuado a estudar?**

Acho que não seria muito diferente... porque não dava em nada. Mas eu agora tenho um desgosto por isso estou sempre a dizer às minhas filhas, estudem para não terem desgosto.

21.2. Trajectória familiar

- **Com que idade casou? E porque casou.**

Com 14 anos. Porque eu namorei o meu homem e gostava dele. Estava grávida e tive a minha mais velha com 15 anos. Já se sabe que o amor é louco, eu namorei o meu homem 3 meses e depois fiquei grávida. Quando a minha mãe soube levei muita pancadaria porque eu estava na altura a trabalhar.

- **Quantos filhos teve?**

Tive 6 filhos.

- **Que alterações na vida familiar veio trazer o nascimento dos seus filhos?**

Não sei...já não me lembro.

- **O facto de ser mãe alterou o seu envolvimento na família?**

Não. Sair, eu nunca fui de sair.

- **Casos de separação/divórcio: O que foi diferente na vida pessoal e familiar após o divórcio?**

21.3. Trajectória profissional

- **Já alguma vez trabalhou?**

Sim já trabalhei. Comecei com 14 anos, mas foi pouco tempo porque fiquei grávida e o meu homem disse que não ia trabalhar. Isso foi ainda pior porque a minha mãe ainda levou a guerrear mais comigo porque aquele dinheiro que eu ganhava quando trabalhava fazia falta em casa.

- **Se nunca trabalhou, porque é que nunca trabalhou?**

- **Que empregos teve?**

Aos 14 anos fui empregada doméstica numa casa mais aqui acima. Depois, quando a minha mãe morreu, há 9 anos, para pagar o funeral fui pedir ao Sr. Braga dos Correios para me dar serviço, porque tinha um enterro para pagar. Eu fazia era horas de limpeza nuns apartamentos. Tanta família que eu tinha e tive de pagar sozinha.

- **Durante quanto tempo teve estes empregos?**

Não tive muito tempo, 4/5 meses. Depois foi durante 8 meses.

- **Porque saiu do(s) emprego(s)? O que sentiu?**

Do primeiro emprego saí porque fiquei grávida e o meu homem não queria que continuasse a trabalhar.

Do segundo, eu saí quando acabei de pagar o enterro da minha mãe. Fiquei mais leve porque só queria mesmo trabalhar porque precisava para pagar o enterro, isso já foi mais ou menos há nove anos.

- **Foi importante para si ter trabalhado? Porquê?**

Foi importante ter trabalhado para pagar o enterro. Senão como ia ser? Nenhum deles me quis ajudar.

- **Para si, enquanto pessoa, considera que ter emprego é fundamental ou em vez do emprego acha que há outras coisas mais importantes? Quais?**

Agente sempre trabalhando está melhor, mas é mais importante os filhos e a saúde, mas agora não posso porque estou amarrada aos meus netos.

XXII. Ela e o Estado: o Rendimento Social de Inserção

22.1. Visão do RSI

- **Para si, o que é o RSI?**

É uma ajuda que me está a ajudar bastante.

- **Quem acha que deve ter o RSI?**

Devem dar às pessoas que precisam mais, e não àqueles solteiros, porque podem trabalhar. A estes não vale a pena dar porque eles ainda gabam-se. Os solteiros podem trabalhar. Queria eu...mas agora estou amarrada! Ainda para mais o rendimento agora ajuda-me mais...então não posso.

- **No seu caso, acha que tinha direito ao RSI ou isso dependeu de quem decidiu e da sua sorte?**

Foi à sorte, tive sorte de ter.

- **Na sua opinião, quanto tempo deve durar a prestação de RSI? Porquê?**

Não queria que mo cortassem nunca. É o tempo que o governo queira dar, agente está dependente dele, mas é enquanto agente precisar. Há muitas casas com rendimento que precisam.

- **Sabe quais são os motivos pelos quais uma pessoa pode deixar de receber o RSI?**

Não sei, mas a mim cortaram-me uma vez pelas coisas que tinha em casa, pelo menos com a Dr.^a D. foi assim.

22.2. O Requerimento

- **Porque resolveu requerer o RSI?**

Estava muito atrapalhada com a minha vida e então fui pedir uma ajudazinha, porque era só o meu homem a trabalhar e não dava. Da primeira vez foi porque ele bebia muito, o dinheiro ia para bebida, penei muito e depois eu fui pedir. Ele trabalhava era do mar. Agora ele já largou a bebida e esteve doente e eu fui pedir outra vez.

- **Quais os problemas/dificuldades pelas quais passava?**

Fominha. As minhas irmãs é que acudiam.

- **Antes de requerer o RSI já tinha solicitado outro apoio do Serviço de Acção Social? Teve apoio, qual? Durante quanto tempo?**

Nunca tive mais nada. Já tive foi o rendimento antes, tem mais de 10 anos. Mas estive quando os meus pequenos eram pequeninos com a Dr.^a I. e ela deu-me dinheiro para a comida.

- **O que mudou na sua vida depois de receber a prestação?**

Foi melhorando logo. Já não tinha muitas coisas para pagar, fui pagando as dividas do padeiro, tinha a loja, agora já não passo fominha, agora já ta melhor.

- **Actualmente está a receber o RSI? Tendo em conta a sua situação actual, considera que necessita do RSI? Porquê?**

Sim. Para ter tudo pago porque o meu homem só ganha 80 contos. Para pagar água, luz, gás, o padeiro, a TV cabo, o telefone e ainda a alimentação, não dá.

- **Em geral quais são as principais vantagens e desvantagens do RSI?**

Só tem coisas boas.

22.3. O Acordo de Inserção

- **Já alguma vez os serviços pediram a si ou a alguém da sua família para fazer alguma coisa para continuar a receber o dinheiro do RSI? O quê? O que pensa sobre isso?**

Não, nunca me pediram nada.

- **Sabe o que é o acordo de inserção?**

É durante um ano ou ano e meio. Mas não sei estas coisas.

- **Qual é o seu acordo de inserção? O que acha do acordo?**

Já não me lembro.

- **Efectuou sugestões para o seu acordo?**

Não.

- **O que pensa da existência do acordo de inserção?**

Acho bem. Quando me mandaram assinar fiquei mais descansada, mais garantida porque sei que durante um ano eu vou ter, agora depois de um ano...não sei a minha sorte, vai ser o coração numa agonia.

- **Conhece outras mulheres que tenha conseguido emprego com a ajuda do RSI ou dos técnicos do RSI?**

Não.

XXIII. Ela e a família: o género nas relações familiares

- **Na sua família, quais são as funções que cabem ao homem e à mulher?**

O homem é trabalhar e a mulher é cuidar da casa, comida, roupa, comida.

- **Quem acha que tem mais poder na família: o homem ou a mulher? Porquê?**

É os dois, eu vivo bem com o meu homem. Porque quando ele está em casa é ele que manda, quando não está sou eu.

- **Acha que poderia ou deveria ser diferente?**

Está bem assim, para mim está.

- **Na sua família de origem as coisas já funcionavam assim?**

Não me lembro, ele morreu quando ele tinha 3 anos, mas a minha mãe contava que era o meu pai que mandava.

- **Conhece famílias cujas funções do homem e da mulher sejam diferentes das que apontou? O que acha sobre isso?**

Não sei, não sou de estar saindo, mesmo as minhas filhas é tal e qual como eu.

- **Acha que a sua organização familiar tem interferência ou não no facto de necessitarem do RSI? Porquê?**

Sim, era só ele a trabalhar.

XXIV. Ela e o trabalho

24.1. Visão relativamente ao trabalho

- **O que significa para si ser feliz?**

Uma boa vivência, viver em paz e em sossego.

- **E vencer na vida?**

É a mesma coisa. Nada como o sossego e viver sem garreios.

- **O que é para si o trabalho?**

É uma coisa que dá saúde e é para ter alguma coisa na vida, senão não temos nada que tarolo.

- **Para si, é importante na vida ter trabalho?**

É importante para viver melhor.

- **O que é para si a família?**

Não sei responder, mas acho que é uma fonte de alegria. Quando a casa está mouca o meu marido já estranha.

- **O que coloca em primeiro lugar por ordem de importância? Porquê?**

É as duas coisas, o trabalho para gente viver melhor, e os filhos para dar alegria.

- **Qual a importância que dá ao trabalho na sua felicidade?**

Para ter as coisinhas.

- **Para si, trabalhar serve principalmente para quê?**

É para tudo, se não trabalhar agente não vive, senão como é que agente vai comer?

- **Acha que as mulheres que trabalham sentem-se felizes por trabalhar?**

Sei lá...Acho que elas são felizes, porque é mais uma ajuda que entra. Se agente não tem ajudas, não tem rendimento, agente tem de se pôr a trabalhar. Eu é que não posso trabalhar porque tenho netos estou amarrada.

- **O que considera ser um bom emprego?**

Não sei responder.

- **Se fosse trabalhar, qual o emprego que gostaria de ter? Porquê?**

Não sei mesmo, mas tinha de ser um emprego em que não tivesse de escrever.

24.2. O trabalho feminino

- **Quais são os seus afazeres diários?**

É a vida da casa...a casa, a roupa, comida, cuidar dos rapazes.

- **Acha que as mulheres que trabalham fora de casa conseguem desempenhar da mesma forma que você as suas tarefas domésticas? Porquê? E se estivesse a trabalhar fora de casa?**

Sim, a minha filha trabalha fora de casa e quando chega faz a sua vida, consegue fazer tudo.

- **Acha que uma mulher que trabalha fora de casa consegue ser uma boa mãe?**

Com certeza.

- **Alguma mulher na sua família (ou vizinhança) trabalha fora de casa? O que faz e o que pensa sobre o trabalho dela?**

Sim, a minha filha. É empregada doméstica numa casa. Ela...pronto, tem de gostar porque dá para pagar o apartamento, a renda.

Com o apartamento para pagar ele sozinho não dá. Eu fico com o filho dela.

- **No seu caso, acha que poderia trabalhar fora de casa? Porquê? (e se sim em quê?)**

Não. Porque estou amarrada pelos meus netos, ele só tem 7 anos e tenho de ajudar a elas. Se eu for trabalhar, as minhas filhas têm que pagar a pessoas para tomarem conta deles e assim não ajuda a elas porque o que elas vão ganhar vão ter de pagar a outra.

- **O que faria se a sua Assistente Social lhe ligasse amanhã a dizer que lhe arranjou um emprego?**

Por um lado eu gostava, mas não iria, porque tinha os meus netos e tinha que ajudar as minhas filhas.

- **Se não tivesse recebido o RSI como acha que seria a sua vida agora? (o que seria igual e o que seria diferente)**

Era a vida para trás outra vez, com dívidas, e com o rendimento sempre ajuda.

V. PERSPECTIVAS DE FUTURO

- **Durante quanto tempo acha que vai precisar (ou que ainda precisava) do RSI?**

É o tempo que a Dr.^a A. quiser dar.

- **O que acha que está a fazer agora para melhorar a sua vida futura e a dos seus familiares?**

Estou tomando conta dos meus netos e a minha filha está trabalhando para não pagar a ninguém.

- **Acha que a sua vida vai ser melhor no futuro?**

Só Nosso Senhor é que sabe. Hoje agente não sabe o amanhã.

- **Quais os seus maiores sonhos que gostaria de ver realizados?**

Era uma vida feliz com paz e sossego, como eu estou levando.

- **Daqui a 10 anos que actividade profissional acha que é mais provável estar a fazer? Porquê?**

Vai ser igual como estou agora. Porque eu agora estou amarrada e depois vou ficar velha.

Entrevista 7

0. Apresentação e explicação da entrevista

XXV. Ela e o passado: trajectória de vida

Trajectória familiar

- **O que faziam os seus pais para ganhar a vida?**

A minha mãe trabalha há uns 5 anos em casa de uma senhora que trabalha no hospital, antes era doméstica. O meu pai é jardineiro na Escola da Laranjeiras.

- **Até que ano os seus pais estudaram?**

O meu pai foi até à 4ª classe e a minha mãe também.

- **Como descreve a sua infância e adolescência?**

Com algumas dificuldades. O meu pai era pescador, tinha um barco, depois tinha problemas com o álcool, mas depois largou porque ficou doente e começou a trabalhar já há bastante tempo. Apesar daquilo que passamos, hoje já está melhor. A infância foi pior, na adolescência as coisas já foram melhores.

- **Existiam dificuldades económicas? Porquê?**

Sim, tínhamos dificuldades por causa do alcoolismo do meu pai.

- **O que faziam para não passarem por tantas dificuldades? Recebiam algum tipo de apoio? Qual a proveniência deste?**

O meu avô, o pai da minha mãe costumava a ajudar imenso. Não me lembro se tínhamos algum apoio, mas acho que não. A minha mãe teve apoio da assistência foi para a casa que ela contactou com a Câmara.

- **Como era a relação entre os elementos da família?**

Era uma relação normal. Ele só bebia e ia para a cama. Nem ele nem a minha mãe batiam. Tínhamos uma boa relação e éramos uma família unida.

- **Considerava-se uma pessoa/família pobre? Porquê? E hoje em dia?**

Imenso, éramos muito pobres...não tem nada a ver com hoje em dia. Se tivéssemos naquela altura...mas agente amanhava-se, tinha de ser.

- **Razões para que motivaram o recebimento de um apoio estatal**

25.1. Trajectória escolar

- **Qual foi o ano escolar que atingiu?**

Até ao 4º ano.

- **Deixou de frequentar a escola com que idade? Porquê?**

Saí com mais ou menos 13 anos porque a minha mãe começou a trabalhar, ela tinha tido uma menina e as dificuldades eram tantas que eu tinha que tomar conta dela, e eu saí da escola.

- **Na altura, gostava da escola (relação com a escola)?**

Gostava imenso. Quando eu fiquei a tomar conta da minha irmã ficava sempre em casa e na escola eu saía. Sei que tinha outras responsabilidades, adorava conhecer gente nova, os professores eram diferentes do que são agora, apoiavam imenso os estudos e as coisas. Era mesmo diferente de casa e eu sentia-me bem.

- **As pessoas com quem vivia ajudavam-na / encorajavam-na a ir à escola e a estudar? O que faziam?**

Tanto o meu pai como a minha mãe apoiavam-me para ir à escola.

- **Acha que a sua vida poderia ser diferente se tivesse continuado a estudar?**

Podia ser diferente. Eu gostava da escola, gostava de ter tirado um curso...eu gosto muito de crianças e gostava de ser Educadora de Infância. O meu sonho sempre foi esse, até já dei o nome aqui na escola, mas não consegui...e estamos aqui.

25.2. Trajectória familiar

- **Com que idade casou? E porque casou.**

Casei-me com 18. Casei porque já não aguentava mais estar em casa. Era muita tarefa, depois a minha mãe trabalhava... queria ter um momento só meu, queria sentir que eu é que tinha sido responsável por aquilo que eu fiz, não queria que ninguém se metesse. Sou uma pessoa assim. Eu casei-me fora de casa. Fui para a casa de uma cunhada do meu marido. Morei com ela, casei-me...ela é que me fez o casamento e tudo. No dia que casamos pedimos a bênção à minha mãe e, mesmo assim, ela deu. Primeiro ela não aceitou, mas depois quando foi para me casar ela já aceitou. Já com a minha irmã foi a mesma coisa, ela também casou-se foi fora de casa.

- **Quantos filhos teve?**

Tive 2.

- **Que alterações na vida familiar veio trazer o nascimento dos seus filhos?**

Foi uma alegria enorme. Foram planeados.

- **O facto de ser mãe alterou o seu envolvimento na família?**

Alterou. Agora a minha mãe vê que eu sou uma pessoa responsável, sei cuidar dos meus filhos, faço as coisas da casa, a comida... tudo. Só por mim, eu consegui sozinha, sem a ajuda de ninguém. Os filhos ensinam muito.

- **Casos de separação/divórcio: O que foi diferente na vida pessoal e familiar após o divórcio?**

25.3. Trajectória profissional

- **Já alguma vez trabalhou?**

Não, nunca trabalhei.

- **Se nunca trabalhou, porque é que nunca trabalhou?**

No princípio, porque tinha os miúdos, e agora porque eu não quero depender da minha mãe, não quero que ela fique com eles porque ela já tem a sua idade. Já moro aqui com ela há 11 anos porque estou à espera de uma casa.

Se os filhos fossem maiores, se cada um já tivesse... assim, responsabilidade, aí eu não me importava nada de trabalhar.

- **Que empregos teve?**

- **Durante quanto tempo teve estes empregos?**

- **Porque saiu do(s) emprego(s)? O que sentiu?**

- **Foi importante para si ter trabalhado? Porquê?**

- **Para si, enquanto pessoa, considera que ter emprego é fundamental ou em vez do emprego acha que há outras coisas mais importantes? Quais?**

Hoje em dia, sem emprego agente não somos nada, mas mais importante para mim é a estabilidade dos meus filhos. Primeiro é saber onde eles vão, com quem eles estão, e depois, então, o trabalho.

XXVI. Ela e o Estado: o Rendimento Social de Inserção

26.1. Visão do RSI

- **Para si, o que é o RSI?**

Eu costumo a dizer que o rendimento foi uma bênção. Em solteira passei dificuldades, em casado por igual. O rendimento é aquilo que eu sei que é seguro para ter e pagar as minhas contas. É o meu ordenado para pagar a água, a luz, a renda... tudo depende dali.

- **Quem acha que deve ter o RSI?**

Eu acho que as pessoas deviam ser escolhidas. Devia ser para famílias com dificuldades, para as famílias com muitos filhos, para os pescadores e para as pessoas do campo que também ganham pouco, para os idosos também porque têm a medicação. Agora, as pessoas solteiras...que trabalhem! Se eu não tivesse filhos eu trabalhava porque o trabalho não mata. As pessoas solteiras que não querem trabalhar, que estão por aí aos cantos, que estão bebendo e umas até drogam-se com aquele dinheiro, mas aquilo não é dinheiro para estas coisas, é dinheiro para quem precisa.

- **No seu caso, acha que tinha direito ao RSI ou isso dependeu de quem decidiu e da sua sorte?**

Eu devo receber o rendimento há uns 9 anos e acho que isso dependeu das 3 coisas: da assistente social que me ajudou imenso e interferiu. Não quero dizer que foi um direito meu porque todos têm direitos, uns mais uns menos, e eu tive aquela sorte de receber porque fiz os papéis e tinha na minha que não ia receber porque era casada de novo, não tinha filhos, mas depois recebi porque o meu marido era pescador e depois teve um acidente.

- **Na sua opinião, quanto tempo deve durar a prestação de RSI? Porquê?**

Até um dia que os filhos cresçam, que tenham responsabilidades. Até eles estarem orientados na vida...até terem aí uns 18 anos. Nesta altura a idade pode ir avançando para agente, mas pode ser que agente ainda tenha força para trabalhar. Agente não vai depender sempre disso. Isto é uma ajuda para melhorar a vida.

- **Sabe quais são os motivos pelos quais uma pessoa pode deixar de receber o RSI?**

Não sei.

26.2. O Requerimento

- **Porque resolveu requerer o RSI?**

Casei-me nova, o meu marido era pescador, eu não sabia ainda a responsabilidade que a vida era, principalmente a nível financeiro, mas eu tinha a ilusão que me podia melhorar, mas como ele era pescador, vi as mesmas coisas que aconteciam quando eu era menor e eu via que a vida não estava fácil. As mulheres estão em casa, elas é que põem a mesa, mas se agente não tiver para pôr...ele chegava a casa com 5 contos, na altura, e eu dizia “e agora?”. Depois surgiu esta ideia de fazer o rendimento e eu pensei se der deu, se não der eu então vou trabalhar. Mesmo assim fiz, deu para receber e até hoje nunca tive problemas. Também poucos meses depois de eu casar o meu marido tinha ido trabalhar para a “Marques”, teve um acidente de trabalho e teve muito tempo sem trabalhar. Eu aí já tinha feito os papéis, mas ainda estava à espera e foi muito difícil porque estava grávida.

- **Quais os problemas/dificuldades pelas quais passava?**

As dificuldades eram a nível de dinheiro. O meu marido não bebe, nunca. Era difícil comprar alimentação e pagar as contas. As contas é que eram mesmo o pior. A alimentação, agente amanhava-se porque ele trazia peixinho.

- **Antes de requerer o RSI já tinha solicitado outro apoio do Serviço de Acção Social? Teve apoio, qual? Durante quanto tempo?**

A princípio, quando ele teve o acidente tive. Eu já tinha feito os papéis, mas aquilo ainda demorava uns meses, eu estava grávida, na altura ele tem o acidente, mas como estava trabalhando há pouco tempo não teve grandes seguros porque não tinha descontado ainda. Na altura a assistente social entrou em contacto com os seguros, eles deram uma parte do dinheiro e a assistente social deu outra. Porque eu estava grávida e precisava de ir ao médico, precisava de alimentação. Isso foi durante 3 ou 4 meses. Depois comecei a receber.

- **O que mudou na sua vida depois de receber a prestação?**

Mudou tudo. Eu sei que não é seguro, mas sinto que quando aquilo entra no banco tenho segurança para pagar as coisas e a alimentação vou-me amanhando com aquilo que ele ganha e não quero que falte nada para os meus filhos. Eu recebo 229 €, mas com aquilo que cresce de pagar as contas às vezes vou buscar iogurtes, nestum, leite, coisas que eu preciso para eles.

- **Actualmente está a receber o RSI? Tendo em conta a sua situação actual, considera que necessita do RSI? Porquê?**

Continuo a precisar, não há trabalho.

- **Em geral quais são as principais vantagens e desvantagens do RSI?**

As coisas boas é que eu sei que todos os meses sei que tenho ali aquele dinheiro e em pescador eu não sei. Eu sei que aquilo não é seguro, mas eu tenho aquela fé que com aquilo estou livre das despesas e o resto...há-de ser o que Deus quiser. As coisas más que eu não gosto no rendimento, é por exemplo, o meu miúdo mais novo que não gosta de levar vacinas, quando ele tem de ir levar é preciso quatro pessoas para o aguentar e a enfermeira fica com medo porque a agulha pode partir. Depois elas dizem “ele não quer levar as vacinas? Então eu vou falar com a assistente social”. Depois ameaçam agente e dizem “Ai recibes o rendimento e vais ser cortada”. Isso é que eu não gosto! Eu sei que é preciso as vacinas, é preciso, mas ele há-de ir levando com tempo. Ele tem vacinas em atraso, duas ou três, e elas têm de dar as duas e as três na mesma altura. Se ele não consegue levar uma, muito menos três. E elas ameaçam “Ai que eu vou falar com a assistente social porque isto não pode continuar assim! Vais ser cortada!”. Não acho piada a isso. Ameaçam agente por tudo e por nada por causa do rendimento e eu não vou estar a expor os meus filhos por causa do rendimento. Eu até já avisei que ia falar para a RTP porque isso não pode continuar! Na escola, se eu não deixo o meu filho ir para o ATL também dizem que vou ser cortada. Eu quero que os meus filhos façam tudo...mas é preciso o seu tempo e não é com ameaças que se fazem as coisas.

26.3. O Acordo de Inserção

- **Já alguma vez os serviços pediram a si ou a alguém da sua família para fazer alguma coisa para continuar a receber o dinheiro do RSI? O quê? O que pensa sobre isso?**

Já, foi aquilo das vacinas que eu já disse. Acho que não devia ser assim porque aquilo é uma ajuda para a nossa vida e não deve ser com ameaças. Não é por agente receber aquele dinheiro que vão decidir a nossa vida! Eu sei que ele precisa das vacinas e ele vai levar, mas com tempo porque ele ainda é menor e está crescendo e está numa idade em que está rebelde, vai fazer 8 anos. Elas escolhem as pessoas do rendimento porque sabem que agente precisa e agente sujeita-se a isso.

- **Sabe o que é o acordo de inserção?**

Ai sei... quando assinamos o contrato para saber as nossas funções.

- **Qual é o seu acordo de inserção? O que acha do acordo?**

Não sei, acho que é se trabalhar tem de avisar. Acho bem o acordo.

- **Efectuou sugestões para o seu acordo?**

Não.

- **O que pensa da existência do acordo de inserção?**

Isso do contrato... a pessoa não trabalha e está recebendo aquele dinheiro, e eles também têm de ter as suas responsabilidades como agente tem, são muitas pessoas a receber e é preciso ter cabeça para tudo. A nível de contrato, é bom porque assim eles ficam a conhecer a famílias, as dificuldades que a família tem. Fica tudo exposto ali e aquela pasta é daquela família e se não tiver lá nada para explicar porque é que estão recebendo aquele dinheiro, eles não vão chegar a lado nenhum. Não vão dar dinheiro à pessoa sem saber o que se está passando ali. E há muitas pessoas que não dizem a verdade. Eu digo a verdade e às vezes calha-me mal e penso que devia mentir, mas não consigo... prefiro abrir-me. Aquele contrato é como se fosse um trabalho. Se agente trabalha também tem de assinar um contrato, tem de ter tudo direito. É como isso, não é um trabalho, é uma ajuda, mas tem de ter um contrato.

- **Conhece outras mulheres que tenha conseguido emprego com a ajuda do RSI ou dos técnicos do RSI?**

Conheço pelo menos uma pessoa que era minha amiga e ia buscar também os pequenos à escola e tudo. Ela tinha o nome no fundo desemprego e através do rendimento chamaram para ir trabalhar para uma escola na Lagoa... e eu fiquei com a minha dor porque eu também gostava de ir para a escola. Ela agora já deixou de receber o rendimento e está recebendo o seu ordenado. Já viu, de 450 € para 229 que é o que eu recebo vai uma diferença muito grande! Eu não me importava, depois de saber onde eles estão... eu voava porque em casa é muito cansativo!

XXVII. Ela e a família: o género nas relações familiares

- **Na sua família, quais são as funções que cabem ao homem e à mulher?**

Eu tenho mais deveres que o meu marido. Ele trabalha e quando está em casa ajuda-me com os miúdos. As minhas funções é cuidar dos filhos, da casa...

- **Quem acha que tem mais poder na família: o homem ou a mulher? Porquê?**

Há um tempo atrás acho que era o homem, mas agora acho que há mais mulheres. Com o meu marido acho que é os dois porque nós casamos para o bom e para o pior e temos que nos unir. Acho que hoje mandam os dois, não acho piada ser um só a mandar!

- **Acha que poderia ou deveria ser diferente?**

Acho que deve ser assim.

- **Na sua família de origem as coisas já funcionavam assim?**

O meu pai é que mandava! Era diferente.

- **Conhece famílias cujas funções do homem e da mulher sejam diferentes das que apontou? O que acha sobre isso?**

Conheço. Não sei... Acho que não devia ser assim, porque o homem se começa a fazer as tarefas da casa, a mulher vai sentir que tem menos coisas para fazer. Acho que isso é mau!

- **Acha que a sua organização familiar tem interferência ou não no facto de necessitarem do RSI? Porquê?**

Sim acho, porque só com ele a trabalhar não dá. Eu podia também estar trabalhando, era uma ajuda enorme. Ele podia não ser pescador, ter um trabalho melhor e entre os dois era sempre diferente. Era uma coisa que eu estava segura e podia comprar mais coisas para os meus filhos, que às vezes não posso, porque nem sempre o rendimento dá.

XXVIII. Ela e o trabalho

28.1. Visão relativamente ao trabalho

- **O que significa para si ser feliz?**

A minha felicidade são os meus filhos. Tiveram 9 meses cá dentro e senti crescer e mexer...depois o nascimento e aquela emoção. A minha felicidade é a minha família e vivendo dia-a-dia.

- **E vencer na vida?**

A minha vida é aquilo que é... eu sinto-me realizada.

- **O que é para si o trabalho?**

O trabalho... é uma responsabilidade que temos de saber lidar com ela. Temos de ouvir as pessoas que estão nisso há mais tempo e que explicam. Também gosto de ouvir os outros, gosto mais de ouvir do que falar. O trabalho é uma coisa essencial.

- **Para si, é importante na vida ter trabalho?**

É muito importante.

- **O que é para si a família?**

Para mim é tudo!

- **O que coloca em primeiro lugar por ordem de importância? Porquê?**

Em primeiro lugar vem a família. Porque temos que sentir que estamos seguros com o bem-estar de todos, a felicidade, a harmonia entre todos. Depois de estar tudo bem em casa é que se pensa no trabalho.

- **Qual a importância que dá ao trabalho na sua felicidade?**

A minha felicidade está completa, mas se o meu marido tivesse mais tempo em casa, se tivesse outro trabalho que saísse de casa às 8 e entrasse às 5h eu achava melhor, porque assim ele tinha tempo para os filhos, e arranjava um tempo para agente. Assim, ele às vezes não dorme comigo porque precisa mesmo e tem de sair no barco e agente sente falta. Os meus filhos preenchem-me mas não preenchem tudo, também é preciso o marido.

- **Para si, trabalhar serve principalmente para quê?**

O trabalho é para o essencial para agente. Sem trabalho não somos nada.

- **Acha que as mulheres que trabalham sentem-se felizes por trabalhar?**

Sentem-se felizes porque eu já vi. Elas dizem que a vida muda porque já não estão tão apertadas na vida e mesmo no aspecto físico delas. Acho-as mais alegres, mais falantes, já conhecem outras coisas e transmitem e eu às vezes fico com pena de não ter, como por exemplo amizades com outras pessoas e há gente fora da nossa família que são melhores que os de casa. Em casa há sempre conflitos. Se eu conseguisse era outra realização para mim, porque estou sempre aqui, o trabalho é um distraimento, não mata. As mulheres que trabalham vão ao cabeleireiro, vestem roupas novas e eu tenho que me amanhara com aquilo que tenho. Talvez comigo trabalhando eu conseguisse trazer para casa mas também fazer uso porque eu sei que aquilo é meu.

- **O que considera ser um bom emprego?**

Um que não haja conflitos no serviço. Temos de respeitar as regras e não deixar de trabalhar para conversar.

- **Se fosse trabalhar, qual o emprego que gostaria de ter? Porquê?**

Ajudante de cozinha porque eu gosto muito da cozinha e gosto de experimentar coisas novas. Ou então numa escola como auxiliar porque eu gosto muito de crianças.

28.2. O trabalho feminino

- **Quais são os seus afazeres diários?**

Os filhos, a comida, limpeza da casa, roupas...agente tem sempre que fazer, nunca se pára.

- **Acha que as mulheres que trabalham conseguem desempenhar da mesma forma que você as suas tarefas domésticas? Porquê? E se estivesse a trabalhar fora de casa?**

Não. Quanto mais se quer fazer não dá porque o tempo é curto e uma pessoa que sai de casa às 8h e trabalha até às 5 e tal, quando chega a casa, a vida continua em dobro daquilo que já se fez no trabalho. Mas com vontade e ajuda da família ou do marido, agente ultrapassa isso.

- **Acha que uma mulher que trabalha fora de casa consegue ser uma boa mãe?**

Não acho que consigam ser boas mães. Porque quando eu saio para ir fazer alguma coisa, não demoro muito, mas quando chego os miúdos agarram-me e dizem “mamã, mamã tanto tempo”. Aí eu vejo, então se eu trabalhasse... desde que eles nasceram fui sempre eu que fiz tudo, eu é que os criei e se eu não estiver eles vão sentir que a presença da mãe não está. Uma mulher que trabalha não tem tempo para os filhos.

- **Alguma mulher na sua família (ou vizinhança) trabalha fora de casa? O que faz e o que pensa sobre o trabalho dela?**

Conheço colegas e a minha irmã. Ela é empregada doméstica. Ela trabalha porque precisa mesmo, casou nova, teve um filho nova...e a nível das tarefas de acordar cedo de manhã, levantar o filho cedo de manhã, deixá-lo com a sogra...isso de levantar o filho cedo, de preparar o saco, agente já vai trabalhar cansadas. Eu vejo que ela já vai cansada, eu vejo que ela volta cansadíssima, depois ela lava o miúdo, faz a comida para o marido no outro dia. Ela é nova, mas o trabalho é muito cansativo.

- **No seu caso, acha que poderia trabalhar fora de casa? Porquê? (e se sim em quê?)**

Neste momento não podia ir trabalhar. Se fosse preciso eu ia, porque eu gosto, mas acho que os meus filhos ainda não estão seguros. As pessoas hoje em dia não querem ficar com os filhos e o meu marido deixar a vida do mar para tomar conta deles também não acho justo. Neste momento não...

- **O que faria se a sua Assistente Social lhe ligasse amanhã a dizer que lhe arranhou um emprego?**

A primeira coisa que eu dizia é que para a Dr.^a R. arranjar um emprego agente tem de ser avisados porque não é de um momento para o outro que agente decide a nossa vida, e eles não vão decidir por nós. Precisava organizar a minha vida. Por um lado, acho que ia ficar contente por terem olhado por mim, mas por outro... Desta maneira, não!

- **Se não tivesse recebido o RSI como acha que seria a sua vida agora? (o que seria igual e o que seria diferente)**

Ia ser uma vida infeliz. Ia ter de pedir a ajuda das pessoas, mas as pessoas ajudam no princípio mas depois, para o fim, já começam a lavar a cara.

V. PERSPECTIVAS DE FUTURO

- **Durante quanto tempo acha que vai precisar (ou que ainda precisava) do RSI?**

Eu recebo há 9 anos...não digo que vou receber sempre...bem, o meu filho tem 10 anos...talvez mais uns 7 ou 8 anos.

- **O que acha que está a fazer agora para melhorar a sua vida futura e a dos seus familiares?**

Eu tento dar o máximo...eu tento dar conselhos... o meu marido é uma pessoa antiga, não é muito de ouvir coisas novas, mas principalmente para os filhos, gosto de incentivar, gosto de dizer “estudem que a mamã não estudou porque não conseguiu...vocês são homens, não são mulheres porque as mulheres têm de andar sempre perto dos homens”. Tento dar sempre apoio para ajudar no crescimento, dar os conselhos.

- **Acha que a sua vida vai ser melhor no futuro?**

Se continuar assim...acho que não é ruim.

- **Quais os seus maiores sonhos que gostaria de ver realizados?**

O meu maior sonho que eu queria era uma casa. Se eu tivesse uma casa era muito bom, porque aí eu conseguia dobrar os meus filhos mais do que aquilo que eles são dobrados. Eles são crianças e brigam e agente tem de chamá-los à razão e quando há outras pessoas a interferirem já não dá para agente segurar como quer e aqui acontece isso.

- **Daqui a 10 anos que actividade profissional acha que é mais provável estar a fazer? Porquê?**

Eu acho que é possível ter outra profissão se agente se empenhar. Agora se for pensar que toda a vida vai ser doméstica...vai ser mesmo doméstica. Mas se agente tiver outras ilusões e aquela capacidade de dizer que vou conseguir, daqui a 10 anos pode vir a ter...

Entrevista 8

0. Apresentação e explicação da entrevista

XXIX. Ela e o passado: trajectória de vida

Origem Social e percepção do passado

- **O que faziam os seus pais para ganhar a vida?**

Trabalhavam. O meu pai era camponês e a minha mãe era em casa. Não havia trabalhos no tempo.

Até que ano os seus pais estudaram?

A minha mãe tem a 4ª classe. O meu pai ficou com a 3ª incompleta. O meu pai era uma pessoa muito trabalhadora, saiu da escola para ir trabalhar muito novinho. E morreu cedo, tinha 47 anos.

- **Como descreve a sua infância e adolescência?**

Na minha infância ia para a minha escola, gostava de estudar, mas o meu pai e a minha mãe não me podiam dar estudos.

- **Existiam dificuldades económicas? Porquê?**

Sim, havia dificuldades porque o meu pai era camponês e tinham 5 filhos.

- **O que faziam para não passarem por tantas dificuldades? Recebiam algum tipo de apoio? Qual a proveniência deste?**

A minha mãe cozia pão para casa três vezes por semana para termos sempre o que comer. Era muita vez o que nós comíamos com chá. A minha mãe era a filha mais moça e ela tinha irmãos no Canadá que mandavam bastantes roupinhas para agente, porque a minha mãe não podia comprar. Já era uma grande ajuda. Os sapatos e as roupas vinham de fora, era um gasto que a minha mãe já não tinha porque as minhas tias olhavam por agente. A minha mãe nunca falava se tinha apoio da assistência ou não, mas eu acho que nunca tiveram estes apoios. Era só o nosso abono porque o meu pai descontava para a caixa. Nunca tivemos apoios.

- **Como era a relação entre os elementos da família?**

Era uma boa relação. Meu pai só não dava mais porque não tinha.

- **Considerava-se uma pessoa/família pobre? Porquê?**

Éramos pobres mas nunca nos faltou comida. Faltou-nos o estudo, mas é porque o meu pai não podia dar e naquela altura não havia os apoios que há hoje. Hoje em dia vivemos muito melhor.

- **Razões para que motivaram o recebimento de um apoio estatal**

29.1. Trajectória escolar

- **Qual foi o ano escolar que atingiu?**

Tenho a 4ª classe. Ainda fui para a Lagoa onde comecei a fazer o 5º ano, mas tive de deixar porque a minha mãe não podia pagar os meus estudos. Ficou incompleto.

- **Deixou de frequentar a escola com que idade? Porquê?**

Tinha 14 anos. O meu pai era camponês e não podia pagar os meus estudos. Depois eu também comecei logo a pensar em ganhar um dinheirinho porque naquele tempo agente pensava em se casar. Então, dos 14 aos 15 anos meti-me numa costura na casa de uma senhora. Tive até aos 19 anos a aprender a pegar numa agulha, a aprender a trabalhar, sem ganhar um cêntimo.

- **Na altura, gostava da escola (relação com a escola)?**

Eu não gostava muito, mas também nunca faltei. Naquele tempo, quando ficávamos maiores agente até se sentia mal por ainda estar na escola porque as raparigas não estudavam muito, era só até aos 14 anos.

- **As pessoas com quem vivia ajudavam-na / encorajavam-na a ir à escola e a estudar? O que faziam?**

A minha mãe sempre mandava os filhos para a escola. Até tive uma irmã mais nova que foi até ao 6º e a minha mãe queria que ela seguisse.

- **Acha que a sua vida poderia ser diferente se tivesse continuado a estudar?**

Acho que sim, porque podia ganhar dinheiro e hoje ser melhor ainda. Eu penso que aquele tempo que estive na costura a aprender podia ter estado na escola e hoje podia ganhar mais dinheiro, mas naquele tempo foi assim.

29.2. Trajectória familiar

- **Com que idade casou? E porque casou.**

Casei com 23 anos. Casei porque queria ser independente, não queria estar sempre com os meus pais. Queria ter a minha vida.

- **Quantos filhos teve?**

Tive 3. Sempre pensei em ter uma filha e veio a Sandra, mas eu pensava muito em ter uma casa. Criei a minha filha mais velha até aos 5 anos, tive o Hélio. Ao fim de 10 anos veio a Marta.

- **Que alterações na vida familiar veio trazer o nascimento dos seus filhos?**

Fui mãe aos 24 anos. Foi mais trabalho, mas também foi mais alegria. Eu também já estava preparada porque já estava com a idade avançada. Se fosse hoje até tinha sido mais tarde porque a Marta nasceu eu tinha 37 anos e foi tudo com mais paciência, mais tudo.

- **O facto de ser mãe alterou o seu envolvimento na família?**

Pois, agente sempre tem outras coisas. Para mim foi muito melhor do que estar sempre sozinha com o meu marido.

- **Casos de separação/divórcio: O que foi diferente na vida pessoal e familiar após o divórcio?**

29.3. Trajectória profissional

- **Já alguma vez trabalhou?**

Fiz costura toda a minha vida. Trabalhava como costureira, ganhava muito, agora é que já não dá nada. Tou fazendo uns cortinados para a minha casa, umas coisas para a minha mãe. Alguma pessoa sempre me pede qualquer coisa, eu faço, sempre ganho dinheiro, mas já não é como era. Antigamente trabalhava-se muito na costura, fazia-se muita roupa porque não havia pronto-a-vestir.

- **Se nunca trabalhou, porque é que nunca trabalhou?**

- **Que empregos teve?**

Foi sempre de costureira em casa. Sempre fiz a minha vida de casa e cuidei dos meus filhos e também trabalhava em casa.

- **Durante quanto tempo teve estes empregos?**

Fui uma costureira destas de “dar para a frente” dos 19 aos 23 anos, nunca falhava com a minha palavra. Era sábados, domingos, serões até às 4h da manhã mesmo grávida da minha filha. Depois da minha filha nascer já foi mais complicado porque tinha de tratar dela e do meu marido, mas já era menos. A minha mãe sempre me ajudava porque vivi 9 anos com os meus pais, mas depois dela nascer tive de dar para trás. Ela era pequenina e nesta altura eles dão muito trabalho.

- **Porque saiu do(s) emprego(s)? O que sentiu?**

Na altura que começaram a aparecer os pronto-a-vestir comecei a sentir a falta do dinheiro. As pessoas diziam que comprar o tecido, as linhas, os botões e ainda pagar a costureira já não valia a pena e mais valia comprar feito. Depois começaram a aparecer os chineses. Foi assim...o mundo evoluiu. Eu até dizia muita vez que se não tivesse nascido a minha filha mais nova eu ia trabalhar, mas a minha mãe dizia que “quem tem os filhos que os crie” e nunca me ficou com ela.

- **Foi importante para si ter trabalhado? Porquê?**

Foi muito importante porque eu evolui. Sempre tive o gosto de fazer uma casa e Nosso Senhor deu-me este gosto. A Câmara deu-nos este lote quase dado, compramos este chão por uma bagatela e tive 3 anos a fazer esta casa morando em casa dos meus pais. Trabalhei muito na altura para poupar para a fazer e consegui. Puxei daqui e dali e consegui.

- **Para si, enquanto pessoa, considera que ter emprego é fundamental ou em vez do emprego acha que há outras coisas mais importantes? Quais?**

Um emprego é bom, mas temos de pensar nos nossos filhos, não é só ter o emprego e não dar atenção aos filhos. Conheço tantas por aí que não querem ter os filhos e não os querem sofrer, nem em bebés se elas querem-nos sofrer. Elas querem é dar a criar, como elas dão. Elas dizem “eu dou 4 dias e dá para mim e para pagar a mulher”, mas não querem estar em casa a sofrê-los. Custa a sofrê-los mas eles são nossos. Meus ricos filhos!

XXX. Ela e o Estado: o Rendimento Social de Inserção

30.1. Visão do RSI

- **Para si, o que é o RSI?**

Foi a melhor coisa que existiu porque eu sei apurar muito bem o dinheiro do rendimento. Desde que comecei a receber, comecei a evoluir mais ainda. É uma coisa que eu sei poupar.

- **Quem acha que deve ter o RSI?**

Na minha opinião só deviam receber o rendimento as poupadas, porque as poupadas sabem evoluir. Mas às vezes, e eu já disse isso há Dr.^a Raquel, há muitas que recebem e continuam na mesma miséria. Elas recebem contos e contos e quando vamos a casa delas não têm uma mesa, não têm uma cama para um pequeno dormir, não têm nada! Não sabem aproveitar aquilo enquanto há.

- **No seu caso, acha que tinha direito ao RSI ou isso dependeu de quem decidiu e da sua sorte?**

Eu fiz os papéis como qualquer um faz. Acho que foi um direito porque estava apouquentada da minha vida. Tinha os dois na escola e era só ele a trabalhar.

- **Na sua opinião, quanto tempo deve durar a prestação de RSI? Porquê?**

Não sei...eu digo que quando me tirarem, paciência, porque já beneficiou muito à minha vida. Era bom que eu continuasse a receber até à velhice, mas nunca se sabe, isso são leis que dão e tiram e agente nunca sabe.

- **Sabe quais são os motivos pelos quais uma pessoa pode deixar de receber o RSI?**

Não sei...às vezes ouço que é pelos rapazes começarem a trabalhar. Mas não tenho a certeza porque a informação vem do povo.

30.2. O Requerimento

- **Porque resolveu requerer o RSI?**

Na altura, a costura já estava fraca, o meu marido já era do campo, ele tinha um patrão certo, mas depois o patrão morreu e começou a trabalhar aqui e ali, o dinheiro não era certo. Eu comecei a ver a minha vida toda apertada e socorri-me disso. Também eu tinha feito esta casa...estava difícil.

- **Quais os problemas/dificuldades pelas quais passava?**

Era para eles irem bem arranjadinhos para ir para a escola e para pagar as minhas dívidas que tinham-me dado crédito em certas coisas da casa.

- **Antes de requerer o RSI já tinha solicitado outro apoio do Serviço de Acção Social? Teve apoio, qual? Durante quanto tempo?**

Nunca tive apoio antes do rendimento.

- **O que mudou na sua vida depois de receber a prestação?**

Passsei a viver mais folgada. Agora já posso dar mais uma coisinha aos pequenos porque eles antes pediam e eu dizia “a mamã não pode porque está a dever a casa, ou está a dever outra coisa qualquer” e eles abrandavam. Agora vivo mais folgada. O meu marido também ganha ao dia e, de inverno, se chove ele não ganha. Ele trabalha no campo, em jardinagem, faz de tudo um pouco, mas não tem patrão certo. Tenho as minhas contas em dia, sempre direitinhas.

- **Actualmente está a receber o RSI? Tendo em conta a sua situação actual, considera que necessita do RSI? Porquê?**

Ainda necessito porque os filhos vão crescendo e as coisas vão ficando mais complicadas. Tenha minha filha de 19 anos que não tem emprego, está à espera de ser chamada para trabalhar, mas está tudo muito difícil e ela está a viver é do pai e da mãe.

- **Em geral quais são as principais vantagens e desvantagens do RSI?**

Desvantagens é que há pessoas a receber e não sabem poupar. As coisas boas é viver mais folgada e ter as contas em dia. Os filhos vão crescendo e agente gasta mais, em pequenos eles comem sopa, depois de grandes já pedem o segundo. Agente poupa muito é com eles pequeninos, com eles grandes não se poupa nada porque se gasta muito na comida.

30.3. O Acordo de Inserção

- **Já alguma vez os serviços pediram a si ou a alguém da sua família para fazer alguma coisa para continuar a receber o dinheiro do RSI? O quê? O que pensa sobre isso?**

Já fui para uma formação e estou outra vez inscrita para mais uma que vai começar em Setembro e já tive a dar costura. Eu concordo mas acho que deve ser para todos, não é uns irem e os outros não.

- **Sabe o que é o acordo de inserção?**

Temos de ir lá assinar um papel, dizer quantos filhos agente tem ainda, dizer como é que as coisas estão andando, temos de dar estes dados todos.

- **Qual é o seu acordo de inserção? O que acha do acordo?**

Acho que estava lá que eu ia receber por mais um ano.

- **Efectuou sugestões para o seu acordo?**

Não participei, foi só assinar.

- **O que pensa da existência do acordo de inserção?**

Eu acho bem porque assim ela fica a ver que as coisas andam todas direitas.

- **Conhece outras mulheres que tenha conseguido emprego com a ajuda do RSI ou dos técnicos do RSI?**

Conheço bastantes.

XXXI. Ela e a família: o género nas relações familiares

- **Na sua família, quais são as funções que cabem ao homem e à mulher?**

Agente faz de tudo em casa. O meu marido trabalha fora, quando chega a casa não vai querer limpar a casa, não é? Isso é mais comigo. Se eu saio para ir ao médico ou qualquer coisa, ele sempre olha pela casa, recolhe a roupa, mas não é sempre, sempre.

- **Quem acha que tem mais poder na família: o homem ou a mulher? Porquê?**

A meu ver é o casal. Na minha família é assim. Os dois têm de ver a família, temos de lutar, temos de fazer, agente é que fala e combina, os dois. E também ensino os meus filhos a fazerem as coisas, não é só a mamã.

- **Acha que poderia ou deveria ser diferente?**

Eu acho que é assim e deve ser assim. Já passo isso aos meus filhos.

- **Na sua família de origem as coisas já funcionavam assim?**

Também já era assim. A minha mãe fazia o serviço todo da casa e o meu pai chegava das terras não ia estar limpando a casa.

- **Conhece famílias cujas funções do homem e da mulher sejam diferentes das que apontou? O que acha sobre isso?**

Sim, conheço. Agora agente já vê outra coisa: é o homem a trabalhar, a mulher a trabalhar e quando chegam a casa os dois têm de lutar para a vida. Eu acho bem quando os dois trabalham dividirem as tarefas domésticas. Não é só a mulher e o homem sentado no sofá. Os dois têm de trabalhar em casa.

- **Acha que a sua organização familiar tem interferência ou não no facto de necessitarem do RSI? Porquê?**

Tem, já se sabe. Os filhos vão crescendo...e o trabalho já não é o que era. É de repente umas cortinas para a festa ou qualquer coisa, mas é pouco porque já há os prontos-a-vestir.

XXXII. Ela e o trabalho

32.1. Visão relativamente ao trabalho

- **O que significa para si ser feliz?**

Ter tudo e ter convivência, compreensão e amor.

- **E vencer na vida?**

Para mim é agente estar neste mundo, lutar e progredir. Eu acho bonito!

- **O que é para si o trabalho?**

É trabalhar, é bom ganhar dinheiro. “Migalhas é pão”.

- **Para si, é importante na vida ter trabalho?**

Então não é tão importante!

- **O que é para si a família?**

Para mim a família é tudo!

- **O que coloca em primeiro lugar por ordem de importância? Porquê?**

Primeiro a minha família. O meu marido é uma pessoa lutadora e sempre trabalhou. Nunca trabalhei fora porque nunca tive ninguém que cuidasse dos meus filhos. Se eu fosse trabalhar tinha de ter dado a minha filha a crias, ia ter de pagar e ia dar elas por elas. Ia trabalhar para pagar uma mulher, e o que me ia crescer? Um troco mal amanhado?! Ou muito ou pouco sempre trabalhei em casa e cuidei dos meus filhos

- **Qual a importância que dá ao trabalho na sua felicidade?**

Era bom para ganhar um dinheirinho e já servia. Quando não se ganha vem as preocupações quando começa a chegar ao fim do mês para pagar as contas. Depois temos sempre de ter um dinheirinho se vier uma doença para a medicação. Nunca fui pedir dinheiro para medicamentos à assistente social.

- **Para si, trabalhar serve principalmente para quê?**

Para disfarçar e para ganhar dinheiro.

- **Acha que as mulheres que trabalham sentem-se felizes por trabalhar?**

Hoje em dia...não sei. Não sei se elas trabalham por desporto ou para ter mais alguma coisa.

- **O que considera ser um bom emprego?**

Não sei, mas uma coisa de trabalhar com crianças.

- **Se fosse trabalhar, qual o emprego que gostaria de ter? Porquê?**

A costura já não. Também a saúde já não ajuda...não sei.

32.2. O trabalho feminino

- **Quais são os seus afazeres diários?**

Fazer comida, as camas, as casas de banho lavadas, a roupa para lavar.

- **Acha que as mulheres que trabalham conseguem desempenhar da mesma forma que você as suas tarefas domésticas? Porquê? E se estivesse a trabalhar fora de casa?**

Não conseguem. Quem trabalha não faz as coisas como eu. Têm de partilhar com o marido.

- **Acha que uma mulher que trabalha fora de casa consegue ser uma boa mãe?**

Está tudo na gente. Depende de cada pessoa.

- **Alguma mulher na sua família (ou vizinhança) trabalha fora de casa? O que faz e o que pensa sobre o trabalho dela?**

A minha irmã sempre deu dias. É diferente de mim que sempre quis mais estar em casa, eu ganhei dinheiro foi em casa. A minha irmã sempre gostou mais de sair e dar dias. Eu penso que é melhor que a costura. Nós saímos de manhã e voltamos às 5 horas mas temos o dia ganho e o dinheiro na mão, não é como a costura que damos fiado e ficamos com calotes às costas!

- **No seu caso, acha que poderia trabalhar fora de casa? Porquê? (e se sim em quê?)**

Agora com quarenta e tal anos já não. Porque eu passo mal nas viagens de camioneta e vomito.

- **O que faria se a sua Assistente Social lhe ligasse amanhã a dizer que lhe arranhou um emprego?**

Ai...Se fosse em Água de Pau eu se calhar ia. Vinha a casa na hora do almoço, via os meus filhos, dava a comidinha, mas fora de Água de Pau eu não ia.

- **Se não tivesse recebido o RSI como acha que seria a sua vida agora? (o que seria igual e o que seria diferente)**

Ia ser muito difícil. Acho que ainda estava pagando dívidas de há 9 anos, de quando fiz a casa.

V. PERSPECTIVAS DE FUTURO

- **Durante quanto tempo acha que vai precisar (ou que ainda precisava) do RSI?**

Não sei...mas tenho medo que com a crise deixemos de receber. Todos os dias abrimos a televisão a vemos o rendimento acima e a baixo. Se eu pudesse receber o resto da minha vida era bem bom. Aos meus filhos o que eu não lhes pude dar em pequenos já ajudei a eles. Já lhes compro umas coisinhas melhores.

- **O que acha que está a fazer agora para melhorar a sua vida futura e a dos seus familiares?**

Digo aos meus filhos para estudarem porque eu não pude.

- **Acha que a sua vida vai ser melhor no futuro?**

Eu não sei o que vai vir no futuro. Não sei...

- **Quais os seus maiores sonhos que gostaria de ver realizados?**

Os meus filhos bem empregados e com as suas vidas terminadas. Com emprego ou sem eu também terminei a minha.

- **Daqui a 10 anos que actividade profissional acha que é mais provável estar a fazer? Porquê?**

A vida está difícil. Mas para a costura não volto. Não dá nada... Não sei...

Entrevista 9

0. Apresentação e explicação da entrevista

XXXIII. Ela e o passado: trajectória de vida

Origem social e percepção da vida passada

- **O que faziam os seus pais para ganhar a vida?**

O meu pai trabalhava nas terras, era camponês, trabalhava nas matas, fazia lenha. A minha mãe era doméstica de casa, ela nunca trabalhou.

- **Até que ano os seus pais estudaram?**

A minha mãe até à 3ª classe. O meu pai, coitadinho, nunca meteu os pés na escola, naquele tempo não era obrigatório. A minha avó botou-o a trabalhar e ele nunca soube o que era a escola.

- **Como descreve a sua infância e adolescência?**

Foi feliz. Sempre foi feliz tanto em criança como já mais grandinha.

- **Existiam dificuldades económicas? Porquê?**

Não tinha. O meu pai vivia pobre, mas trabalhava muito. Passávamos algum desconsolo, mas nunca passamos fome.

- **O que faziam para não passarem por tantas dificuldades? Recebiam algum tipo de apoio? Qual a proveniência deste?**

O meu pai trabalhava muito. Nunca tivemos apoios.

- **Como era a relação entre os elementos da família?**

Éramos muito unidos uns com os outros. Ainda hoje em dia somos muito unidos, todos eles.

- **Considerava-se uma pessoa/família pobre? Porquê? E actualmente?**

Eu era pobre, mas o meu pai nunca parava, tinha sempre trabalho; não é por ser meu pai, mas ele era muito esperto para trabalhar. A bem dizer da verdade, nós não comprávamos assim um geladinho para matar o desconsolo, mas a comida não faltava. A minha mãe às vezes pensava em comprar mais isso, mas não comprava, para ficar para os pequenos. O meu pai era um bom homem e um bom marido.

- **Razões para que motivaram o recebimento de um apoio estatal**

33.1. Trajectória escolar

- **Qual foi o ano escolar que atingiu?**

Foi a 4ª classe.

- **Deixou de frequentar a escola com que idade? Porquê?**

Devia ter uns 10 ou 11. Na altura não era obrigatório estudar. Acabávamos a 4ª classe e vínhamos para casa.

- **Na altura, gostava da escola (relação com a escola)?**

Eu gostava da escola, mas não me lembro porquê.

- **As pessoas com quem vivia ajudavam-na / encorajavam-na a ir à escola e a estudar? O que faziam?**

Sim. A minha mãe ajudava-me nas coisas da escola.

- **Acha que a sua vida poderia ser diferente se tivesse continuado a estudar?**

Acho que não...quer dizer, podia ser que sim e podia ser que não. Eu podia ter emprego ou não ter porque hoje em dia há tantos que têm estudos e não têm emprego.

33.2. Trajectória familiar

- **Com que idade casou? E porque casou.**

Casei com 18. Casei porque o meu marido não tinha mãe nem pai. Ele vivia a favor e eu casei mais cedo por causa disso. Ele era muito novo quando os pais faleceram.

- **Quantos filhos teve?**

Tive 7 filhos. Duas gémeas faleceram quando eram bebezinhas e tive um filho que morreu quando tinha 20 anos. Vivos, tenho 4.

- **Que alterações na vida familiar veio trazer o nascimento dos seus filhos?**

Correu tudo bem, foi uma alegria muito grande. Passei a viver mais apertadinho, mas tudo se resolve. Agente quando não tem filhos, vive-se melhor, quando se tem vive-se mais apertados, mas os filhos são uma alegria.

- **O facto de ser mãe alterou o seu envolvimento na família?**

Não.

- **Casos de separação/divórcio: O que foi diferente na vida pessoal e familiar após o divórcio?**

33.3. Trajectória profissional

- **Já alguma vez trabalhou?**

Já sim, há muito tempo.

- **Se nunca trabalhou, porque é que nunca trabalhou?**

- **Que empregos teve?**

Foi como a dar dias, mas já há muito tempo. Foi primeiro em solteira e depois de casada antes da Raquel nascer, mas foi pouco, foi só uns dias.

- **Durante quanto tempo teve estes empregos?**

Já não me lembro bem, mas o primeiro foi uns 5 ou 6 meses quando era solteira, e o segundo um ano e tal.

- **Porque saiu do(s) emprego(s)? O que sentiu?**

Do primeiro eu saí para me casar, fiquei de vez em casa depois e o outro eu fiquei grávida, depois nasceu a pequena e eu fiquei em casa. Senti que era melhor vir cuidar dos meus filhos.

- **Foi importante para si ter trabalhado? Porquê?**

Se foi importante para mim? ... Talvez. Porque ajudava mais à vida. Já se sabe que uma pessoa trabalhando ajuda mais.

- **Para si, enquanto pessoa, considera que ter emprego é fundamental ou em vez do emprego acha que há outras coisas mais importantes? Quais?**

O emprego é muito importante, mas quem tem filhos é mais importante criar os nossos filhos. Os nossos filhos estão antes do emprego.

XXXIV. Ela e o Estado: o Rendimento Social de Inserção

34.1. Visão do RSI

- **Para si, o que é o RSI?**

É uma coisa muito boa, é uma ajuda para a vida.

- **Quem acha que deve ter o RSI?**

Agente, para as crianças. Quando os pais não podem, e há muitos aí que não querem nada, as crianças é que sofrem e elas não têm culpa de vir ao mundo e as crianças não podem passar fome. Ajudar deve ser para quem tem crianças.

- **No seu caso, acha que tinha direito ao RSI ou isso dependeu de quem decidiu e da sua sorte?**

Dependeu da sorte.

- **Na sua opinião, quanto tempo deve durar a prestação de RSI? Porquê?**

Eu não sei bem isso do tempo, mas se calhar até as crianças terem 18 anos. Porque é enquanto crianças que eles precisam do nosso apoio. Já quando eles têm 18 anos já não querem o nosso apoio. O adulto defende-se mas as crianças não se sabem defender.

- **Sabe quais são os motivos pelos quais uma pessoa pode deixar de receber o RSI?**

Quando fazem queixa das pessoas.

34.2. O Requerimento

- **Porque resolveu requerer o RSI?**

Para ajudar mais à vida. Estava com dificuldades.

- **Quais os problemas/dificuldades pelas quais passava?**

É que o meu marido é camponês, às vezes chove e ele fica em casa e não ganha.

- **Antes de requerer o RSI já tinha solicitado outro apoio do Serviço de Acção Social? Teve apoio, qual? Durante quanto tempo?**

Eu já tinha recebido antes o rendimento há muitos anos, mas depois fui cortada e depois fiz outro contrato novo. Na altura fui cortada porque o meu rapaz que Deus dá o céu, na altura, eu terminava-o para ir para a escola e ele não ia às aulas. Eu era chamada à assistente social e avisava-o mas era sempre igual, ele faltava às aulas. Não lhe sei dizer quanto tempo recebi ao certo, mas sei que foi muito tempo, talvez uns 5 anos. Depois pedi outra vez mas recebi pouco tempo. As mães terminam os rapazes para a escola mas eles não têm juízo e não querem perceber. Agora recebo há 3 anos.

- **O que mudou na sua vida depois de receber a prestação?**

A senhora sabe que faz diferença. Ajuda-me em mais alguma coisa, para as crianças comerem e tudo.

- **Actualmente está a receber o RSI? Tendo em conta a sua situação actual, considera que necessita do RSI? Porquê?**

Sim senhora, ainda preciso porque ajuda mais à vida. Aquele dinheirinho é certo.

- **Em geral quais são as principais vantagens e desvantagens do RSI?**

O rendimento é uma coisa boa para a família, não é nada de ruim. É uma esmola.

34.3. O Acordo de Inserção

- **Já alguma vez os serviços pediram a si ou a alguém da sua família para fazer alguma coisa para continuar a receber o dinheiro do RSI? O quê? O que pensa sobre isso?**

Sim. Eu já estive trabalhando na escola dos Frades. Foi há muito tempo, durou um ano e qualquer coisa. Estava lá sentada tomando conta das mochilas das crianças. Chamaram-me e eu fui, eram só 3 horas do meio dia às 3h.tinha também de atimar o corredor e a casa de banho. Era pouquinho, eram só 3 horas. Foi preciso e eu fui.

- **Sabe o que é o acordo de inserção?**

O que é que isso quer dizer? O contrato? Quando agente recebe, agente costuma a fazer, não é?

- **Qual é o seu acordo de inserção? O que acha do acordo?**

Não sei.

- **Efectuou sugestões para o seu acordo?**

Eu penso que não.

- **O que pensa da existência do acordo de inserção?**

Acho bem porque sem o contrato eu não posso receber. Com o contrato posso receber mais uma vez, porque agente faz e pode receber mais.

- **Conhece outras mulheres que tenha conseguido emprego com a ajuda do RSI ou dos técnicos do RSI?**

Não sei. A isso não consigo responder.

XXXV. Ela e a família: o género nas relações familiares

- **Na sua família, quais são as funções que cabem ao homem e à mulher?**

A mulher termina a vida e o marido tem de trabalhar. Agente tem de cuidar da vida e eles têm de trabalhar para a vida.

- **Quem acha que tem mais poder na família: o homem ou a mulher? Porquê?**

Talvez o homem. Porque o homem é o cabeça de casal. Porque o homem é homem, é ele que destina a vida da casa. Agente destina a nossa vida, mas se não é um homem...Uma mulher sem homem fica como despida.

- **Acha que poderia ou deveria ser diferente?**

Acho que deve ser assim.

- **Na sua família de origem as coisas já funcionavam assim?**

Sim, também era assim.

- **Conhece famílias cujas funções do homem e da mulher sejam diferentes das que apontou? O que acha sobre isso?**

Não sei. Sei só da minha porta para dentro.

- **Acha que a sua organização familiar tem interferência ou não no facto de necessitarem do RSI? Porquê?**

Talvez, quem faz o rendimento é quem tem necessidade. Há pessoas que têm ordenados certos e outros que são camponeses como a minha família, perde muitos dias, chove e fica em casa, às vezes não há serviço nas terras e falha o ordenado e o rendimento é para receber mais um dinheirinho.

XXXVI. Ela e o trabalho

36.1. Visão relativamente ao trabalho

- **O que significa para si ser feliz?**

Paz, saúde e a graça de Deus. Ter coisinha para o mesmo dia, paz e saúde. Com isso já sou tão feliz.

- **E vencer na vida?**

É os meus filhos que são bons para mim, graças a Deus. E eles serem unidos.

- **O que é para si o trabalho?**

É para ter um ordenado, sem ele não temos nada.

- **Para si, é importante na vida ter trabalho?**

Então não é importante!

- **O que é para si a família?**

É a minha alegria, o meu conforto.

- **O que coloca em primeiro lugar por ordem de importância? Porquê?**

As duas coisas são importantes, mas mais importante são os meus filhos. Porque o trabalho, hoje trabalha-se, amanhã não, hoje eu como melhor, amanhã como pior, mas os meus filhos estão acima de tudo.

- **Qual a importância que dá ao trabalho na sua felicidade?**

Sem trabalho como é que agente vai viver?

- **Para si, trabalhar serve principalmente para quê?**

Para ter dinheiro para comer.

- **Acha que as mulheres que trabalham sentem-se felizes por trabalhar?**

Acho que as que trabalham são felizes, porque sempre é mais um dinheirinho. A fêra do marido só não dá. O trabalho ajuda bastante à vida. Mas também estas coitadinhas trabalham mais porque fazem as suas vidas em casa à noite e também fazem por fora, para de manhã cedo irem trabalhar, e deixam as crianças aqui e acolá e pagam a pessoas para ficar com as crianças. É mais chato e faz diferença.

- **O que considera ser um bom emprego?**

Ser doméstica.

- **Se fosse trabalhar, qual o emprego que gostaria de ter? Porquê?**

De empregada doméstica porque eu não sei fazer mais nada. Eu não tenho estudos, só sei limpar a casa.

36.2. O trabalho feminino

- **Quais são os seus afazeres diários?**

Lavar a loiça, tratar das raparigas, a comida, a roupa, fazer as camas... é a vida da mulher, é sempre a vida da casa.

- **Acha que as mulheres que trabalham fora de casa conseguem desempenhar da mesma forma que você as suas tarefas domésticas? Porquê? E se estivesse a trabalhar fora de casa?**

Acho que não conseguem, eu não conseguia. Em casa faz diferença, tenho as crianças comigo. Às vezes a minha filha dorme até às 11 da manhã, e se eu trabalhasse não dormia, tinha de a levantar cedo para ir levar à creche ou a qualquer lado e assim a criança dorme.

- **Acha que uma mulher que trabalha fora de casa consegue ser uma boa mãe?**

Talvez, também é mãe dos seus filhos.

- **Alguma mulher na sua família (ou vizinhança) trabalha fora de casa? O que faz e o que pensa sobre o trabalho dela?**

A minha sobrinha. Ela trabalha no Modelo e a filha dela fica com a avó. Ela trabalha na caixa do hiper. É para ajudar a sua vida. É um trabalho bom, é perto de casa.

- **No seu caso, acha que poderia trabalhar fora de casa? Porquê? (e se sim em quê?)**

Agora não por causa da minha filha mais pequena. Porque ela tem só 3 anos e ainda é pequena. Agora era mais complicado.

- **O que faria se a sua Assistente Social lhe ligasse amanhã a dizer que lhe arranjou um emprego?**

Eu dizia-lhe que não podia ir porque tenho a pequena ainda é pequenina.

- **Se não tivesse recebido o RSI como acha que seria a sua vida agora? (o que seria igual e o que seria diferente)**

Seria mais complicada, este dinheiro já serve para alguma coisa. Aquilo que eu compro para as crianças comerem já não sai do ordenado do meu marido, faz diferença. Dá para o leite da pequena, comida e tudo. De inverno o meu marido pouco ganha e assim as crianças já comem melhor.

V. PERSPECTIVAS DE FUTURO

- **Durante quanto tempo acha que vai precisar (ou que ainda precisava) do RSI?**

Durante mais algum tempo para as crianças. Até as crianças terem os seus 18 anos. A minha mais nova ainda tem 3 anos.

- **O que acha que está a fazer agora para melhorar a sua vida futura e a dos seus familiares?**

Com o rendimento estou a melhorar o meu futuro. Sem o rendimento não tenho o mesmo futuro que tenho com o rendimento. Com esta ajuda já faço mais pelas crianças.

- **Acha que a sua vida vai ser melhor no futuro?**

Depende do correr das coisas. Quando os meus filhos tiverem 18 anos eles hão-de ir trabalhar para si para ajudar à vida. Aí as coisas vão ser melhores.

- **Quais os seus maiores sonhos que gostaria de ver realizados?**

Ter uma casinha minha.

- **Daqui a 10 anos que actividade profissional acha que é mais provável estar a fazer? Porquê?**

Daqui a 10 anos já tenho cinquenta e tal, já não arrasto os pés, o mais certo é estar em casa.

Entrevista 10

0. Apresentação e explicação da entrevista

XXXVII. Ela e o passado: trajectória de vida

Origem social e percepção da vida passada

- **O que faziam os seus pais para ganhar a vida?**

O meu pai era pescador e a minha mãe era doméstica.

- **Até que ano os seus pais estudaram?**

Não sei. O meu pai e a minha mãe sabiam ler e escrever. Eles são capazes de ter a 2ª ou a 3ª classe mas a minha mãe sabia mais coisas que o meu pai, por isso, é capaz de ter mais estudo que o meu pai.

- **Como descreve a sua infância e adolescência?**

Foi sempre com os meus pais. A minha infância não foi muito feliz porque o meu pai batia muito nacente e a minha mãe morreu tão nova. Eu tinha 12 anos quando a minha mãe morreu. O meu pai vinha para casa bêbedo, e agente escondia-se com medo dele. Depois, quando cresci, o meu pai nunca quis o meu namoro com o meu marido, depois fiquei à espera do meu mais velho e tive de fugir. Ia fazer 17 anos.

- **Existiam dificuldades económicas? Porquê?**

Sim senhora, havia dificuldades, porque agente comia era das mãos do meu pai e às vezes ele dava e outras não dava.

- **O que faziam para não passarem por tantas dificuldades? Recebiam algum tipo de apoio? Qual a proveniência deste?**

Pedia esmola. Também nunca tivemos ajuda da família, era como os cães! Ajuda de serviços?!... Nunca tivemos isso.

- **Razões para que motivaram o recebimento de um apoio estatal**

- **Como era a relação entre os elementos da família?**

O meu pai e a minha mãe era sempre a discutir. O meu pai teve uma “amiga” e entre a minha mãe e esta “amiga” ele nunca a deixou da mão. Até teve uma vez em que o meu pai convidou agente para comer fora e depois já estava com esta “amiga” ao lado. Nunca fomos uma família feliz. O meu pai discutia com a minha mãe e agente ficava nervosos, com medo que ele batesse na minha mãe, porque se isso acontecesse agente se metia ao meio... Com os filhos... ele batia sempre. Nunca foi um pai carinhoso que andasse ao pé dagente. A minha mãe era carinhosa para agente, nunca batia. Tenho boas lembranças dela.

- **Considerava-se uma pessoa/família pobre? Porquê? E hoje em dia?**

Na altura era sim senhora porque agente vivia da vida de pescador e às vezes o mar dava e outra não dava. Depois também o meu pai também umas vezes dava e outras não. Hoje em dia é tudo diferente...

37.1. Trajectória escolar

- **Qual foi o ano escolar que atingiu?**

A 4ª classe.

- **Deixou de frequentar a escola com que idade? Porquê?**

Deixei a escola com 15. Comecei a trabalhar novinha para ajudar. Eu dava dias.

- **Na altura, gostava da escola (relação com a escola)?**

Não gostava da escola, eu queria trabalhar para ajudar à vida da minha mãe porque o meu pai não ajudava.

- **As pessoas com quem vivia ajudavam-na / encorajavam-na a ir à escola e a estudar? O que faziam?**

A minha mãe fazia força para eu ir para a escola só que eu não gostava e queria era ajudar a ela. Não era tanto pelo meu pai mas sim pela minha mãe. Agente ajudava muito a minha mãe.

- **Acha que a sua vida poderia ser diferente se tivesse continuado a estudar?**

Sim, podia ser diferente. Podia ter mais estudos. Se não fosse isso de ajudar a minha mãe tinha ficado sempre na escola.

37.2. Trajectória familiar

- **Com que idade casou? E porque casou.**

Com 16 anos. Porque engravidei e gostava muito do meu marido. O meu pai não quis nem o meu namoro, nem o meu casamento. O meu marido até foi pedir, mas só que ele nunca quis.

- **Quantos filhos teve?**

Tive 3.

- **Que alterações na vida familiar veio trazer o nascimento dos seus filhos?**

Um futuro melhor...gostei e senti-me muito feliz.

- **O facto de ser mãe alterou o seu envolvimento na família?**

Sim, foi muito melhor.

- **Casos de separação/divórcio: O que foi diferente na vida pessoal e familiar após o divórcio?**

•

37.3. Trajectória profissional

- **Já alguma vez trabalhou?**

Sim senhora, comecei com 15 anos.

- **Se nunca trabalhou, porque é que nunca trabalhou?**

- **Que empregos teve?**

Eu limpava casas. Era uma semana para uma casa e uma semana para outra. Naquele tempo eu ganhava era 2 contos...10 euros. Não tive mais nenhum emprego, foi mesmo só estas duas casas.

- **Durante quanto tempo teve estes empregos?**

Quase um ano e meio.

- **Porque saiu do(s) emprego(s)? O que sentiu?**

Porque casei, mas depois fiquei grávida para ter o meu miúdo e deixei de trabalhar. Quando deixei fiquei um pouco chocada porque aquilo sempre era mais uma ajuda. Mas o meu marido começou a trabalhar e a ganhar bem, portanto, deixei de trabalhar.

- **Foi importante para si ter trabalhado? Porquê?**

Foi muito porque gostei muito de trabalhar.

- **Para si, enquanto pessoa, considera que ter emprego é fundamental ou em vez do emprego acha que há outras coisas mais importantes? Quais?**

Eu gostava de ter um emprego mas há outras coisas que são mais importantes...tratar dos meus filhos.

XXXVIII. Ela e o Estado: o Rendimento Social de Inserção

38.1. Visão do RSI

- **Para si, o que é o RSI?**

É uma ajuda para a minha casa e o alimento para os meus filhos.

- **Quem acha que deve ter o RSI?**

Quem deve ter o rendimento são as pessoas que têm mais necessidade. Porque a meu marido é pescador e a vida do mar às vezes dá, mas às vezes não dá. Por exemplo, ele ontem ganhou 20 €. Para que é que dá 20 €? Não dá nada para pagar água, luz, gás, tv cabo, alimentos para os meus filhos e a minha casa para pagar...não dá para nada!

- **No seu caso, acha que tinha direito ao RSI ou isso dependeu de quem decidiu e da sua sorte?**

Dependeu da minha assistente social. Porque ela viu que o meu marido ficou preso em casa e depois ainda foi cumprir o resto da pena para a cadeia. Ele teve 9 meses na cadeia e teve um ano e meio em casa fechado. Com ele fechado na cadeia foi muito difícil para mim porque eu fiquei com a minha vida muito atrasada, tinha luzes, águas atrasadas, renda da casa para pagar e tudo!

Depois comecei a receber mais ou menos 700 € que ajudava muito à minha vida. Mas depois passei a receber só 300 €.

- **Na sua opinião, quanto tempo deve durar a prestação de RSI? Porquê?**

Não sei...porque a Dr.ª A. diz sempre que isso pode acabar, tanto podem dar como podem tirar, por isso não sei... Mas acho que devia durar toda a vida, para sempre.

- **Sabe quais são os motivos pelos quais uma pessoa pode deixar de receber o RSI?**

Recebem a carta à porta a dizer que não recebem mais, mas não sei porque é.

38.2. O Requerimento

- **Porque resolveu requerer o RSI?**

O que fez eu pedir foi o meu marido ter ido preso. Ele meteu-se com uns amigos...com estas porcarias...e eu vivia era do trabalho dele como pescador, mas ele foi logo detido e isso obrigou-me a fazer. A assistência que ele tinha na cadeia também mandou-me fazer. Eu, a princípio, até disse que tinha vergonha, mas ela disse que eu não tinha de ter vergonha porque isso é uma ajuda que o governo dá. Se não tivesse acontecido isso a ele eu não fazia.

- **Quais os problemas/dificuldades pelas quais passava?**

Necessidade na comida para os meus filhos. Quem me ajudava era a minha sogra e mesmo hoje em dia é ela que me ajuda. Ela também só vive de uma reforma, mas do que ela faz também dá aos meus filhos.

- **Antes de requerer o RSI já tinha solicitado outro apoio do Serviço de Acção Social? Teve apoio, qual? Durante quanto tempo?**

Já tive o banco alimentar que a Sr.ª A. me deu. Foi 3 meses.

- **O que mudou na sua vida depois de receber a prestação?**

Mudou muito. Ajudou muito à minha vida. Fiquei com a vida mais direita, com as contas pagas. Pude também pagar ao banco e com aquele dinheirinho também consertei o resto da minha casinha. Ajudou-me muito...

- **Actualmente está a receber o RSI? Tendo em conta a sua situação actual, considera que necessita do RSI? Porquê?**

Sim, necessito muito, porque, como eu já disse, a vida do mar nem sempre dá.

- **Em geral quais são as principais vantagens e desvantagens do RSI?**

Contamos sempre com uma coisa boa quando é para receber mais um dinheirinho, agora, quando não se recebe nada, isso é que é pior! As coisas más é que antes eu recebia aqueles 700 € que me davam para muita coisa para os meus filhos...e depois comecei a receber menos. Mas paciência! Quando não é nada é que não se conta.

38.3. O Acordo de Inserção

- **Já alguma vez os serviços pediram a si ou a alguém da sua família para fazer alguma coisa para continuar a receber o dinheiro do RSI? O quê? O que pensa sobre isso?**

Não senhora. Só meter o meu filho mais novo na escola, mais nada.

- **Sabe o que é o acordo de inserção?**

Sei sim senhora. É assinar o acordo como agente concorda com aquilo tudo.

- **Qual é o seu acordo de inserção? O que acha do acordo?**

Já não me lembro. Só sei que deixei de dar as vacinas ao Fernandinho aos 4 meses porque ele esteve muito mal no hospital e depois tive uma carta da menina Ana Margarida que eu fosse lá e elas me disseram que podia não fazer mal e então continuei a dar as vacinas.

- **Efectuou sugestões para o seu acordo?**

Não fiz sugestões.

- **O que pensa da existência do acordo de inserção?**

Eu acho bem assinar o contrato.

- **Conhece outras mulheres que tenha conseguido emprego com a ajuda do RSI ou dos técnicos do RSI?**

Não conheço.

XXXIX. Ela e a família: o género nas relações familiares

- **Na sua família, quais são as funções que cabem ao homem e à mulher?**

O marido deve ajudar a mulher e a mulher ajudar o homem. Ele trabalha e eu trato da casa. Depois ele chega e ajuda-me em casa com os pequenos, eu dou banho nos pequenos e ele vai vestindo. O meu marido prefere trabalhar em vez de ser eu a trabalhar...ele gosta é assim.

- **Quem acha que tem mais poder na família: o homem ou a mulher? Porquê?**

O homem. Porque ele é que trabalha para a casa, é ele que dá opinião aos filhos para dizer que devem fazer isso e não devem fazer aquilo...

- **Acha que poderia ou deveria ser diferente?**

Acho que deve ser assim.

- **Na sua família de origem as coisas já funcionavam assim?**

Já era assim. O meu pai é que trabalhava. A minha mãe nunca trabalhou, ela ficava sempre em casa. Mesmo o meu pai não queria que a minha mãe trabalhasse... ela também era doente do coração. O meu marido também pensa assim.

- **Conhece famílias cujas funções do homem e da mulher sejam diferentes das que apontou? O que acha sobre isso?**

Há famílias assim, mas não posso dizer nada sobre isso porque não sei.

- **Acha que a sua organização familiar tem interferência ou não no facto de necessitarem do RSI? Porquê?**

Teve, porque eu tive muita dificuldade. O meu filho Fernandinho eu criei-o sozinha porque ele teve preso. Era sempre eu para tudo. Eu queria para dar aos meus filhos e não tinha. Era a minha sogra que ajudava e a minha cunhada que também fazia compras.

XL. Ela e o trabalho

40.1. Visão relativamente ao trabalho

- **O que significa para si ser feliz?**

É bom para mim. Um casal infeliz não vale nada. É preciso dar amor fora e dentro de casa. Sou muito feliz

- **E vencer na vida?**

É ter tudo na vida...boas notícias, a vida mais melhor do que eu tenho.

- **O que é para si o trabalho?**

Trabalho...Não sei..

- **Para si, é importante na vida ter trabalho?**

Sim senhora, é importante. Os pais querem dar aos filhos o que eu nunca tive.

- **O que é para si a família?**

É tudo na vida...é dar amor, carinho. Às vezes apetece dar uma rabada, mas pronto... eles às vezes merecem e uma rabada não mata!

- **O que coloca em primeiro lugar por ordem de importância? Porquê?**

Mais importante é a família. O trabalho também é bom, mas para mim a família é mais porque toca nagente, sai de dentro dagente... é preciso dar amor e carinho que eles também precisam. Não é só trabalhar, trabalhar e depois não dar amor aos filhos, porque assim não vale de nada. Os nossos filhos é tudo na vida.

- **Qual a importância que dá ao trabalho na sua felicidade?**

Não, o que é importante para mim são os meus filhos... e o meu marido.

- **Para si, trabalhar serve principalmente para quê?**

Para ajudar a vida, comprar alimentação para os filhos e também pagar o que agente deve.

- **Acha que as mulheres que trabalham sentem-se felizes por trabalhar?**

Conheço tantas, mas isso se são felizes não sei. Já se sabe que ajuda tanto na vida os dois a trabalhar...

- **O que considera ser um bom emprego?**

É trabalhar...não sei...

- **Se fosse trabalhar, qual o emprego que gostaria de ter? Porquê?**

Trabalho em casas porque eu gosto e estou habituada nisso.

40.2. O trabalho feminino

- **Quais são os seus afazeres diários?**

É sempre a mesma coisa: fazer as camas, aspirar a casa, fazer comida ao meio dia para eles virem comer, recolher roupas, dobrar, estender, correr roupa, estas coisas assim.

- **Acha que as mulheres que trabalham conseguem desempenhar da mesma forma que você as suas tarefas domésticas? Porquê? E se estivesse a trabalhar fora de casa?**

Se fosse eu, fazia um bocadinho à noite quando viesse.

- **Acha que uma mulher que trabalha fora de casa consegue ser uma boa mãe?**

Sim, é igual.

- **Alguma mulher na sua família (ou vizinhança) trabalha fora de casa? O que faz e o que pensa sobre o trabalho dela?**

Uma prima minha que trabalha no mercado e ela diz que gosta porque mesmo para o preço da casa que ela paga, tem se ser os dois a trabalhar. Por isso ela habituou-se a trabalhar. Ela teve de ir trabalhar para ajudar à vida dele. Ele trabalha para a casa e ela para o resto das coisas. O trabalho dela é fácil, é só marcar as compras e por em cima do mesão.

- **No seu caso, acha que poderia trabalhar fora de casa? Porquê? (e se sim em quê?)**

Sim. Se tivesse alguém que fosse buscar os meus filhos à escola e depois trazer e que fizesse comida para o meu marido porque ele vem a casa ao meio dia comer, eu ia.

- **O que faria se a sua Assistente Social lhe ligasse amanhã a dizer que lhe arranhou um emprego?**

Eu ia... mas era se tivesse alguém que fizesse comida para o meu marido comer ao almoço e alguém que fosse buscar os meus filhos depois da escola. A minha sogra às vezes pode e às vezes não pode e a minha cunhada também nem sempre pode e aí sou eu que fico com o meu miúdo. Também para haver lavações de cara, não estou para isso. Se eu tivesse isso, eu me obrigava a trabalhar. E eu tinha de vir antes das 6h para ter tempo de fazer a comida antes que o meu marido viesse do trabalho. Assim, como o meu marido vem a casa comer o almoço não me dá jeito ir trabalhar. Eu ia dizer que não dava jeito agora ir trabalhar.

- **Se não tivesse recebido o RSI como acha que seria a sua vida agora? (o que seria igual e o que seria diferente)**

Havia de ter ido arranjar serviço para ir trabalhar. Para mim ia ser pior.

V. PERSPECTIVAS DE FUTURO

- **Durante quanto tempo acha que vai precisar (ou que ainda precisava) do RSI?**

O resto da vida porque isso faz-me muita falta e ajuda muito à minha vida.

- **O que acha que está a fazer agora para melhorar a sua vida futura e a dos seus familiares?**

Estou a fazer de tudo para a minha vida ser boa e a deles também seja.

- **Acha que a sua vida vai ser melhor no futuro?**

Não sei.

- **Quais os seus maiores sonhos que gostaria de ver realizados?**

Eu a minha vida tivesse melhor de dinheiro do que aquilo que está.

- **Daqui a 10 anos que actividade profissional acha que é mais provável estar a fazer? Porquê?**

Como eu não tenho ninguém que faça a comida para o meu marido e que vá buscar os meus filhos, o mais certo é eu ser doméstica.

~

Entrevista 11

0. Apresentação e explicação da entrevista

XLI. Ela e o passado: trajectória de vida

Origem social e percepção da vida passada

- **O que faziam os seus pais para ganhar a vida?**

O meu agora é reformado e a minha mãe é doméstica, mas antes ele era pescador.

- **Até que ano os seus pais estudaram?**

Até ao quarto ano, os dois.

- **Como descreve a sua infância e adolescência?**

A infância não me lembro tanto porque a memória é curta, mas foi boa, a família era unida e a adolescência melhor ainda, porque agora é que me estou a divertir, a conhecer S.Miguel inteiro, ao menos tive mais tempo do que as minhas irmãs, elas não tiveram este privilégio, também os tempos mudaram.

- **Existiam dificuldades económicas? Porquê?**

Sempre houve dificuldades económicas, porque como o meu pai era pescador, ou havia peixe ou não havia peixe, e quando não havia peixe, faltava dinheiro e como a minha mãe era doméstica não havia possibilidade de haver mais coisas, mas mesmo assim sempre vivemos.

- **O que faziam para não passarem por tantas dificuldades? Recebiam algum tipo de apoio? Qual a proveniência deste?**

Sempre tivemos ajuda dos meus irmãos que já estão casados, sempre foi controlado. Nunca fomos de pedir muito porque também sabíamos que não tínhamos. Antes do rendimento acho que nunca tivemos nenhum apoio.

- **Como era a relação entre os elementos da família?**

A família sempre foi muito unida e ainda hoje é. Esta casa está sempre cheia, por isso não pára nada direito. É uma relação muito boa, agente está sempre juntos.

- **Considerava-se uma pessoa/família pobre? Porquê?**

Antigamente sim, mas nunca nos faltou nada.

- **Razões para que motivaram o recebimento de um apoio estatal**

Trajectória escolar

- **Qual foi o ano escolar que atingiu?**

Eu tenho o 10º ano incompleto.

- **Deixou de frequentar a escola com que idade? Porquê?**

Acho que foi em 2006. Tinha 17 anos. Deixei porque pensava que não conseguia mais, porque nunca fui de perder anos e quando perdi no 10º, fiquei 3 anos no 10º e pensei que já não conseguia mais. Depois entrei no curso das capelas e depois pensei melhor e voltar para escola tirar o 12º ano, só que não serviu de nada porque não consegui passar outra vez. Arrependo-me de ter deixado a escola das Capelas, já me inscrevi lá outra vez e já me inscrevi em Ponta Delgada na Escola de S. Pedro, já fiz a entrevista, só estou a espera que me liguem para saber se entrei.

- **Na altura, gostava da escola (relação com a escola)?**

Gostava sim senhora, a nossa família é assim, gostamos muito da escola. Sempre fui muito atenta, só que chegou ao 10º e pronto. E fazer matérias foi ainda pior... ir de manhã, ir à tarde, estar lá sem fazer nada...isso tira a vontade de ir à escola.

- **As pessoas com quem vivia ajudavam-na / encorajavam-na a ir à escola e a estudar? O que faziam?**

Claro que sim, apoiavam. O meu pai no último ano que saí, ele sempre me chateou para ir, para ir, porque em casa não ia dar em nada. Eu acho que ele tem razão porque se o tivesse ouvido, já podia ter o meu curso e já podia estar trabalhando.

- **Acha que a sua vida poderia ser diferente se tivesse continuado a estudar?**

Claro que seria diferente. Já estava a trabalhar.

41.1. Trajectória familiar

- **Com que idade casou? E porque casou.**

Não sou casada.

- **Quantos filhos teve?**

Não tenho filhos. Os meus filhos são os meus sobrinhos e já me dão muita dor de cabeça!

- **Que alterações na vida familiar veio trazer o nascimento dos seus filhos?**

- **O facto de ser mãe alterou o seu envolvimento na família?**
- **Casos de separação/divórcio: O que foi diferente na vida pessoal e familiar após o divórcio?**

41.2. Trajectória profissional

- **Já alguma vez trabalhou?**

Já, sim. Trabalhei.

- **Se nunca trabalhou, porque é que nunca trabalhou?**

- **Que empregos teve?**

Tive a trabalhar no centro comercial, numa loja de vender bijutaria e depois em casa de uma senhora a fazer limpeza. E também tenho feito OTL.

- **Durante quanto tempo teve estes empregos?**

Só durante dois dias no Centro Comercial e na casa da senhora também dois dias. Na OTL é os meses de Verão.

- **Porque saiu do(s) emprego(s)? O que sentiu?**

Do Centro Comercial eu saí porque não tinha transporte, e da casa da senhora porque ela mandou-me limpar 10 quartos só num dia, limpar, aspirar, limpar o pó, as casas de banho, fora a parte de baixo. Aquilo não era trabalho para uma pessoa só! Depois ainda tinha de fazer o almoço, o jantar...

- **Foi importante para si ter trabalhado? Porquê?**

Foram muito importantes porque me fizeram aprender mais coisas.

- **Para si, enquanto pessoa, considera que ter emprego é fundamental ou em vez do emprego acha que há outras coisas mais importantes? Quais?**

Acho fundamental, porque eu preciso muito, mão só para mim mas também para ajudar a minha família.

XLII. Ela e o Estado: o Rendimento Social de Inserção

42.1. Visão do RSI

- **Para si, o que é o RSI?**

É uma prestação que a minha mãe recebe para ajudar a família, porque os rendimentos de cá de casa são poucos.

- **Quem acha que deve ter o RSI?**

Ao certo eu não escolhia ninguém, mas avaliava as perspectivas da família para ver o que é que se passa dentro de casa, para serem mais apoiados do que aquilo que são porque os menos apoiados são os idosos, porque eles coitados já não podem trabalhar e são eles que precisam de mais medicamentos, de tudo...

- **No seu caso, acha que tinha direito ao RSI ou isso dependeu de quem decidiu e da sua sorte?**

Dependeu da Assistente Social, porque ela veio avaliar a casa, a minha mãe, como a minha mãe vivia.

- **Na sua opinião, quanto tempo deve durar a prestação de RSI? Porquê?**

Enquanto as pessoas precisarem.

- **Sabe quais são os motivos pelos quais uma pessoa pode deixar de receber o RSI?**

Por exemplo, uma família em que o chefe da família não trabalha, mas tem possibilidade de trabalhar.

42.2. O Requerimento

- **Porque resolveu requerer o RSI?**

Por causa da falta de dinheiro para comer, porque os meus pais sempre foram pobres e não tinham rendimentos suficientes para poder sustentar a casa.

- **Quais os problemas/dificuldades pelas quais passava?**

Alimentação, roupa, coisas dentro de casa. Se não fosse o peixe que o meu pai apanhava...mas também era o mais importante, porque ao menos nós tínhamos para comer. Era só apanhar e trazer.

- **Antes de requerer o RSI já tinha solicitado outro apoio do Serviço de Acção Social? Teve apoio, qual? Durante quanto tempo?**

Não, acho que não tivemos outros apoios antes.

- **O que mudou na sua vida depois de receber a prestação?**

Acho que as coisas melhoraram um pouquinho, desde que as contas já estejam pagas e haja comida em casa, já é um alívio.

- **Actualmente está a receber o RSI? Tendo em conta a sua situação actual, considera que necessita do RSI? Porquê?**

Claro que sim. Eu não estou a trabalhar e isso faz muita falta.

- **Em geral quais são as principais vantagens e desvantagens do RSI?**

Vantagens como estava a dizer: traz-nos alimentos para gente comer, roupa para vestir, sendo ele pouco ou não, é uma ajuda. Desvantagens eu não vejo porque é este dinheiro que nos ajuda.

42.3. O Acordo de Inserção

- **Já alguma vez os serviços pediram a si ou a alguém da sua família para fazer alguma coisa para continuar a receber o dinheiro do RSI? O quê? O que pensa sobre isso?**

A Dr.ª R. tinha-me pedido para me inscrever no centro de emprego e já fiz isso. Eu acho que ela fez bem, a mim já me calhou algumas oportunidades. Mas algumas destas oportunidades era preciso ter carta e eu não tinha.

- **Sabe o que é o acordo de inserção?**

Não sei, meu pai já falou mas não me lembro muito bem.

Qual é o seu acordo de inserção? O que acha do acordo?

Não me lembro muito bem, mas acho que o meu pai já foi fazer isso à Câmara e foi preciso eu também ir. Foi quando eu ainda estava na escola, já foi há muito tempo.

- **Efectuou sugestões para o seu acordo?**

Não sei.

- **O que pensa da existência do acordo de inserção?**

Eu acho certo. Ao menos valida a prestação que as pessoas recebem. Acho que se ela escreve alguma coisa lá é para ajudar.

- **Conhece outras mulheres que tenha conseguido emprego com a ajuda do RSI ou dos técnicos do RSI?**

Sim conheço uma pessoa.

XLIII. Ela e a família: o género nas relações familiares

- **Na sua família, quais são as funções que cabem ao homem e à mulher?**

O dever do homem é trazer o sustento e a mulher cuidar da casa, porque era só o que ela podia fazer.

- **Quem acha que tem mais poder na família: o homem ou a mulher? Porquê?**

Agora é a minha mãe...mas antes era o meu pai. Porque ela agora sabe levá-lo, sabe dar-lhe a volta. Antigamente não era assim. Ele ainda é que manda, mas agora ela já tem mais controle sobre ele. Ele é que era o “rei”, o “chefe da família”.

- **Acha que poderia ou deveria ser diferente?**

Acho que devia ser igual para os dois porque têm direito de fazer os dois as coisas.

- **Na sua família de origem as coisas já funcionavam assim?**

- **Conhece famílias cujas funções do homem e da mulher sejam diferentes das que apontou? O que acha sobre isso?**

Conheço. Eu acho que também é bom porque temos que nos ajudar uns aos outros.

- **Acha que a sua organização familiar tem interferência ou não no facto de necessitarem do RSI? Porquê?**

Acho que sim. A minha mãe trabalhava quando era nova mas não sei porque deixou de trabalhar e depois era só o meu pai no sustento. Se a minha mãe não tivesse deixado tínhamos vivido melhor, seriam mais rendimentos.

XLIV. Ela e o trabalho

44.1. Visão relativamente ao trabalho

- **O que significa para si ser feliz?**

É viver bem, sem transtornos, é gostar da vida que se faz, é viver.

- **E vencer na vida?**

É alcançar os objectivos que se tem. Para mim é ter um trabalho uma casinha para viver bem.

- **O que é para si o trabalho?**

É aquilo que agente tem que conseguir para termos as nossas coisinhas, ter aquilo que desejo, não estar as custas da minha mãe porque custa muito querer as coisas e não ter.

- **Para si, é importante na vida ter trabalho?**

Acho que sim, o trabalho é muito importante na vida.

- **O que é para si a família?**

É estar com eles, porque eles tão sempre aqui, somos uma família muito unida, gostamos bastante uns dos outros.

- **O que coloca em primeiro lugar por ordem de importância? Porquê?**

É a família porque é o mais importante. Eu sei que o trabalho também é importante, mas sem a família agente não vai viver.

- **Qual a importância que dá ao trabalho na sua felicidade?**

É também importante o trabalho para a minha felicidade porque vou conquistar aquilo que eu quero é trabalhando.

- **Para si, trabalhar serve principalmente para quê?**

Para obter aquilo que eu quero, para me poder sustentar sozinha para não depender das outras pessoas.

- **Acha que as mulheres que trabalham sentem-se felizes por trabalhar?**

Claro que as mulheres que são felizes. Eu vejo isso pelas minhas irmãs, é um alívio, como quem diz, estar fora de casa, porque não é só os homens que têm esse direito, também para se distraírem, para obterem aquilo que querem, ganhar o seu dinheiro.

- **O que considera ser um bom emprego?**

Não tenho preferências, mas o curso que eu queria que é recepção.

- **Se fosse trabalhar, qual o emprego que gostaria de ter? Porquê?**

Sempre tive tanta coisa em mente...Recepção porque a minha irmã já trabalhou nisso e gostou e influenciou-me, porque estamos abertas ao público estamos a incentivar as pessoas. O meu irmão é cabeleireiro e o curso que eu ia tirar era de manicura, porque também gosto destas coisas.

44.2. O trabalho feminino

- **Quais são os seus afazeres diários?**

Limpar a casa e arrumar.

- **Acha que conseguiria desempenhar da mesma forma as suas funções na família se estivesse a trabalhar fora de casa? Porquê?**

Claro que sim. As minhas irmãs são assim. Mal chegam do trabalho vão logo arranjar a casa e fazer o jantar.

- **Acha que uma mulher que trabalha fora de casa consegue ser uma boa mãe?**

Claro que sim. Sem dúvida.

- **Alguma mulher na sua família (ou vizinhança) trabalha fora de casa? O que faz e o que pensa sobre o trabalho dela?**

Sim. A minha irmã trabalha na empresa de transporte marítimo. Ela já foi recepcionista, já foi secretária do patrão e agora é gestora de linha. Acho que ela teve diversidade nos trabalhos e sempre conseguiu. Se fosse como ela ia gostar.

- **No seu caso, acha que poderia trabalhar fora de casa? Porquê? (e se sim em quê?)**

Claro que estou disponível. Porque estou interessada e à procura

- **O que faria se a sua Assistente Social lhe ligasse amanhã a dizer que lhe arranjou um emprego?**

Eu esperava conseguir ficar com o emprego. Concorri para a escola porque é bom porque me vai dar o 12º ano e posso ter mais hipóteses, mas paciência, não iria desperdiçar essa oportunidade.

- **Se não tivesse recebido o RSI como acha que seria a sua vida agora? (o que seria igual e o que seria diferente)**

Acho que igual não ia ser, porque isso faz-nos falta mas íamos continuar a viver com mais pobreza, mas sempre temos a ajuda dos nossos irmãos.

V. PERSPECTIVAS DE FUTURO

- **Durante quanto tempo acha que vai precisar (ou que ainda precisava) do RSI?**

Até eu trabalhar.

- **O que acha que está a fazer agora para melhorar a sua vida futura e a dos seus familiares?**

Acho que estou a aprender mais coisas, e mesmo tanto ali na casa dos velinhos sei como é que eles se comportam, aprendo mais lá. Fazendo alguma coisa já serve. Também concorri para a escola.

- **Acha que a sua vida vai ser melhor no futuro?**

Eu espero bem que sim. Se eu conseguir entrar na escola tenho a certeza que sim. Tenho que fazer por mim.

- **Quais os seus maiores sonhos que gostaria de ver realizados?**

Eu estou a espera que seja entrar na escola, mas mesmo era em recepção, não só por ser aquilo que quero mas porque também preciso de fazer alguma coisa para poder alcançar algum objectivo.

- **Daqui a 10 anos que actividade profissional acha que é mais provável estar a fazer? Porquê?**

De recepcionista, se eu entrar na escola porque a escola de S. Pedro tem muita saída de trabalho.

Entrevista 12

0. Apresentação e explicação da entrevista

XLV. Ela e o passado: trajectória de vida

Trajectória familiar

- **O que faziam os seus pais para ganhar a vida?**

O meu pai, na altura, trabalhava na Cerâmica Vieira e a minha mãe era doméstica.

- **Até que ano os seus pais estudaram?**

Os meus pais nunca tiveram na escola, não sabiam nem ler nem escrever.

- **Como descreve a sua infância e adolescência?**

A minha infância foi ruim. A minha mãe bebia, tinha uma doença que era o cromatismo, doente do coração também, o meu pai não era nada dessas coisas.

- **Existiam dificuldades económicas? Porquê?**

Não, nunca faltava nada.

- **O que faziam para não passarem por tantas dificuldades? Recebiam algum tipo de apoio? Qual a proveniência deste?**

Se os meus pais pediram foi depois de estarmos todos casados, mas enquanto éramos pequeninos nunca pediram apoio.

- **Razões para que motivaram o recebimento de um apoio estatal**

- **Como era a relação entre os elementos da família?**

A minha mãe quando bebia havia sempre brigas em casa entre. Ela não gostava que tirássemos parte pelo meu pai, gostava era que enquanto tivessem a discutir que os filhos tivessem afastados. Com os filhos, ela era cuidadosa, ela podia ter o vício mas nunca nos faltou nada. Eu e os meus irmãos dávamo-nos todos bem.

- **Considerava-se uma pessoa/família pobre? Porquê? E actualmente?**

Quando a minha mãe não bebia éramos. Éramos pobres mas nunca nos faltou nada.

45.1. Trajectória escolar

- **Qual foi o ano escolar que atingiu?**

Até à 4ª classe.

- **Deixou de frequentar a escola com que idade? Porquê?**

Com 14 anos. Deixei a escola porque foi na altura que fiquei mulherzinha e a minha mãe não quis.

- **Na altura, gostava da escola (relação com a escola)?**

Eu gostava imenso da escola.

- **As pessoas com quem vivia ajudavam-na / encorajavam-na a ir à escola e a estudar? O que faziam?**

Sim, eles obrigavam-me a ir a escola, até ao dia em que fiquei mulherzinha e a minha mãe retirou-me da escola. Ela era muito “antiga” e tirou-me porque não queria que os rapazes me fizessem mal, porque na altura tinha aparecido muitas raparigas grávidas, e ela não queria que me acontecesse o mesmo e por isso fez aquilo. Eu não concordo.

- **Acha que a sua vida poderia ser diferente se tivesse continuado a estudar?**

Talvez sim, podia ser de outra maneira...Podia não estar aqui hoje, como podia estar a fazer outras coisas, podia ter continuado a trabalhar de cozinheira na tropa, e o tenente, na altura, queria que eu fosse tirar um curso de cozinheira a Lisboa, mas antes disse isso ao meu namorado, que é o meu marido hoje, e ele não deixou, depois houve aí uns problemas e tirou-me da tropa. Podia ser diferente...

45.2. Trajectória familiar

- **Com que idade casou? E porque casou.**

Com 20 anos. E casei-me para não ficar sozinha na vida. Para ter uma família.

- **Quantos filhos teve?**

Tenho 4. Mas tive dois abortos.

- **Que alterações na vida familiar veio trazer o nascimento dos seus filhos?**

A aprendizagem da vida de casada, agente já começa a ver aquilo que as nossas mães passaram e a dar valor.

- **O facto de ser mãe alterou o seu envolvimento na família?**

Sim.

- Casos de separação/divórcio: O que foi diferente na vida pessoal e familiar após o divórcio?

45.3. Trajectória profissional

- **Já alguma vez trabalhou?**

Já trabalhei.

- **Se nunca trabalhou, porque é que nunca trabalhou?**

- **Que empregos teve?**

Trabalhei aqui no restaurante do “Carlinhos” no Rosário, na cozinha, tive na tropa no quartel de S. Gonçalo, já tive um emprego no “Sol Mar”, em Ponta Delgada. Tive também naquela coisa ali ao lado do restaurante “O Carlos” que agora não me lembro o nome, também na cozinha.

- **Durante quanto tempo teve estes empregos?**

Na tropa fiquei 1 ano, depois foi no hiper SolMar e fiquei 2 meses e tal, depois foi no Carlos, na cozinha, durante 1 mês.

- **Porque saiu do(s) emprego(s)? O que sentiu?**

Para falar a verdade à senhora, meu marido é que me tirou de lá, de todos os meus empregos, para eu ficar com as crianças porque não havia ninguém para ficar com elas. Em relação ao tempo em que trabalhava na tropa, eu ainda não tinha filhos, mas já estava grávida. Quando saí, senti que aquilo ia-me fazer muita falta, e a criança que eu estava a espera ia ter necessidade daquilo que eu ia comprar para ela. O pequeno podia ter uma educação mais especial. Foi sempre a mesma coisa...sabe, ele é muito ciumento e onde eu estava lá no quartel tinha muitos homens, e a cabecinha dele...enfim.

- **Foi importante para si ter trabalhado? Porquê?**

Sim foi importante, para aprender outras coisas. Foi bom!

- **Para si, enquanto pessoa, considera que ter emprego é fundamental ou em vez do emprego acha que há outras coisas mais importantes? Quais?**

Custa sempre um bocadinho ter emprego para quem tem mais filhos, mas acho que é bom ter emprego, porque a pessoa levanta-se e cedo, está a mexer, não está sempre casa...não é ruim mas em casa é sempre a mesma coisa e é cansativo, cansa um bocadinho. Fora a pessoa está a andar e a mexer é melhor, é outro ambiente.

XLVI. Ela e o Estado: o Rendimento Social de Inserção

46.1. Visão do RSI

- **Para si, o que é o RSI?**

É uma ajuda.

- **Quem acha que deve ter o RSI?**

Eu não posso dizer nada, não sou eu que mando nem sei da vida das outras pessoas, mas penso que devia ser para os reformados e para os doentes... não sei bem.

- **No seu caso, acha que tinha direito ao RSI ou isso dependeu de quem decidiu ou da sua sorte?**

Não tinha a quem me virar, e não sabia quem me havia de ajudar na vida, porque eu tinha muita coisa atrasadíssima, o meu marido na altura estava desempregado, não tinha alimentação, mas acho que depende da pessoa que está a frente, que manda e como vê a condição da outra pessoa.

- **Na sua opinião, quanto tempo deve durar a prestação de RSI? Porquê?**

Isso é conforme a vida da pessoa, e se ela cumpre os seus direitos como foi combinado.

- **Sabe quais são os motivos pelos quais uma pessoa pode deixar de receber o RSI?**

Se não forem direito como foi feito no contrato eu penso que elas retiram.

46.2. O Requerimento

- **Porque resolveu requerer o RSI?**

Porque o meu marido estava desempregado, tinha contas para pagar, fui bater de porta em porta para pedir comida, mas não ajudavam.

- **Quais os problemas/dificuldades pelas quais passava?**

Alimentação para as crianças... a vida corria mal.

- **Antes de requerer o RSI já tinha solicitado outro apoio do Serviço de Acção Social? Teve apoio, qual? Durante quanto tempo?**

Tive sim senhora, do banco alimentar, só um mês.

- **O que mudou na sua vida depois de receber a prestação?**

Melhorou muita coisa, para ser sincera, desde que o meu marido saiu do desemprego, quando ele recebe o ordenado está tudo bem, mas quando chega ao dia de receber o rendimento mínimo ele fica mudado... fica esquisito, eu consigo ver que ele não gosta, porque estou a receber e não estou a trabalhar para receber, enquanto que ele trabalha e ganha com o seu suor e eu não. Eu não me sinto bem... Antes quando ele estava desempregado, eu recebia isso e estava tudo bem, agora que ele tem o seu emprego é sempre isso.

- **Actualmente está a receber o RSI? Tendo em conta a sua situação actual, considera que necessita do RSI? Porquê?**

Sim preciso, porque é só ele a trabalhar.

- **Em geral quais são as principais vantagens e desvantagens do RSI?**

As vantagens é ajuda no que preciso para comprar para os meus filhos. As desvantagens foi o que já lhe disse, o meu marido não gosta, porque estou a receber e não estou a trabalhar, enquanto que ele trabalha e ganha com o seu suor e eu não.

46.3. O Acordo de Inserção

- **Já alguma vez os serviços pediram a si ou a alguém da sua família para fazer alguma coisa para continuar a receber o dinheiro do RSI? O quê? O que pensa sobre isso?**

Pediram ao meu marido, mandaram-no ir ao hospital por causa de tratar dos quistos que ele tem e para arranjar emprego, cuidar bem dos pequenos... é o que está lá no contrato. Eu penso que é bom.

- **Sabe o que é o acordo de inserção?**

É um contrato.

Qual é o seu acordo de inserção? O que acha do acordo?

Não faltar as consultas médicas, pedir trabalho...fazer o que está lá feito no contrato. Ele agora está a trabalhar não tem tempo de ir à consulta. Também ele não quer ir porque sabe que se for ao hospital vai ficar internado por causa dos quistos que ele tem no corpo e que tem de tirar. Acho bem o contrato.

- **Efectuou sugestões para o seu acordo?**

Eu dei...foi assim...disse que se era para arranjar emprego, com quem é que o meu mais velho ia ficar? Ele já é grandinho mas em casa não pode ficar porque tem aqui uns vizinhos que põem-se com ele, depois se ele brinca à bola e vai para o quintal da vizinha, ele pede com bons modos, ela começa a “ladrar”... ele está na biblioteca, mas não é todos os dias. Uma pessoa tem de estar com o seu juízo sossegado no serviço onde está.

- **O que pensa da existência do acordo de inserção?**

Eu penso que este contrato dura até a pessoa ter a sua vida organizada mas não tenho opinião sobre isso. Não penso muito.

- **Conhece outras mulheres que tenha conseguido emprego com a ajuda do RSI ou dos técnicos do RSI?**

Não...eu penso que quase todas elas tão em casa.

XLVII. Ela e a família: o género nas relações familiares

- **Na sua família, quais são as funções que cabem ao homem e à mulher?**

O meu marido é o chefe da casa, olha pela casa, o meu dever é cuidar dos pequenos, cuidar da casa, ir as consultas...

- **Quem acha que tem mais poder na família: o homem ou a mulher? Porquê?**

É o homem, não sei porquê...porque é homem. Na minha casa quem manda são os dois. Há famílias que é só o homem.

- **Acha que poderia ou deveria ser diferente?**

Cada um vive da maneira que quiser. Acho que deve ser os dois a mandar.

- **Na sua família de origem as coisas já funcionavam assim?**

A minha mãe é que mandava mais.

- **Conhece famílias cujas funções do homem e da mulher sejam diferentes das que apontou? O que acha sobre isso?**

Não sei. O meu marido é péssimo nas lides da casa. Eu é que fazia tudo quando trabalhava.

- **Acha que a sua organização familiar tem interferência ou não no facto de necessitarem do RSI? Porquê?**

Eu penso que sim, o mundo dá muitas voltas, eu acho que a minha vida estava mudada se tivesse continuado na tropa e tivesse ido tirar o curso, eu penso que não precisava de rendimento.

XLVIII. Ela e o trabalho

48.1. Visão relativamente ao trabalho

- **O que significa para si ser feliz?**

É a companhia, as provas do meu amor comum com o meu marido, o amor, os meus filhos que eu penso que são eles que vão cuidar de nós quando tivermos velhinhos, são eles que fazem rir agente quando estamos em baixo.

- **E vencer na vida?**

Não é para ser ingrata daquilo que eu tenho hoje, mas era ser dona do meu nariz e sabendo que o dinheiro que ganhava era meu. É mais o facto das pessoas trabalharem.

- **O que é para si o trabalho?**

É levantar cedo da cama, preparar o que é preciso, mexe com o corpo, com a memória, a pessoa está ali entretida com outras coisas.

- **Para si, é importante na vida ter trabalho?**

Acho que é importante.

- **O que é para si a família?**

É a minha companhia.

- **O que coloca em primeiro lugar por ordem de importância? Porquê?**

Mais importante é a família porque precisa de protecção.

- **Qual a importância que dá ao trabalho na sua felicidade?**

Para ser dona do meu nariz.

- **Para si, trabalhar serve principalmente para quê?**

É isso... ser dona do meu nariz.

- **Acha que as mulheres que trabalham sentem-se felizes por trabalhar?**

Algumas são felizes, outras não. É porque umas já estão habituadas a estar em casa, outras estão acostumadas a ver mais do que aquilo. As que estão acostumadas a estar em casa não ficam felizes, mas as que estão acostumadas a ver mais que aquilo ficam.

- **O que considera ser um bom emprego?**

Não sei.

- **Se fosse trabalhar, qual o emprego que gostaria de ter? Porquê?**

Neste momento não estou a pensar em empregos, mas eu gosto de fazer muitas coisas: cozinheira, costureira, cabeleireira, rapariga de limpeza.

48.2. O trabalho feminino

- **Quais são os seus afazeres diários?**

Cuidar dos filhos, limpar, quando tempo, cuidar de mim própria.

- **Acha que as mulheres que trabalham conseguem desempenhar da mesma forma que você as suas tarefas domésticas? Porquê? E se estivesse a trabalhar fora de casa?**

Quando trabalhava fazia só o que podia, as coisas mais importantes.

- **Acha que uma mulher que trabalha fora de casa consegue ser uma boa mãe?**

Sim pode ser boa mãe. Porque estranha os pequenos, passa algum tempo no emprego e depois fica com saudades dele. É diferente.

- **Alguma mulher na sua família (ou vizinhança) trabalha fora de casa? O que faz e o que pensa sobre o trabalho dela?**

Não sei...mas do trabalho de cozinheira é uma coisa que eu simplesmente sei fazer.

- **No seu caso, acha que poderia trabalhar fora de casa? Porquê? (e se sim em quê?)**

Não podia porque tenho os rapazes e há ATL para os outros dois e creche para o bebé, mas não há sítio para o meu mais velho.

- **O que faria se a sua Assistente Social lhe ligasse amanhã a dizer que lhe arranjou um emprego?**

Ia dizer que tenho os rapazes e não tinham quem ficasse, e que podia ser para outra semana falar deste assunto.

- **Se não tivesse recebido o RSI como acha que seria a sua vida agora? (o que seria igual e o que seria diferente)**

Péssima. Podia estar pior, porque eu tenho parentes que moram perto, tenho irmãos que moram ao pé de mim e que não falam comigo, a família do meu marido também está mal comigo e a ajuda que tenho hoje é da Assistente Social.

V. PERSPECTIVAS DE FUTURO

- **Durante quanto tempo acha que vai precisar (ou que ainda precisava) do RSI?**

Quando tiver emprego e viver o ordenado direitinho e ter tudo em dia.

- **O que acha que está a fazer agora para melhorar a sua vida futura e a dos seus familiares?**

Sim, porque mais tarde sou eu que vou dizer aos meus filhos que quando eles não tiveram alimento para comer, quem ajudou foi a Assistente Social.

- **Acha que a sua vida vai ser melhor no futuro?**

Acho que vai ser melhor. Porque eles já estão grandes, talvez já têm cada um os seus empregos, já não preciso de estar preocupada, já são grandes e agradeço a Assistente Social por me ter ajudado nas alturas mais difíceis.

- **Quais os seus maiores sonhos que gostaria de ver realizados?**

Gostava de ser cantora!

- **Daqui a 10 anos que actividade profissional acha que é mais provável estar a fazer? Porquê?**

Acho que quando o meu filho mais novo tiver 10 anos se eu arranjar um emprego e me der bem neste emprego, quem sabe...

0. Apresentação e explicação da entrevista

I. Ela e o passado: trajectória de vida

Trajectória familiar

- **O que faziam os seus pais para ganhar a vida?**

O meu pai era vendilhão de peixe, vendia peixe e a minha mãe era em casa a tomar conta dagente.

- **Até que ano os seus pais estudaram?**

A minha mãe diz que antigamente a escola não era obrigatória, quer dizer, se ela teve escola foi por pouco tempo e o meu pai por igual. Eles não sabem ler nem escrever, a minha mãe sabe fazer o seu nome mas é copiado.

- **Como descreve a sua infância e adolescência?**

Como o meu pai era vendilhão de peixe ele tinha boa venda, mas quando acabava de vender o peixe dava na bebida, bebia o dinheiro que ganhava, a minha mãe em casa é que se desenrascava com comida para agente comer e agente quando não tinha íamos pedir esmola. Comparando com a infância das minhas filhas, a minha foi totalmente diferente. Na adolescência passei a ir com a minha mãe trabalhar para a fábrica de tabaco “Estrela”. Aí o meu pai já não bebia tanto, ficou muito doente e ficava em casa e eu e a minha mãe é que íamos trabalhar para a casa

- **Existiam dificuldades económicas? Porquê?**

Sim, existiam dificuldades por causa do meu pai e dele beber.

- **O que faziam para não passarem por tantas dificuldades? Recebiam algum tipo de apoio? Qual a proveniência deste?**

Nós nunca tivemos ajudas. Eu e os meus irmãos saíamos para pedir esmola.

- **Como era a relação entre os elementos da família?**

Como eu já disse o meu pai bebia e ele e a minha mãe tinham as suas discussões, mas ele nunca bateu nem nada e agente, com os irmãos, éramos amigos. A minha mãe quando não tinha que comer, eu e a minha irmã a baixo de mim, agente saía para pedir esmola e ter o que comer. O meu irmão, coitado não ia porque era mais velho e tinha receio. Até quando moramos no Livramento, morávamos numa ruína de pedra e eram as pessoas que viviam perto dali, que eram pessoas de ter, quando tinham festas em casa é que iam levar comida para agente.

- **Considerava-se uma pessoa/família pobre? Porquê?**

Sim, na altura éramos muito pobres comparando com hoje em dia. Mas podia ser melhor porque o meu marido bebe e não tem serviço fixo. Mas antigamente ele não era assim mas depois mudou totalmente. Vivemos do pouco que ele ganha e traz para casa. Agora está melhor porque o meu pequeno com 21 anos começou agora a trabalhar.

- **Razões para que motivaram o recebimento de um apoio estatal**

1.1. Trajectória escolar

- **Qual foi o ano escolar que atingiu?**

Até à 4ª classe.

- **Deixou de frequentar a escola com que idade? Porquê?**

Eu tinha 14 anos. Quando fiz a 4ª classe tive de ficar em casa para a minha mãe trabalhar. Não foi por não saber, mas para ajudar a minha mãe.

- **Na altura, gostava da escola (relação com a escola)?**

Eu gostava imenso da escola. Não sei porquê, mas ainda hoje em dia gosto. Eu só não sei ensinar porque a escola de agora é totalmente diferente da minha. Quando a minha filha traz coisas para fazer fico naquele entusiasmo para lhe ensinar, mas não sei. Mas eu gosto imenso da escola.

- **As pessoas com quem vivia ajudavam-na / encorajavam-na a ir à escola e a estudar? O que faziam?**

Eu não sei, não me lembro. A minha mãe nunca repreendeu agente de não ir para a escola, mesmo com a nossa pobreza íamos sempre para a escola.

- **Acha que a sua vida poderia ser diferente se tivesse continuado a estudar?**

Ai, realmente. Eu só tenho a 4ª classe e mesmo assim pude concorrer para contínua na escola do Livramento e ganhei mas depois fiquei em casa porque eu gosto de fazer o meu serviço limpo e trabalhava com pessoas muito aldrabonas e depois tive um esgotamento e fiquei em casa.

1.2. Trajectória familiar

- **Com que idade casou? E porque casou.**

Com 23. Eu casei não foi por estar grávida mas o meu marido tinha morrido a mãe, era maltratado pela irmã e pelo pai e então decidimos casar. Ficamos a morar com a minha mãe na mesma e a casa era muito pequenina, mas ele estava farto. Depois, também o ordenado que ele ganhava tinha de dar todo à irmã e não ficava com nada, e então, casamos.

- **Quantos filhos teve?**

Quatro.

- **Que alterações na vida familiar veio trazer o nascimento dos seus filhos?**

Quando eu tive a minha filha mais velha, os meus pais ajudaram-me bastante. O meu pai ainda era vivo, eu ia trabalhar para a fábrica de tabaco com a minha mãe ele é que ficava com a minha filha bebé para eu poder ajudar em casa e pagar as despesas. Não podia ser só a minha mãe e o meu pai. Da minha segunda filha já foi melhor, o meu marido sempre já ganhava mais uma coisinha. Na minha terceira filha por igual. Da Mariana, então, é que eu comecei a ouvir falar em Rendimento Mínimo e fiz os papéis e foi desde o nascimento da Mariana, que tem 12 anos, que eu comecei a receber, até ao mês de Outubro do ano passado.

Da minha vida de solteira para o nascimento da minha filha não houve muitas alterações, a vida manteve-se mais ou menos igual.

- **O facto de ser mãe alterou o seu envolvimento na família?**

Ai claro! Bastante, agente tem de se preocupar com tudo dos nossos filhos.

- **Casos de separação/divórcio: O que foi diferente na vida pessoal e familiar após o divórcio?**

1.3. Trajectória profissional

- **Já alguma vez trabalhou?**

Eu já trabalhei.

- **Se nunca trabalhou, porque é que nunca trabalhou?**

- **Que empregos teve?**

Trabalhei na Fábrica de Tabaco Estrela, tive na escola e foi serviços domésticos.

- **Durante quanto tempo teve estes empregos?**

Na fábrica de tabaco tive 4 anos, depois tive na escola durante 1 ano. Depois tive 3 anos em casa de uma senhora na Atalhada.

- **Porque saiu do(s) emprego(s)? O que sentiu?**

Na fábrica do tabaco não era sempre, eu estava lá só na época da laboração do tabaco, ia com a minha mãe, depois vínhamos para casa e ficavam todo o ano lá só as que eram efectivas. Da escola eu saí porque tive um esgotamento. Da casa onde trabalhei eu saí porque tive úlceras nas pernas, tive uma grande infecção e tive de ficar em casa.

O que eu senti...senti-me aliviada porque eu deixava a Mariana na escola mas tinha o coração sempre num susto com ela a pensar se podia estar acontecendo alguma coisa. Estava sempre naquela ansiedade. Eu sabia que estava ganhando um dinheirinho, mas eu sentia uma coisa como que contra vontade. Eu não sou daquelas de me despartar das minhas filhas, sinto muito a falta delas. Fiquei muito mais calma depois de ter deixado o trabalho. Ma eu deixei também porque já não podia da perna, estava cheia de dores.

- **Foi importante para si ter trabalhado? Porquê?**

Ai foi importante. Eu às vezes penso que se tivesse ficado na escola hoje não precisava destes auxílios porque já estava de vez.

- **Para si, enquanto pessoa, considera que ter emprego é fundamental ou em vez do emprego acha que há outras coisas mais importantes? Quais?**

Não há nada como ter um serviço, mas mais importante são os nossos filhos. Acima de tudo estão eles...Mas também sem um serviço agente não pode ajudar a eles.

II. Ela e o Estado: o Rendimento Social de Inserção

2.1. Visão do RSI

- **Para si, o que é o RSI?**

O rendimento sempre me ajudou muito bem, na alimentação.

- **Quem acha que deve ter o RSI?**

Há muitas raparigas solteiras que têm saúde e estão recebendo, andam com homens mas não são casadas e têm dois ou três filhos seguidos à custa do rendimento, levam uma boa vida porque elas não querem trabalho. Acho que devia ser só para as pessoas mais carenciadas e que precisam, principalmente para os idosos porque querem medicamentos e não têm porque as reformas são pouco ou nada.

- **No seu caso, acha que tinha direito ao RSI ou isso dependeu de quem decidiu e da sua sorte?**

Eu acho que tive sorte de receber e fiquei contente porque me ajudou bastante.

- **Na sua opinião, quanto tempo deve durar a prestação de RSI? Porquê?**

Não sei bem, mas acho que deve ser enquanto as pessoas precisarem. Por uma temporada até orientar a vida e ir trabalhar.

- **Sabe quais são os motivos pelos quais uma pessoa pode deixar de receber o RSI?**

Quando dizem coisas que não são verdade às meninas. Eu sempre fui muito verdadeira.

2.2. O Requerimento

- **Porque resolveu requerer o RSI?**

Na altura que eu pedi, eu já não estava trabalhando, era só o meu marido e ele só recebia 20 contos por semana e eu já tinha os meus 4 filhos. Às vezes é que a minha mãe ajudava, mas o meu pai também era um reformado e não podiam muito. Estava tudo muito difícil.

- **Quais os problemas/dificuldades pelas quais passava?**

Era mais na comida porque as contas os meus pais pagavam metade e sempre era melhor que eu pagar tudo sozinha. Nós não calçamos nem vestimos todos os dias mas os meus filhos eram crianças, estavam a crescer e também precisavam.

- **Antes de requerer o RSI já tinha solicitado outro apoio do Serviço de Acção Social? Teve apoio, qual? Durante quanto tempo?**

Não nunca tinha pedido nada. Tinha era o abono, mas isso é porque o meu marido trabalhava e descontava, era por direito. Não era como hoje em dia.

- **O que mudou na sua vida depois de receber a prestação?**

Mudou principalmente a alimentação. Passei a ficar com as minhas continhas todas direitinhas.

- **Actualmente está a receber o RSI? Tendo em conta a sua situação actual, considera que necessita do RSI? Porquê?**

Sim eu ainda recebo. Acho que sim, que ainda preciso, porque o meu marido ainda está nesta situação que não trabalha sempre, não tem um ordenado certo. Já não recebo aquela quantia que recebia antes, mas é melhor do que nada, sempre ajuda e alivia-me das aflições.

- **Em geral quais são as principais vantagens e desvantagens do RSI?**

Desvantagens nunca tive, sempre tive vantagens. Sempre serviu-me para tudo, para me aliviar porque uma pessoa andava sempre num sufoco. Um mês não tinha dinheiro para a luz, ia pagar só no outro mês, mas era pior porque já tinha 2 meses para pagar. Era sempre assim.

2.3. O Acordo de Inserção

- **Já alguma vez os serviços pediram a si ou a alguém da sua família para fazer alguma coisa para continuar a receber o dinheiro do RSI? O quê? O que pensa sobre isso?**

Pediram para o meu marido se inscrever no centro de emprego. Da minha parte, sempre fui a reuniões, sempre fui a passeios que elas organizam, deixava a minha filha na escola que me custava bastante. Tive uma vez que fui a Vila Franca para a Nossa Senhora da Paz, mas agente não podia levar as crianças e isso ficava-me custando, mas eu tinha que ir. Também tive um ano num curso de culinária e tive outro ano no Centro de São Pedro nos bordados. Nunca faltei com as minhas obrigações. Agente para poder receber alguma coisa temos que colaborar. Se agente recusa elas dizem que desta maneira não dá, e agente fica com o pedido cancelado. Não custa agente ir àquilo que elas acham que agente precisa de ir.

- **Sabe o que é o acordo de inserção?**

Eu sei que isso passou de rendimento mínimo para rendimento de inserção, mas ainda não me apercebi o que é que isso quer dizer. Mas a menina P. disse que eu ia daqui a 15 dias assinar acho que era essa coisa.

- **Qual é o seu acordo de inserção? O que acha do acordo?**

Não sei.

- **Efectuou sugestões para o seu acordo?**

Não, menina P. não falou em nada disso, conversamos do meu marido, do alcoolismo e do tratamento que ele tem de fazer. Mas ela disse que o que estávamos a falar se calhar iam falar com a gente outra vez daqui a 15 dias quando fosse para assinar o contrato.

- **O que pensa da existência do acordo de inserção?**

Eu não sei...acho bem. Agente tem de assinar um acordo para saber os nossos direitos.

- **Conhece outras mulheres que tenha conseguido emprego com a ajuda do RSI ou dos técnicos do RSI?**

O rendimento ajuda a dar serviço a algumas pessoas, mas por aqui por esta zona eu não conheço ninguém.

III. Ela e a família: o género nas relações familiares

- **Na sua família, quais são as funções que cabem ao homem e à mulher?**

Os deveres da mulher é cuidar dos filhos, a vida de casa. Agora do homem é trabalhar para trazer o seu ordenado para casa para o sustento, mesmo que seja pouco sempre serve e tem de ser.

- **Quem acha que tem mais poder na família: o homem ou a mulher? Porquê?**

Aqui na minha casa quem faz tudo sou eu. O meu marido acha que trabalha por obrigação, aqui quem faz tudo sou eu.

- **Acha que poderia ou deveria ser diferente?**

Acho que ele também devia colaborar, não é só a mulher, tem de ser marido e mulher.

- **Na sua família de origem as coisas já funcionavam assim?**

Sim, a minha mãe é que fazia o mesmo que eu estou fazendo agora.

- **Conhece famílias cujas funções do homem e da mulher sejam diferentes das que apontou? O que acha sobre isso?**

Conheço, as minhas irmãs são totalmente diferentes. Tenho uma que trabalha no hospital, tem 3 filhos, os dois trabalham e colaboram juntamente no trabalho e na casa. Quando a minha irmã trabalha aos fins-de-semana, o marido, pouco ou muito, sempre faz em casa, ajudando a mulher. O meu marido não faz nada, sou eu para tudo. Eu acho bem e gosto de ver porque é uma harmonia que agente vê ali entre marido e mulher.

- **Acha que a sua organização familiar tem interferência ou não no facto de necessitarem do RSI? Porquê?**

Tem porque passa tudo pelas minhas mãos. O meu marido é do tipo se der deu, se não der não deu. Ele diz, “eu dou-te o ordenado, agora desenrasca-te”. Só que as coisas não funcionam assim.

IV. Ela e o trabalho

4.1. Visão relativamente ao trabalho

- **O que significa para si ser feliz?**

É quando ele está sério, é muito bom, mesmo para os filhos e tudo, porque ele quando está com a pinga...

- **E vencer na vida?**

É...se ele tivesse um serviço como devia se, mais harmonia em casa...era uma vida melhor que agente podia ter.

- **O que é para si o trabalho?**

É uma coisa boa.

- **Para si, é importante na vida ter trabalho?**

Sim, claro que é importante.

- **O que é para si a família?**

A família é o mais importante que temos.

- **O que coloca em primeiro lugar por ordem de importância? Porquê?**

A família em primeiro lugar e depois o emprego porque sem ele não podemos dar as coisas que a família precisa. Eu coloco a família primeiro porque no meu tempo, nunca tive felicidade, a minha mãe também não podia dar por causa do meu pai. Elas não passaram o mesmo que eu passei, eu nem comida tinha para comer.

- **Qual a importância que dá ao trabalho na sua felicidade?**

É importante, eu canso-me de dizer às meninas da assistência que se eu tivesse trabalho não me envergonhava a pedir apoio à assistente social. Porque sabemos que é nosso e que estamos a trabalhar pelo dinheiro, agora, quando estamos a receber pela assistente social, também ajuda muito mas agente somos muito controladas se fazemos as nossas obrigações como elas querem ou não.

- **Para si, trabalhar serve principalmente para quê?**

Uma para ajudar a vida e outra para agente distrair.

- **Acha que as mulheres que trabalham sentem-se felizes por trabalhar?**

Eu acho que sim, são felizes, porque ajuda sempre ao nível da vida.

- **O que considera ser um bom emprego?**

Só se for aqueles de escritório.

- **Se fosse trabalhar, qual o emprego que gostaria de ter? Porquê?**

Novamente ser contínua na escola, porque eu gosto de lidar com crianças.

4.2. O trabalho feminino

- **Quais são os seus afazeres diários?**

Tomar conta das crianças, cuidar da casa, das roupas, da comida...

- **Acha que as mulheres que trabalham conseguem desempenhar da mesma forma que você as suas tarefas domésticas? Porquê? E se estivesse a trabalhar fora de casa?**

Não, elas não conseguem fazer como eu, porque não têm tempo para tudo e alguma coisa tem de ficar para trás. Depois já chegam do trabalho aborrecidas.

- **Acha que uma mulher que trabalha fora de casa consegue ser uma boa mãe?**

Eu acho que sim, mas nunca coloquei o trabalho antes dos meus filhos.

- **Alguma mulher na sua família (ou vizinhança) trabalha fora de casa? O que faz e o que pensa sobre o trabalho dela?**

Sim, a minha irmã trabalha no hospital a fazer limpezas. Ela gosta muito do trabalho, já está efectiva e não foi trabalhar por necessidade porque o meu cunhado ganha muito bem. Foi por ela ser independente, para comprar alguma coisa para a casa ou para si. Ela não gosta de estar a pedir ao marido. Ela tem outro nível de vida que eu não pude dar aos meus filhos porque o marido colabora e ganha bem.

- **No seu caso, acha que poderia trabalhar fora de casa? Porquê? (e se sim em quê?)**

Sim, porque eu não estou sempre manca da perna e com força de vontade tudo vai. Não podia fazer um trabalho que fosse em pé, o meu problema é este.

- **O que faria se a sua Assistente Social lhe ligasse amanhã a dizer que lhe arranjou um emprego?**

Se fosse uma coisa que eu pudesse fazer ia porque eu já não tenho bebés. A minha bebé tem 12 anos.

- **Se não tivesse recebido o RSI como acha que seria a sua vida agora? (o que seria igual e o que seria diferente)**

Era igual como antes. Com dificuldades na comida.

V. PERSPECTIVAS DE FUTURO

- **Durante quanto tempo acha que vai precisar (ou que ainda precisava) do RSI?**

Não sei, não posso dizer durante quanto tempo. A menina P. disse que mesmo que o meu marido vá trabalhar para a Câmara, vai ser a fazer férias, não é para sempre. Mas também verdade seja dita, que o meu marido nunca me pediu o dinheiro do rendimento. Não é como muitos que esperam no canto dos bancos pela data e não querem trabalhar porque recebem o rendimento.

- **O que acha que está a fazer agora para melhorar a sua vida futura e a dos seus familiares?**

Estou a receber o rendimento porque é mais uma ajuda.

- **Acha que a sua vida vai ser melhor no futuro?**

Para ser melhor era o meu marido ter um servicinho com os seus direitos.

- **Quais os seus maiores sonhos que gostaria de ver realizados?**

A minha casinha toda consertada porque estou aqui há 9 anos e foi sempre desilusões. Era para obrigar os meus filhos como deve ser.

- **Daqui a 10 anos que actividade profissional acha que é mais provável estar a fazer? Porquê?**

Vou continuar a ser doméstica.

Entrevista 14

0. Apresentação e explicação da entrevista

V. Ela e o passado: trajectória de vida

Origem social e percepção da vida passada

- **O que faziam os seus pais para ganhar a vida?**

Trabalham. A minha mãe é doméstica mas dá um dia numa casa e o meu pai é pedreiro.

- **Até que ano os seus pais estudaram?**

Os dois têm a 4ª classe.

- **Como descreve a sua infância e adolescência?**

Foi boa, feliz.

- **Existiam dificuldades económicas? Porquê?**

Não me lembro bem...mas acho que as coisas eram melhores porque a minha mãe diz que não faltava trabalho e que as coisas tentavam-se melhor. Às vezes sempre havia dificuldades mas não era tanto.

- **O que faziam para não passarem por tantas dificuldades? Recebiam algum tipo de apoio? Qual a proveniência deste?**

Nunca tivemos apoios nessa altura. Era só o meu pai que trabalhava mas na altura, de filhos também era só eu.

- **Como era a relação entre os elementos da família?**

Era boa.

- **Considerava-se uma pessoa/família pobre? Porquê?**

Era remediada, ainda hoje em dia.

- **Razões para que motivaram o recebimento de um apoio estatal**

-

5.1. Trajectória escolar

- **Qual foi o ano escolar que atingiu?**

Estudei até ao 9º ano com uma paragem de 3 anos da escola. Fiz primeiro até ao 6º, parei e depois fui para as capelas e continuei até ao 9º ano no curso profissional de cozinha.

- **Deixou de frequentar a escola com que idade? Porquê?**

Tinha 16 anos. Deixei porque me passou pela cabeça, já não tinha aquela vontade. Depois arrependi-me e fui estudar outra vez.

- **Na altura, gostava da escola (relação com a escola)?**

Na altura gostei da Escola das Capelas mas do curso nem por isso. Tive lá só mesmo por causa das habilitações. Não era o curso que eu queria para a minha vida.

- **As pessoas com quem vivia ajudavam-na / encorajavam-na a ir à escola e a estudar? O que faziam?**

Sim, a minha mãe chateava-me para eu ir, mas eu não queria e ela não podia fazer nada.

- **Acha que a sua vida poderia ser diferente se tivesse continuado a estudar?**

Talvez porque podia ter ido até ao 12º ano e ter tirado um curso que eu gostasse mais. Gostava de ter sido educadora de infância.

5.2. Trajectória familiar

- **Com que idade casou? E porque casou.**

Não sou casada.

- **Quantos filhos teve?**

Também não tenho filhos.

- **Que alterações na vida familiar veio trazer o nascimento dos seus filhos?**
- **O facto de ser mãe alterou o seu envolvimento na família?**
- **Casos de separação/divórcio: O que foi diferente na vida pessoal e familiar após o divórcio?**

5.3. Trajectória profissional

- **Já alguma vez trabalhou?**

Eu já trabalhei.

- **Se nunca trabalhou, porque é que nunca trabalhou?**

- **Que empregos teve?**

Foi na Modalfa, no Modelo aqui da Lagoa como caixa.

- **Durante quanto tempo teve estes empregos?**

Foi 2 meses.

- **Porque saiu do(s) emprego(s)? O que sentiu?**

Porque foi um reforço do Natal. Senti-me um bocadinho esmorecida...já estava habituada.

- **Foi importante para si ter trabalhado? Porquê?**

Foi importante porque era uma realização no meu dia-a-dia e também podia ajudar em casa em alguma dificuldade.

- **Para si, enquanto pessoa, considera que ter emprego é fundamental ou em vez do emprego acha que há outras coisas mais importantes? Quais?**

É importante ter emprego...mas a saúde dos meus pais também me preocupa. Cada coisa tem o seu peso.

VI. Ela e o Estado: o Rendimento Social de Inserção

6.1. Visão do RSI

- **Para si, o que é o RSI?**

É um subsídio que dão às pessoas para ajudar as pessoas em dificuldades.

- **Quem acha que deve ter o RSI?**

Os mais velhinhos e os mais novos na situação da minha mãe.

- **No seu caso, acha que tinha direito ao RSI ou isso dependeu de quem decidiu e da sua sorte?**

Dependeu da assistente social. Se não dependesse dela, nós não tínhamos tido ajuda nenhuma.

- **Na sua opinião, quanto tempo deve durar a prestação de RSI? Porquê?**

Deve durar a depender daquilo que a pessoa precisar e da situação da pessoa.

- **Sabe quais são os motivos pelos quais uma pessoa pode deixar de receber o RSI?**

Começar a trabalhar e não avisar.

6.2. O Requerimento

- **Porque resolveu requerer o RSI?**

Porque o meu pai foi apanhado a conduzir com bebida e foi preso. A minha mãe sempre trabalhou, mas naquela altura ficou sem uma casa para trabalhar e com o meu pai preso... tivemos de pedir ajuda.

- **Quais os problemas/dificuldades pelas quais passava?**

Era para pagar a renda, eu estava nas Capelas e tinha de pagar o transporte e também para comer.

- **Antes de requerer o RSI já tinha solicitado outro apoio do Serviço de Acção Social? Teve apoio, qual? Durante quanto tempo?**

Tivemos banco alimentar durante 3 meses. Penso que foi só isso.

- **O que mudou na sua vida depois de receber a prestação?**

Mudou o descanso de termos a renda da casa paga para podermos morar. Ainda são 350 €.

- **Actualmente está a receber o RSI? Tendo em conta a sua situação actual, considera que necessita do RSI? Porquê?**

O meu pai já está em casa mas por enquanto ainda precisamos porque muita coisa ficou para trás e estamos a tentar recuperar. Acho que não nos tiram o rendimento assim de repente. Pelo menos até as coisas estarem melhores porque o meu pai está com um contrato incerto e a minha mãe tem menos dias.

- **Em geral quais são as principais vantagens e desvantagens do RSI?**

Acho que desvantagens não há. Acho que são coisas boas a ajuda que dá às famílias.

6.3. O Acordo de Inserção

- **Já alguma vez os serviços pediram a si ou a alguém da sua família para fazer alguma coisa para continuar a receber o dinheiro do RSI? O quê? O que pensa sobre isso?**

Pedi para eu me inscrever no Desemprego e à minha mãe também para ver se arranjava mais uns dias. Acho que isso é bom porque não é justa estar a receber e não fazer nada da vida porque eu não sou doente.

- **Sabe o que é o acordo de inserção?**

Não sei, não tenho ideia.

- **Qual é o seu acordo de inserção? O que acha do acordo?**

Não sei, estas coisas a minha mãe não me explicou.

- **Efectuou sugestões para o seu acordo?**

Não sei.

- **O que pensa da existência do acordo de inserção?**

Não sei bem, mas acho que é correcto... porque ajuda muito às pessoas.

- **Conhece outras mulheres que tenha conseguido emprego com a ajuda do RSI ou dos técnicos do RSI?**

Agora, de momento... não, mas deve haver.

VII. Ela e a família: o género nas relações familiares

- **Na sua família, quais são as funções que cabem ao homem e à mulher?**

À minha mãe compete estar em casa, fazer as tarefas de casa e ajudar agente naquilo que é preciso. O meu pai trabalha e quando chega a casa... também.

- **Quem acha que tem mais poder na família: o homem ou a mulher? Porquê?**

Quase sempre é o homem... acho que sempre foi assim.

- **Acha que poderia ou deveria ser diferente?**

Eu acho que hoje em dia devia ser mais a mulher porque o homem já mandou muito e agora devia ser mais a mulher.

- **Na sua família de origem as coisas já funcionavam assim?**

- **Conhece famílias cujas funções do homem e da mulher sejam diferentes das que apontou? O que acha sobre isso?**

Já ouvi falar de famílias em que é a mulher que trabalha e o homem fica em casa. Acho que não deve ser assim. Já que eles gostam de ser tão poderosos no mundo, acho que devem ser eles a trabalhar e a mulher ficar em casa. Fica mais bonito ser o homem a trabalhar e a mulher a resolver as coisas de casa.

- **Acha que a sua organização familiar tem interferência ou não no facto de necessitarem do RSI? Porquê?**

Tem, porque a qualquer momento o meu pai pode ser despedido e agente volta ao tempo atrás.

VIII. Ela e o trabalho

8.1. Visão relativamente ao trabalho

- **O que significa para si ser feliz?**

Viver o dia-a-dia, ter casinha, comidinha e estar tudo bem de saúde.

- **E vencer na vida?**

É agente passar por uma dificuldade e ultrapassá-la.

- **O que é para si o trabalho?**

Acho que é uma coisa muito importante. Se agente tiver em casa não realiza os objectos que tem para a vida.

- **Para si, é importante na vida ter trabalho?**

Sim, o trabalho é muito importante.

- **O que é para si a família?**

Também é muito importante. Sem ela eu não chegava até onde cheguei.

- **O que coloca em primeiro lugar por ordem de importância? Porquê?**

A família é mais importante porque o trabalho posso ter sempre, apesar de ser difícil de encontrar, mas a família se lhe der alguma coisa e for-se embora, depois não a recupero mais.

- **Qual a importância que dá ao trabalho na sua felicidade?**

É muito importante.

- **Para si, trabalhar serve principalmente para quê?**

Para ganhar a vida, para poder ajudar em casa. Para mim, acho que se não trabalharmos não temos nada.

- **Acha que as mulheres que trabalham sentem-se felizes por trabalhar?**

Acho que são felizes porque estão realizando o seu dia-a-dia. Chegam a casa sentem que trabalharam e que no fim do mês vão ter um ordenado para ajudar o marido ou a qualquer coisa.

- **O que considera ser um bom emprego?**

Um emprego fixo...sem paragens.

- **Se fosse trabalhar, qual o emprego que gostaria de ter? Porquê?**

Educadora de infância. Porque eu gosto de cuidar das crianças e de estar ao pé delas. Gosto de crianças.

8.2. O trabalho feminino

- **Quais são os seus afazeres diários?**

Ajudar a minha mãe a lavar a loiça, a limpar a casa. A minha mãe vai trabalhar e eu fico a limpar a casa, a estender a roupa, a fazer a comida. Quando ela está é quase sempre elas que faz.

- **Acha que conseguiria desempenhar da mesma forma as suas funções na família se estivesse a trabalhar fora de casa? Porquê?**

Acho que sim. Em casa já sei o que é... custou-me os primeiros dias, mas habituei-me.

- **Acha que uma mulher que trabalha fora de casa consegue ser uma boa mãe?**

Acho que sim.

- **Alguma mulher na sua família (ou vizinhança) trabalha fora de casa? O que faz e o que pensa sobre o trabalho dela?**

Sim, faz limpezas. Acho que este é um trabalho honesto.

- **No seu caso, acha que poderia trabalhar fora de casa? Porquê? (e se sim em quê?)**

Sim. Porque eu posso ir trabalhar. Como não posso ser educadora de infância se calhar gostava de trabalhar no comércio. Já tive na Modalfa e gostei.

- **O que faria se a sua Assistente Social lhe ligasse amanhã a dizer que lhe arranjou um emprego?**

Eu ficava contente e seguia em frente. Aceitava.

- **Se não tivesse recebido o RSI como acha que seria a sua vida agora? (o que seria igual e o que seria diferente)**

Se agente não tivesse recebido o rendimento não estava aqui nesta casa.

A minha avó acolhia agente, não nos ia deixar na rua, mas ia ser mais difícil porque ela tem lá outras pessoas a morar com ela...ia ser difícil a nível de ficarmos todos apertadinhos.

V. PERSPECTIVAS DE FUTURO

- **Durante quanto tempo acha que vai precisar (ou que ainda precisava) do RSI?**

Talvez mais um ano ou dois, mas ao certo não sei.

- **O que acha que está a fazer agora para melhorar a sua vida futura e a dos seus familiares?**

A procurar trabalho.

- **Acha que a sua vida vai ser melhor no futuro?**

Não sei, mas o fundo desemprego chamou-me para ir para uma firma de tratar de idosos, mas eu achei que não era adaptado a mim. Agora apareceu-me uma senhora que precisa de uma empregada, acho que é melhor que esta outra firma, acho que está mais adaptado a mim.

- **Quais os seus maiores sonhos que gostaria de ver realizados?**

Ter um trabalho efectivo para começar. Já tive muito tempo parada.

- **Daqui a 10 anos que actividade profissional acha que é mais provável estar a fazer? Porquê?**

Não sei...mas se o nível de emprego melhorar, talvez a nível do comércio, pode ser que o governo decida retirar a crise.

Anexo VI

Análise de conteúdo efectuada com o
programa MAXQDA

Ela e o passado: trajectória de vida – origem social e percepção da vida passada: profissão dos pais			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Profissão dos pais	A minha mãe era doméstica e o meu pai era pedreiro, era mestre de obras. Teve 8 filhos mas era um homem muito lutador.	Vânia Cordeiro
Entrevista 2	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Profissão dos pais	O meu pai era pescador e a minha mãe teve 10 filhos e ficava em casa a cuidar dos pequenos. O meu pai bebia a sua pinga, mas era um homem trabalhador.	Vânia Cordeiro
Entrevista 3	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Profissão dos pais	A minha mãe sempre foi doméstica. O meu pai era jardineiro, é o que ele ainda faz hoje em dia. Ele esteve muito tempo a trabalhar na Bermuda.	Vânia Cordeiro
Entrevista 4	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Profissão dos pais	Meu pai era pintor, vendedor de tintas. A minha mãe era doméstica.	Vânia Cordeiro
Entrevista 5	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Profissão dos pais	Trabalhavam. A minha mãe é doméstica, o meu pai trabalha na Câmara. Ainda está lá como varredor e nos camiões do lixo.	Vânia Cordeiro
Entrevista 6	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Profissão dos pais	Penei muito. Não conheci o meu pai. Ele morreu eu tinha 3 anos. Minha mãe sempre trabalhou muito para agente. Era empregada doméstica, todos os dias.	Vânia Cordeiro
Entrevista 7	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Profissão dos pais	A minha mãe trabalha há uns 5 anos em casa de uma senhora que trabalha no hospital, antes era doméstica. O meu pai é jardineiro na Escola da Laranjeiras.	Vânia Cordeiro
Entrevista 8	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Profissão dos pais	O meu pai era camponês e a minha mãe era em casa. Não havia trabalhos no tempo.	Vânia Cordeiro
Entrevista 9	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Profissão dos pais	O meu pai trabalhava nas terras, era camponês, trabalhava nas matas, fazia lenha. A minha mãe era doméstica de casa, ela nunca trabalhou.	Vânia Cordeiro
Entrevista 10	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Profissão dos pais	O meu pai era pescador e a minha mãe era doméstica.	Vânia Cordeiro
Entrevista 11	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Profissão dos pais	O meu agora é reformado e a minha mãe é doméstica, mas antes ele era pescador.	Vânia Cordeiro
Entrevista 12	Trajectória de vida\Origem social e	O meu pai, na altura, trabalhava na Cerâmica Vieira e a minha mãe era doméstica.	Vânia Cordeiro

	familiar\Profissão dos pais		
Entrevista 13	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Profissão dos pais	O meu pai era vendilhão de peixe, vendia peixe e a minha mãe era em casa a tomar conta dagente.	Vânia Cordeiro
Entrevista 14	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Profissão dos pais	Trabalham. A minha mãe é doméstica mas dá um dia numa casa e o meu pai é pedreiro.	Vânia Cordeiro

Ela e o passado: trajectória de vida – origem social e percepção da vida passada: escolaridade dos pais			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Escolaridade dos pais	A minha mãe penso que na altura tirou a 2ª classe, mas o meu pai fez a 1ª, a 2ª e a 3ª classe e depois ainda foi tirar a 4ª classe já com cinquenta e tal anos. Eu já tinha nascido e recordo-me disso, tenho ali o diploma dele guardado e tudo.	Vânia Cordeiro
Entrevista 2	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Escolaridade dos pais	O meu pai não sabe ler e a minha mãe também não. Eu também não sei ler.	Vânia Cordeiro
Entrevista 3	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Escolaridade dos pais	O meu pai tirou o 5º ano à noite, mas já com a sua idade e a minha mãe tem a 4ª classe.	Vânia Cordeiro
Entrevista 4	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Escolaridade dos pais	Até á quarta classe. Os dois.	Vânia Cordeiro
Entrevista 5	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Escolaridade dos pais	Eles tiraram os dois a 4ª classe.	Vânia Cordeiro
Entrevista 6	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Escolaridade dos pais	Não me lembro. A minha mãe nunca foi para escola.	Vânia Cordeiro
Entrevista 7	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Escolaridade dos pais	O meu pai foi até à 4ª classe e a minha mãe também.	Vânia Cordeiro
Entrevista 8	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Escolaridade dos pais	A minha mãe tem a 4ª classe. O meu pai ficou com a 3ª incompleta. O meu pai era uma pessoa muito trabalhadora, saiu da escola para ir trabalhar muito novinho. E morreu cedo, tinha 47 anos.	Vânia Cordeiro
Entrevista 9	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Escolaridade dos pais	A minha mãe até à 3ª classe. O meu pai, coitadinho, nunca meteu os pés na escola, naquele tempo não era obrigatório. A minha avó botou-o a trabalhar e ele nunca soube o que era a escola.	Vânia Cordeiro
Entrevista 10	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Escolaridade dos pais	Não sei. O meu pai e a minha mãe sabiam ler e escrever. Eles são capazes de ter a 2ª ou a 3ª classe mas a minha mãe sabia mais coisas que o meu pai, por isso, é capaz de ter mais estudo que o meu pai.	Vânia Cordeiro
Entrevista 11	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Escolaridade dos pais	Até ao quarto ano, os dois.	Vânia Cordeiro
Entrevista 12	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Escolaridade dos pais	Os meus pais nunca tiveram na escola, não sabiam nem ler nem escrever.	Vânia Cordeiro

	dos pais		
Entrevista 13	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Escolaridade dos pais	A minha mãe diz que antigamente a escola não era obrigatória, quer dizer, se ela teve escola foi por pouco tempo e o meu pai por igual. Eles não sabem ler nem escrever, a minha mãe sabe fazer o seu nome mas é copiado.	Vânia Cordeiro
Entrevista 14	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Escolaridade dos pais	Os dois têm a 4ª classe.	Vânia Cordeiro

Ela e o passado: trajectória de vida – origem social e percepção da vida passada: visão da infância e adolescência			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Visão da infância e adolescência	A minha infância e adolescência foi muito boa, nunca me faltou nada, foi muito feliz. Os meus irmãos mais velhos já estavam todos casados, eu fui praticamente a filha única. Tinha mais dois rapazes, mas depois eles saíram. Os meus pais já tinham a sua idade quando eu nasci.	Vânia Cordeiro
Entrevista 2	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Visão da infância e adolescência	Eu fui uma criança feliz, mas nós passávamos por muitas necessidades. O meu pai bebia mas não chateava, ele chegava a casa e ia-se deitar. Eu brincava e depois a uma certa hora tinha de estar em casa, o meu pai quando chegava a casa queria ver todos na caminha, não gostava de ver agente por aí. De Verão até nos deitávamos de dia. Às vezes, depois dele chegar, eu guindava a janela para ir para o pé da minhas vizinhas conversar.	Vânia Cordeiro
Entrevista 3	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Visão da infância e adolescência	Sempre havia alguns problemas. O meu pai gostava de beber. Apoquentava a minha mãe e eu não gostava de ver. O meu pai e a minha mãe brigavam muito. Ele batia na minha mãe e agente via. Também dava nos filhos. Agente tinha medo dele.	Vânia Cordeiro
Entrevista 4	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Visão da infância e adolescência	Foi terrível, muitas discussões dos pais, por causa da bebida, sempre foi assim, mesmo já crescida.	Vânia Cordeiro
Entrevista 5	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Visão da infância e adolescência	Eu não me lembro da minha infância...não havia problemas. Corria tudo bem.	Vânia Cordeiro
Entrevista 6	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Visão da infância e adolescência	A infância muito má. Houve tanta fominha, o que eu penei! Ia para o calhar apanhar lapas para comer ao cheiro do pão. Também ia ao calhar arranjar chinelas para calçar, e às vezes era um de uma cor e outro de outra. A adolescência já foi melhor. A minha mãe pôs-me a trabalhar com 14 anos. Eu comia melhor era em casa das patroas, porque em casa não havia disso.	Vânia Cordeiro
Entrevista 7	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Visão da infância e adolescência	Com algumas dificuldades. O meu pai era pescador, tinha um barco, depois tinha problemas com o álcool, mas depois largou porque ficou doente e começou a trabalhar já há bastante tempo. Apesar daquilo que passamos, hoje já está melhor. A infância foi pior, na adolescência as coisas já foram melhores.	Vânia Cordeiro
Entrevista 8	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Visão da infância e adolescência	Na minha infância ia para a minha escola, gostava de estudar, mas o meu pai e a minha mãe não me podiam dar estudos.	Vânia Cordeiro
Entrevista 9	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Visão da infância e	Foi feliz. Sempre foi feliz tanto em criança como já mais grandinha.	Vânia Cordeiro

	adolescência		
Entrevista 10	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Visão da infância e adolescência	Foi sempre com os meus pais. A minha infância não foi muito feliz porque o meu pai batia muito na gente e a minha mãe morreu tão nova. Eu tinha 12 anos quando a minha mãe morreu. O meu pai vinha para casa bêbedo, e agente escondia-se com medo dele. Depois, quando cresci, o meu pai nunca quis o meu namoro com o meu marido, depois fiquei à espera do meu mais velho e tive de fugir. Ia fazer 17 anos.	Vânia Cordeiro
Entrevista 11	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Visão da infância e adolescência	A infância não me lembro tanto porque a memória é curta, mas foi boa, a família era unida e a adolescência melhor ainda, porque agora é que me estou a divertir, a conhecer S.Miguel inteiro, ao menos tive mais tempo do que as minhas irmãs, elas não tiveram este privilégio, também os tempos mudaram.	Vânia Cordeiro
Entrevista 12	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Visão da infância e adolescência	A minha infância foi ruim. A minha mãe bebia, tinha uma doença que era o cromatismo, doente do coração também, o meu pai não era nada dessas coisas.	Vânia Cordeiro
Entrevista 13	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Visão da infância e adolescência	Como o meu pai era vendilhão de peixe ele tinha boa venda, mas quando acabava de vender o peixe dava na bebida, bebia o dinheiro que ganhava, a minha mãe em casa é que se desenrascava com comida para agente comer e agente quando não tinha íamos pedir esmola. Comparando com a infância das minhas filhas, a minha foi totalmente diferente. Na adolescência passei a ir com a minha mãe trabalhar para a fábrica de tabaco “Estrela”. Aí o meu pai já não bebia tanto, ficou muito doente e ficava em casa e eu e a minha mãe é que íamos trabalhar para a casa	Vânia Cordeiro
Entrevista 14	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Visão da infância e adolescência	Foi boa, feliz.	Vânia Cordeiro

Ela e o passado: trajectória de vida – origem social e percepção da vida passada – situação económica			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Situação económica	É assim... o meu pai nunca teve grandes dinheiros, mas era um homem que sabia organizar bem o seu dia-a-dia e tinha muita força de vontade. Ele dizia que o querer era poder. Não se podia comer bifes todos os dias, como ainda hoje eu não faço isso! Íamos comendo e vivendo.	Vânia Cordeiro
Entrevista 2	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Situação económica	Já se sabe que havia dificuldades. O dinheiro às vezes dava e às vezes não. O meu pai bebia (...)	Vânia Cordeiro
Entrevista 3	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Situação económica	Sim, por causa do meu pai. Ele bebia... Foi sempre a minha mãe quem pagou as contas lá de casa... às vezes ele não dava dinheiro, gastava o dinheiro na bebida e depois faltava as coisas que eram precisas. Passávamos muitas necessidades.	Vânia Cordeiro
Entrevista 4	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Situação económica	Sempre tinha. Meu pai bebia e gastava muito dinheiro na bebida. Mas mesmo assim sempre havia sopa, pão.	Vânia Cordeiro
Entrevista 5	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Situação económica	Não tínhamos dificuldades. Agente tinha sempre de tudo, não faltava nada. O meu pai sempre trabalhou, sempre deu dinheiro em cada.	Vânia Cordeiro
Entrevista 6	Trajectória de vida\Origem	Sim, havia muitas dificuldades. O meu pai morreu cedo, era a minha mãe para tudo e nós éramos 7 filhos.	Vânia Cordeiro

	social e familiar\Situação económica		
Entrevista 7	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Situação económica	O meu pai era pescador, tinha um barco, depois tinha problemas com o álcool. Sim, tínhamos dificuldades por causa do alcoolismo do meu pai.	Vânia Cordeiro
Entrevista 8	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Situação económica	Sim havia dificuldades, porque o meu pai era camponês e tinham 5 filhos.	Vânia Cordeiro
Entrevista 9	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Situação económica	Não tinha. O meu pai vivia pobre, mas trabalhava muito. Passávamos algum desconsolo, mas nunca passamos fome.	Vânia Cordeiro
Entrevista 10	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Situação económica	Sim senhora, havia dificuldades, porque agente comia era das mãos do meu pai e às vezes ele dava e outras não dava.	Vânia Cordeiro
Entrevista 11	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Situação económica	Sempre houve dificuldades económicas, porque como o meu pai era pescador, ou havia peixe ou não havia peixe, e quando não havia peixe, faltava dinheiro e como a minha mãe era doméstica não havia possibilidade de haver mais coisas, mas mesmo assim sempre vivemos.	Vânia Cordeiro
Entrevista 12	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Situação económica	Não, nunca faltava nada.	Vânia Cordeiro
Entrevista 12	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Situação económica	Como o meu pai era vendilhão de peixe ele tinha boa venda, mas quando acabava de vender o peixe dava na bebida, bebia o dinheiro que ganhava, a minha mãe em casa é que se desenrascava com comida para agente comer (...)	Vânia Cordeiro
Entrevista 14	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Situação económica	Sim, existiam dificuldades por causa do meu pai e dele beber. Não me lembro bem... mas acho que as coisas eram melhores porque a minha mãe diz que não faltava trabalho e que as coisa tentavam-se melhor. Às vezes sempre havia dificuldades mas não era tanto.	Vânia Cordeiro

Ela e o passado: trajectória de vida – origem social e percepção da vida passada: resolução de problemas económicos			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Resolução de problemas económicos	Como eu já lhe disse, não posso dizer que tivéssemos passado por grandes dificuldades porque eu fui a mais nova de 8 filhos e o meu pai era uma pessoa muito esforçada. Nunca me faltou nada. Nunca tivemos apoio dos serviços.	Vânia Cordeiro
Entrevista 2	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Resolução de problemas económicos	(...) eu ia pedir esmola porque era a mais desenrascada, tive de trabalhar para tomar Nosso Senhor, eu comia pão com laranja e às vezes ia com as lágrimas a correr de porta em porta pedir esmola. Depois chegava a casa e ficavam todos tão contentes porque eu trazia laranjas, pão e mais coisas... Eu pedia esmola e trabalhava a limpar casas, lavava janelas, varria quintais. Devo muitos favores a uma senhora que me ajudava. Até quando foi para tomar Nosso Senhor ela teve pena e vestiu-me da cabeça aos pés.	Vânia Cordeiro

Entrevista 3	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Resolução de problemas económicos	A minha mãe tinha umas terras e era de lá que tirava alguma coisa para fazer a comida. Agente ia vivendo.	Vânia Cordeiro
Entrevista 4	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Resolução de problemas económicos	Só familiares de fora que mandavam roupa, sempre ajudava.	Vânia Cordeiro
Entrevista 6	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Resolução de problemas económicos	Era as minhas irmãs casadas que nos ajudavam. Agente ajudava elas e elas davam comidinha agente, a minha mãe não dava para tudo.	Vânia Cordeiro
Entrevista 7	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Resolução de problemas económicos	O meu avô, o pai da minha mãe costumava a ajudar imenso.	Vânia Cordeiro
Entrevista 8	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Resolução de problemas económicos	A minha mãe cozia pão para casa três vezes por semana para termos sempre o que comer. Era muita vez o que nós comíamos com chá. A minha mãe era a filha mais moça e ela tinha irmãos no Canadá que mandavam bastantes roupinhas para agente, porque a minha mãe não podia comprar. Já era uma grande ajuda. Os sapatos e as roupas vinham de fora, era um gasto que a minha mãe já não tinha porque as minhas tias olhavam por agente. A minha mãe nunca falava se tinha apoio da assistência ou não, mas eu acho que nunca tiveram estes apoios. Era só o nosso abono porque o meu pai descontava para a caixa.	Vânia Cordeiro
Entrevista 9	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Resolução de problemas económicos	O meu pai trabalhava muito. (...) o meu pai nunca parava, tinha sempre trabalho; não é por ser meu pai, mas ele era muito esperto para trabalhar. A bem dizer da verdade, nós não comprávamos assim um geladinho para matar o desconsolo, mas a comida não faltava. A minha mãe às vezes pensava em comprar mais isso, mas não comprava, para ficar para ao pequenos. O meu pai era um bom homem e um bom marido.	Vânia Cordeiro
Entrevista 10	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Resolução de problemas económicos	Pedia esmola. Também nunca tivemos ajuda da família, era como os cães!	Vânia Cordeiro
Entrevista 11	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Resolução de problemas económicos	Sempre tivemos ajuda dos meus irmãos que já estão casados, sempre foi controlado. Nunca fomos de pedir muito porque também sabíamos que não tínhamos.	Vânia Cordeiro
Entrevista 13	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Resolução de problemas económicos	(...) Agente quando não tinha íamos pedir esmola. Eu e os meus irmãos saíamos para pedir esmola. A minha mãe quando não tinha que comer, eu e a minha irmã a baixo de mim, agente saía para pedir esmola e ter o que comer. Até quando moramos no Livramento, morávamos numa ruína de pedra e eram as pessoas que viviam perto dali, que eram pessoas de ter, quando tinham festas em casa é que iam levar comida para agente.	Vânia Cordeiro
Entrevista 14	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Resolução de problemas económicos	Era só o meu pai que trabalhava mas na altura, de filhos também era só eu.	Vânia Cordeiro

Ela e o passado: trajectória de vida – origem social e percepção da vida passada: relação com os serviços			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Relação com os serviços	Nunca tivemos apoios dos serviços	Vânia Cordeiro
Entrevista 2	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Relação com os serviços	Eu penso que nunca tivemos nenhum apoio da assistência, mas não me lembro.	Vânia Cordeiro
Entrevista 3	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Relação com os serviços	A minha mãe nunca teve ajudas.	Vânia Cordeiro
Entrevista 4	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Relação com os serviços	Minha mãe nunca foi de pedir ajuda a serviços.	Vânia Cordeiro
Entrevista 5	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Relação com os serviços	Não tínhamos estas ajudas.	Vânia Cordeiro
Entrevista 6	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Relação com os serviços	Nunca tivemos apoio.	Vânia Cordeiro
Entrevista 7	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Relação com os serviços	Não me lembro se tínhamos algum apoio, mas acho que não. A minha mãe teve apoio da assistência foi para a casa que ela contactou com a Câmara.	Vânia Cordeiro
Entrevista 8	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Relação com os serviços	Nunca tivemos apoios	Vânia Cordeiro
Entrevista 9	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Relação com os serviços	Nunca tivemos apoios.	Vânia Cordeiro
Entrevista 10	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Relação com os serviços	Ajuda de serviços?!... Nunca tivemos isso.	Vânia Cordeiro
Entrevista 11	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Relação com os serviços	Antes do rendimento acho que nunca tivemos nenhum apoio.	Vânia Cordeiro

Entrevista 12	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Relação com os serviços	Se os meus pais pediram foi depois de estarmos todos casados, mas enquanto éramos pequeninos nunca pediram apoio.	Vânia Cordeiro
Entrevista 12	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Relação com os serviços	Nós nunca tivemos ajudas.	Vânia Cordeiro
Entrevista 14	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Relação com os serviços	Nunca tivemos apoios nessa altura.	Vânia Cordeiro

Ela e o passado: trajectória de vida – origem social e percepção da vida passada: Relação familiar			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Relação familiar	Era muito boa. Todos sempre nos demos bem.	Vânia Cordeiro
Entrevista 2	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Relação familiar	Davam-se todos muito bem. Meu pai era muito bom para a minha mãe e para os filhos também. A minha mãe também era muito boa para nós. Minha rica mãe! Com os meus irmãos também nos dávamos todos bem, ainda hoje. Hoje vou muito a casa das minhas irmãs casadas, tomamos o nosso café e de vez em quando vamos juntas ao Rosário. Também quando uma faz uma comida diferente chama as outras para comer. Minhas ricas irmãs!	Vânia Cordeiro
Entrevista 3	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Relação familiar	O meu pai e a minha mãe brigavam muito. Ele batia na minha mãe e agente via. Também dava nos filhos. Agente tinha medo dele. A minha mãe sempre foi carinhosa e gostava muito dos seus filhos. O meu pai esteve fora na Bermuda 12 anos, deixou de ter amor à família. Com os meus irmão, agente gostava muito uns dos outros, como ainda hoje agente gosta-se.	Vânia Cordeiro
Entrevista 4	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Relação familiar	Desde que me lembre até me casar sempre houve discussões, era uma má relação. Sempre tive boa relação com a minha mãe. Com o meu pai também, mas não posso dizer que era assim tão boa por causa da bebida. Os meus irmãos éramos todos amigos, até hoje é.	Vânia Cordeiro
Entrevista 5	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Relação familiar	Tudo bem. Os meus pais davam-se bem, como ainda se dão agora. Com os filhos também era tudo bem. Não havia brigas, não havia nada!	Vânia Cordeiro
Entrevista 6	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Relação familiar	Eu e a minha mãe agente dava-se bem mas ela era mazinha em tudo, ela dava muita pancadaria na gente. Com a minha irmã casada eu dava-me bem mas o meu cunhado era tão bêbedo! Ela penou muito com ele.	Vânia Cordeiro
Entrevista 7	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Relação familiar	Era uma relação normal. Ele só bebia e ia para a cama. Nem ele nem a minha mãe batiam. Tínhamos uma boa relação e éramos uma família unida.	Vânia Cordeiro
Entrevista 8	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Relação familiar	Era uma boa relação. Meu pai só não dava mais porque não tinha.	Vânia Cordeiro
Entrevista 9	Trajectória de vida\Origem social e	Éramos muito unidos uns com os outros. Ainda hoje em dia somos muito unidos, todos eles.	Vânia Cordeiro

	familiar\Relação familiar		
Entrevista 10	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Relação familiar	O meu pai e a minha mãe era sempre a discutir. O meu pai teve uma “ amiga” e entre a minha mãe e esta “ amiga” ele nunca a deixou da mão. Até teve uma vez em que o meu pai convidou agente para comer fora e depois já estava com esta “amiga” ao lado. Nunca fomos uma família feliz. O meu pai discutia com a minha mãe e agente ficava nervosos, com medo que ele batesse na minha mãe, porque se isso acontecesse agente se metia ao meio... Com os filhos... ele batia sempre. Nunca foi um pai carinhoso que andasse ao pé da gente. A minha mãe era carinhosa para agente, nunca batia. Tenho boas lembranças dela.	Vânia Cordeiro
Entrevista 11	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Relação familiar	A família sempre foi muito unida e ainda hoje é. Esta casa está sempre cheia, por isso não pára nada direito. É uma relação muito boa, agente está sempre juntos.	Vânia Cordeiro
Entrevista 12	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Relação familiar	A minha mãe quando bebia havia sempre brigas em casa entre. Ela não gostava que tirássemos parte pelo meu pai, gostava era que enquanto tivessem a discutir que os filhos tivessem afastados. Com os filhos, ela era cuidadora, ela podia ter o vício mas nunca nos faltou nada. Eu e os meus irmãos dávamo-nos todos bem.	Vânia Cordeiro
Entrevista 13	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Relação familiar	Como eu já disse o meu pai bebia e ele e a minha mãe tinham as suas discussões, mas ele nunca bateu nem nada e agente, com os irmãos, éramos amigos. A minha mãe quando não tinha que comer, eu e a minha irmã a baixo de mim, agente saía para pedir esmola e ter o que comer. O meu irmão, coitado não ia porque era mais velho e tinha receio. Até quando moramos no Livramento, morávamos numa ruína de pedra e eram as pessoas que viviam perto dali, que eram pessoas de ter, quando tinham festas em casa é que iam levar comida para agente.	Vânia Cordeiro
Entrevista 14	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Relação familiar	Era boa.	Vânia Cordeiro

Ela e o passado: trajectória de vida – origem social e percepção da vida passada: Percepção da situação de pobreza no passado e no presente			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Percepção da situação de pobreza no passado e no presente	Éramos uma família remediada e ainda somos.	Vânia Cordeiro
Entrevista 2	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Percepção da situação de pobreza no passado e no presente	Na altura éramos muito pobres, não havia as coisas que há agora. Havia muita falta de condições e não haviam assistentes sociais. A minha mãe teve 10 filhos, mas éramos muito unidos.	Vânia Cordeiro
Entrevista 3	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Percepção da situação de pobreza no passado e no presente	Sim, éramos uma família pobre, passávamos por muitas dificuldades. Hoje a vida é melhor. Nós somos uma família pobre, só o meu marido é que trabalha.	Vânia Cordeiro
Entrevista 4	Trajectória de vida\Origem social e	Na altura era. Agora está melhor.	Vânia Cordeiro

	familiar\Percepção da situação de pobreza no passado e no presente		
Entrevista 5	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Percepção da situação de pobreza no passado e no presente	Era remediada e ainda somos.	Vânia Cordeiro
Entrevista 6	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Percepção da situação de pobreza no passado e no presente	Era, sempre foi.	Vânia Cordeiro
Entrevista 7	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Percepção da situação de pobreza no passado e no presente	Imenso, éramos muito pobres... não tem nada a ver com hoje em dia. Se tivéssemos naquela altura... mas agente amanhava-se, tinha de ser.	Vânia Cordeiro
Entrevista 8	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Percepção da situação de pobreza no passado e no presente	Éramos pobres mas nunca nos faltou comida. Faltou-nos o estudo, mas é porque o meu pai não podia dar e naquela altura não havia os apoios que há hoje. Hoje em dia vivemos muito melhor.	Vânia Cordeiro
Entrevista 9	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Percepção da situação de pobreza no passado e no presente	Eu era pobre, mas o meu pai nunca parava, tinha sempre trabalho; não é por ser meu pai, mas ele era muito esperto para trabalhar. A bem dizer da verdade, nós não comprávamos assim um geladinho para matar o desconsolo, mas a comida não faltava. A minha mãe às vezes pensava em comprar mais isso, mas não comprava, para ficar para ao pequenos. O meu pai era um bom homem e um bom marido.	Vânia Cordeiro
Entrevista 10	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Percepção da situação de pobreza no passado e no presente	Na altura era sim senhora porque agente vivia da vida de pescador e às vezes o mar dava e outra não dava. Depois também o meu pai também umas vezes dava e outras não. Hoje em dia é tudo diferente...	Vânia Cordeiro
Entrevista 11	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Percepção da situação de pobreza no passado e no presente	Antigamente sim, mas nunca nos faltou nada.	Vânia Cordeiro
Entrevista 12	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Percepção da situação de pobreza no passado e no presente	Quando a minha mãe não bebia éramos. Éramos pobres mas nunca nos faltou nada.	Vânia Cordeiro

Entrevista 13	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Percepção da situação de pobreza no passado e no presente	Comparando com a infância das minhas filhas, a minha foi totalmente diferente. Sim, na altura éramos muito pobres comparando com hoje em dia. Mas podia ser melhor porque o meu marido bebe e não tem serviço fixo. Mas antigamente ele não era assim mas depois mudou totalmente. Vivemos do pouco que ele ganha e traz para casa. Agora está melhor porque o meu pequeno com 21 anos começou agora a trabalhar. (...) Elas não passaram o mesmo que eu passei, eu nem comida tinha para comer.	Vânia Cordeiro
Entrevista 14	Trajectória de vida\Origem social e familiar\Percepção da situação de pobreza no passado e no presente	Era remediada, ainda hoje em dia.	Vânia Cordeiro

Ela e o passado: trajectória de vida - trajectória escolar: nível de escolaridade			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Nível de escolaridade	Cheguei a estar no princípio do 8º ano em Ponta Delgada. Depois abriu o ciclo aqui na Lagoa. Até tinha boas notas.	Vânia Cordeiro
Entrevista 2	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Nível de escolaridade	Até à 1ª classe, só sei assinar o meu nome. Também não sei ler, mas eu termino a minha vida toda, graças a Deus, vou para médicos com os meus filhos e para qualquer lado. Eu digo que sou a mulher e o homem aqui dentro de casa, eu é que termino a vida toda, não é o meu marido.	Vânia Cordeiro
Entrevista 3	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Nível de escolaridade	Estudei até ao 5º. Depois mais tarde, quando tinha 15 ou 16 anos, tirei o 6º ano à noite.	Vânia Cordeiro
Entrevista 4	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Nível de escolaridade	Eu tenho a 4ª classe.	Vânia Cordeiro
Entrevista 5	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Nível de escolaridade	Estudei até ao 5º.	Vânia Cordeiro
Entrevista 6	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Nível de escolaridade	Eu nunca dei nada na escola. Só tive a 1ª classe.	Vânia Cordeiro
Entrevista 7	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Nível de escolaridade	Até ao 4º ano.	Vânia Cordeiro
Entrevista 8	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Nível de escolaridade	Tenho a 4ª classe. Ainda fui para a Lagoa onde comecei a fazer o 5º ano, mas tive de deixar porque a minha mãe não podia pagar os meus estudos. Ficou incompleto.	Vânia Cordeiro
Entrevista 9	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Nível de escolaridade	Foi a 4ª classe.	Vânia Cordeiro
Entrevista 10	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Nível de escolaridade	A 4ª classe	Vânia Cordeiro
Entrevista 11	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Nível	Eu tenho o 10º ano incompleto.	Vânia Cordeiro

	de escolaridade		
Entrevista 12	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Nível de escolaridade	Até à 4ª classe.	Vânia Cordeiro
Entrevista 13	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Nível de escolaridade	Até à 4ª classe.	Vânia Cordeiro
Entrevista 14	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Nível de escolaridade	Estudei até ao 9º ano com uma paragem de 3 anos da escola. Fiz primeiro até ao 6º, parei e depois fui para as capelas e continuei até ao 9º ano no curso profissional de cozinha.	Vânia Cordeiro

Ela e o passado: trajectória de vida - trajectória escolar: idade e motivos do abandono escolar			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Idade e motivos do abandono escolar	Tinha 14 ou 15 anos. Na altura o meu namorado, que é agora o meu marido era camponês e achava que eu tinha de sair. Nesta altura foi um pouco difícil porque os meus pais achavam que eu devia continuar, mas quem dois gostos quer ter, um deles tem de perder... e foi assim...	Vânia Cordeiro
Entrevista 2	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Idade e motivos do abandono escolar	Eu larguei a escola com 12 anos. Porque não gostava e não havia possibilidades de continuar os estudos. Era 10 filhos e o meu pai não podia.	Vânia Cordeiro
Entrevista 3	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Idade e motivos do abandono escolar	A primeira vez eu tinha 12 anos. Saí porque eu não gostava daquele ambiente, daqueles rapazes malcriados, falavam muito mal e eu não gostava daquilo. A segunda vez eu deixei porque me ia casar.	Vânia Cordeiro
Entrevista 4	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Idade e motivos do abandono escolar	Depois casei e não consegui fazer mais. Com 13. Tive que passar a minha 4ª classe completa, se fosse um acordo de não ir para o "Fisher" e porque tinha dificuldades.	Vânia Cordeiro
Entrevista 5	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Idade e motivos do abandono escolar	Tinha 15 anos. Deixei porque já não gostava da escola, só gostava quando era mais pequenina.	Vânia Cordeiro
Entrevista 6	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Idade e motivos do abandono escolar	12 Anos. Eu não gostava, as professoras já nem faziam caso porque eu não dava nada, sempre fui cabeça de burra. Eu fugia de escola para vir ajudar a minha irmã.	Vânia Cordeiro
Entrevista 7	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Idade e motivos do abandono escolar	Saí com mais ou menos 13 anos porque a minha mãe começou a trabalhar, ela tinha tido uma menina e as dificuldades eram tantas que eu tinha que tomar conta dela, e eu saí da escola.	Vânia Cordeiro
Entrevista 8	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Idade e motivos do abandono escolar	Ainda fui para a Lagoa onde comecei a fazer o 5º ano, mas tive de deixar porque a minha mãe não podia pagar os meus estudos. Ficou incompleto. Tinha 14 anos. O meu pai era camponês e não podia pagar os meus estudos. Depois eu também comecei logo a pensar em ganhar um dinheirinho porque naquele tempo agente pensava em se casar. Então, dos 14 aos 15 anos meti-me numa costura na casa de uma senhora. Tive até aos 19 anos a aprender a pegar numa agulha, a aprender a trabalhar, sem ganhar um cêntimo.	Vânia Cordeiro
Entrevista 9	Trajectória de vida\Trajectória	Devia ter uns 10 ou 11. Na altura não era obrigatório estudar. Acabávamos a 4ª classe e vínhamos para casa.	Vânia Cordeiro

	escolar\Idade e motivos do abandono escolar		
Entrevista 10	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Idade e motivos do abandono escolar	Deixei a escola com 15. Comecei a trabalhar novinha para ajudar. Eu dava dias.	Vânia Cordeiro
Entrevista 11	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Idade e motivos do abandono escolar	Acho que foi em 2006. Tinha 17 anos. Deixei porque pensava que não conseguia mais, porque nunca fui de perder anos e quando perdi no 10º, fiquei 3 anos no 10º e pensei que já não conseguia mais. Depois entrei no curso das capelas e depois pensei melhor e voltar para escola tirar o 12º ano, só que não serviu de nada porque não consegui passar outra vez. Arrependo-me de ter deixado a escola das Capelas, já me inscrevi lá outra vez e já me inscrevi em Ponta Delgada na Escola de S. Pedro, já fiz a entrevista, só estou a espera que me liguem para saber se entrei.	Vânia Cordeiro
Entrevista 12	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Idade e motivos do abandono escolar	Com 14 anos. Deixei a escola porque foi na altura que fiquei mulherzinha e a minha mãe não quis. (...) fiquei mulherzinha e a minha mãe retirou-me da escola. Ela era muito “antiga” e tirou-me porque não queria que os rapazes me fizessem mal, porque na altura tinha aparecido muitas raparigas grávidas, e ela não queria que me acontecesse o mesmo e por isso fez aquilo. Eu não concordo.	Vânia Cordeiro
Entrevista 13	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Idade e motivos do abandono escolar	Eu tinha 14 anos. Quando fiz a 4ª classe tive de ficar em casa para a minha mãe trabalhar. Não foi por não saber, mas para ajudar a minha mãe.	Vânia Cordeiro
Entrevista 14	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Idade e motivos do abandono escolar	Tinha 16 anos. Deixei porque me passou pela cabeça, já não tinha aquela vontade. Depois arrependi-me e fui estudar outra vez.	Vânia Cordeiro

Ela e o passado: trajectória de vida - trajectória escolar: relação com a escola			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Relação com a escola	Gostava, eu nunca perdi e tinha sempre boas notas.	Vânia Cordeiro
Entrevista 2	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Relação com a escola	Eu não gostava porque estava sempre com aquela coisa de ir para a casa das pessoas para ajudar. Depois eu gostava de ir para a missa e tinha um desgosto porque estava na missa e não tomava Nosso Senhor porque não tinha uma roupinha.	Vânia Cordeiro
Entrevista 3	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Relação com a escola	Eu gostava de aprender lá dentro com os professores, mas cá fora no recreio eu não gostava. Eles eram muito malcriados e eu não gostava daquilo.	Vânia Cordeiro
Entrevista 4	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Relação com a escola	Sim gostava. Era mais calmo na altura do que estar em casa, mas não tinha essa noção, só depois.	Vânia Cordeiro
Entrevista 5	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Relação com a escola	Eu gostava em pequenina porque era mais para a brincadeira, depois já tinha de fazer tudo, ter aulas... tudo, era mais difícil. Assim deixei de gostar.	Vânia Cordeiro
Entrevista 6	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Relação com a escola	Nunca gostei da escola, não dava uma para a caixa, as professoras também eram muito mazinhas, davam pancadaria na gente e já nem faziam caso de mim porque eu não dava nada, elas iam era para aqueles que aprendiam. Então fugia para vir ajudar a minha irmã que morava aqui perto. A minha mãe vinha a minha procura e eu ali escondida.	Vânia Cordeiro
Entrevista 7	Trajectória de vida\Trajectória	Gostava imenso. Quando eu fiquei a tomar conta da minha irmã ficava sempre em casa e na escola eu saía. Sei que tinha outras responsabilidades, adorava conhecer gente nova, os	Vânia Cordeiro

	escolar\Relação com a escola	professores eram diferentes do que são agora, apoiavam imenso os estudos e as coisas. Era mesmo diferente de casa e eu sentia-me bem.	
Entrevista 8	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Relação com a escola	Eu não gostava muito, mas também nunca faltei. Naquele tempo, quando ficávamos maiores agente até se sentia mal por ainda estar na escola porque as raparigas não estudavam muito, era só até aos 14 anos.	Vânia Cordeiro
Entrevista 9	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Relação com a escola	Eu gostava da escola, mas não me lembro porquê.	Vânia Cordeiro
Entrevista 10	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Relação com a escola	Não gostava da escola, eu queria trabalhar para ajudar à vida da minha mãe porque o meu pai não ajudava.	Vânia Cordeiro
Entrevista 11	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Relação com a escola	Gostava sim senhora, a nossa família é assim, gostamos muito da escola. Sempre fui muito atenta, só que chegou ao 10º e pronto. E fazer matérias foi ainda pior... ir de manhã, ir à tarde, estar lá sem fazer nada... isso tira a vontade de ir à escola.	Vânia Cordeiro
Entrevista 12	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Relação com a escola	Eu gostava imenso da escola.	Vânia Cordeiro
Entrevista 13	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Relação com a escola	Eu gostava imenso da escola. Não sei porquê, mas ainda hoje em dia gosto. Eu só não sei ensinar porque a escola de agora é totalmente diferente da minha. Quando a minha filha traz coisas para fazer fico naquele entusiasmo para lhe ensinar, mas não sei. Mas eu gosto imenso da escola.	Vânia Cordeiro
Entrevista 14	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Relação com a escola	Na altura gostei da Escola das Capelas mas do curso nem por isso. Tive lá só mesmo por causa das habilitações. Não era o curso que eu queria para a minha vida.	Vânia Cordeiro

Ela e o passado: trajectória de vida - trajectória escolar: relação família de origem/escola			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Relação família de origem/escola	Sim, eles queriam que agente fosse. O meu pai todos os dias levantava-se e fazia-me sumo de laranja antes de eu ir para a escola porque ele já estava na reforma. Eu já convivi com ele não novo. Na altura o meu namorado, que é agora o meu marido era camponês e achava que eu tinha de sair. Nesta altura foi um pouco difícil porque os meus pais achavam que eu devia continuar, mas quem dois gostos quer ter, um deles tem de perder...e foi assim...	Vânia Cordeiro
Entrevista 2	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Relação família de origem/escola	Não me ajudavam porque eram muitas dificuldades, mas a minha mãe dizia que eu havia de ir para a escola, e eu respondia que não queria.	Vânia Cordeiro
Entrevista 3	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Relação família de origem/escola	Sim. A minha mãe dizia-me para eu ir. Eu é que não gostava de ir.	Vânia Cordeiro
Entrevista 4	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Relação família de origem/escola	Não, nunca me apoiaram, também aquele ambiente não ajudava... agente também quando vinha da escola tinha logo tarefas para fazer em casa, limpar a casa, enxugar a louça.	Vânia Cordeiro
Entrevista 5	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Relação família de origem/escola	Ajudavam-me a ir, eu é que saí de propósito e pela minha vontade.	Vânia Cordeiro
Entrevista 6	Trajectória de vida\Trajectória	A minha mãe encorajava, ia à procura da gente porque as continuas iam lá a casa dizer que eu não estava na escola e depois ela ficava ruim.	Vânia Cordeiro

	escolar\Relação família de origem/escola		
Entrevista 7	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Relação família de origem/escola	Tanto o meu pai como a minha mãe apoiavam-me para ir à escola.	Vânia Cordeiro
Entrevista 8	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Relação família de origem/escola	A minha mãe sempre mandava os filhos para a escola. Até tive uma irmã mais nova que foi até ao 6º e a minha mãe queria que ela seguisse.	Vânia Cordeiro
Entrevista 9	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Relação família de origem/escola	Sim. A minha mãe ajudava-me nas coisas da escola.	Vânia Cordeiro
Entrevista 10	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Relação família de origem/escola	A minha mãe fazia força para eu ir para a escola só que eu não gostava e queria era ajudar a ela. Não era tanto pelo meu pai mas sim pela minha mãe. Agente ajudava muito a minha mãe.	Vânia Cordeiro
Entrevista 11	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Relação família de origem/escola	Claro que sim, apoiavam. O meu pai no último ano que saí, ele sempre me chateou para ir, para ir, porque em casa não ia dar em nada. Eu acho que ele tem razão porque se o tivesse ouvido, já podia ter o meu curso e já podia estar trabalhando.	Vânia Cordeiro
Entrevista 12	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Relação família de origem/escola	Sim, eles obrigavam-me a ir a escola, até ao dia em que fiquei mulherzinha e a minha mãe retirou-me da escola. Ela era muito “antiga” e tirou-me porque não queria que os rapazes me fizessem mal, porque na altura tinha aparecido muitas raparigas grávidas, e ela não queria que me acontecesse o mesmo e por isso fez aquilo. Eu não concordo.	Vânia Cordeiro
Entrevista 12	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Relação família de origem/escola	Eu não sei, não me lembro. A minha mãe nunca repreendeu agente de não ir para a escola, mesmo com a nossa pobreza íamos sempre para a escola.	Vânia Cordeiro
Entrevista 14	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Relação família de origem/escola	Sim, a minha mãe chateava-me para eu ir, mas eu não queria e ela não podia fazer nada.	Vânia Cordeiro

Ela e o passado: trajectória de vida - trajectória escolar: relação entre nível de escolaridade e vida actual			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Relação entre habilitações e nível de vida actual	Sim. Podia ser diferente no sentido de eu ter o meu emprego e fazer aquilo que eu gostava na altura. É claro que com mais um ordenado era tudo diferente.	Vânia Cordeiro
Entrevista 2	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Relação entre habilitações e nível de vida actual	Sim, podia ser diferente, às vezes sinto-me mal porque uma pessoa vai para um lado e para o outro e não sabe ler. Não consigo ver um filme nas legendas, quando vêm as cartas eu dou à minha filha para ler. A minha filha já tentou me ensinar, mas não me entra.	Vânia Cordeiro
Entrevista 3	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Relação	Pois, tinha mais estudos, tinha um emprego.	Vânia Cordeiro

	entre habilitações e nível de vida actual		
Entrevista 4	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Relação entre habilitações e nível de vida actual	Acho que podia ser diferente, porque ia ter estudos, ia ter um serviço que a 4ª classe não dá. Até para limpar casas está difícil agora.	Vânia Cordeiro
Entrevista 5	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Relação entre habilitações e nível de vida actual	Era a mesma coisa...	Vânia Cordeiro
Entrevista 6	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Relação entre habilitações e nível de vida actual	Acho que não seria muito diferente... porque não dava em nada. Mas eu agora tenho um desgosto por isso estou sempre a dizer às minhas filhas, estudem para não terem desgosto.	Vânia Cordeiro
Entrevista 7	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Relação entre habilitações e nível de vida actual	Podia ser diferente. Eu gostava da escola, gostava de ter tirado um curso... eu gosto muito de crianças e gostava de ser Educadora de Infância. O meu sonho sempre foi esse, até já dei o nome aqui na escola, mas não consegui... e estamos aqui.	Vânia Cordeiro
Entrevista 8	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Relação entre habilitações e nível de vida actual	Acho que sim, porque podia ganhar dinheiro e hoje ser melhor ainda. Eu penso que aquele tempo que estive na costura a aprender podia ter estado na escola e hoje podia ganhar mais dinheiro, mas naquele tempo foi assim.	Vânia Cordeiro
Entrevista 9	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Relação entre habilitações e nível de vida actual	Acho que não... quer dizer, podia ser que sim e podia ser que não. Eu podia ter emprego ou não ter porque hoje em dia há tantos que têm estudos e não têm emprego.	Vânia Cordeiro
Entrevista 10	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Relação entre habilitações e nível de vida actual	Sim, podia ser diferente. Podia ter mais estudos. Se não fosse isso de ajudar a minha mãe tinha ficado sempre na escola.	Vânia Cordeiro
Entrevista 11	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Relação entre habilitações e nível de vida actual	Claro que seria diferente. Já estava a trabalhar.	Vânia Cordeiro
Entrevista 12	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Relação entre habilitações e nível de vida actual	Talvez sim, podia ser de outra maneira... Podia não estar aqui hoje, como podia estar a fazer outras coisas, podia ter continuado a trabalhar de cozinheira na tropa, e o tenente, na altura, queria que eu fosse tirar um curso de cozinheira a Lisboa, mas antes disse isso ao meu namorado, que é o meu marido hoje, e ele não deixou, depois houve aí uns problemas e tirou-me da tropa. Podia ser diferente...	Vânia Cordeiro
Entrevista 13	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Relação	Ai, realmente. Eu só tenho a 4ª classe e mesmo assim pude concorrer para contínua na escola do Livramento e ganhei mas depois fiquei em casa porque eu gosto de fazer o meu serviço limpo e trabalhava com pessoas muito aldrabonas e depois tive	Vânia Cordeiro

	entre habilitações e nível de vida actual	um esgotamento e fiquei em casa.	
Entrevista 14	Trajectória de vida\Trajectória escolar\Relação entre habilitações e nível de vida actual	Talvez porque podia ter ido até ao 12º ano e ter tirado um curso que eu gostasse mais. Gostava de ter sido educadora de infância.	Vânia Cordeiro

Ela e o passado: trajectória de vida - Trajectória familiar: idade e motivos do casamento			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Trajectória de vida\Trajectória familiar\Idade e motivos do casamento	Tinha 19 anos. Porque foi a minha escolha. O meu marido saiu da tropa, foi para a Bermuda um ano e depois veio cá casar. Casei por gostar dele e também para ter a minha vida, porque não ia viver com os meus pais o resto da vida. Depois fui para a Bermuda com ele que foi a melhor coisa da minha vida.	Vânia Cordeiro
Entrevista 2	Trajectória de vida\Trajectória familiar\Idade e motivos do casamento	Eu casei com 18. Casei por causa destas ilusões. Estava apaixonada pelo meu marido.	Vânia Cordeiro
Entrevista 3	Trajectória de vida\Trajectória familiar\Idade e motivos do casamento	Eu tinha 21, ou ia fazer 21. Eu casei porque eu amo o meu marido. Eu gostei muito dele.	Vânia Cordeiro
Entrevista 4	Trajectória de vida\Trajectória familiar\Idade e motivos do casamento	Com 20 anos. Teve de ser, engravidei.	Vânia Cordeiro
Entrevista 5	Trajectória de vida\Trajectória familiar\Idade e motivos do casamento	Sou solteira mas vivo com um companheiro que não é o pai da minha filha. Vivo com ele vai fazer dois anos em Setembro.	Vânia Cordeiro
Entrevista 6	Trajectória de vida\Trajectória familiar\Idade e motivos do casamento	Com 14 anos. Porque eu namorei o meu homem e gostava dele. Estava grávida e tive a minha mais velha com 15 anos. Já se sabe que o amor é louco, eu namorei o meu homem 3 meses e depois fiquei grávida. Quando a minha mãe soube levei muita pancadaria porque eu estava na altura a trabalhar.	Vânia Cordeiro
Entrevista 7	Trajectória de vida\Trajectória familiar\Idade e motivos do casamento	Casei-me com 18. Casei porque já não aguentava mais estar em casa. Era muita tarefa, depois a minha mãe trabalhava... queria ter um momento só meu, queria sentir que eu é que tinha sido responsável por aquilo que eu fiz, não queria que ninguém se metesse. Sou uma pessoa assim. Eu casei-me fora de casa. Fui para a casa de uma cunhada do meu marido. Morei com ela, casei-me... ela é que me fez o casamento e tudo. No dia que casamos pedimos a bênção à minha mãe e, mesmo assim, ela deu. Primeiro ela não aceitou, mas depois quando foi para me casar ela já aceitou. Já com a minha irmã foi a mesma coisa, ela também casou-se foi fora de casa.	Vânia Cordeiro
Entrevista 8	Trajectória de vida\Trajectória familiar\Idade e motivos do casamento	Casei com 23 anos. Casei porque queria ser independente, não queria estar sempre com os meus pais. Queria ter a minha vida.	Vânia Cordeiro
Entrevista 9	Trajectória de vida\Trajectória familiar\Idade e motivos do casamento	Casei com 18. Casei porque o meu marido não tinha mãe nem pai. Ele vivia a favor e eu casei mais cedo por causa disso. Ele era muito novo quando os pais faleceram.	Vânia Cordeiro
Entrevista	Trajectória de	Com 16 anos. Porque engravidei e gostava muito do meu marido. O meu pai não quis nem o	Vânia

10	vida\Trajectória familiar\Idade e motivos do casamento	meu namoro, nem o meu casamento. O meu marido até foi pedir, mas só que ele nunca quis.	Cordeiro
Entrevista 11	Trajectória de vida\Trajectória familiar\Idade e motivos do casamento	Não sou casada.	Vânia Cordeiro
Entrevista 12	Trajectória de vida\Trajectória familiar\Idade e motivos do casamento	Com 20 anos. E casei-me para não ficar sozinha na vida. Para ter uma família.	Vânia Cordeiro
Entrevista 13	Trajectória de vida\Trajectória familiar\Idade e motivos do casamento	Com 23. Eu casei não foi por estar grávida mas o meu marido tinha morrido a mãe, era maltratado pela irmã e pelo pai e então decidimos casar. Ficamos a morar com a minha mãe na mesma e a casa era muito pequenina, mas ele estava farto. Depois, também o ordenado que ele ganhava tinha de dar todo à irmã e não ficava com nada, e então, casamos.	Vânia Cordeiro
Entrevista 14	Trajectória de vida\Trajectória familiar\Idade e motivos do casamento	Não sou casada.	Vânia Cordeiro

Ela e o passado: trajectória de vida - Trajectória familiar: número de filhos			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Trajectória de vida\Trajectória familiar\Número de filhos	Tenho 5 filhos. Os três mais velhos nasceram na Bermuda e os meus gémeos cá.	Vânia Cordeiro
Entrevista 2	Trajectória de vida\Trajectória familiar\Número de filhos	Tive 3.	Vânia Cordeiro
Entrevista 3	Trajectória de vida\Trajectória familiar\Número de filhos	Só esta menina.	Vânia Cordeiro
Entrevista 4	Trajectória de vida\Trajectória familiar\Número de filhos	Tenho 3 filhos, dois rapazes e uma menina.	Vânia Cordeiro
Entrevista 5	Trajectória de vida\Trajectória familiar\Número de filhos	Tenho uma filha. Já tive outra vez grávida mas perdi o outro que já era filho deste companheiro. Por enquanto não queremos ter mais nenhum... a vida não está muito boa. Não tenho trabalho, está muito difícil. É só ele que é pedreiro.	Vânia Cordeiro
Entrevista 6	Trajectória de vida\Trajectória familiar\Número de filhos	Tive 6 filhos.	Vânia Cordeiro
Entrevista 7	Trajectória de vida\Trajectória familiar\Número de filhos	Tive 2.	Vânia Cordeiro
Entrevista	Trajectória de	Tive 3. Sempre pensei em ter uma filha e veio a Sandra, mas eu pensava	Vânia

8	vida\Trajectória familiar\Número de filhos	muito em ter uma casa. Criei a minha filha mais velha até aos 5 anos, tive o Hélio. Ao fim de 10 anos veio a Marta.	Cordeiro
Entrevista 9	Trajectória de vida\Trajectória familiar\Número de filhos	Tive 7 filhos. Duas gémeas faleceram quando eram bebezinhas e tive um filho que morreu quando tinha 20 anos. Vivos, tenho 4.	Vânia Cordeiro
Entrevista 10	Trajectória de vida\Trajectória familiar\Número de filhos	Tive 3.	Vânia Cordeiro
Entrevista 11	Trajectória de vida\Trajectória familiar\Número de filhos	Não tenho filhos. Os meus filhos são os meus sobrinhos e já me dão muita dor de cabeça!	Vânia Cordeiro
Entrevista 12	Trajectória de vida\Trajectória familiar\Número de filhos	Tenho 4. Mas tive dois abortos.	Vânia Cordeiro
Entrevista 13	Trajectória de vida\Trajectória familiar\Número de filhos	Tive 4.	Vânia Cordeiro
Entrevista 14	Trajectória de vida\Trajectória familiar\Número de filhos	Também não tenho filhos.	Vânia Cordeiro

Ela e o passado: trajectória de vida - Trajectória familiar: alterações familiares advindas da maternidade			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Trajectória de vida\Trajectória familiar\Alterações familiares advindas da maternidade	Foi uma alegria enorme. Os três primeiros foram planeados, os gémeos já vieram por “acidente”, a princípio chorei muito, mas depois foi dois, foi uma alegria e foi com muito amor e carinho. Nunca me arrependi de ter tido os meus filhos. O que mudou foi que lá na Bermuda o meu marido trabalhava muito, tinha 3 empregos porque nunca quis que eu trabalhasse e que desse os meus filhos a criar. Também foi muito trabalho, mas hoje até tenho saudades de ver as fotos deles todos pequeninos. Eu sempre fui muito responsável pela família, por isso acho que neste ponto não alterou muito. Continuei a fazer a minha vida.	Vânia Cordeiro
Entrevista 2	Trajectória de vida\Trajectória familiar\Alterações familiares advindas da maternidade	Foi uma alegria. E foi planeada. Passou a haver mais carinho o também mais responsabilidade porque a mulher transforma-se, sente-se mais aquela para tomar conta dos nossos filhos. Meus ricos filhos!	Vânia Cordeiro
Entrevista 3	Trajectória de vida\Trajectória familiar\Alterações familiares advindas da maternidade	Mudou tudo um pouco: ser mãe, que eu nunca tinha sido, passei a ter de tomar conta dela e a fazer estas coisas que uma mãe faz. Tinha de olha pela minha filha e não deixá-la aos perigos. Ficamos muito contentes.	Vânia Cordeiro
Entrevista 4	Trajectória de vida\Trajectória familiar\Alterações familiares advindas da maternidade	Muitas, a alegria que eles dão. Mudou a vida em todos os sentidos... na alegria que eles dão. Foi diferente.	Vânia Cordeiro
Entrevista 5	Trajectória de vida\Trajectória	Foi bom. Eu ia ter uma vida diferente, dei um salto na vida... não sei explicar... quando eu era criança não sabia tratar de crianças, já hoje sei	Vânia Cordeiro

	familiar\Alterações familiares advindas da maternidade	que tenho de comprar leite e estas coisas assim. Tenho de ser mais responsável.	
Entrevista 6	Trajectória de vida\Trajectória familiar\Alterações familiares advindas da maternidade	Não sei...já não me lembro. Sair, eu nunca fui de sair.	Vânia Cordeiro
Entrevista 7	Trajectória de vida\Trajectória familiar\Alterações familiares advindas da maternidade	Foi uma alegria enorme. Foram planeados. Alterou. Agora a minha mãe vê que eu sou uma pessoa responsável, sei cuidar dos meus filhos, faço as coisas da casa, a comida... tudo. Só por mim, eu consegui sozinha, sem a ajuda de ninguém. Os filhos ensinam muito.	Vânia Cordeiro
Entrevista 8	Trajectória de vida\Trajectória familiar\Alterações familiares advindas da maternidade	Fui mãe aos 24 anos. Foi mais trabalho, mas também foi mais alegria. Eu também já estava preparada porque já estava com a idade avançada. Se fosse hoje até tinha sido mais tarde porque a Marta nasceu eu tinha 37 anos e foi tudo com mais paciência, mais tudo. Pois, agente sempre tem outras coisas. Para mim foi muito melhor do que estar sempre sozinha com o meu marido.	Vânia Cordeiro
Entrevista 9	Trajectória de vida\Trajectória familiar\Alterações familiares advindas da maternidade	Correu tudo bem, foi uma alegria muito grande. Passei a viver mais apertadinha, mas tudo se resolve. Agente quando não tem filhos, vive-se melhor, quando se tem vive-se mais apertados, mas os filhos são uma alegria.	Vânia Cordeiro
Entrevista 10	Trajectória de vida\Trajectória familiar\Alterações familiares advindas da maternidade	Um futuro melhor... gostei e senti-me muito feliz.	Vânia Cordeiro
Entrevista 12	Trajectória de vida\Trajectória familiar\Alterações familiares advindas da maternidade	A aprendizagem da vida de casada, agente já começa a ver aquilo que as nossas mães passaram e a dar valor.	Vânia Cordeiro
Entrevista 13	Trajectória de vida\Trajectória familiar\Alterações familiares advindas da maternidade	Quando eu tive a minha filha mais velha, os meus pais ajudaram-me bastante. O meu pai ainda era vivo, eu ia trabalhar para a fábrica de tabaco com a minha mãe ele é que ficava com a minha filha bebé para eu poder ajudar em casa e pagar as despesas. Não podia ser só a minha mãe e o meu pai. Da minha segunda filha já foi melhor, o meu marido sempre já ganhava mais uma coisinha. Na minha terceira filha por igual. Da Mariana, então, é que eu comecei a ouvir falar em Rendimento Mínimo e fiz os papéis e foi desde o nascimento da Mariana, que tem 12 anos, que eu comecei a receber, até ao mês de Outubro do ano passado. Da minha vida de solteira para o nascimento da minha filha não houve muitas alterações, a vida manteve-se mais ou menos igual. (...) agente tem de se preocupar com tudo dos nossos filhos.	Vânia Cordeiro

Ela e o passado: trajectória de vida - Trajectória familiar: razões da separação/divórcio			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 5	Trajectória de vida\Trajectória familiar\Razões da separação/divórcio	Eu separei-me do pai da minha filha quando engravidei. Ele bebia muito e eu separei-me dele. Nunca cheguei a viver com ele mas ele dava-me má vida e deixou-me grávida. A minha filha estava quase a nascer. Estive 9 meses sozinha, sentia que primeiro era a minha filha. Depois ela nasceu e eu fui desenvolvendo. Depois nas festas do Rosário eu conheci o meu companheiro. Ele aceitou a minha filha e disse que ia trabalhar para mim e para ela e sustentá-la já que o pai não lhe dava o sustento.	Vânia Cordeiro
Entrevista	Trajectória de	Agora é diferente que eu vivo melhor com ele. Ele dá tudo à minha filha,	Vânia

5	vida\Trajectória familiar\Razões da separação/divórcio	já o pai dela era só para a bebida. Comecei a viver com este companheiro a minha filha tinha 2 meses. Ela chama-o de pai e quem a criou foi ele. Ela tem de tudo.	Cordeiro
---	--	---	----------

Ela e o passado: trajectória de vida - trajectória profissional: exercício de actividade profissional			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Trajectória de vida\Trajectória profissional\Exercício de actividade profissional	Trabalhar assim fora não. Vou ali limpar a casa do meu irmão que está emigrado e trabalho muito em casa, depois cuidei da minha mãe 10 anos porque esteve acamada...	Vânia Cordeiro
Entrevista 2	Trajectória de vida\Trajectória profissional\Exercício de actividade profissional	Sim. Já trabalhei.	Vânia Cordeiro
Entrevista 3	Trajectória de vida\Trajectória profissional\Exercício de actividade profissional	Eu já trabalhei.	Vânia Cordeiro
Entrevista 4	Trajectória de vida\Trajectória profissional\Exercício de actividade profissional	Já trabalhei.	Vânia Cordeiro
Entrevista 5	Trajectória de vida\Trajectória profissional\Exercício de actividade profissional	Não, nunca trabalhei.	Vânia Cordeiro
Entrevista 6	Trajectória de vida\Trajectória profissional\Exercício de actividade profissional	Sim já trabalhei. Comecei com 14 anos, mas foi pouco tempo porque fiquei grávida e o meu homem disse que não ia trabalhar. Isso foi ainda pior porque a minha mãe ainda levou a guerrear mais comigo porque aquele dinheiro que eu ganhava quando trabalhava fazia falta em casa.	Vânia Cordeiro
Entrevista 7	Trajectória de vida\Trajectória profissional\Exercício de actividade profissional	Não, nunca trabalhei.	Vânia Cordeiro
Entrevista 8	Trajectória de vida\Trajectória profissional\Exercício de actividade profissional	Fiz costura toda a minha vida. Trabalhava como costureira, ganhava muito, agora é que já não dá nada. Tou fazendo uns cortinados para a minha casa, umas coisas para a minha mãe. Alguma pessoa sempre me pede qualquer coisa, eu faço, sempre ganho dinheiro, mas já não é como era. Antigamente trabalhava-se muito na costura, fazia-se muita roupa porque não havia pronto-a-vestir.	Vânia Cordeiro
Entrevista 9	Trajectória de vida\Trajectória profissional\Exercício de actividade profissional	Já sim, há muito tempo.	Vânia Cordeiro
Entrevista 10	Trajectória de vida\Trajectória profissional\Exercício de actividade profissional	Sim senhora, comecei com 15 anos.	Vânia Cordeiro
Entrevista 11	Trajectória de vida\Trajectória profissional\Exercício de actividade profissional	Já, sim. Trabalhei.	Vânia Cordeiro
Entrevista 12	Trajectória de vida\Trajectória profissional\Exercício	Já trabalhei.	Vânia Cordeiro

	de actividade profissional		
Entrevista 13	Trajectória de vida\Trajectória profissional\Exercício de actividade profissional	Eu já trabalhei.	Vânia Cordeiro
Entrevista 14	Trajectória de vida\Trajectória profissional\Exercício de actividade profissional	Eu já trabalhei.	Vânia Cordeiro

Ela e o passado: trajectória de vida - trajectória profissional: actividades profissionais exercidas			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 2	Trajectória de vida\Trajectória profissional\Actividades profissionais exercidas	Trabalhei nas pimentas e cuidei de um velhinho em casa de uma irmã.	Vânia Cordeiro
Entrevista 3	Trajectória de vida\Trajectória profissional\Actividades profissionais exercidas	Trabalhava na conserva de Vila Franca. Trabalhei lá e tomei conta de senhoras idosas. Quando aparecia também dava um dia ou dois a fazer limpeza.	Vânia Cordeiro
Entrevista 4	Trajectória de vida\Trajectória profissional\Actividades profissionais exercidas	Como auxiliar no PROSA. Só tive este.	Vânia Cordeiro
Entrevista 6	Trajectória de vida\Trajectória profissional\Actividades profissionais exercidas	Aos 14 anos fui empregada doméstica numa casa mais aqui acima. Depois, quando a minha mãe morreu, há 9 anos, para pagar o funeral fui pedir ao Sr. Braga dos Correios para me dar serviço, porque tinha um enterro para pagar. Eu fazia era horas de limpeza nuns apartamentos. Tanta família que eu tinha e tive de pagar sozinha.	Vânia Cordeiro
Entrevista 8	Trajectória de vida\Trajectória profissional\Actividades profissionais exercidas	Foi sempre de costureira em casa. Sempre fiz a minha vida de casa e cuidei dos meus filhos e também trabalhava em casa.	Vânia Cordeiro
Entrevista 9	Trajectória de vida\Trajectória profissional\Actividades profissionais exercidas	Foi como a dar dias, mas já há muito tempo. Foi primeiro em solteira e depois de casada antes da Raquel nascer, mas foi pouco, foi só uns dias.	Vânia Cordeiro
Entrevista 10	Trajectória de vida\Trajectória profissional\Actividades profissionais exercidas	Eu limpava casas. Era uma semana para uma casa e uma semana para outra. Naquele tempo eu ganhava era 2 contos... 10 euros. Não tive mais nenhum emprego, foi mesmo só estas duas casas.	Vânia Cordeiro
Entrevista 11	Trajectória de vida\Trajectória profissional\Actividades profissionais exercidas	Tive a trabalhar no centro comercial, numa loja de vender bijutaria e depois em casa de uma senhora a fazer limpeza. E também tenho feito OTL.	Vânia Cordeiro
Entrevista 12	Trajectória de vida\Trajectória profissional\Actividades profissionais exercidas	Trabalhei aqui no restaurante do “Carlinhos” no Rosário, na cozinha, tive na tropa no quartel de S. Gonçalo, já tive um emprego no “Sol Mar” , em Ponta Delgada. Tive também naquela coisa ali ao lado do restaurante “O Carlos” que agora não me lembro o nome, também na cozinha.	Vânia Cordeiro
Entrevista 13	Trajectória de vida\Trajectória profissional\Actividades profissionais exercidas	Eu só tenho a 4ª classe e mesmo assim pude concorrer para contínua na escola do Livramento e ganhei mas depois fiquei em casa porque eu gosto de fazer o meu serviço limpo e trabalhava com pessoas muito aldrabonas e depois tive um esgotamento e fiquei em casa. Trabalhei na Fábrica de Tabaco Estrela, tive na escola e foi serviços domésticos.	Vânia Cordeiro
Entrevista 14	Trajectória de vida\Trajectória profissional\Actividades	Foi na Modalfa, no Modelo aqui da Lagoa como caixa.	Vânia Cordeiro

	profissionais exercidas	
--	-------------------------	--

Ela e o passado: trajetória de vida - trajetória profissional: duração das actividades profissionais			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 2	Trajetória de vida\Trajetória profissional\Duração das actividades profissionais	Nas pimentas era na época delas quando precisavam de mim chamavam-me, era mais ou menos duas semanas. Depois a cuidar do velhinho foi durante mais ou menos um mês, mas não era sempre, era só quando a minha irmã precisava de mim.	Vânia Cordeiro
Entrevista 3	Trajetória de vida\Trajetória profissional\Duração das actividades profissionais	Já não me lembro muito bem. Acho que primeiro trabalhei na “Corretora” . Tive lá um ano e tal, ou foi 2 anos. Com os idosos eu não tive muito tempo porque eles precisavam, depois deixavam de precisar e eu ia para casa. Acho que cheguei a estar um ano com uma senhora chamada Laurinda.	Vânia Cordeiro
Entrevista 4	Trajetória de vida\Trajetória profissional\Duração das actividades profissionais	Durante um ano e meio, em 2003.	Vânia Cordeiro
Entrevista 6	Trajetória de vida\Trajetória profissional\Duração das actividades profissionais	Não tive muito tempo, 4/5 meses. Depois foi durante 8 meses.	Vânia Cordeiro
Entrevista 8	Trajetória de vida\Trajetória profissional\Duração das actividades profissionais	Fui uma costureira destas de “dar para a frente” dos 19 aos 23 anos, nunca falhava com a minha palavra. Era sábados, domingos, serões até às 4h da manhã mesmo grávida da minha filha. Depois da minha filha nascer já foi mais complicado porque tinha de tratar dela e do meu marido, mas já era menos. A minha mãe sempre me ajudava porque vivi 9 anos com os meus pais, mas depois dela nascer tive de dar para trás. Ela era pequenina e nesta altura eles dão muito trabalho.	Vânia Cordeiro
Entrevista 9	Trajetória de vida\Trajetória profissional\Duração das actividades profissionais	Já não me lembro bem, mas o primeiro foi uns 5 ou 6 meses quando era solteira, e o segundo um ano e tal.	Vânia Cordeiro
Entrevista 10	Trajetória de vida\Trajetória profissional\Duração das actividades profissionais	Quase um ano e meio.	Vânia Cordeiro
Entrevista 11	Trajetória de vida\Trajetória profissional\Duração das actividades profissionais	Só durante dois dias no Centro Comercial e na casa da senhora também dois dias. Na OTL é os meses de Verão.	Vânia Cordeiro
Entrevista 12	Trajetória de vida\Trajetória profissional\Duração das actividades profissionais	Na tropa fiquei 1 ano, depois foi no hiper SolMar e fiquei 2 meses e tal, depois foi no Carlos, na cozinha, durante 1 mês.	Vânia Cordeiro
Entrevista 13	Trajetória de vida\Trajetória profissional\Duração das actividades profissionais	Na fábrica de tabaco tive 4 anos, depois tive na escola durante 1 ano. Depois tive 3 anos em casa de uma senhora na Atalhada.	Vânia Cordeiro
Entrevista 14	Trajetória de vida\Trajetória profissional\Duração das actividades profissionais	Foi 2 meses.	Vânia Cordeiro

Ela e o passado: trajetória de vida - trajetória profissional: motivos do despedimento e sentimentos associados			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 2	Trajetória de vida\Trajetória profissional\Motivos do despedimento e sentimentos associados	O velhinho morreu e as pimentas depois fechou. Eu estranhei depois de sair... mas pronto.	Vânia Cordeiro
Entrevista 3	Trajetória de vida\Trajetória profissional\Motivos do despedimento e sentimentos associados	Da Corretora eu saí porque fui para o Fundo de desemprego. Sim, fui despedida. O que senti... oh, uma pessoa também precisa descansar um bocadinho. Senti-me bem até porque com o Fundo de Desemprego agente sempre recebe lá. Não é tanto como quando se trabalha, é menos um bocadinho, mas também ajuda à vida. Foi uma altura boa, fiz uma viagem para a ilha do Faial que tenho uma irmã lá, fui passear. Senti-me bem nesta altura.	Vânia Cordeiro
Entrevista 4	Trajetória de vida\Trajetória profissional\Motivos do despedimento e sentimentos associados	Porque acabou o contrato e fui para casa. Até hoje ainda não me chamaram. Agente sempre recebe o fundo de desemprego, mas senti-me mais fechada, porque com o trabalho sentia-me livre, distraia-me.	Vânia Cordeiro
Entrevista 6	Trajetória de vida\Trajetória profissional\Motivos do despedimento e sentimentos associados	Do primeiro emprego saí porque fiquei grávida e o meu homem não queria que continuasse a trabalhar. Do segundo, eu saí quando acabei de pagar o enterro da minha mãe. Fiquei mais leve porque só queria mesmo trabalhar porque precisava para pagar o enterro, isso já foi mais ou menos há nove anos.	Vânia Cordeiro
Entrevista 8	Trajetória de vida\Trajetória profissional\Motivos do despedimento e sentimentos associados	Na altura que começaram a aparecer os pronto-a-vestir comecei a sentir a falta do dinheiro. As pessoas diziam que comprar o tecido, as linhas, os botões e ainda pagar a costureira já não valia a pena e mais valia comprar feito. Depois começaram a aparecer os chineses. Foi assim... o mundo evoluiu. Eu até dizia muita vez que se não tivesse nascido a minha filha mais nova eu ia trabalhar, mas a minha mãe dizia que “quem tem os filhos que os crie” e nunca me ficou com ela.	Vânia Cordeiro
Entrevista 9	Trajetória de vida\Trajetória profissional\Motivos do despedimento e sentimentos associados	Do primeiro eu saí para me casar, fiquei de vez em casa depois e o outro eu fiquei grávida, depois nasceu a pequena e eu fiquei em casa. Senti que era melhor vir cuidar dos meus filhos.	Vânia Cordeiro
Entrevista 10	Trajetória de vida\Trajetória profissional\Motivos do despedimento e sentimentos associados	Porque casei, mas depois fiquei grávida para ter o meu miúdo e deixei de trabalhar. Quando deixei fiquei um pouco chocada porque aquilo sempre era mais uma ajuda. Mas o meu marido começou a trabalhar e a ganhar bem, portanto, deixei de trabalhar.	Vânia Cordeiro
Entrevista 11	Trajetória de vida\Trajetória profissional\Motivos do despedimento e sentimentos associados	Do Centro Comercial eu saí porque não tinha transporte, e da casa da senhora porque ela mandou-me limpar 10 quartos só num dia, limpar, aspirar, limpar o pó, as casas de banho, fora a parte de baixo. Aquilo não era trabalho para uma pessoa só! Depois ainda tinha de fazer o almoço, o jantar...	Vânia Cordeiro
Entrevista 12	Trajetória de vida\Trajetória profissional\Motivos do despedimento e sentimentos associados	Para falar a verdade à senhora, meu marido é que me tirou de lá, de todos os meus empregos, para eu ficar com as crianças porque não havia ninguém para ficar com elas. Em relação ao tempo em que trabalhava na tropa, eu ainda não tinha filhos, mas já estava grávida. Quando saí, senti que aquilo ia-me fazer muita falta, e a criança que eu estava a espera ia ter necessidade daquilo que eu ia comprar para ela. O pequeno podia ter uma educação mais especial. Foi sempre a mesma coisa... sabe, ele é muito ciumento e onde eu estava lá no quartel tinha muitos homens, e a cabecinha dele... enfim.	Vânia Cordeiro
Entrevista 13	Trajetória de vida\Trajetória profissional\Motivos do despedimento e sentimentos associados	Eu só tenho a 4ª classe e mesmo assim pude concorrer para contínua na escola do Livramento e ganhei mas depois fiquei em casa porque eu gosto de fazer o meu serviço limpo e trabalhava com pessoas muito aldrabonas e depois tive um esgotamento e fiquei em casa. Na fábrica do tabaco não era sempre, eu estava lá só na época da laboração do tabaco, ia com a minha mãe, depois vínhamos para casa e	Vânia Cordeiro

		ficavam todo o ano lá só as que eram efectivas. Da escola eu saí porque tive um esgotamento. Da casa onde trabalhei eu saí porque tive úlceras nas pernas, tive uma grande infecção e tive de ficar em casa. O que eu senti... senti-me aliviada porque eu deixava a Mariana na escola mas tinha o coração sempre num susto com ela a pensar se podia estar acontecendo alguma coisa. Estava sempre naquela ansiedade. Eu sabia que estava ganhando um dinheirinho, mas eu sentia uma coisa como que contra vontade. Eu não sou daquelas de me despartar das minhas filhas, sinto muito a falta delas. Fiquei muito mais calma depois de ter deixado o trabalho. Mas eu deixei também porque já não podia da perna, estava cheia de dores.	
Entrevista 14	Trajectória de vida\Trajectória profissional\Motivos do despedimento e sentimentos associados	Porque foi um reforço do Natal. Senti-me um bocadinho esmorecida... já estava habituada.	Vânia Cordeiro

Ela e o passado: trajectória de vida - trajectória profissional: contributos da experiência profissional			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 2	Trajectória de vida\Trajectória profissional\Contributos da experiência profissional	Foi importante. Porque o meu marido era pescador e não ganhava quase nada. Já éramos eu a minha filha e o meu Zeca e tínhamos de pagar água e luz à minha mãe. Ela sempre ajudava e a minha irmã que eu ia ajudar a tratar do velho também. Dava-me comidinha porque eu só ganhava era 4 contos. Eu ajudava a ela e ela ajudava-me a mim.	Vânia Cordeiro
Entrevista 3	Trajectória de vida\Trajectória profissional\Contributos da experiência profissional	Gostei daquela experiência, porque na altura nunca tinha saído de casa para trabalhar e aquilo era uma coisa nova. Gostei porque sempre estava ganhando de uma coisa que eu estava fazendo, de um trabalho que era meu e eu ganhava.	Vânia Cordeiro
Entrevista 4	Trajectória de vida\Trajectória profissional\Contributos da experiência profissional	Sim, ajudava mais à vida.	Vânia Cordeiro
Entrevista 6	Trajectória de vida\Trajectória profissional\Contributos da experiência profissional	Foi importante ter trabalhado para pagar o enterro. Senão como ia ser? Nenhum deles me quis ajudar.	Vânia Cordeiro
Entrevista 8	Trajectória de vida\Trajectória profissional\Contributos da experiência profissional	Foi muito importante porque eu evolui. Sempre tive o gosto de fazer uma casa e Nosso Senhor deu-me este gosto. A Câmara deu-nos este lote quase dado, compramos este chão por uma bagatela e tive 3 anos a fazer esta casa morando em casa dos meus pais. Trabalhei muito na altura para poupar para a fazer e consegui. Puxei daqui e dali e consegui.	Vânia Cordeiro
Entrevista 9	Trajectória de vida\Trajectória profissional\Contributos da experiência profissional	Se foi importante para mim?... Talvez. Porque ajudava mais à vida. Já se sabe que uma pessoa trabalhando ajuda mais.	Vânia Cordeiro
Entrevista 10	Trajectória de vida\Trajectória profissional\Contributos da experiência profissional	Foi muito porque gostei muito de trabalhar.	Vânia Cordeiro
Entrevista 11	Trajectória de vida\Trajectória profissional\Contributos da experiência profissional	Foram muito importantes porque me fizeram aprender mais coisas.	Vânia Cordeiro
Entrevista 12	Trajectória de vida\Trajectória profissional\Contributos	Sim foi importante, para aprender outras coisas. Foi bom!	Vânia Cordeiro

	da experiência profissional		
Entrevista 13	Trajectória de vida\Trajectória profissional\Contributos da experiência profissional	Ai foi importante. Eu às vezes penso que se tivesse ficado na escola hoje não precisava destes auxílios porque já estava de vez.	Vânia Cordeiro
Entrevista 14	Trajectória de vida\Trajectória profissional\Contributos da experiência profissional	Foi importante porque era uma realização no meu dia-a-dia e também podia ajudar em casa em alguma dificuldade.	Vânia Cordeiro

Ela e o passado: trajectória de vida - trajectória profissional: nível de importância atribuída ao trabalho			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Trajectória de vida\Trajectória profissional\Nível de importância atribuída ao trabalho	Eu acho que um emprego é muito importante porque a pessoa fica independente, ganha o seu próprio dinheiro. Mais importante que isso é o bem-estar da família, eu nunca tive ninguém com quem os deixar, eles iam comigo para todo o lado.	Vânia Cordeiro
Entrevista 2	Trajectória de vida\Trajectória profissional\Nível de importância atribuída ao trabalho	Um emprego sempre é bom, mas é mais importante ter saúde porque sem isso não conseguimos ter nada.	Vânia Cordeiro
Entrevista 3	Trajectória de vida\Trajectória profissional\Nível de importância atribuída ao trabalho	Agente precisa de trabalhar para viver, muita gente é assim, mas também quando não se pode... Muita gente tem doenças, a saúde é mais importante, vem em primeiro porque sem saúde não se faz nada.	Vânia Cordeiro
Entrevista 4	Trajectória de vida\Trajectória profissional\Nível de importância atribuída ao trabalho	É importante criar os nossos filhos... depois de uma certa idade... pronto, agente quer trabalhar. Agora ele já tem idade e vai para a escola em Setembro, para ver se arranjo emprego.	Vânia Cordeiro
Entrevista 5	Trajectória de vida\Trajectória profissional\Nível de importância atribuída ao trabalho	Acho que ter um emprego é muito importante.	Vânia Cordeiro
Entrevista 6	Trajectória de vida\Trajectória profissional\Nível de importância atribuída ao trabalho	Agente sempre trabalhando está melhor, mas é mais importante os filhos e a saúde, mas agora não posso porque estou amarrada aos meus netos.	Vânia Cordeiro
Entrevista 7	Trajectória de vida\Trajectória profissional\Nível de importância atribuída ao trabalho	Hoje em dia, sem emprego agente não somos nada, mas mais importante para mim é a estabilidade dos meus filhos. Primeiro é saber onde eles vão, com quem eles estão, e depois, então, o trabalho.	Vânia Cordeiro
Entrevista 8	Trajectória de vida\Trajectória profissional\Nível de importância atribuída ao trabalho	Um emprego é bom, mas temos de pensar nos nossos filhos, não é só ter o emprego e não dar atenção aos filhos. Conheço tantas por aí que não querem ter os filhos e não os querem sofrer, nem em bebés se elas querem-nos sofrer. Elas querem é dar a criar, como elas dão. Elas dizem “ eu dou 4 dias e dá para mim e para pagar a mulher”, mas não querem estar em casa a sofrê-los. Custa a sofrê-los mas eles são nossos. Meus ricos filhos!	Vânia Cordeiro
Entrevista 9	Trajectória de vida\Trajectória profissional\Nível	O emprego é muito importante, mas quem tem filhos é mais importante criar os nossos filhos. Os nossos filhos estão antes do emprego.	Vânia Cordeiro

	de importância atribuída ao trabalho		
Entrevista 10	Trajectória de vida\Trajectória profissional\Nível de importância atribuída ao trabalho	Eu gostava de ter um emprego mas há outras coisas que são mais importantes... tratar dos meus filhos.	Vânia Cordeiro
Entrevista 11	Trajectória de vida\Trajectória profissional\Nível de importância atribuída ao trabalho	Acho fundamental, porque eu preciso muito, mão só para mim mas também para ajudar a minha família.	Vânia Cordeiro
Entrevista 12	Trajectória de vida\Trajectória profissional\Nível de importância atribuída ao trabalho	Custa sempre um bocadinho ter emprego para quem tem mais filhos, mas acho que é bom ter emprego, porque a pessoa levanta-se e cedo, está a mexer, não está sempre casa... não é ruim mas em casa é sempre a mesma coisa e é cansativo, cansa um bocadinho. Fora a pessoa está a andar e a mexer é melhor, é outro ambiente.	Vânia Cordeiro
Entrevista 13	Trajectória de vida\Trajectória profissional\Nível de importância atribuída ao trabalho	Não há nada como ter um serviço, mas mais importante são os nossos filhos. Acima de tudo estão eles... Mas também sem um serviço agente não pode ajudar a eles.	Vânia Cordeiro
Entrevista 14	Trajectória de vida\Trajectória profissional\Nível de importância atribuída ao trabalho	É importante ter emprego... mas a saúde dos meus pais também me preocupa. Cada coisa tem o seu peso.	Vânia Cordeiro

Ela e o passado: trajectória de vida - trajectória profissional: razões da não inserção no mercado de trabalho			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Trajectória de vida\Trajectória profissional\Razões da não inserção no mercado de trabalho	Porque enquanto estive lá fora o meu marido queria que fosse eu a criar os meus filhos e que não os desse a criar, depois vim para cá tive os meus gémeos. A minha mãe estava já meia doente e eu não tinha a coragem de a deixar porque ela não tinha mais ninguém senão eu porque os meus irmãos estão todos embarcados. Cá era a única. Depois ela foi piorando... olhe, foram 10 anos. A minha mãe faleceu em 2001 mas depois os meus filhos cresceram e o trabalho quase que dobrou e a saúde também já não é o que era quando eu tinha 30 anos. O que mudou foi que lá na Bermuda o meu marido trabalhava muito, tinha 3 empregos porque nunca quis que eu trabalhasse e que desse os meus filhos a criar.	Vânia Cordeiro
Entrevista 5	Trajectória de vida\Trajectória profissional\Razões da não inserção no mercado de trabalho	Porque ainda não apareceu trabalho.	Vânia Cordeiro
Entrevista 7	Trajectória de vida\Trajectória profissional\Razões da não inserção no mercado de trabalho	No princípio, porque tinha os miúdos, e agora porque eu não quero depender da minha mãe, não quero que ela fique com eles porque ela já tem a sua idade. Já moro aqui com ela há 11 anos porque estou à espera de uma casa. Se os filhos fossem maiores, se cada um já tivesse... assim, responsabilidade, aí eu não me importava nada de trabalhar.	Vânia Cordeiro

Ela e o Estado: a medida do Rendimento Social de Inserção - visão do RSI: Conhecimento acerca do que consiste a medida			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Conhecimento acerca do que consiste a medida	É uma ajuda muito preciosa porque me tem ajudado muito. Tem-me servido de muito! O meu marido não está sentado à espera deste dinheiro, mas é uma ajuda preciosa.	Vânia Cordeiro
Entrevista 2	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Conhecimento acerca do que consiste a medida	É uma grande ajuda e eu agradeço.	Vânia Cordeiro
Entrevista 3	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Conhecimento acerca do que consiste a medida	É uma ajuda àqueles que são pobres.	Vânia Cordeiro
Entrevista 4	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Conhecimento acerca do que consiste a medida	É uma ajuda para as famílias para ver se conseguem viver com aquele pouco.	Vânia Cordeiro
Entrevista 5	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Conhecimento acerca do que consiste a medida	É uma ajuda.	Vânia Cordeiro
Entrevista 6	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Conhecimento acerca do que consiste a medida	É uma ajuda que me está a ajudar bastante.	Vânia Cordeiro
Entrevista 7	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Conhecimento acerca do que consiste a medida	Eu costumo a dizer que o rendimento foi uma bênção. Em solteira passei dificuldades, em casado por igual. O rendimento é aquilo que eu sei que é seguro para ter e pagar as minhas contas. É o meu ordenado para pagar a água, a luz, a renda... tudo depende dali.	Vânia Cordeiro
Entrevista 8	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Conhecimento acerca do que consiste a medida	Foi a melhor coisa que existiu porque eu sei apurar muito bem o dinheiro do rendimento. Desde que comecei a receber, comecei a evoluir mais ainda. É uma coisa que eu sei poupar.	Vânia Cordeiro
Entrevista 9	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Conhecimento acerca do que consiste a medida	É uma coisa muito boa, é uma ajuda para a vida. Aquele dinheirinho é certo. É uma esmola.	Vânia Cordeiro
Entrevista 10	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Conhecimento acerca do que consiste a medida	É uma ajuda para a minha casa e o alimento para os meus filhos.	Vânia Cordeiro
Entrevista 11	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Conhecimento acerca do que	É uma prestação que a minha mãe recebe para ajudar a família, porque os rendimentos de cá de casa são poucos.	Vânia Cordeiro

	consiste a medida		
Entrevista 12	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Conhecimento acerca do que consiste a medida	É uma ajuda.	Vânia Cordeiro
Entrevista 13	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Conhecimento acerca do que consiste a medida	O rendimento sempre me ajudou muito bem, na alimentação.	Vânia Cordeiro
Entrevista 14	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Conhecimento acerca do que consiste a medida	É um subsídio que dão às pessoas para ajudar as pessoas em dificuldades.	Vânia Cordeiro

Ela e o Estado: a medida do Rendimento Social de Inserção - visão do RSI: opinião acerca das condições de atribuição e dos beneficiários			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Opinião acerca das condições de atribuição e dos beneficiários	Eu acho que há mães solteiras que vivem com homens e às vezes estes homens são o pai das crianças. Se ele é pai das crianças tem todo o dever de ajudar e às vezes elas não se casam para não deixarem de receber este dinheiro.	Vânia Cordeiro
Entrevista 2	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Opinião acerca das condições de atribuição e dos beneficiários	Aqueles que têm a fera certa e têm saúde não deviam ter. Agora aqueles que o marido é pescador que às vezes ganham, outras não ganham, devem ter. Se eu tivesse um ordenado certo não precisava do rendimento. Dessem a quem precisasse. Quem está bem de vida são os vendilhões, os pescadores, coitaditos, não ganham nada e vêem a morte no mar. As mulheres não têm noção disso e engravidam de propósito e têm mais filhos para receberem mais porque o rendimento vai pelo número de filhos. Um casal de tarelo deve olhar para o rendimento como uma ajuda e não se fiar só naquilo porque isso acontece muito. O meu marido nunca foi assim. Quando não dava num lado, ele procurava para outro e nunca foi homem de estar em lojas. É um homem que luta.	Vânia Cordeiro
Entrevista 3	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Opinião acerca das condições de atribuição e dos beneficiários	Aqueles que necessitam mesmo. Porque há gente que pode receber mas não tem aquela coisa de ser pobre, mas há quem seja pobre e necessite mesmo daquilo para ajudar à sua vida. Nós somos uma família pobre, só o meu marido é que trabalha. (...) eu vejo outros casais que recebem mil e tal euros e com isso vão buscar droga e não trabalham.	Vânia Cordeiro
Entrevista 4	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Opinião acerca das condições de atribuição e dos beneficiários	Há muitas pessoas que não devem. Agente vê... estragam de uma maneira... compram coisas desnecessárias, quando há outras pessoas que precisem e não têm. Acho que só devia receber quem precisa.	Vânia Cordeiro
Entrevista 5	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Opinião acerca das condições de	Os pobres. Hoje há muitas pessoas que têm o rendimento mas não necessitam porque é para a bebida e isso não são coisas necessárias.	Vânia Cordeiro

	atribuição e dos beneficiários		
Entrevista 6	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Opinião acerca das condições de atribuição e dos beneficiários	Devem dar às pessoas que precisam mais, e não àqueles solteiros, porque podem trabalhar. A estes não vale a pena dar porque eles ainda gabam-se. Os solteiros podem trabalhar. Queria eu... mas agora estou amarrada! Ainda para mais o rendimento agora ajuda-me mais... então não posso.	Vânia Cordeiro
Entrevista 7	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Opinião acerca das condições de atribuição e dos beneficiários	Eu acho que as pessoas deviam ser escolhidas. Devia ser para famílias com dificuldades, para as famílias com muitos filhos, para os pescadores e para as pessoas do campo que também ganham pouco, para os idosos também porque têm a medicação. Agora, as pessoas solteiras... que trabalhem! Se eu não tivesse filhos eu trabalhava porque o trabalho não mata. As pessoas solteiras que não querem trabalhar, que estão por aí aos cantos, que estão bebendo e umas até drogam-se com aquele dinheiro, mas aquilo não é dinheiro para estas coisas, é dinheiro para quem precisa.	Vânia Cordeiro
Entrevista 8	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Opinião acerca das condições de atribuição e dos beneficiários	Na minha opinião só deviam receber o rendimento as poupadas, porque as poupadas sabem evoluir. Mas às vezes, e eu já disse isso há Dr. ^a R., há muitas que recebem e continuam na mesma miséria. Elas recebem contos e contos e quando vamos a casa delas não têm uma mesa, não têm uma cama para um pequeno dormir, não têm nada! Não sabem aproveitar aquilo enquanto há. Desvantagens é que há pessoas a receber e não sabem poupar.	Vânia Cordeiro
Entrevista 9	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Opinião acerca das condições de atribuição e dos beneficiários	Agente, para as crianças. Quando os pais não podem, e há muitos aí que não querem nada, as crianças é que sofrem e elas não têm culpa de vir ao mundo e as crianças não podem passar fome. Ajudar deve ser para quem tem crianças.	Vânia Cordeiro
Entrevista 10	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Opinião acerca das condições de atribuição e dos beneficiários	Quem deve ter o rendimento são as pessoas que têm mais necessidade. Porque a meu marido é pescador e a vida do mar às vezes dá, mas às vezes não dá. Por exemplo, ele ontem ganhou 20 €. Para que é que dá 20 € ? Não dá nada para pagar água, luz, gás, tv cabo, alimentos para os meus filhos e a minha casa para pagar... não dá para nada!	Vânia Cordeiro
Entrevista 11	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Opinião acerca das condições de atribuição e dos beneficiários	Ao certo eu não escolhia ninguém, mas avaliava as perspectivas da família para ver o que é que se passa dentro de casa, para serem mais apoiados do que aquilo que são porque os menos apoiados são os idosos, porque eles coitados já não podem trabalhar e são eles que precisam de mais medicamentos, de tudo...	Vânia Cordeiro
Entrevista 12	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Opinião acerca das condições de atribuição e dos beneficiários	Eu não posso dizer nada, não sou eu que mando nem sei da vida das outras pessoas, mas penso que devia ser para os reformados e para os doentes... não sei bem.	Vânia Cordeiro
Entrevista 13	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Opinião acerca das condições de atribuição e dos beneficiários	Há muitas raparigas solteiras que têm saúde e estão recebendo, andam com homens mas não são casadas e têm dois ou três filhos seguidos à custa do rendimento, levam uma boa vida porque elas não querem trabalhar. Acho que devia ser só para as pessoas mais carenciadas e que precisam, principalmente para os idosos porque querem medicamentos e não têm porque as reformas são pouco ou nada.	Vânia Cordeiro
Entrevista 14	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Opinião	Só deviam ter os mais velhinhos e os mais novos na situação da minha mãe.	Vânia Cordeiro

	acerca das condições de atribuição e dos beneficiários		
--	--	--	--

Ela e o Estado: a medida do Rendimento Social de Inserção - visão do RSI : Visão do RSI enquanto um direito			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Visão do RSI enquanto um direito	Eu acho que depende dos factos que eu apresentei que estavam correctos. Penso que foi por direito.	Vânia Cordeiro
Entrevista 2	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Visão do RSI enquanto um direito	Recebi por causa da necessidade. Disse à assistente social à minha situação, depois ela veio à minha casa e gostou da minha casa e viu que eu tinha necessidade. O rendimento ajudou-me muito. Enquanto tive em casa da minha mãe nunca tive sorte. Depois tive esta casinha, vim para cá viver e aí tive sorte.	Vânia Cordeiro
Entrevista 3	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Visão do RSI enquanto um direito	Não sei bem porque o meu marido é que andou com isso, mas acho que foi um direito porque o meu marido nem sempre pode trabalhar porque tem um problema na coluna.	Vânia Cordeiro
Entrevista 4	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Visão do RSI enquanto um direito	Depende da necessidade de cada um, tive direito de receber.	Vânia Cordeiro
Entrevista 5	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Visão do RSI enquanto um direito	Tive o rendimento antes de ficar grávida, há mais ou menos 3 anos. Acho que recebi por causa da assistente social que me quis dar uma ajuda.	Vânia Cordeiro
Entrevista 6	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Visão do RSI enquanto um direito	Foi à sorte, tive sorte de ter.	Vânia Cordeiro
Entrevista 7	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Visão do RSI enquanto um direito	Eu devo receber o rendimento há uns 9 anos e acho que isso dependeu das 3 coisas: da assistente social que me ajudou imenso e interferiu. Não quero dizer que foi um direito meu porque todos têm direitos, uns mais uns menos, e eu tive aquela sorte de receber porque fiz os papéis e tinha na minha que não ia receber porque era casada de novo, não tinha filhos, mas depois recebi porque o meu marido era pescador e depois teve um acidente.	Vânia Cordeiro
Entrevista 8	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Visão do RSI enquanto um direito	Eu fiz os papéis como qualquer um faz. Acho que foi um direito porque estava apoquentada da minha vida. Tinha os dois na escola e era só ele a trabalhar.	Vânia Cordeiro
Entrevista	Rendimento	Dependeu da sorte.	Vânia

9	Social de Inserção\Visão do RSI\Visão do RSI enquanto um direito		Cordeiro
Entrevista 10	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Visão do RSI enquanto um direito	Dependeu da minha assistente social. Porque ela viu que o meu marido ficou preso em casa e depois ainda foi cumprir o resto da pena para a cadeia. Ele teve 9 meses na cadeia e teve um ano e meio em casa fechado. Com ele fechado na cadeia foi muito difícil para mim porque eu fiquei com a minha vida muito atrasada, tinha luzes, águas atrasadas, renda da casa para pagar e tudo! Depois comecei a receber mais ou menos 700 € que ajudava muito à minha vida. Mas depois passei a receber só 300 €.	Vânia Cordeiro
Entrevista 11	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Visão do RSI enquanto um direito	Dependeu da Assistente Social, porque ela veio avaliar a casa, a minha mãe, como a minha mãe vivia.	Vânia Cordeiro
Entrevista 12	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Visão do RSI enquanto um direito	Não tinha a quem me virar, e não sabia quem me havia de ajudar na vida, porque eu tinha muita coisa atrasadíssima, o meu marido na altura estava desempregado, não tinha alimentação, mas acho que depende da pessoa que está a frente, que manda e como vê a condição da outra pessoa.	Vânia Cordeiro
Entrevista 13	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Visão do RSI enquanto um direito	Eu acho que tive sorte de receber e fiquei contente porque me ajudou bastante.	Vânia Cordeiro
Entrevista 14	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Visão do RSI enquanto um direito	Dependeu da assistente social. Se não dependesse dela, nós não tínhamos tido ajuda nenhuma.	Vânia Cordeiro

Ela e o Estado: a medida do Rendimento Social de Inserção - visão do RSI: opinião quanto à duração da prestação			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Opinião quanto à duração da prestação	Deve ser consoante a necessidade de cada um. Eu recebo há mais ou menos 10 anos, mas infelizmente ainda não estou em posição de dizer que já não preciso.	Vânia Cordeiro
Entrevista 2	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Opinião quanto à duração da prestação	Devem receber durante um tempo. O rendimento dá, mas a qualquer momento pode ser tirado	Vânia Cordeiro
Entrevista 3	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Opinião	Da maneira que isso vai, não sei se vai durar muito tempo, mas acho que o tempo que as pessoas recebem deve ser consoante as suas necessidades, porque há gente ainda pobre. Agora aqueles que não necessitam não merecem.	Vânia Cordeiro

	quanto à duração da prestação		
Entrevista 4	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Opinião quanto à duração da prestação	Depende, por exemplo, pessoas com crianças pequenas que não têm posses de meter os filhos na cresce e não há vaga, devia durar até a criança ter escola, até aos 5 anos, para a mãe ficar mais descansada que a criança está na escola.	Vânia Cordeiro
Entrevista 5	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Opinião quanto à duração da prestação	Não sei... é conforme... a necessidade.	Vânia Cordeiro
Entrevista 6	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Opinião quanto à duração da prestação	Não queria que mo cortassem nunca. É o tempo que o governo queira dar, agente está dependente dele, mas é enquanto agente precisar. Há muitas casas com rendimento que precisam.	Vânia Cordeiro
Entrevista 7	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Opinião quanto à duração da prestação	Até um dia que os filhos cresçam, que tenham responsabilidades. Até eles estarem orientados na vida... até terem aí uns 18 anos. Nesta altura a idade pode ir avançando para agente, mas pode ser que agente ainda tenha força para trabalhar. Agente não vai depender sempre disso. Isto é uma ajuda para melhorar a vida.	Vânia Cordeiro
Entrevista 8	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Opinião quanto à duração da prestação	Não sei... eu digo que quando me tirarem, paciência, porque já beneficiou muito à minha vida. Era bom que eu continuasse a receber até à velhice, mas nunca se sabe, isso são leis que dão e tiram e agente nunca sabe.	Vânia Cordeiro
Entrevista 9	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Opinião quanto à duração da prestação	Eu não sei bem isso do tempo, mas se calhar até as crianças terem 18 anos. Porque é enquanto crianças que eles precisam do nosso apoio. Já quando eles têm 18 anos já não querem o nosso apoio. O adulto defende-se mas as crianças não se sabem defender.	Vânia Cordeiro
Entrevista 10	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Opinião quanto à duração da prestação	Não sei... porque a Dr. ^a A. diz sempre que isso pode acabar, tanto podem dar como podem tirar, por isso não sei... Mas acho que devia durar toda a vida, para sempre.	Vânia Cordeiro
Entrevista 11	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Opinião quanto à duração da prestação	Enquanto as pessoas precisarem.	Vânia Cordeiro
Entrevista 12	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Opinião quanto à duração da prestação	Isso é conforme a vida da pessoa, e se ela cumpre os seus direitos como foi combinado.	Vânia Cordeiro
Entrevista 13	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Opinião	Não sei bem, mas acho que deve ser enquanto as pessoas precisarem. Por uma temporada até orientar a vida e ir trabalhar.	Vânia Cordeiro

	quanto à duração da prestação		
Entrevista 14	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Opinião quanto à duração da prestação	Deve durar a depender daquilo que a pessoa precisar e da situação da pessoa.	Vânia Cordeiro

Ela e o Estado: a medida do Rendimento Social de Inserção - visão do RSI: conhecimento dos motivos de cessação			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Conhecimento dos motivos de cessação	Eu já tive muitas formações e eles diziam isso. Acho que é quando a pessoa já está encaminhada e já não precisa, se por acaso tem outros rendimentos que não sejam ditos... é mais ou menos isso.	Vânia Cordeiro
Entrevista 2	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Conhecimento dos motivos de cessação	Quando as condições de vida já estão melhores.	Vânia Cordeiro
Entrevista 3	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Conhecimento dos motivos de cessação	Não sei, eu nunca vi esses casos.	Vânia Cordeiro
Entrevista 4	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Conhecimento dos motivos de cessação	Há vários motivos, já não precisa, já ta a viver mais organizada, já está trabalhando, vai receber mais do que aquilo que recebia, por isso já não é preciso.	Vânia Cordeiro
Entrevista 5	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Conhecimento dos motivos de cessação	Porque as crianças não vão à escola, porque não vêm às reuniões e porque gastam o dinheiro mal gasto.	Vânia Cordeiro
Entrevista 6	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Conhecimento dos motivos de cessação	Não sei, mas a mim cortaram-me uma vez pelas coisas que tinha em casa, pelo menos com a Dr. ^a D. foi assim.	Vânia Cordeiro
Entrevista 7	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Conhecimento dos motivos de cessação	Não sei.	Vânia Cordeiro
Entrevista 8	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Conhecimento dos motivos de cessação	Não sei... às vezes ouço que é pelos rapazes começarem a trabalhar. Mas não tenho a certeza porque a informação vem do povo.	Vânia Cordeiro
Entrevista 9	Rendimento Social de Inserção\Visão do	Quando fazem queixa das pessoas.	Vânia Cordeiro

	RSI\Conhecimento dos motivos de cessação		
Entrevista 10	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Conhecimento dos motivos de cessação	Recebem a carta à porta a dizer que não recebem mais, mas não sei porque é.	Vânia Cordeiro
Entrevista 11	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Conhecimento dos motivos de cessação	Por exemplo, uma família em que o chefe da família não trabalha, mas tem possibilidade de trabalhar.	Vânia Cordeiro
Entrevista 12	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Conhecimento dos motivos de cessação	Se não forem direito como foi feito no contrato eu penso que elas retiram.	Vânia Cordeiro
Entrevista 13	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Conhecimento dos motivos de cessação	Quando dizem coisas que não são verdade às meninas. Eu sempre fui muito verdadeira.	Vânia Cordeiro
Entrevista 14	Rendimento Social de Inserção\Visão do RSI\Conhecimento dos motivos de cessação	Começar a trabalhar e não avisar.	Vânia Cordeiro

Rendimento Social de Inserção - O requerimento: motivos do requerimento			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Motivos do requerimento	Porque os meus gémeos iam para a escola, eu tinha 5 filhos. O meu marido é camponês e de inverno quando chove não se trabalha. Tínhamos uma terrinha e tivemos de vender, que eu até tive muito desgosto porque era dos meus pais. Começamos a passar por dificuldades... não passámos fome mas era sopa. Com os meus gémeos passai a ter os cinco filhos na escola. O meu marido não está sentado à espera deste dinheiro, mas é uma ajuda preciosa.	Vânia Cordeiro
Entrevista 2	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Motivos do requerimento	Eu pedi porque eu estava com dívidas de ter mobilado a minha casinha. Depois eu ficava nervosa e a minha renda era alta. Tinha dificuldades porque era só o meu marido e era a água, a luz, a renda, tudo para pagar e eu gosto de tudo certinho. É uma vergonha virem à porta cortar a luz.	Vânia Cordeiro
Entrevista 3	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Motivos do requerimento	O meu marido estava desempregado em casa aleijado sem andar. Tem um problema de coluna e eu estava para ter a minha filha.	Vânia Cordeiro
Entrevista 4	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Motivos do requerimento	Precisei muito dele. O meu marido estava na Madeira, na altura. E ele não mandava para cá dinheiro... porque tinha lá outra.	Vânia Cordeiro
Entrevista 5	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Motivos do requerimento	Porque eu estava sozinha e não tinha ninguém que me ajudasse. Tive de me virar à assistência. Não vivia com os meus pais na altura, vivia sozinha e não tinha ninguém que me ajudasse.	Vânia Cordeiro
Entrevista 6	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Motivos do requerimento	Estava muito atrapalhada com a minha vida e então fui pedir uma ajudazinha, porque era só o meu homem a trabalhar e não dava. Da primeira vez foi porque ele bebia muito, o dinheiro ia para bebida, penei muito e depois eu fui pedir. Ele trabalhava era do mar. Agora ele já	Vânia Cordeiro

		largou a bebida e esteve doente e eu fui pedir outra vez.	
Entrevista 7	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Motivos do requerimento	Casei-me nova, o meu marido era pescador, eu não sabia ainda a responsabilidade que a vida era, principalmente a nível financeiro, mas eu tinha a ilusão que me podia melhorar, mas como ele era pescador, vi as mesmas coisas que aconteciam quando eu era menor e eu via que a vida não estava fácil. As mulheres estão em casa, elas é que põem a mesa, mas se agente não tiver para pôr... ele chegava a casa com 5 contos, na altura, e eu dizia “e agora” . Depois surgiu esta ideia de fazer o rendimento e eu pensei se der deu, se não der eu então vou trabalhar. Mesmo assim fiz, deu para receber e até hoje nunca tive problemas. Também poucos meses depois de eu casar o meu marido tinha ido trabalhar para a “Marques” , teve um acidente de trabalho e teve muito tempo sem trabalhar. Eu aí já tinha feito os papéis, mas ainda estava à espera e foi muito difícil porque estava grávida.	Vânia Cordeiro
Entrevista 8	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Motivos do requerimento	Na altura, a costura já estava fraca, o meu marido já era do campo, ele tinha um patrão certo, mas depois o patrão morreu e começou a trabalhar aqui e ali, o dinheiro não era certo. Eu comecei a ver a minha vida toda apertada e socorri-me disso. Também eu tinha feito esta casa... estava difícil.	Vânia Cordeiro
Entrevista 9	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Motivos do requerimento	Para ajudar mais à vida. Estava com dificuldades. É que o meu marido é camponês, às vezes chove e ele fica em casa e não ganha. (...) outros que são camponeses como a minha família, perde muitos dias, chove e fica em casa, às vezes não há serviço nas terras e falha o ordenado e o rendimento é para receber mais um dinheirinho.	Vânia Cordeiro
Entrevista 10	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Motivos do requerimento	O que fez eu pedir foi o meu marido ter ido preso. Ele meteu-se com uns amigos... com estas porcarias... e eu vivia era do trabalho dele como pescador, mas ele foi logo detido e isso obrigou-me a fazer. A assistência que ele tinha na cadeia também mandou-me fazer. Eu, a princípio, até disse que tinha vergonha, mas ela disse que eu não tinha de ter vergonha porque isso é uma ajuda que o governo dá. Se não tivesse acontecido isso a ele eu não fazia.	Vânia Cordeiro
Entrevista 11	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Motivos do requerimento	Por causa da falta de dinheiro para comer, porque os meus pais sempre foram pobres e não tinham rendimentos suficientes para poder sustentar a casa.	Vânia Cordeiro
Entrevista 12	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Motivos do requerimento	Não tinha a quem me virar, e não sabia quem me havia de ajudar na vida, porque eu tinha muita coisa atrasadíssima, o meu marido na altura estava desempregado, não tinha alimentação (...) Porque o meu marido estava desempregado, tinha contas para pagar, fui bater de porta em porta para pedir comida, mas não ajudavam.	Vânia Cordeiro
Entrevista 13	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Motivos do requerimento	Na altura que eu pedi, eu já não estava trabalhando, era só o meu marido e ele só recebia 20 contos por semana e eu já tinha os meus 4 filhos. Às vezes é que a minha mãe ajudava, mas o meu pai também era um reformado e não podiam muito. Estava tudo muito difícil.	Vânia Cordeiro
Entrevista 14	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Motivos do requerimento	Porque o meu pai foi apanhado a conduzir com bebida e foi preso. A minha mãe sempre trabalhou, mas naquela altura ficou sem uma casa para trabalhar e com o meu pai preso... tivemos de pedir ajuda.	Vânia Cordeiro

Rendimento Social de Inserção - o requerimento: principais dificuldades antes de receber a prestação			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Principais dificuldades antes de receber a prestação	Era na comida e para os médicos.	Vânia Cordeiro
Entrevista 2	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Principais	Para comer, não faltava comida, mas não se podia, por exemplo, comer bife, era só de vez em quando ao domingo. Durante a semana era sopa e peixe. Nunca faltou o pão e o leite aos meus filhos, nunca	Vânia Cordeiro

	dificuldades antes de receber a prestação	os deixei passar fome.	
Entrevista 3	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Principais dificuldades antes de receber a prestação	Eu tinha dificuldades de muita coisa, comida, mantimentos, muita coisa.	Vânia Cordeiro
Entrevista 4	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Principais dificuldades antes de receber a prestação	Sobretudo a falta de alimentos.	Vânia Cordeiro
Entrevista 5	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Principais dificuldades antes de receber a prestação	Não tinha dinheiro para pagar a água, a luz, a renda.	Vânia Cordeiro
Entrevista 6	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Principais dificuldades antes de receber a prestação	Fominha. As minhas irmãs é que acudiam.	Vânia Cordeiro
Entrevista 7	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Principais dificuldades antes de receber a prestação	As dificuldades eram a nível de dinheiro. O meu marido não bebe, nunca. Era difícil comprar alimentação e pagar as contas. As contas é que eram mesmo o pior. A alimentação, agente amanhava-se porque ele trazia peixinho.	Vânia Cordeiro
Entrevista 8	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Principais dificuldades antes de receber a prestação	Era para eles irem bem arranjadinhos para ir para a escola e para pagar as minhas dívidas que tinham-me dado crédito em certas coisas da casa.	Vânia Cordeiro
Entrevista 9	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Principais dificuldades antes de receber a prestação	É que o meu marido é camponês, às vezes chove e ele fica em casa e não ganha.	Vânia Cordeiro
Entrevista 10	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Principais dificuldades antes de receber a prestação	Necessidade na comida para os meus filhos. Quem me ajudava era a minha sogra e mesmo hoje em dia é ela que me ajuda. Ela também só vive de uma reforma, mas do que ela faz também dá aos meus filhos.	Vânia Cordeiro
Entrevista 11	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Principais dificuldades antes de receber a prestação	Alimentação, roupa, coisas dentro de casa. Se não fosse o peixe que o meu pai apanhava... mas também era o mais importante, porque ao menos nós tínhamos para comer. Era só apanhar e trazer.	Vânia Cordeiro
Entrevista 12	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Principais dificuldades antes de receber a prestação	Alimentação para as crianças... a vida corria mal.	Vânia Cordeiro
Entrevista 13	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Principais dificuldades antes de receber a prestação	Era mais na comida porque as contas os meus pais pagavam metade e sempre era melhor que eu pagar tudo sozinha. Nós não calçamos nem vestimos todos os dias mas os meus filhos eram crianças, estavam a crescer e também precisavam.	Vânia Cordeiro
Entrevista 14	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Principais dificuldades antes de receber a prestação	Era para pagar a renda, eu estava nas Capelas e tinha de pagar o transporte e também para comer.	Vânia Cordeiro

Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Existência de apoios sociais anteriores	Não tive nada. Cheguei a pedir o rendimento antes uma vez e fui cortada. Chorei muito, mas depois fui falar com a Dr.ª I. de depois então comecei a receber.	Vânia Cordeiro
Entrevista 2	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Existência de apoios sociais anteriores	Nunca tive outro apoio. Eu pedi o rendimento sete vezes e sete vezes fui cortada.	Vânia Cordeiro
Entrevista 3	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Existência de apoios sociais anteriores	Não, nunca tive. Só passaram a me ajudar quando eu fiquei para ter a minha filha, antes disso, nunca me ajudaram, mesmo com o meu marido doente e eu com as dificuldades que tinha.	Vânia Cordeiro
Entrevista 4	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Existência de apoios sociais anteriores	Já tive. Desde que sou casada tive apoio para eles. Chegaram a dar-me duas vezes alimentação e dinheiro. Foi durante dois meses o banco alimentar e davam um tanto para a ajuda dos alimentos.	Vânia Cordeiro
Entrevista 5	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Existência de apoios sociais anteriores	Não tive nada.	Vânia Cordeiro
Entrevista 6	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Existência de apoios sociais anteriores	Nunca tive mais nada. Já tive foi o rendimento antes, tem mais de 10 anos. Mas estive quando os meus pequenos eram pequeninos com a Dr.ª I. e ela deu-me dinheiro para a comida.	Vânia Cordeiro
Entrevista 7	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Existência de apoios sociais anteriores	A princípio, quando ele teve o acidente tive. Eu já tinha feito os papéis, mas aquilo ainda demorava uns meses, eu estava grávida, na altura ele tem o acidente, mas como estava trabalhando há pouco tempo não teve grandes seguros porque não tinha descontado ainda. Na altura a assistente social entrou em contacto com os seguros, eles deram uma parte do dinheiro e a assistente social deu outra. Porque eu estava grávida e precisava de ir ao médico, precisava de alimentação. Isso foi durante 3 ou 4 meses. Depois comecei a receber.	Vânia Cordeiro
Entrevista 8	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Existência de apoios sociais anteriores	Nunca tive apoio antes do rendimento.	Vânia Cordeiro
Entrevista 9	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Existência de apoios sociais anteriores	Eu já tinha recebido antes o rendimento há muitos anos, mas depois fui cortada e depois fiz outro contrato novo. Na altura fui cortada porque o meu rapaz que Deus dá o céu, na altura, eu terminava-o para ir para a escola e ele não ia às aulas. Eu era chamada à assistente social e avisava-o mas era sempre igual, ele faltava às aulas. Não lhe sei dizer quanto tempo recebi ao certo, mas sei que foi muito tempo, talvez uns 5 anos. Depois pedi outra vez mas recebi pouco tempo. As mães terminam os rapazes para a escola mas eles não têm juízo e não querem perceber. Agora recebo há 3 anos.	Vânia Cordeiro
Entrevista 10	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Existência de apoios sociais anteriores	Já tive o banco alimentar que a Sr.ª A. me deu. Foi 3 meses.	Vânia Cordeiro
Entrevista 11	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Existência de apoios sociais anteriores	Não, acho que não tivemos outros apoios antes.	Vânia Cordeiro
Entrevista 12	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Existência de apoios sociais anteriores	Tive sim senhora, do banco alimentar, só um mês.	Vânia Cordeiro

Entrevista 13	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Existência de apoios sociais anteriores	Não nunca tinha pedido nada. Tinha era o abono, mas isso é porque o meu marido trabalhava e descontava, era por direito. Não era como hoje em dia.	Vânia Cordeiro
Entrevista 14	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Existência de apoios sociais anteriores	Tivemos banco alimentar durante 3 meses. Penso que foi só isso.	Vânia Cordeiro

Rendimento Social de Inserção - o requerimento: mudanças trazidas pela condição de beneficiário			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Mudanças trazidas pela condição de beneficiário	Mudou tudo. Eu tinha alcatifas nos quartos, mas sofro de bronquite e o médico mandou-me tirar. Estava há quase 2 anos com o chão em cimento e quando recebi isso, a primeira coisa que fiz foi meter os tijolos. Isso melhorou a minha maneira de viver.	Vânia Cordeiro
Entrevista 2	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Mudanças trazidas pela condição de beneficiário	Deu para pagar as contas, para fazer compras. Nunca me lembro de ter tido tantas compras na minha despensa. Paguei as dívidas... Agradei muito e foi bem empregado porque eu sei lindamente terminar a minha vida.	Vânia Cordeiro
Entrevista 3	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Mudanças trazidas pela condição de beneficiário	Os primeiros meses deu para muita coisa, injeções medicamentos que o meu marido estava a tomar e também quando nasceu a minha filha deu para comprar fraldas e outras coisas. Mas depois o meu marido foi trabalhando e foram-me sempre cortando e agora está uma miséria, são só cento e tal euros. O meu marido ganha cerca de 300 € na Câmara, pelo PROSA, mais o rendimento ficamos com quatrocentos e tal euros para viver.	Vânia Cordeiro
Entrevista 4	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Mudanças trazidas pela condição de beneficiário	Já ficou melhor... é sempre uma ajuda, já dá para as compras, remédios se é preciso.	Vânia Cordeiro
Entrevista 5	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Mudanças trazidas pela condição de beneficiário	Ajudou-me a dar um salto na vida... Já tinha dinheiro para tudo, para pagar a água, a luz, a renda e a comida.	Vânia Cordeiro
Entrevista 6	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Mudanças trazidas pela condição de beneficiário	Foi melhorando logo. Já não tinha muitas coisas para pagar, fui pagando as dívidas do padeiro, tinha a loja, agora já não passo fominha, agora já tá melhor.	Vânia Cordeiro
Entrevista 7	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Mudanças trazidas pela condição de beneficiário	Mudou tudo. Eu sei que não é seguro, mas sinto que quando aquilo entra no banco tenho segurança para pagar as coisas e a alimentação vou-me amanhando com aquilo que ele ganha e não quero que falte nada para os meus filhos. Eu recebo 229 €, mas com aquilo que cresce de pagar as contas às vezes vou buscar iogurtes, Nestum, leite, coisas que eu preciso para eles.	Vânia Cordeiro
Entrevista 8	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Mudanças trazidas pela condição de beneficiário	Passei a viver mais folgada. Agora já posso dar mais uma coisinha aos pequenos porque eles antes pediam e eu dizia “a mamã não pode porque está a dever a casa, ou está a dever outra coisa qualquer” e eles abrandavam. Agora vivo mais folgada. O meu marido também ganha ao dia e, de inverno, se chove ele não ganha. Ele trabalha no campo, em jardinagem, faz de tudo um pouco, mas não tem patrão certo. Tenho as minhas contas em dia, sempre direitinhas.	Vânia Cordeiro
Entrevista 9	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Mudanças trazidas pela condição de beneficiário	A senhora sabe que faz diferença. Ajuda-me em mais alguma coisa, para as crianças comerem e tudo.	Vânia Cordeiro

Entrevista 10	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Mudanças trazidas pela condição de beneficiário	Mudou muito. Ajudou muito à minha vida. Fiquei com a vida mais direita, com as contas pagas. Pude também pagar ao banco e com aquele dinheirinho também consertei o resto da minha casinha. Ajudou-me muito...	Vânia Cordeiro
Entrevista 11	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Mudanças trazidas pela condição de beneficiário	Acho que as coisas melhoraram um pouquinho, desde que as contas já estejam pagas e haja comida em casa, já é um alívio.	Vânia Cordeiro
Entrevista 12	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Mudanças trazidas pela condição de beneficiário	Melhorou muita coisa, para ser sincera, desde que o meu marido saiu do desemprego, quando ele recebe o ordenado está tudo bem, mas quando chega ao dia de receber o rendimento mínimo ele fica mudado... fica esquisito, eu consigo ver que ele não gosta, porque estou a receber e não estou a trabalhar para receber, enquanto que ele trabalha e ganha com o seu suor e eu não. Eu não me sinto bem... Antes quando ele estava desempregado, eu recebia isso e estava tudo bem, agora que ele tem o seu emprego é sempre isso.	Vânia Cordeiro
Entrevista 13	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Mudanças trazidas pela condição de beneficiário	Mudou principalmente a alimentação. Passei a ficar com as minhas continhas todas direitinhas.	Vânia Cordeiro
Entrevista 14	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Mudanças trazidas pela condição de beneficiário	Mudou o descanso de termos a renda da casa paga para podermos morar. Ainda são 350 €.	Vânia Cordeiro

Rendimento Social de Inserção - requerimento: motivos porque actualmente necessita do RSI			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Motivos porque actualmente necessita do RSI	Sim necessito muito... é uma ajuda preciosa, sem isso a minha filha não conseguia estar estudando na universidade e tenho de pagar a renda dela em Lisboa. Os meus gémeos ainda estão na escola. A todo o tempo que eu ache que já não preciso também vou lá dizer que já me ajudou bastante e que ajudem agora outra pessoa com necessidade. Infelizmente ainda não tive a oportunidade de fazer isso.	Vânia Cordeiro
Entrevista 2	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Motivos porque actualmente necessita do RSI	Oh sagrada, sim, mas também um dia que eu não precise eu vou lá dizer.	Vânia Cordeiro
Entrevista 3	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Motivos porque actualmente necessita do RSI	Sim, ainda necessito, mesmo sendo pouco isso ajuda-me muito. O meu marido tem uma dívida que se meteu nela, mas depois ficou aleijado e nunca mais pude pagar, isso está em penhoras e tudo.	Vânia Cordeiro
Entrevista 4	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Motivos porque actualmente necessita do RSI	Sim, porque não estou trabalhando ainda e o meu marido só recebe o ordenado mínimo por isso sempre ajuda.	Vânia Cordeiro
Entrevista 5	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Motivos porque actualmente necessita do RSI	Necessito... porque preciso muito. Não estou a trabalhar.	Vânia Cordeiro
Entrevista 6	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Motivos porque actualmente necessita do RSI	Sim. Para ter tudo pago porque o meu homem só ganha 80 contos. Para pagar água, luz, gás, o padeiro, a TV cabo, o telefone e ainda a alimentação, não dá.	Vânia Cordeiro
Entrevista	Rendimento Social de	Continuo a precisar, não há trabalho.	Vânia

7	Inserção\O requerimento\Motivos porque actualmente necessita do RSI		Cordeiro
Entrevista 8	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Motivos porque actualmente necessita do RSI	Ainda necessito porque os filhos vão crescendo e as coisas vão ficando mais complicadas. Tenha minha filha de 19 anos que não tem emprego, está à espera de ser chamada para trabalhar, mas está tudo muito difícil e ela está a viver é do pai e da mãe.	Vânia Cordeiro
Entrevista 9	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Motivos porque actualmente necessita do RSI	Sim senhora, ainda preciso porque ajuda mais à vida. Aquele dinheirinho é certo.	Vânia Cordeiro
Entrevista 10	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Motivos porque actualmente necessita do RSI	Sim, necessito muito, porque, como eu já disse, a vida do mar nem sempre dá.	Vânia Cordeiro
Entrevista 11	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Motivos porque actualmente necessita do RSI	Claro que sim. Eu não estou a trabalhar e isso faz muita falta.	Vânia Cordeiro
Entrevista 12	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Motivos porque actualmente necessita do RSI	Sim preciso, porque é só ele a trabalhar.	Vânia Cordeiro
Entrevista 13	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Motivos porque actualmente necessita do RSI	Sim eu ainda recebo. Acho que sim, que ainda preciso, porque o meu marido ainda está nesta situação que não trabalha sempre, não tem um ordenado certo. Já não recebo aquela quantia que recebia antes, mas é melhor do que nada, sempre ajuda e alivia-me das aflições.	Vânia Cordeiro
Entrevista 14	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Motivos porque actualmente necessita do RSI	O meu pai já está em casa mas por enquanto ainda precisamos porque muita coisa ficou para trás e estamos a tentar recuperar. Acho que não nos tiram o rendimento assim de repente. Pelo menos até as coisas estarem melhores porque o meu pai está com um contrato incerto e a minha mãe tem menos dias.	Vânia Cordeiro

Rendimento Social de Inserção - O requerimento: vantagens e desvantagens do RSI			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Vantagens e desvantagens do RSI	As vantagens é a ajuda que nos dá. Desvantagens é que nas formações às vezes vamos com outras pessoas que nos apontam o dedo... é a desvantagem. Eu não me meto na vida de ninguém, mas também não gosto que se ponham na minha. Às vezes as assistentes sociais julgam mal porque dizem que se agente não for somos cortadas, mas eu cheguei a deixar a minha mãe acamada e acho que é preciso ver estas situações, porque acho que se consegue ver quando uma pessoa diz a verdade ou não. Os meus irmão chegaram a parar uma mulher para tomar conta da minha mãe uma hora enquanto eu ia. Nisso acho que se agente pode ir vai, mas se é para ficar transtornada... é complicado.	Vânia Cordeiro
Entrevista 2	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Vantagens e desvantagens do RSI	É bom, é uma grande ajuda. Não vejo nada de mal, só aqueles que recebem e têm feras certas. Os pescadores não têm. Eu até chorei quando soube que ia receber.	Vânia Cordeiro
Entrevista 3	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Vantagens e desvantagens do RSI	As vantagens é que a minha filha ainda usa fraldas e o dinheiro do rendimento é quase para as fraldas. Ajuda também a pagar as contas da água e da luz ao meu sogro. O ordenado do meu marido não chega, mas o rendimento já é mais uma ajuda. As coisas más é que eu vejo outros casais que recebem mil e tal euros e com isso vão buscar droga e não	Vânia Cordeiro

		trabalham. O meu marido, graças a Deus não tem vícios nenhuns, mesmo se tivesse não dava para viver.	
Entrevista 4	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Vantagens e desvantagens do RSI	As vantagens... ajuda as pessoas. Desvantagens... sempre tive só vantagens.	Vânia Cordeiro
Entrevista 5	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Vantagens e desvantagens do RSI	É a ajuda. Só há coisas boas.	Vânia Cordeiro
Entrevista 6	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Vantagens e desvantagens do RSI	Só tem coisas boas.	Vânia Cordeiro
Entrevista 7	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Vantagens e desvantagens do RSI	As coisas boas é que eu sei que todos os meses sei que tenho ali aquele dinheiro e em pescador eu não sei. Eu sei que aquilo não é seguro, mas eu tenho aquela fé que com aquilo estou livre das despesas e o resto... há-de ser o que Deus quiser. As coisas más que eu não gosto no rendimento, é por exemplo, o meu miúdo mais novo que não gosta de levar vacinas, quando ele tem de ir levar é preciso quatro pessoas para o aguentar e a enfermeira fica com medo porque a agulha pode partir. Depois elas dizem “ele não quer levar as vacinas? Então eu vou falar com a assistente social”. Depois ameaçam agente e dizem “Ai recebes o rendimento e vais ser cortada”. Isso é que eu não gosto! Eu sei que é preciso as vacinas, é preciso, mas ele há-de ir levando com tempo. Ele tem vacinas em atraso, duas ou três, e elas têm de dar as duas e as três na mesma altura. Se ele não consegue levar uma, muito menos três. E elas ameaçam “Ai que eu vou falar com a assistente social porque isto não pode continuar assim! Vais ser cortada!”. Não acho piada a isso. Ameaçam agente por tudo e por nada por causa do rendimento e eu não vou estar a expor os meus filhos por causa do rendimento. Eu até já avisei que ia falar para a RTP porque isso não pode continuar! Na escola, se eu não deixo o meu filho ir para o ATL também dizem que vou ser cortada. Eu quero que os meus filhos façam tudo... mas é preciso o seu tempo e não é com ameaças que se fazem as coisas.	Vânia Cordeiro
Entrevista 8	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Vantagens e desvantagens do RSI	Desvantagens é que há pessoas a receber e não sabem poupar. As coisas boas é viver mais folgada e ter as contas em dia. Os filhos vão crescendo e agente gasta mais, em pequemos eles comem sopa, depois de grandes já pedem o segundo. Agente poupa muito é com eles pequeninos, com eles grandes não se poupa nada porque se gasta muito na comida.	Vânia Cordeiro
Entrevista 9	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Vantagens e desvantagens do RSI	O rendimento é uma coisa boa para a família, não é nada de ruim. É uma esmola.	Vânia Cordeiro
Entrevista 10	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Vantagens e desvantagens do RSI	Contamos sempre com uma coisa boa quando é para receber mais um dinheirinho, agora, quando não se recebe nada, isso é que é pior! As coisas más é que antes eu recebia aqueles 700 € que me davam para muita coisa para os meus filhos... e depois comecei a receber menos. Mas paciência! Quando não é nada é que não se conta.	Vânia Cordeiro
Entrevista 11	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Vantagens e desvantagens do RSI	Vantagens como estava a dizer: traz-nos alimentos para gente comer, roupa para vestir, sendo ele pouco ou não, é uma ajuda. Desvantagens eu não vejo porque é este dinheiro que nos ajuda.	Vânia Cordeiro
Entrevista 12	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Vantagens e desvantagens do RSI	(...) quando chega ao dia de receber o rendimento mínimo ele fica mudado... fica esquisito, eu consigo ver que ele não gosta, porque estou a receber e não estou a trabalhar para receber, enquanto que ele trabalha e ganha com o seu suor e eu não. Eu não me sinto bem... Antes quando ele estava desempregado, eu recebia isso e estava tudo bem, agora que ele tem o seu emprego é sempre isso. As vantagens é ajuda no que preciso para comprar para os meus filhos. As desvantagens foi o que já lhe disse, o meu marido não gosta, porque estou a receber e não estou a trabalhar, enquanto que ele trabalha e ganha com o seu suor e eu não.	Vânia Cordeiro
Entrevista 13	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Vantagens e desvantagens do RSI	Desvantagens nunca tive, sempre tive vantagens. Sempre serviu-me para tudo, para me aliviar porque uma pessoa andava sempre num sufoco. Um mês não tinha dinheiro para a luz, ia pagar só no outro mês, mas era pior porque já tinha 2 meses para pagar. Era sempre assim.	Vânia Cordeiro

		(...) quando estamos a receber pela assistente social, também ajuda muito mas agente somos muito controladas se fazemos as nossas obrigações como elas querem ou não.	
Entrevista 14	Rendimento Social de Inserção\O requerimento\Vantagens e desvantagens do RSI	Acho que desvantagens não há. Acho que são coisas boas a ajuda que dá às famílias.	Vânia Cordeiro

Rendimento Social de Inserção - Acordo de inserção: noção do desempenho de acções como contrapartida da prestação

Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Noção do desempenho de acções como contrapartida da prestação	Na altura ia para formações e também já me pediram para dar uma formação.	Vânia Cordeiro
Entrevista 2	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Noção do desempenho de acções como contrapartida da prestação	Já pediram. Tive de ir para um curso de computadores. Já se sabe que eu não sei ler, mas estava pr' ali. Foi mais ou menos um mês. Também quando havia reuniões eu ia. Assim quando a Dr. ^a A. manda ir a um lado eu vou e se eu não for acho bem cortarem o rendimento.	Vânia Cordeiro
Entrevista 3	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Noção do desempenho de acções como contrapartida da prestação	Sim, pediram ao meu marido para ir para o PROSA. Foi através do projecto do rendimento. Neste caso eu concordo, mas é consoante o que agente recebe, não é receber uma ninharia e ainda ter de trabalhar. Consoante o que agente recebe de rendimento é que temos de ir trabalhar. Também eu sei que às vezes recebem muito porque têm muitos filhos, mas eu não penso nisso. Tenho só a minha filha e já me custa. Não tenho filhos para receber abonos. (...) para inscrever a minha filha na creche que já está inscrita, nunca faltar a reuniões, eu ir trabalhar caso apareça um emprego.	Vânia Cordeiro
Entrevista 4	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Noção do desempenho de acções como contrapartida da prestação	pediram para trabalhar nas fotocopiadoras das 9h ao 12h, no princípio. Agora é matricular o meu filho e por o meu nome no fundo de desemprego, se ele entrar. Acho que é bom porque sempre está ajudando, se eu conseguir arranjar um emprego, melhor ainda.	Vânia Cordeiro
Entrevista 5	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Noção do desempenho de acções como contrapartida da prestação	Sim, já pediram. Matricular a pequena na creche. Acho bem porque faz bem às crianças e quando saem dali já sabem tudo quando vão para a escola.	Vânia Cordeiro
Entrevista 6	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Noção do desempenho de acções como contrapartida da prestação	Não, nunca me pediram nada.	Vânia Cordeiro

Entrevista 7	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Noção do desempenho de acções como contrapartida da prestação	Já, foi aquilo das vacinas que eu já disse. Acho que não devia ser assim porque aquilo é uma ajuda para a nossa vida e não deve ser com ameaças. Não é por agente receber aquele dinheiro que vão decidir a nossa vida! Eu sei que ele precisa das vacinas e ele vai levar, mas com tempo porque ele ainda é menor e está crescendo e está numa idade em que está rebelde, vai fazer 8 anos. Elas escolhem as pessoas do rendimento porque sabem que agente precisa e agente sujeita-se a isso. elas dizem “ele não quer levar as vacinas? Então eu vou falar com a assistente social”. Depois ameaçam agente e dizem “Ai recebes o rendimento e vais ser cortada”. E elas ameaçam “Ai que eu vou falar com a assistente social porque isto não pode continuar assim! Vais ser cortada!”. Na escola, se eu não deixo o meu filho ir para o ATL também dizem que vou ser cortada.	Vânia Cordeiro
Entrevista 8	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Noção do desempenho de acções como contrapartida da prestação	Já fui para uma formação e estou outra vez inscrita para mais uma que vai começar em Setembro e já tive a dar costura. Eu concordo mas acho que deve ser para todos, não é uns irem e os outros não.	Vânia Cordeiro
Entrevista 9	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Noção do desempenho de acções como contrapartida da prestação	Sim. Eu já estive trabalhando na escola dos Frades. Foi há muito tempo, durou um ano e qualquer coisa. Estava lá sentada tomando conta das mochilas das crianças. Chamaram-me e eu fui, eram só 3 horas do meio dia às 3h.tinha também de atimar o corredor e a casa de banho. Era pouquinho, eram só 3 horas. Foi preciso e eu fui.	Vânia Cordeiro
Entrevista 10	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Noção do desempenho de acções como contrapartida da prestação	Só meter o meu filho mais novo na escola, mais nada.	Vânia Cordeiro
Entrevista 11	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Noção do desempenho de acções como contrapartida da prestação	A Dr.ª R. tinha-me pedido para me inscrever no centro de emprego e já fiz isso. Eu acho que ela fez bem, a mim já me calhou algumas oportunidades. Mas algumas destas oportunidades era preciso ter carta e eu não tinha.	Vânia Cordeiro
Entrevista 12	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Noção do desempenho de acções como contrapartida da prestação	Pediram ao meu marido, mandaram-no ir ao hospital por causa de tratar dos quistos que ele tem e para arranjar emprego, cuidar bem dos pequenos& é o que está lá no contrato. Eu penso que é bom.	Vânia Cordeiro
Entrevista 13	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Noção do desempenho de acções como contrapartida da prestação	Pediram para o meu marido se inscrever no centro de emprego. Da minha parte, sempre fui a reuniões, sempre fui a passeios que elas organizam, deixava a minha filha na escola que me custava bastante. Tive uma vez que fui a Vila Franca para a Nossa Senhora da Paz, mas agente não podia levar as crianças e isso ficava-me custando, mas eu tinha que ir. Também tive um ano num curso de culinária e tive outro ano no Centro de São Pedro nos bordados. Nunca faltei com as minhas obrigações. Agente para poder receber alguma coisa temos que colaborar. Se agente recusa elas dizem que desta maneira não dá, e agente fica com o pedido cancelado. Não custa	Vânia Cordeiro

		agente ir àquilo que elas acham que agente precisa de ir.	
Entrevista 14	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Noção do desempenho de ações como contrapartida da prestação	Pedi para eu me inscrever no Desemprego e à minha mãe também para ver se arranjava mais uns dias. Acho que isso é bom porque não é justa estar a receber e não fazer nada da vida porque eu não sou doente.	Vânia Cordeiro

Rendimento Social de Inserção - acordo de inserção: noção do Acordo de Inserção			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Noção do Acordo de Inserção	É aquele acordo em que devemos partilhar com eles aquilo que nos mandam.	Vânia Cordeiro
Entrevista 2	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Noção do Acordo de Inserção	Não sei...	Vânia Cordeiro
Entrevista 3	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Noção do Acordo de Inserção	Não sei bem, o meu marido sabe melhor que eu, mas acho que é para fazer um acordo para trabalhos e o que agente acorda tem de cumprir, senão corta.	Vânia Cordeiro
Entrevista 4	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Noção do Acordo de Inserção	É um acordo que agente tem e que tem que obedecer a este acordo.	Vânia Cordeiro
Entrevista 5	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Noção do Acordo de Inserção	Não sei bem, mas já fui ali aos correios assinar uma coisa& é isso?	Vânia Cordeiro
Entrevista 6	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Noção do Acordo de Inserção	É durante um ano ou ano e meio. Mas não sei estas coisas.	Vânia Cordeiro
Entrevista 7	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Noção do Acordo de Inserção	Sei... quando assinamos o contrato para saber as nossas funções.	Vânia Cordeiro
Entrevista 8	Rendimento Social de	Temos de ir lá assinar um papel, dizer quantos filhos agente tem ainda, dizer como é que as coisas estão andando, temos de dar estes dados todos.	Vânia Cordeiro

	Inserção\Acordo de inserção\Noção do Acordo de Inserção		
Entrevista 9	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Noção do Acordo de Inserção	O que é que isso quer dizer? O contrato? Quando agente recebe, agente costuma a fazer, não é?	Vânia Cordeiro
Entrevista 10	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Noção do Acordo de Inserção	É assinar o acordo como agente concorda com aquilo tudo.	Vânia Cordeiro
Entrevista 11	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Noção do Acordo de Inserção	Não sei, meu pai já falou mas não me lembro muito bem.	Vânia Cordeiro
Entrevista 12	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Noção do Acordo de Inserção	É um contrato.	Vânia Cordeiro
Entrevista 13	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Noção do Acordo de Inserção	Eu sei que isso passou de rendimento mínimo para rendimento de inserção, mas ainda não me apercebi o que é que isso quer dizer. Mas a menina P. disse que eu ia daqui a 15 dias assinar acho que era essa coisa.	Vânia Cordeiro
Entrevista 14	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Noção do Acordo de Inserção	Não sei, não tenho ideia.	Vânia Cordeiro

Rendimento Social de Inserção - Acordo de inserção: identificação das acções constantes do AI			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Identificação das acções constantes do AI	Agora não me lembro... mas acho que é as crianças têm de ir para a escola bem lavados e bem vestidos... mas isso não mexe comigo porque já faço isso naturalmente.	Vânia Cordeiro
Entrevista 2	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Identificação das acções constantes do AI	Deve ser tratar dos filhos, dar alimentação e dar vacinas.	Vânia Cordeiro
Entrevista 3	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Identificação das acções constantes do AI	Não sei bem mas acho que está lá para inscrever a minha filha na creche que já está inscrita, nunca faltar a reuniões, eu ir trabalhar caso apareça um emprego. É tanta coisa...	Vânia Cordeiro
Entrevista 4	Rendimento Social de Inserção\Acordo de	Sei. Matricular ele e por o nome no fundo de desemprego, que já ta pronto.	Vânia Cordeiro

	inserção\Identificação das ações constantes do AI		
Entrevista 5	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Identificação das ações constantes do AI	Não sei.	Vânia Cordeiro
Entrevista 6	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Identificação das ações constantes do AI	Já não me lembro.	Vânia Cordeiro
Entrevista 7	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Identificação das ações constantes do AI	Não sei, acho que é se trabalhar tem de avisar.	Vânia Cordeiro
Entrevista 8	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Identificação das ações constantes do AI	Acho que estava lá que eu ia receber por mais um ano.	Vânia Cordeiro
Entrevista 9	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Identificação das ações constantes do AI	Não sei.	Vânia Cordeiro
Entrevista 10	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Identificação das ações constantes do AI	Já não me lembro. Só sei que deixei de dar as vacinas ao Fernandinho aos 4 meses porque ele esteve muito mal no hospital e depois tive uma carta da menina A. que eu fosse lá e elas me disseram que podia não fazer mal e então continuei a dar as vacinas.	Vânia Cordeiro
Entrevista 11	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Identificação das ações constantes do AI	Não me lembro muito bem, mas acho que o meu pai já foi fazer isso à Câmara e foi preciso eu também ir. Foi quando eu ainda estava na escola, já foi há muito tempo.	Vânia Cordeiro
Entrevista 12	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Identificação das ações constantes do AI	Não faltar as consultas médicas, pedir trabalho... fazer o que está lá feito no contrato. Ele agora está a trabalhar não tem tempo de ir à consulta. Também ele não quer ir porque sabe que se for ao hospital vai ficar internado por causa dos quistos que ele tem no corpo e que tem de tirar. Acho bem o contrato.	Vânia Cordeiro
Entrevista 13	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Identificação das ações constantes do AI	Não sei.	Vânia Cordeiro
Entrevista 14	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Identificação das ações constantes do AI	Não sei, estas coisas a minha mãe não me explicou.	Vânia Cordeiro

Rendimento Social de Inserção - acordo de inserção: participação na construção do AI			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Participação na construção do AI	Eu acho que sim... eu falo muito, mas não me lembro. Mas sei que nunca me senti obrigada a fazer estas coisas normais.	Vânia Cordeiro
Entrevista 2	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Participação na construção do AI	Não dei ideias.	Vânia Cordeiro
Entrevista 3	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Participação na construção do AI	Foi a Dr. ^a F. que disse, mas ela está sempre dentro do assunto, também isso vai mudando, não é sempre igual. Quando eu tenho alguma dificuldade vamos ter com ela e ela explica.	Vânia Cordeiro
Entrevista 4	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Participação na construção do AI	A assistente social é que deu o acordo e eu aceitei.	Vânia Cordeiro

Entrevista 5	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Participação na construção do AI	Já não me lembro...	Vânia Cordeiro
Entrevista 6	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Participação na construção do AI	Não.	Vânia Cordeiro
Entrevista 7	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Participação na construção do AI	Não.	Vânia Cordeiro
Entrevista 8	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Participação na construção do AI	Não participei, foi só assinar.	Vânia Cordeiro
Entrevista 9	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Participação na construção do AI	Eu penso que não.	Vânia Cordeiro
Entrevista 10	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Participação na construção do AI	Não fiz sugestões.	Vânia Cordeiro
Entrevista 11	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Participação na construção do AI	Não sei.	Vânia Cordeiro
Entrevista 12	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Participação na construção do AI	Eu dei... foi assim... disse que se era para arranjar emprego, com quem é que o meu mais velho ia ficar? Ele já é grandinho mas em casa não pode ficar porque tem aqui uns vizinhos que põem-se com ele, depois se ele brinca à bola e vai para o quintal da vizinha, ele pede com bons modos, ela começa a “ladrar” ele está na biblioteca, mas não é todos os dias. Uma pessoa tem de estar com o seu juízo sossegado no serviço onde está.	Vânia Cordeiro
Entrevista 13	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Participação na construção do AI	Não, menina P. não falou em nada disso, conversamos do meu marido, do alcoolismo e do tratamento que ele tem de fazer. Mas ela disso que o que estávamos a falar se calhar iam falar com a gente outra vez daqui a 15 dias quando fosse para assinar o contrato.	Vânia Cordeiro
Entrevista 14	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Participação na construção do AI	Não sei.	Vânia Cordeiro

Rendimento Social de Inserção - Acordo de inserção: Opinião relativamente à existência do AI			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Opinião relativamente à existência do AI	Eu acho bem isso, não tenho nada a esconder.	Vânia Cordeiro
Entrevista 2	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Opinião relativamente à existência do AI	Eu acho bem pedirem estas coisas e eu vou sempre porque estão me ajudando. Deus me livre não cumprir as coisas que a Dr.ª A. disser. Se, de repente, tenho de ir ao médico ou às vacinas trago o papel para mostrar à Dr.ª A. porque eu gosto das coisas é direitas. Acho bem. Para receber o dinheiro é logo e já e para fazerem as coisas depois não querem?! Também não acho direito assim! As assistências também têm de ter alguma recompensa por parte das pessoas.	Vânia Cordeiro
Entrevista 3	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Opinião relativamente à existência do AI	Tem de haver o contrato, isso é bem feito e tem de existir sempre, senão era um tal esbanjar dinheiro. Mas os contratos têm se der bem feitos e bem explicados.	Vânia Cordeiro

Entrevista 4	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Opinião relativamente à existência do AI	Acho bem o acordo. Acho que devia continuar a haver o acordo para as pessoas para que as pessoas continuem com a ilusão que podem ir mais além.	Vânia Cordeiro
Entrevista 5	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Opinião relativamente à existência do AI	Eu acho bem.	Vânia Cordeiro
Entrevista 6	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Opinião relativamente à existência do AI	Acho bem. Quando me mandaram assinar fiquei mais descansada, mais garantida porque sei que durante um ano eu vou ter, agora depois de um ano... não sei a minha sorte, vai ser o coração numa agonia.	Vânia Cordeiro
Entrevista 7	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Opinião relativamente à existência do AI	Acho bem o acordo. Isso do contrato... a pessoa não trabalha e está recebendo aquele dinheiro, e eles também têm de ter as suas responsabilidades como agente tem, são muitas pessoas a receber e é preciso ter cabeça para tudo. A nível de contrato, é bom porque assim eles ficam a conhecer a famílias, as dificuldades que a família tem. Fica tudo exposto ali e aquela pasta é daquela família e se não tiver lá nada para explicar porque é que estão recebendo aquele dinheiro, eles não vão chegar a lado nenhum. Não vão dar dinheiro à pessoa sem saber o que se está passando ali. E há muitas pessoas que não dizem a verdade. Eu digo a verdade e às vezes calha-me mal e penso que devia mentir, mas não consigo... prefiro abrir-me. Aquele contrato é como se fosse um trabalho. Se agente trabalha também tem de assinar um contrato, tem de ter tudo direito. É como isso, não é um trabalho, é uma ajuda, mas tem de ter um contrato.	Vânia Cordeiro
Entrevista 8	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Opinião relativamente à existência do AI	Eu acho bem porque assim ela fica a ver que as coisas andam todas direitas.	Vânia Cordeiro
Entrevista 9	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Opinião relativamente à existência do AI	Acho bem porque sem o contrato eu não posso receber. Com o contrato posso receber mais uma vez, porque agente faz e pode receber mais.	Vânia Cordeiro
Entrevista 10	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Opinião relativamente à existência do AI	Eu acho bem assinar o contrato.	Vânia Cordeiro
Entrevista 11	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Opinião relativamente à existência do AI	Eu acho certo. Ao menos valida a prestação que as pessoas recebem. Acho que se ela escreve alguma coisa lá é para ajudar.	Vânia Cordeiro
Entrevista 12	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Opinião relativamente à existência do AI	Acho bem o contrato. Eu penso que este contrato dura até a pessoa ter a sua vida organizada mas não tenho opinião sobre isso. Não penso muito.	Vânia Cordeiro
Entrevista 13	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Opinião relativamente à existência do AI	(...) Agente para poder receber alguma coisa temos que colaborar. Se agente recusa elas dizem que desta maneira não dá, e agente fica com o pedido cancelado. Não custa agente ir àquilo que elas acham que agente precisa de ir. Eu não sei... acho bem. Agente tem de assinar um acordo para saber os nossos direitos.	Vânia Cordeiro
Entrevista 14	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Opinião relativamente à existência do AI	Não sei bem, mas acho que é correcto... porque ajuda muito às pessoas.	Vânia Cordeiro

Rendimento Social de Inserção - Acordo de inserção: Conhecimento de mulheres empregadas por via do RSI			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Conhecimento de mulheres empregadas por via do RSI	Eu conheço uma senhora que deu o nome comigo no fundo de desemprego e ela está a trabalhar.	Vânia Cordeiro
Entrevista 2	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Conhecimento de mulheres empregadas por via do RSI	Não conheço.	Vânia Cordeiro
Entrevista 3	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Conhecimento de mulheres empregadas por via do RSI	Por acaso eu não conheço.	Vânia Cordeiro
Entrevista 4	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Conhecimento de mulheres empregadas por via do RSI	Sim. Que tiram escola e tudo, e depois conseguem arranjar emprego, porque a assistente social tem o PROSA e arranja aquele serviço.	Vânia Cordeiro
Entrevista 5	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Conhecimento de mulheres empregadas por via do RSI	Não conheço.	Vânia Cordeiro
Entrevista 6	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Conhecimento de mulheres empregadas por via do RSI	Não.	Vânia Cordeiro
Entrevista 7	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Conhecimento de mulheres empregadas por via do RSI	Conheço pelo menos uma pessoa que era minha amiga e ia buscar também os pequenos à escola e tudo. Ela tinha o nome no fundo desemprego e através do rendimento chamaram para ir trabalhar para uma escola na Lagoa... e eu fiquei com a minha dor porque eu também gostava de ir para a escola. Ela agora já deixou de receber o rendimento e está recebendo o seu ordenado. Já viu, de 450 € para 229 que é o que eu recebo vai uma diferença muito grande! Eu não me importava, depois de saber onde eles estão... eu voava porque em casa é muito cansativo!	Vânia Cordeiro
Entrevista 8	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Conhecimento de mulheres empregadas por via do RSI	Conheço bastantes	Vânia Cordeiro
Entrevista 9	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Conhecimento de mulheres empregadas por via do RSI	Não sei. A isso não consigo responder.	Vânia Cordeiro
Entrevista 10	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Conhecimento de mulheres empregadas por via do RSI	Não conheço.	Vânia Cordeiro
Entrevista 11	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Conhecimento de mulheres empregadas por via do RSI	Sim conheço uma pessoa.	Vânia Cordeiro
Entrevista 12	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Conhecimento de mulheres empregadas por via do RSI	Não... eu penso que quase todas elas tão em casa.	Vânia Cordeiro
Entrevista 13	Rendimento Social de Inserção\Acordo de	O rendimento ajuda a dar serviço a algumas pessoas, mas por aqui por esta zona eu não conheço ninguém.	Vânia Cordeiro

	inserção\Conhecimento de mulheres empregadas por via do RSI		
Entrevista 14	Rendimento Social de Inserção\Acordo de inserção\Conhecimento de mulheres empregadas por via do RSI	Agora, de momento... não, mas deve haver.	Vânia Cordeiro

Gênero nas relações familiares - Papéis familiares: funções femininas e masculinas na família			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\Funções femininas e masculinas na família	As funções que me competem a mim é a casa e o pagamento das coisas e o meu marido é o trabalho. Ele dá-me aquilo que ganha e sou eu que pago as coisas.	Vânia Cordeiro
Entrevista 2	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\Funções femininas e masculinas na família	O homem trabalha e as mulheres ficam em casa terminando a vida. E os dois têm a ajudar um ao outro.	Vânia Cordeiro
Entrevista 3	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\Funções femininas e masculinas na família	Cabe ao homem trabalhar. A mulher tem de ficar em casa a trabalhar. O homem tem de trabalhar para a mulher. Eu penso assim e o meu marido também. Ele acha que as coisas têm de seguir o mesmo sistema do pai e do avô e nisso a mulher não trabalha. Apesar das dificuldades todas que nós temos, o meu marido diz que enquanto ele puder eu não trabalho. A mulher tem de terminar as coisas todas para quando o marido chega e cuidar dos filhos. E também passear um pouco, porque também não se pode estar sempre em casa. Às vezes eu penso que se calhar gostava de trabalhar, mas da maneira que as coisas vão sem trabalhos, os que estudam não têm empregos, o que se dirá para aqueles que não têm estudos.	Vânia Cordeiro
Entrevista 4	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\Funções femininas e masculinas na família	O meu dever é educar os meus filhos, dizer o melhor para eles, estudarem para terem alguma coisa na vida, a vida doméstica já que temos as nossas tarefas e é obrigatório e haver paz, não ter aquelas discussões à frente dos filhos. Do homem, respeitar os filhos também, e ter sempre uma palavra para os filhos.	Vânia Cordeiro
Entrevista 5	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\Funções femininas e masculinas na família	O homem tem de trabalhar e a mulher também para ajudar à vida. Os dois a trabalhar é que é bom. Agora ele está a trabalhar e eu agora estou em casa arranjando a casa, mas quero ir trabalhar, para dar um salto à vida.	Vânia Cordeiro
Entrevista 6	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\Funções femininas e masculinas na família	O homem é trabalhar e a mulher é cuidar da casa, comida, roupa, comida.	Vânia Cordeiro
Entrevista 7	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\Funções femininas e masculinas na família	Eu tenho mais deveres que o meu marido. Ele trabalha e quando está em casa ajuda-me com os miúdos. As minhas funções é cuidar dos filhos, da casa...	Vânia Cordeiro
Entrevista 8	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\Funções femininas e masculinas na família	Agente faz de tudo em casa. O meu marido trabalha fora, quando chega a casa não vai querer limpar a casa, não é? Isso é mais comigo. Se eu saio para ir ao médico ou qualquer coisa, ele sempre olha pela casa, recolhe a roupa, mas não é sempre, sempre.	Vânia Cordeiro
Entrevista 9	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\Funções femininas e masculinas na família	A mulher termina a vida e o marido tem de trabalhar. Agente tem de cuidar da vida e eles têm de trabalhar para a vida.	Vânia Cordeiro
Entrevista 10	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\Funções femininas e masculinas na família	O marido deve ajudar a mulher e a mulher ajudar o homem. Ele trabalha e eu trato da casa. Depois ele chega e ajuda-me em casa com os pequenos, eu dou banho nos pequenos e ele vai vestindo. O meu marido prefere trabalhar em vez de ser eu a trabalhar... ele gosta é assim.	Vânia Cordeiro
Entrevista 11	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\Funções femininas e masculinas na família	O dever do homem é trazer o sustento e a mulher cuidar da casa, porque era só o que ela podia fazer.	Vânia Cordeiro

Entrevista 12	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\Funções femininas e masculinas na família	O meu marido é o chefe da casa, olha pela casa, o meu dever é cuidar dos pequenos, cuidar da casa, ir as consultas...	Vânia Cordeiro
Entrevista 13	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\Funções femininas e masculinas na família	Os deveres da mulher é cuidar dos filhos, a vida de casa. Agora do homem é trabalhar para trazer o seu ordenado para casa para o sustento, mesmo que seja pouco sempre serve e tem de ser.	Vânia Cordeiro
Entrevista 14	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\Funções femininas e masculinas na família	Á minha mãe compete estar em casa, fazer as tarefas de casa e ajudar agente naquilo que é preciso. O meu pai trabalha e quando chega a casa... também ajuda.	Vânia Cordeiro

Gênero nas relações familiares - Papéis familiares: poder masculino e/ou feminino na família			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\Poder masculino e/ou feminino na família	Os dois. Porque estamos os dois para o mesmo. Não temos nada em separado, é tudo em comum.	Vânia Cordeiro
Entrevista 2	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\Poder masculino e/ou feminino na família	Quando o meu marido está em casa é ele que manda. Quando ele está fora sou eu que mando e que sou cabeça da casa. Se ele está em casa eu estou calada. Se ele diz qualquer coisa, eu fico calada. É assim porque ele é homem.	Vânia Cordeiro
Entrevista 3	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\Poder masculino e/ou feminino na família	O meu marido acima de tudo e eu a seguir dele.	Vânia Cordeiro
Entrevista 4	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\Poder masculino e/ou feminino na família	A mulher, em todos os sentidos. A mulher é que está 24 horas com a criança, está sempre “pára, faz isso, faz aquilo”, o homem sim que está trabalhando, chega, ta cansado, não esta tanto tempo com o filho como a mãe.	Vânia Cordeiro
Entrevista 5	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\Poder masculino e/ou feminino na família	É o homem... mas também é os dois que têm de estar em acordo.	Vânia Cordeiro
Entrevista 6	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\Poder masculino e/ou feminino na família	É os dois, eu vivo bem com o meu homem. Porque quando ele está em casa é ele que manda, quando não está sou eu.	Vânia Cordeiro
Entrevista 7	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\Poder masculino e/ou feminino na família	Há um tempo atrás acho que era o homem, mas agora acho que há mais mulheres. Com o meu marido acho que é os dois porque nós casamos para o bom e para o pior e temos que nos unir. Acho que hoje mandam os dois, não acho piada ser um só a mandar!	Vânia Cordeiro
Entrevista 8	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\Poder masculino e/ou feminino na família	A meu ver é o casal. Na minha família é assim. Os dois têm de ver a família, temos de lutar, temos de fazer, agente é que fala e combina, os dois. E também ensino os meus filhos a fazerem as coisas, não é só a mamã.	Vânia Cordeiro
Entrevista 9	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\Poder masculino e/ou feminino na família	Talvez o homem. Porque o homem é o cabeça de casal. Porque o homem é homem, é ele que destina a vida da casa. Agente destina a nossa vida, mas se não é um homem... Uma mulher sem homem fica como despida.	Vânia Cordeiro
Entrevista 10	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\Poder masculino e/ou feminino na família	O homem. Porque ele é que trabalha para a casa, é ele que dá opinião aos filhos para dizer que devem fazer isso e não devem fazer aquilo...	Vânia Cordeiro
Entrevista 11	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\Poder masculino e/ou feminino na família	Agora é a minha mãe... mas antes era o meu pai. Porque ela agora sabe levá-lo, sabe dar-lhe a volta. Antigamente não era assim. Ele ainda é que manda, mas agora ela já tem mais controle sobre ele. Ele é que era o “rei”, o “chefe da família”.	Vânia Cordeiro
Entrevista	Gênero nas relações	É o homem, não sei porquê... porque é homem. Na minha	Vânia

12	familiares\Papéis familiares\Poder masculino e/ou feminino na família	casa quem manda são os dois. Há famílias que é só o homem. (...) Quando saí, senti que aquilo ia-me fazer muita falta, e a criança que eu estava a espera ia ter necessidade daquilo que eu ia comprar para ela. O pequeno podia ter uma educação mais especial. Foi sempre a mesma coisa... sabe, ele é muito ciumento e onde eu estava lá no quartel tinha muitos homens, e a cabecinha dele... enfim.	Cordeiro
Entrevista 13	Género nas relações familiares\Papéis familiares\Poder masculino e/ou feminino na família	Aqui na minha casa quem faz tudo sou eu. O meu marido acha que trabalha por obrigação, aqui quem faz tudo sou eu.	Vânia Cordeiro
Entrevista 14	Género nas relações familiares\Papéis familiares\Poder masculino e/ou feminino na família	Quase sempre é o homem... acho que sempre foi assim.	Vânia Cordeiro

Género nas relações familiares - Papéis familiares: opinião acerca género com mais poder na família			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Género nas relações familiares\Papéis familiares\opinião acerca género com mais poder na família	Acho que deve ser assim. Mesmo se fosse diferente eu não deixava.	Vânia Cordeiro
Entrevista 2	Género nas relações familiares\Papéis familiares\opinião acerca género com mais poder na família	Opinião acerca do seu funcionamento familiar ao nível do género com mais poder. Acho que deve ser assim.	Vânia Cordeiro
Entrevista 3	Género nas relações familiares\Papéis familiares\opinião acerca género com mais poder na família	Acho que deve ser assim.	Vânia Cordeiro
Entrevista 4	Género nas relações familiares\Papéis familiares\opinião acerca género com mais poder na família	Devia ser os dois, as tarefas domésticas, por exemplo. Mas não é. Mas agora está mudando...	Vânia Cordeiro
Entrevista 5	Género nas relações familiares\Papéis familiares\opinião acerca género com mais poder na família	Acho que é bom ser assim.	Vânia Cordeiro
Entrevista 6	Género nas relações familiares\Papéis familiares\opinião acerca género com mais poder na família	Está bem assim, para mim está.	Vânia Cordeiro
Entrevista 7	Género nas relações familiares\Papéis familiares\opinião acerca género com mais poder na família	Acho que deve ser assim.	Vânia Cordeiro
Entrevista 8	Género nas relações familiares\Papéis familiares\opinião acerca género com mais poder na família	Eu acho que é assim e deve ser assim. Já passo isso aos meus filhos.	Vânia Cordeiro
Entrevista 9	Género nas relações familiares\Papéis familiares\opinião acerca	Acho que deve ser assim.	Vânia Cordeiro

	gênero com mais poder na família		
Entrevista 10	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\opinião acerca gênero com mais poder na família	Acho que deve ser assim.	Vânia Cordeiro
Entrevista 11	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\opinião acerca gênero com mais poder na família	Acho que devia ser igual para os dois porque têm direito de fazer os dois as coisas.	Vânia Cordeiro
Entrevista 12	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\opinião acerca gênero com mais poder na família	Cada um vive da maneira que quiser. Acho que deve ser os dois a mandar.	Vânia Cordeiro
Entrevista 13	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\opinião acerca gênero com mais poder na família	Acho que ele também devia colaborar, não é só a mulher, tem de ser marido e mulher.	Vânia Cordeiro
Entrevista 14	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\opinião acerca gênero com mais poder na família	Eu acho que hoje em dia devia se mais a mulher porque o homem já mandou muito e agora devia ser mais a mulher.	Vânia Cordeiro

Gênero nas relações familiares - papéis familiares: funcionamento da família de origem			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\Funcionamento da família de origem	Já eram os dois. Só que eu tenho uma maneira de falar que a minha mãe não tinha, ela era mais tímida, saía pouco e era o meu pai que ia buscar tudo para casa. Comigo, sou eu que vou buscar as coisas todas. Saí mais ao meu pai.	Vânia Cordeiro
Entrevista 2	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\Funcionamento da família de origem	Já era assim. O meu podia ser bêbedo mas agente tinha muito medo dele. Era boca calada!	Vânia Cordeiro
Entrevista 3	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\Funcionamento da família de origem	Sim, era igual. A minha mãe era doméstica, sempre cuidou foi dos seus filhos.	Vânia Cordeiro
Entrevista 4	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\Funcionamento da família de origem	Não, era mais no homem. Na altura o homem é que trabalhava, a mulher é que ficava em casa, e o homem exigia a mulher fazer os trabalhos da casa.	Vânia Cordeiro
Entrevista 5	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\Funcionamento da família de origem	Sim, era os dois que mandavam em casa.	Vânia Cordeiro
Entrevista 6	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\Funcionamento da família de origem	Não me lembro, ele morreu quando ele tinha 3 anos, mas a minha mãe contava que era o meu pai que mandava.	Vânia Cordeiro
Entrevista 7	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\Funcionamento da família de origem	O meu pai é que mandava! Era diferente.	Vânia Cordeiro
Entrevista 8	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\Funcionamento da família de origem	Também já era assim. A minha mãe fazia o serviço todo da casa e o meu pai chegava das terras não ia estar limpando a casa.	Vânia Cordeiro
Entrevista 9	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\Funcionamento	Sim, também era assim.	Vânia Cordeiro

	da família de origem		
Entrevista 10	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\Funcionamento da família de origem	Já era assim. O meu pai é que trabalhava. A minha mãe nunca trabalhou, ela ficava sempre em casa. Mesmo o meu pai não queria que a minha mãe trabalhasse... ela também era doente do coração. O meu marido também pensa assim.	Vânia Cordeiro
Entrevista 12	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\Funcionamento da família de origem	A minha mãe é que mandava mais.	Vânia Cordeiro
Entrevista 13	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\Funcionamento da família de origem	Sim, a minha mãe é que fazia o mesmo que eu estou fazendo agora.	Vânia Cordeiro

Gênero nas relações familiares - papéis familiares: conhecimento relativo a funções familiares diferentes			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\Conhecimento relativo a funções familiares diferentes	Conheço. Acho bem porque se a mulher trabalha o homem também tem de ajudar. O dever é dos dois.	Vânia Cordeiro
Entrevista 2	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\Conhecimento relativo a funções familiares diferentes	Sim, não falta a minha sobrinha. Eu acho bem e têm de se ajudar um ao outro.	Vânia Cordeiro
Entrevista 3	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\Conhecimento relativo a funções familiares diferentes	Que trabalha o homem e a mulher? Acho que chega à noite e depois há discussões pelas coisas da casa. Mas se calhar às vezes é bom porque há homens que dizem às mulheres que trabalham para elas e isso ninguém gosta de ouvir. Aí a mulher fica revoltada por ele falar assim e vai trabalhar.	Vânia Cordeiro
Entrevista 4	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\Conhecimento relativo a funções familiares diferentes	Por exemplo, meu sogro e a minha sogra, meu sogro é que faz as contas, termina a vida, é bom porque sempre é um peso que sai de cima da mulher. Mas já estou acostumada a virar a vida, foi uma regra desde o tempo dos meus pais.	Vânia Cordeiro
Entrevista 5	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\Conhecimento relativo a funções familiares diferentes	Não conheço, mas acho que é bom, porque de dia agente trabalha os dois e à noite um vai, por exemplo, para a roupa, o outro vão tratar da casa e é bom.	Vânia Cordeiro
Entrevista 6	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\Conhecimento relativo a funções familiares diferentes	Não sei, não sou de estar saindo, mesmo as minhas filhas é tal e qual como eu.	Vânia Cordeiro
Entrevista 7	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\Conhecimento relativo a funções familiares diferentes	Conheço. Não sei e Acho que não devia ser assim, porque o homem se começar a fazer as tarefas da casa, a mulher vai sentir que tem menos coisas para fazer. Acho que isso é mau!	Vânia Cordeiro
Entrevista 8	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\Conhecimento relativo a funções familiares diferentes	Sim, conheço. Agora agente já vê outra coisa: é o homem a trabalhar, a mulher a trabalhar e quando chegam a casa os dois têm de lutar para a vida. Eu acho bem quando os dois trabalham dividirem as tarefas domésticas. Não é só a mulher e o homem sentado no sofá. Os dois têm de trabalhar em casa.	Vânia Cordeiro
Entrevista 9	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\Conhecimento relativo a funções familiares	Não sei. Sei só da minha porta para dentro.	Vânia Cordeiro

	diferentes		
Entrevista 10	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\Conhecimento relativo a funções familiares diferentes	Há famílias assim, mas não posso dizer nada sobre isso porque não sei.	Vânia Cordeiro
Entrevista 11	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\Conhecimento relativo a funções familiares diferentes	Conheço. Eu acho que também é bom porque temos que nos ajudar uns aos outros.	Vânia Cordeiro
Entrevista 12	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\Conhecimento relativo a funções familiares diferentes	Não sei. O meu marido é péssimo nas lides da casa. Eu é que fazia tudo quando trabalhava.	Vânia Cordeiro
Entrevista 13	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\Conhecimento relativo a funções familiares diferentes	Conheço, as minhas irmãs são totalmente diferentes. Tenho uma que trabalha no hospital, tem 3 filhos, os dois trabalham e colaboram juntamente no trabalho e na casa. Quando a minha irmã trabalha aos fins-de-semana, o marido, pouco ou muito, sempre faz em casa, ajudando a mulher. O meu marido não faz nada, sou eu para tudo. Eu acho bem e gosto de ver porque é uma harmonia que agente vê ali entre marido e mulher.	Vânia Cordeiro
Entrevista 14	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\Conhecimento relativo a funções familiares diferentes	Já ouvi falar de famílias em que é a mulher que trabalha e o homem fica em casa. Acho que não deve ser assim. Já que eles gostam de ser tão poderosos no mundo, acho que devem ser eles a trabalhar e a mulher ficar em casa. Fica mais bonito ser o homem a trabalhar e a mulher a resolver as coisas de casa.	Vânia Cordeiro

Gênero nas relações familiares - Papéis familiares: influência das funções de gênero na dependência do RSI			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\Influência das funções de gênero na dependência do RSI	Sim tem influência, porque se eu tivesse força e tivesse o meu ordenado já me ajudava e eu não precisava do rendimento.	Vânia Cordeiro
Entrevista 2	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\Influência das funções de gênero na dependência do RSI	Então não tem! Porque só o meu marido é que trabalha e não dá para tudo. E ele não tem fera certa.	Vânia Cordeiro
Entrevista 3	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\Influência das funções de gênero na dependência do RSI	Por mais que não se queira tem. Porque o meu marido ganha pouco.	Vânia Cordeiro
Entrevista 4	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\Influência das funções de gênero na dependência do RSI	Sim, porque eu sei quanto é que ele ganha e o que eu devo. Mas depois de pagar as coisas sempre falta. Se fosse por ele sozinho passávamos muito mais necessidade que agora. Assim com o rendimento, com aquele dinheiro eu faço as compras e do dinheiro dele eu termino-me a pagar a água, a luz e estas coisas. É sempre uma ajuda.	Vânia Cordeiro
Entrevista 5	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\Influência das funções de gênero na dependência do RSI	Tem, porque é ele sozinho e às vezes quando chove ele não vai trabalhar e agente fica sem dinheiro. Ele está de pedreiro e é tudo por fora a fazer muros de pedra... mas quando chove ele fica em casa.	Vânia Cordeiro
Entrevista 6	Gênero nas relações familiares\Papéis familiares\Influência das funções de gênero na dependência do RSI	Sim, era só ele a trabalhar.	Vânia Cordeiro
Entrevista 7	Gênero nas relações familiares\Papéis	Sim acho, porque só com ele a trabalhar não dá. Eu podia também estar trabalhando, era uma ajuda enorme. Ele podia não ser pescador, ter um	Vânia Cordeiro

	familiares\Influência das funções de género na dependência do RSI	trabalho melhor e entre os dois era sempre diferente. Era uma coisa que eu estava segura e podia comprar mais coisas para os meus filhos, que às vezes não posso, porque nem sempre o rendimento dá.	
Entrevista 8	Género nas relações familiares\Papéis familiares\Influência das funções de género na dependência do RSI	Tem, já se sabe. Os filhos vão crescendo... e o trabalho já não é o que era. É de repente umas cortinas para a festa ou qualquer coisa, mas é pouco porque já há os prontos-a-vestir.	Vânia Cordeiro
Entrevista 9	Género nas relações familiares\Papéis familiares\Influência das funções de género na dependência do RSI	Talvez, quem faz o rendimento é quem tem necessidade. Há pessoas que têm ordenados certos e outros que são camponeses como a minha família, perde muitos dias, chove e fica em casa, às vezes não há serviço nas terras e falha o ordenado e o rendimento é para receber mais um dinheirinho.	Vânia Cordeiro
Entrevista 10	Género nas relações familiares\Papéis familiares\Influência das funções de género na dependência do RSI	Teve, porque eu tive muita dificuldade. O meu filho Fernandinho eu criei-o sozinho porque ele teve preso. Era sempre eu para tudo. Eu queria para dar aos meus filhos e não tinha. Era a minha sogra que ajudava e a minha cunhada que também fazia compras.	Vânia Cordeiro
Entrevista 11	Género nas relações familiares\Papéis familiares\Influência das funções de género na dependência do RSI	Acho que sim. A minha mãe trabalhava quando era nova mas não sei porque deixou de trabalhar e depois era só o meu pai no sustento. Se a minha mãe não tivesse deixado tínhamos vivido melhor, seriam mais rendimentos.	Vânia Cordeiro
Entrevista 12	Género nas relações familiares\Papéis familiares\Influência das funções de género na dependência do RSI	Eu penso que sim, o mundo dá muitas voltas, eu acho que a minha vida estava mudada se tivesse continuado na tropa e tivesse ido tirar o curso, eu penso que não precisava de rendimento.	Vânia Cordeiro
Entrevista 13	Género nas relações familiares\Papéis familiares\Influência das funções de género na dependência do RSI	Tem porque passa tudo pelas minhas mãos. O meu marido é do tipo se der deu, se não der não deu. Ele diz, “eu dou-te o ordenado, agora desenrascate”. Só que as coisas não funcionam assim.	Vânia Cordeiro
Entrevista 14	Género nas relações familiares\Papéis familiares\Influência das funções de género na dependência do RSI	Tem, porque a qualquer momento o meu pai pode ser despedido e agente volta ao tempo atrás.	Vânia Cordeiro

Visão relativamente ao trabalho - O lugar do trabalho no sistema de valores: significado da felicidade			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Significado da felicidade	É conseguir tudo o que agente tem. É olhar para os meus filhos e ver que eles não se metem em drogas, não bebem, estão com saúde, estão bem na escola... é uma alegria. É também viver com a pessoa que agente gosta. Os meus filhos mais velhos vão-se casar e quero que eles sejam felizes. Se eles são felizes, eu sou feliz.	Vânia Cordeiro
Entrevista 2	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Significado da felicidade	É os nossos filhos e viver tudo em paz.	Vânia Cordeiro
Entrevista 3	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Significado da felicidade	Ter alegria na vida, ter um bom marido e gostar muito da minha filha.	Vânia Cordeiro
Entrevista 4	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Significado da felicidade	Ter uma casa.	Vânia Cordeiro
Entrevista 5	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do	É estar tudo bem, não haver brigas, não haver nada.	Vânia Cordeiro

	trabalho no sistema de valores\Significado da felicidade		
Entrevista 6	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Significado da felicidade	Uma boa vivência, viver em paz e em sossego.	Vânia Cordeiro
Entrevista 7	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Significado da felicidade	A minha felicidade são os meus filhos. Tiveram 9 meses cá dentro e senti crescer e mexer... depois o nascimento e aquela emoção. A minha felicidade é a minha família e vivendo dia-a-dia.	Vânia Cordeiro
Entrevista 8	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Significado da felicidade	Ter tudo e ter convivência, compreensão e amor.	Vânia Cordeiro
Entrevista 9	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Significado da felicidade	Paz, saúde e a graça de Deus. Ter coisinha para o mesmo dia, paz e saúde. Com isso já sou tão feliz.	Vânia Cordeiro
Entrevista 10	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Significado da felicidade	É bom para mim. Um casal infeliz não vale nada. É preciso dar amor fora e dentro de casa. Sou muito feliz	Vânia Cordeiro
Entrevista 11	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Significado da felicidade	É viver bem, sem transtornos, é gostar da vida que se faz, é viver.	Vânia Cordeiro
Entrevista 12	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Significado da felicidade	É a companhia, as provas do meu amor comum com o meu marido, o amor, os meus filhos que eu penso que são eles que vão cuidar de nós quando tivermos velhinhos, são eles que fazem rir agente quando estamos em baixo.	Vânia Cordeiro
Entrevista 13	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Significado da felicidade	É quando ele está sério, é muito bom, mesmo para os filhos e tudo, porque ele quando está com a pinga...	Vânia Cordeiro
Entrevista 14	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Significado da felicidade	Viver o dia-a-dia, ter casinha, comidinha e estar tudo bem de saúde.	Vânia Cordeiro

Visão relativamente ao trabalho - O lugar do trabalho no sistema de valores: "Vencer na vida"			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\ "Vencer na vida"	É quando temos de trabalhar muito para conseguir alguma coisa. Tivemos na Bermuda, fizemos muitos sacrifícios mas valeu a pena porque temos uma casa e se tivesse ficado aqui eu não a tinha.	Vânia Cordeiro
Entrevista 2	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\ "Vencer na vida"	É os meus filhos, lutar por eles.	Vânia Cordeiro

Entrevista 3	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\ "Vencer na vida"	É ter tanta coisa que não tenho. Ter uma casa minha... ter dinheiro.	Vânia Cordeiro
Entrevista 4	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\ "Vencer na vida"	Trabalho.	Vânia Cordeiro
Entrevista 5	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\ "Vencer na vida"	É a minha filha ter um futuro.	Vânia Cordeiro
Entrevista 6	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\ "Vencer na vida"	É a mesma coisa. Nada como o sossego e viver sem garreios.	Vânia Cordeiro
Entrevista 7	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\ "Vencer na vida"	A minha vida é aquilo que é... eu sinto-me realizada.	Vânia Cordeiro
Entrevista 8	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\ "Vencer na vida"	Para mim é agente estar neste mundo, lutar e progredir. Eu acho bonito!	Vânia Cordeiro
Entrevista 9	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\ "Vencer na vida"	É os meus filhos que são bons para mim, graças a Deus. E eles serem unidos.	Vânia Cordeiro
Entrevista 10	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\ "Vencer na vida"	É ter tudo na vida...boas notícias, a vida mais melhor do que eu tenho.	Vânia Cordeiro
Entrevista 11	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\ "Vencer na vida"	É alcançar os objectivos que se tem. Para mim é ter um trabalho uma casinha para viver bem.	Vânia Cordeiro
Entrevista 12	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\ "Vencer na vida"	Não é para ser ingrata daquilo que eu tenho hoje, mas era ser dona do meu nariz e sabendo que o dinheiro que ganhava era meu. É mais o facto das pessoas trabalharem.	Vânia Cordeiro

Entrevista 13	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\“Vencer na vida”	É& se ele tivesse um serviço como devia se, mais harmonia em casa... era uma vida melhor que agente podia ter.	Vânia Cordeiro
Entrevista 14	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\“Vencer na vida”	É agente passar por uma dificuldade e ultrapassá-la.	Vânia Cordeiro

Visão relativamente ao trabalho - O lugar do trabalho no sistema de valores: definição do trabalho e a sua importância			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Definição do trabalho e a sua importância	É tarefas que temos de desenvolver ao longo do dia. Acho 100% importante.	Vânia Cordeiro
Entrevista 2	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Definição do trabalho e a sua importância	É limpar casas. Já se sabe que é importante.	Vânia Cordeiro
Entrevista 3	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Definição do trabalho e a sua importância	É ganhar o pão de cada dia. Acho que sim, o trabalho é importante.	Vânia Cordeiro
Entrevista 4	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Definição do trabalho e a sua importância	É uma coisa muito importante.	Vânia Cordeiro
Entrevista 5	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Definição do trabalho e a sua importância	É trabalhar bem. Sim, é muito importante.	Vânia Cordeiro
Entrevista 6	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Definição do trabalho e a sua importância	É uma coisa que dá saúde e é para ter alguma coisa na vida, senão não temos nada que tarolo. É importante para viver melhor.	Vânia Cordeiro
Entrevista 7	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Definição do trabalho e a sua importância	O trabalho... é uma responsabilidade que temos de saber lidar com ela. Temos de ouvir as pessoas que estão nisso há mais tempo e que explicam. Também gosto de ouvir os outros, gosto mais de ouvir do que falar. O trabalho é uma coisa essencial.	Vânia Cordeiro
Entrevista 8	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Definição do trabalho e a sua importância	É trabalhar, é bom ganhar dinheiro. “Migalhas é pão”. Então não é tão importante!	Vânia Cordeiro
Entrevista 9	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Definição do trabalho e a sua importância	É para ter um ordenado, sem ele não temos nada. Então não é importante! Sem trabalho como é que agente vai viver?	Vânia Cordeiro
Entrevista 10	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Definição do trabalho e a sua importância	Trabalho... Não sei... Sim senhora, é importante. Os pais querem dar aos filhos o que eu nunca tive.	Vânia Cordeiro
Entrevista 11	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Definição do trabalho e a sua importância	É aquilo que agente tem que conseguir para termos as nossas coisinhas, ter aquilo que desejo, não estar as custas da minha mãe porque custa muito querer as coisas e não ter. Acho que sim, o trabalho é muito importante na vida.	Vânia Cordeiro
Entrevista 12	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de	É levantar cedo da cama, preparar o que é preciso, mexe com o corpo, com a memória, a pessoa está ali entretida com outras	Vânia Cordeiro

	valores\Definição do trabalho e a sua importância	coisas. Acho que é importante.	
Entrevista 13	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Definição do trabalho e a sua importância	É uma coisa boa. Sim, claro que é importante.	Vânia Cordeiro
Entrevista 14	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Definição do trabalho e a sua importância	Acho que é uma coisa muito importante. Se agente tiver em casa não realiza os objectos que tem para a vida. Sim, o trabalho é muito importante.	Vânia Cordeiro

Visão relativamente ao trabalho - O lugar do trabalho no sistema de valores: definição de família			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Definição de família	É isso... desenvolver relações uns com os outros, as diversões, as alegrias, as tristezas, os sentimentos. É esta empatia que existe entre agente. É a união.	Vânia Cordeiro
Entrevista 2	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Definição de família	É as pessoas que se dão bem. É os meus filhos, o meu marido, os irmãos. Dou-me bem com toda a gente.	Vânia Cordeiro
Entrevista 3	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Definição de família	A minha família é o meu porto de abrigo.	Vânia Cordeiro
Entrevista 4	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Definição de família	É tudo.	Vânia Cordeiro
Entrevista 5	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Definição de família	É estar tudo unido, as pessoas da famílias todas juntas.	Vânia Cordeiro
Entrevista 6	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Definição de família	Não sei responder, mas acho que é uma fonte de alegria. Quando a casa está mouca o meu marido já estranha.	Vânia Cordeiro
Entrevista 7	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Definição de família	Para mim é tudo!	Vânia Cordeiro
Entrevista 8	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Definição de família	Para mim a família é tudo!	Vânia Cordeiro
Entrevista 9	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Definição de família	É a minha alegria, o meu conforto.	Vânia Cordeiro
Entrevista 10	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Definição de	É tudo na vida... é dar amor, carinho. Às vezes apetece dar uma rabada, mas pronto& eles às vezes merecem e uma rabada não mata!	Vânia Cordeiro

	família		
Entrevista 11	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Definição de família	É estar com eles, porque eles tão sempre aqui, somos uma família muito unida, gostamos bastante uns dos outros.	Vânia Cordeiro
Entrevista 12	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Definição de família	É a minha companhia.	Vânia Cordeiro
Entrevista 13	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Definição de família	A família é o mais importante que temos.	Vânia Cordeiro
Entrevista 14	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Definição de família	Também é muito importante. Sem ela eu não chegava até onde cheguei.	Vânia Cordeiro

Visão relativamente ao trabalho - O lugar do trabalho no sistema de valores: a importância do trabalho e a importância da família			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\A importância do trabalho e a importância da família	Já fizeram essa pergunta à minha filha e eu não concordo com a resposta dela porque para mim é a família. Hoje em dia os patrões dizem que primeiro é o trabalho, mas eu não acho isso correcto porque o trabalho vai-se e a família fica. E se agente se dedicar 100% ao trabalho, o que vai ser da família?	Vânia Cordeiro
Entrevista 2	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\A importância do trabalho e a importância da família	Mais importante é os meus filhos. Não sei porquê, mas os meus filhos é o que é mais importante. Os meus filhos são o mais importante. Mas o trabalho também é importante para comprar as coisinhas que são precisas!	Vânia Cordeiro
Entrevista 3	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\A importância do trabalho e a importância da família	A minha família, porque é o meu porto de abrigo. O trabalho também é preciso. Se eu fosse rica não precisava porque eu tinha do que viver, só que não sou e é preciso. Mas a família é mais importante, pode não haver trabalho, mas somos felizes na mesma.	Vânia Cordeiro
Entrevista 4	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\A importância do trabalho e a importância da família	A família porque é mais importante que trabalho. Ponho em primeiro lugar os meus filhos.	Vânia Cordeiro
Entrevista 5	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\A importância do trabalho e a importância da família	O trabalho também é importante, mas a família vem primeiro. Não sei explicar bem... mas a família tem a convivência, agente vive com ela, junta-se com ela...	Vânia Cordeiro
Entrevista 6	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\A importância do trabalho e a importância da família	É as duas coisas, o trabalho para gente viver melhor, e os filhos para dar alegria.	Vânia Cordeiro
Entrevista 7	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\A importância do trabalho e a importância da família	Mais importante é a família. O trabalho também é bom, mas para mim a família é mais porque toca na gente, sai de dentro da gente... é preciso dar amor e carinho que eles também precisam. Não é só trabalhar, trabalhar e depois não dar amor aos filhos, porque assim não vale de nada. Os nossos filhos é tudo na vida. Em primeiro lugar vem a família. Porque temos que sentir que estamos seguros com o bem-estar de todos, a felicidade, a harmonia entre todos. Depois de estar tudo bem em casa é que se pensa no trabalho.	Vânia Cordeiro

Entrevista 8	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\A importância do trabalho e a importância da família	Primeiro a minha família. O meu marido é uma pessoa lutadora e sempre trabalhou. Nunca trabalhei fora porque nunca tive ninguém que cuidasse dos meus filhos. Se eu fosse trabalhar tinha de ter dado a minha filha a crias, ia ter de pagar e ia dar elas por elas. Ia trabalhar para pagar uma mulher, e o que me ia crescer? Um troco mal amanhado?! Ou muito ou pouco sempre trabalhei em casa e cuidei dos meus filhos	Vânia Cordeiro
Entrevista 9	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\A importância do trabalho e a importância da família	As duas coisas são importantes, mas mais importante são os meus filhos. Porque o trabalho, hoje trabalha-se, amanhã não, hoje eu como melhor, amanhã como pior, mas os meus filhos estão acima de tudo.	Vânia Cordeiro
Entrevista 10	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\A importância do trabalho e a importância da família	Mais importante é a família. O trabalho também é bom, mas para mim a família é mais porque toca na gente, sai de dentro da gente... é preciso dar amor e carinho que eles também precisam. Não é só trabalhar, trabalhar e depois não dar amor aos filhos, porque assim não vale de nada. Os nossos filhos é tudo na vida.	Vânia Cordeiro
Entrevista 11	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\A importância do trabalho e a importância da família	É a família porque é o mais importante. Eu sei que o trabalho também é importante, mas sem a família agente não vai viver.	Vânia Cordeiro
Entrevista 12	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\A importância do trabalho e a importância da família	Mais importante é a família porque precisa de protecção.	Vânia Cordeiro
Entrevista 13	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\A importância do trabalho e a importância da família	A família em primeiro lugar e depois o emprego porque sem ele não podemos dar as coisas que a família precisa. Eu coloco a família primeiro porque no meu tempo, nunca tive felicidade, a minha mãe também não podia dar por causa do meu pai. Elas não passaram o mesmo que eu passei, eu nem comida tinha para comer.	Vânia Cordeiro
Entrevista 14	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\A importância do trabalho e a importância da família	A família é mais importante porque o trabalho posso ter sempre, apesar de ser difícil de encontrar, mas a família se lhe der alguma coisa e for-se embora, depois não a recupero mais.	Vânia Cordeiro

Visão relativamente ao trabalho - O lugar do trabalho no sistema de valores: o lugar do trabalho na felicidade feminina			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\O lugar do trabalho na felicidade feminina	Sem trabalho não há nada. Eu vejo pela minha filha... ela sente-se feliz porque recebe dinheiro mas também se recente porque não está em casa e agora que vai casar acho que isso vai complicar muito. A minha filha o outro dia chegou às 9 horas e pediu-me para lavar o camiseiro do trabalho, ela já vem aborrecida, e quando casar como é que vai ser? É muito complicado. Ela já me encarregou que quando tiver filhos eles vêm para aqui. Desde que eu tenha saúde não me importa, mas eu gosto de crianças. Eu não acho bem é aquelas pessoas que trabalham e criticam por eu ser doméstica porque eu também trabalho muito. Lá está, chega ao Verão elas têm o seu mês de férias e vão para a praia. Eu estou aqui sempre a trabalhar, não tenho férias, descansos, nada!	Vânia Cordeiro
Entrevista 2	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\O lugar do trabalho na felicidade feminina	Têm de trabalhar para a vida. Acho que são felizes, tem de ser.	Vânia Cordeiro
Entrevista 3	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de	Acho que não é preciso trabalho para ser feliz. Algumas não são felizes. Não sei da vida delas, mas muitas sofrem em casa e têm de trabalhar porque muitos maridos não prestam e não dão o sustento porque caem nos vícios da bebida ou da droga e elas, coitadas têm de fazer para se manter.	Vânia Cordeiro

	valores\O lugar do trabalho na felicidade feminina	Penso que sofrem em casa, e são obrigadas a trabalhar.	
Entrevista 4	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\O lugar do trabalho na felicidade feminina	Agente sente-se mais livres em ter um trabalho porque temos dinheiro para a vida porque se agente fica contanto com a outra pessoa nunca é aquilo que agente pensa. Acho que são felizes, porque se sentem “descansam mais a cabeça” pelo menos não estão sempre agarradas à casa, assim saem, distraem e sabem que tão ganhando e quando chegam a casa sabem que têm de fazer a vida de casa, mas é diferente.	Vânia Cordeiro
Entrevista 5	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\O lugar do trabalho na felicidade feminina	Acho que se sentem felizes, porque é muito melhor que estar em casa. Fora agente ganha e em casa agente não ganha nada.	Vânia Cordeiro
Entrevista 6	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\O lugar do trabalho na felicidade feminina	Para ter as coisinhas. Sei lá... Acho que elas são felizes, porque é mais uma ajuda que entra. Se agente não tem ajudas, não tem rendimento, agente tem de se pôr a trabalhar. Eu é que não posso trabalhar porque tenho netos estou amarrada. Sim, a minha filha. É empregada doméstica numa casa. Ela... pronto, tem de gostar porque dá para pagar o apartamento, a renda. Com o apartamento para pagar ele sozinho não dá. Eu fico com o filho dela.	Vânia Cordeiro
Entrevista 7	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\O lugar do trabalho na felicidade feminina	É muito importante. A minha felicidade está completa, mas se o meu marido tivesse mais tempo em casa, se tivesse outro trabalho que saísse de casa às 8 e entrasse às 5h eu achava melhor, porque assim ele tinha tempo para os filhos, e arranjava um tempo para agente. Assim, ele às vezes não dorme comigo porque precisa mesmo e tem de sair no barco e agente sente falta. Os meus filhos preenchem-me mas não preenchem tudo, também é preciso o marido. Elas sentem-se felizes porque eu já vi. Elas dizem que a vida muda porque já não estão tão apertadas na vida e mesmo no aspecto físico delas. Acho-as mais alegres, mais falantes, já conhecem outras coisas e transmitem e eu às vezes fico com pena de não ter, como por exemplo amizades com outras pessoas e há gente fora da nossa família que são melhores que os de casa. Em casa há sempre conflitos. Se eu conseguisse era outra realização para mim, porque estou sempre aqui, o trabalho é um distrainimento, não mata. As mulheres que trabalham vão ao cabeleireiro, vestem roupas novas e eu tenho que me amANHAR com aquilo que tenho. Talvez comigo trabalhando eu conseguisse trazer para casa mas também fazer uso porque eu sei que aquilo é meu.	Vânia Cordeiro
Entrevista 8	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\O lugar do trabalho na felicidade feminina	Era bom para ganhar um dinheirinho e já servia. Quando não se ganha vem as preocupações quando começa a chegar ao fim do mês para pagar as contas. Depois temos sempre de ter um dinheirinho se vier uma doença para a medicação. Nunca fui pedir dinheiro para medicamentos à assistente social. Hoje em dia... não sei. Não sei se elas trabalham por desporto ou para ter mais alguma coisa.	Vânia Cordeiro
Entrevista 9	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do	Sem trabalho como é que agente vai viver? Acho que as que trabalham são felizes, porque sempre é mais um dinheirinho. A fera do marido só não dá. O trabalho ajuda bastante à vida.	Vânia Cordeiro

	trabalho no sistema de valores\O lugar do trabalho na felicidade feminina	Estas coitadinhas trabalham mais porque fazem as suas vidas em casa à noite e também fazem por fora, para de manhã cedo irem trabalhar, e deixam as crianças aqui e acolá e pagam a pessoas para ficar com as crianças. É mais chato e faz diferença.	
Entrevista 10	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\O lugar do trabalho na felicidade feminina	Não, o que é importante para mim são os meus filhos... e o meu marido. Conheço tantas, mas isso se são felizes não sei. Já se sabe que ajuda tanto na vida os dois a trabalhar...	Vânia Cordeiro
Entrevista 11	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\O lugar do trabalho na felicidade feminina	É também importante o trabalho para a minha felicidade porque vou conquistar aquilo que eu quero é trabalhando. Claro que as mulheres que são felizes. Eu vejo isso pelas minhas irmãs, é um alívio, como quem diz, estar fora de casa, porque não é só os homens que têm esse direito, também para se distraírem, para obterem aquilo que querem, ganhar o seu dinheiro.	Vânia Cordeiro
Entrevista 12	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\O lugar do trabalho na felicidade feminina	Para ser dona do meu nariz. Algumas são felizes, outras não. É porque umas já estão habituadas a estar em casa, outras estão acostumadas a ver mais do que aquilo. As que estão acostumadas a estar em casa não ficam felizes, mas as que estão acostumadas a ver mais que aquilo ficam.	Vânia Cordeiro
Entrevista 13	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\O lugar do trabalho na felicidade feminina	É importante, eu canso-me de dizer às meninas da assistência que se eu tivesse trabalho não me envergonhava a pedir apoio à assistente social. Porque sabemos que é nosso e que estamos a trabalhar pelo dinheiro, agora, quando estamos a receber pela assistente social, também ajuda muito mas agente somos muito controladas se fazemos as nossas obrigações como elas querem ou não. Eu acho que sim, são felizes, porque ajuda sempre ao nível da vida.	Vânia Cordeiro
Entrevista 14	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\O lugar do trabalho na felicidade feminina	É muito importante. Acho que são felizes porque estão realizando o seu dia-a-dia. Chegam a casa sentem que trabalharam e que no fim do mês vão ter um ordenado para ajudar o marido ou a qualquer coisa.	Vânia Cordeiro

Visão relativamente ao trabalho - O lugar do trabalho no sistema de valores: razões para se trabalhar			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Razões para se trabalhar	Para tudo. Se eu quero a casa limpa é com trabalho, se eu quero pôr a mesa á com trabalho... serve para tudo.	Vânia Cordeiro
Entrevista 2	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Razões para se trabalhar	Para ajudar à vida.	Vânia Cordeiro
Entrevista 3	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Razões para se trabalhar	Serve para pagar dívidas, para comprar sustento, para ajudar nas contas da casa, nestas coisas do dia-a-dia.	Vânia Cordeiro
Entrevista 4	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Razões para se trabalhar	Para ganhar a vida.	Vânia Cordeiro
Entrevista 5	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Razões para se trabalhar	Para ganhar dinheiro.	Vânia Cordeiro
Entrevista 6	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Razões para se trabalhar	É para tudo, se não trabalhar agente não vive, senão como é que agente vai comer?	Vânia Cordeiro
Entrevista 7	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Razões para se trabalhar	O trabalho é para o essencial para agente. Sem trabalho não somos nada.	Vânia Cordeiro
Entrevista 8	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Razões para se trabalhar	Para disfarçar e para ganhar dinheiro. Quando não se ganha vem as preocupações quando começa a chegar ao fim do mês para pagar as contas. Depois temos sempre de ter um dinheirinho se vier uma doença para a medicação. Nunca fui pedir dinheiro para medicamentos à assistente social.	Vânia Cordeiro
Entrevista 9	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Razões para se trabalhar	Para ter dinheiro para comer.	Vânia Cordeiro
Entrevista 10	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Razões para se trabalhar	Para ajudar a vida, comprar alimentação para os filhos e também pagar o que agente deve.	Vânia Cordeiro
Entrevista 11	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Razões para se trabalhar	Para obter aquilo que eu quero, para me poder sustentar sozinha para não depender das outras pessoas.	Vânia Cordeiro
Entrevista 12	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Razões para se trabalhar	É isso... ser dona do meu nariz.	Vânia Cordeiro
Entrevista 13	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Razões para se trabalhar	Uma para ajudar a vida e outra para agente distrair.	Vânia Cordeiro
Entrevista 14	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Razões para se trabalhar	Para ganhar a vida, para poder ajudar em casa. Para mim, acho que se não trabalharmos não temos nada.	Vânia Cordeiro

Visão relativamente ao trabalho - O lugar do trabalho no sistema de valores: visão face ao que consiste ser um bom

emprego			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Visão face ao que consiste ser um bom emprego	Um trabalho que a pessoa faz com gosto. Acho que é muito importante a pessoa gostar daquilo que faz.	Vânia Cordeiro
Entrevista 2	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Visão face ao que consiste ser um bom emprego	Não sei.	Vânia Cordeiro
Entrevista 3	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Visão face ao que consiste ser um bom emprego	Não sei...	Vânia Cordeiro
Entrevista 4	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Visão face ao que consiste ser um bom emprego	Um trabalho que agente gosta. Se agente não gosta... pronto, sempre se tem de fazer um sacrifício...	Vânia Cordeiro
Entrevista 5	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Visão face ao que consiste ser um bom emprego	Um trabalho fixo.	Vânia Cordeiro
Entrevista 6	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Visão face ao que consiste ser um bom emprego	Não sei responder.	Vânia Cordeiro
Entrevista 7	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Visão face ao que consiste ser um bom emprego	Um que não haja conflitos no serviço. Temos de respeitar as regras e não deixar de trabalhar para conversar.	Vânia Cordeiro
Entrevista 8	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Visão face ao que consiste ser um bom emprego	Não sei, mas uma coisa de trabalhar com crianças.	Vânia Cordeiro
Entrevista 9	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Visão face ao que consiste ser um bom emprego	Ser doméstica.	Vânia Cordeiro
Entrevista 10	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Visão face ao que consiste ser um bom emprego	É trabalhar... não sei...	Vânia Cordeiro
Entrevista 11	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Visão face ao que consiste ser um bom emprego	Não tenho preferências, mas o curso que eu queria que é recepção.	Vânia Cordeiro
Entrevista 12	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Visão face ao que consiste ser um bom emprego	Não sei...	Vânia Cordeiro
Entrevista 13	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Visão face ao que consiste ser um bom emprego	Só se for aqueles de escritório.	Vânia Cordeiro

Entrevista 14	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Visão face ao que consiste ser um bom emprego	Um emprego fixo... sem paragens.	Vânia Cordeiro
---------------	---	----------------------------------	----------------

Visão relativamente ao trabalho - O lugar do trabalho no sistema de valores: actividade profissional que gostaria de desempenhar			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Actividade profissional que gostaria de desempenhar	Gostava de tomar conta de crianças porque acho que só a alegria das crianças e o sorriso delas dá-nos vida. Até nos sentimos mais novos. Lavar casas é que não porque eu já estou cansada e não tenho forças. Já tenho a minha casa para limpar que é muito grande.	Vânia Cordeiro
Entrevista 2	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Actividade profissional que gostaria de desempenhar	Eu?? Limpar casas...	Vânia Cordeiro
Entrevista 3	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Actividade profissional que gostaria de desempenhar	Uma coisa que eu gostasse e me sentisse bem, tinha de ser conforme as condições. Talvez ser costureira.	Vânia Cordeiro
Entrevista 4	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Actividade profissional que gostaria de desempenhar	Auxiliar na escola, porque gosto de trabalhar com crianças. Ou numa creche.	Vânia Cordeiro
Entrevista 5	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Actividade profissional que gostaria de desempenhar	Trabalhar na escola, como contínua. Para tomar conta das crianças porque eu gosto de crianças.	Vânia Cordeiro
Entrevista 6	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Actividade profissional que gostaria de desempenhar	Não sei mesmo, mas tinha de ser um emprego em que não tivesse de escrever.	Vânia Cordeiro
Entrevista 7	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Actividade profissional que gostaria de desempenhar	Ajudante de cozinha porque eu gosto muito da cozinha e gosto de experimentar coisas novas. Ou então numa escola como auxiliar porque eu gosto muito de crianças.	Vânia Cordeiro
Entrevista 8	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Actividade profissional que gostaria de desempenhar	A costura já não. Também a saúde já não ajuda... não sei.	Vânia Cordeiro
Entrevista 9	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Actividade profissional que gostaria de desempenhar	De empregada doméstica porque eu não sei fazer mais nada. Eu não tenho estudos, só sei limpar a casa.	Vânia Cordeiro
Entrevista 10	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho	Trabalho em casas porque eu gosto e estou habituada nisso.	Vânia Cordeiro

		no sistema de valores\Actividade profissional que gostaria de desempenhar		
Entrevista 11	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Actividade profissional que gostaria de desempenhar	Sempre tive tanta coisa em mente... Recepção porque a minha irmã já trabalhou nisso e gostou e influenciou-me, porque estamos abertas ao público estamos a incentivar as pessoas. O meu irmão é cabeleireiro e o curso que eu ia tirar era de manicura, porque também gosto destas coisas.	Vânia Cordeiro	
Entrevista 12	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Actividade profissional que gostaria de desempenhar	Neste momento não estou a pensar em empregos, mas eu gosto de fazer muitas coisas: cozinheira, costureira, cabeleireira, rapariga de limpeza. (...) do trabalho de cozinheira é uma coisa que eu simplesmente sei fazer.	Vânia Cordeiro	
Entrevista 13	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Actividade profissional que gostaria de desempenhar	Novamente ser contínua na escola, porque eu gosto de lidar com crianças.	Vânia Cordeiro	
Entrevista 14	Visão relativamente ao trabalho\O lugar do trabalho no sistema de valores\Actividade profissional que gostaria de desempenhar	Educadora de infância. Porque eu gosto de cuidar das crianças e de estar ao pé delas. Gosto de crianças.	Vânia Cordeiro	

Visão relativamente ao trabalho - Trabalho feminino: percepção relativamente às trabalhadoras e tarefas domésticas			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\Percepção relativamente às trabalhadoras e tarefas domésticas	Acho que não. Só se fosse a super mulher. Elas podem se esforçar muito mas o trabalho é dobrado. Enquanto eu faço durante o dia elas têm de fazer à noite e o ser humano também se cansa. É muito mais difícil.	Vânia Cordeiro
Entrevista 2	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\Percepção relativamente às trabalhadoras e tarefas domésticas	Acho que não fazem as coisas em casa como eu. Nunca mais! Porque as mulheres que trabalham não têm tempo	Vânia Cordeiro
Entrevista 3	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\Percepção relativamente às trabalhadoras e tarefas domésticas	Não, nunca mais. As mulheres que trabalham estão sempre de um lado para o outro, vira que vira, tomam café e não conseguem prestar atenção aos filhos.	Vânia Cordeiro
Entrevista 4	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\Percepção relativamente às trabalhadoras e tarefas domésticas	Acho que sim, conseguem. Porque já trabalhei e conseguia.	Vânia Cordeiro
Entrevista 5	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\Percepção relativamente às trabalhadoras e tarefas domésticas	Acho que sim, fazem na mesma as suas coisas de casa, porque o trabalho fora é diferente e em casa é outro tipo de coisas... não sei bem explicar.	Vânia Cordeiro
Entrevista 6	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\Percepção relativamente às trabalhadoras e tarefas	Sim, a minha filha trabalha fora de casa e quando chega faz a sua vida, consegue fazer tudo.	Vânia Cordeiro

	domésticas		
Entrevista 7	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\Percepção relativamente às trabalhadoras e tarefas domésticas	Quanto mais se quer fazer não dá porque o tempo é curto e uma pessoa que sai de casa às 8h e trabalha até às 5 e tal, quando chega a casa, a vida continua em dobro daquilo que já se fez no trabalho. Mas com vontade e ajuda da família ou do marido, agente ultrapassa isso.	Vânia Cordeiro
Entrevista 8	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\Percepção relativamente às trabalhadoras e tarefas domésticas	Não conseguem. Quem trabalha não faz as coisas como eu. Têm de partilhar com o marido.	Vânia Cordeiro
Entrevista 9	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\Percepção relativamente às trabalhadoras e tarefas domésticas	Estas coitadinhas trabalham mais porque fazem as suas vidas em casa à noite e também fazem por fora, para de manhã cedo irem trabalhar, e deixam as crianças aqui e acolá e pagam a pessoas para ficar com as crianças. É mais chato e faz diferença. Acho que não conseguem, eu não conseguia. Em casa faz diferença, tenho as crianças comigo. Às vezes a minha filha dorme até às 11 da manhã, e se eu trabalhasse não dormia, tinha de a levantar cedo para ir levar à creche ou a qualquer lado e assim a criança dorme.	Vânia Cordeiro
Entrevista 10	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\Percepção relativamente às trabalhadoras e tarefas domésticas	Se fosse eu, fazia um bocadinho à noite quando viesse.	Vânia Cordeiro
Entrevista 11	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\Percepção relativamente às trabalhadoras e tarefas domésticas	Claro que sim. As minhas irmãs são assim. Mal chegam do trabalho vão logo arranjar a casa e fazer o jantar.	Vânia Cordeiro
Entrevista 12	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\Percepção relativamente às trabalhadoras e tarefas domésticas	Quando trabalhava fazia só o que podia, as coisas mais importantes.	Vânia Cordeiro
Entrevista 13	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\Percepção relativamente às trabalhadoras e tarefas domésticas	Não, elas conseguem fazer como eu, porque não têm tempo para tudo e alguma coisa tem de ficar para trás. Depois já chegam do trabalho aborrecidas.	Vânia Cordeiro
Entrevista 14	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\Percepção relativamente às trabalhadoras e tarefas domésticas	Acho que sim. Em casa já sei o que é... custou-me os primeiros dias, mas habituei-me.	Vânia Cordeiro

Visão relativamente ao trabalho - Trabalho feminino: percepção relativamente às trabalhadoras e funções maternas			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\Percepção relativamente às trabalhadoras e funções maternas	Eu acho que sim porque a pessoa que trabalha também tem amor aos filhos. Embora não tenha as horas que eu tenho com os meus, mas de certeza que vai compensar quando estiver em casa.	Vânia Cordeiro
Entrevista 2	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\Percepção relativamente às trabalhadoras e funções maternas	Consegue ser boa mãe, mas tem menos tempo para os filhos.	Vânia Cordeiro

Entrevista 3	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\Percepção relativamente às trabalhadoras e funções maternas	Não. Está muito pouco tempo com os filhos.	Vânia Cordeiro
Entrevista 4	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\Percepção relativamente às trabalhadoras e funções maternas	Consegue se boa mãe. Tem de ter regras. Era como antes quando eu estive trabalhando. Estava separada do meu marido naquela altura, e consegui meter as minhas regras nas crianças.	Vânia Cordeiro
Entrevista 5	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\Percepção relativamente às trabalhadoras e funções maternas	Sim, consegue ser boa mãe.	Vânia Cordeiro
Entrevista 6	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\Percepção relativamente às trabalhadoras e funções maternas	Com certeza.	Vânia Cordeiro
Entrevista 7	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\Percepção relativamente às trabalhadoras e funções maternas	Não acho que conseguem ser boas mães. Porque quando eu saio para ir fazer alguma coisa, não demoro muito, mas quando chego os miúdos agarram-me e dizem “mamã, mamã tanto tempo”. Aí eu vejo, então se eu trabalhasse... desde que eles nasceram fui sempre eu que fiz tudo, eu é que os criei e se eu não estiver eles vão sentir que a presença da mãe não está. Uma mulher que trabalha não tem tempo para os filhos.	Vânia Cordeiro
Entrevista 8	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\Percepção relativamente às trabalhadoras e funções maternas	Está tudo na gente. Depende de cada pessoa.	Vânia Cordeiro
Entrevista 9	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\Percepção relativamente às trabalhadoras e funções maternas	Talvez, também é mãe dos seus filhos.	Vânia Cordeiro
Entrevista 10	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\Percepção relativamente às trabalhadoras e funções maternas	Sim, é igual.	Vânia Cordeiro
Entrevista 11	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\Percepção relativamente às trabalhadoras e funções maternas	Claro que sim. Sem dúvida.	Vânia Cordeiro
Entrevista 12	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\Percepção relativamente às trabalhadoras e funções maternas	Sim pode ser boa mãe. Porque estranha os pequenos, passa algum tempo no emprego e depois fica com saudades dele. É diferente.	Vânia Cordeiro
Entrevista 13	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\Percepção relativamente às trabalhadoras e funções maternas	Eu acho que sim, mas nunca coloquei o trabalho antes dos meus filhos.	Vânia Cordeiro
Entrevista 14	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\Percepção	Acho que sim.	Vânia Cordeiro

	relativamente às trabalhadoras e funções maternas	
--	---	--

Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\opinião relativamente ao trabalho que outras mulheres desempenham			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\opinião relativamente ao trabalho que outras mulheres desempenham	A minha filha e a minha nora. A minha filha trabalha no escritório do Sol Mar e a minha nora na perfumaria Maviripa. Acho que a minha faz um trabalho com muita responsabilidade, mas ela gosta e a minha nora igual.	Vânia Cordeiro
Entrevista 2	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\opinião relativamente ao trabalho que outras mulheres desempenham	A minha sobrinha. Ela é secretária. Acho que o trabalho dela é muito bom porque ela pôde levantar dinheiro no banco para comprar um apartamento.	Vânia Cordeiro
Entrevista 3	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\opinião relativamente ao trabalho que outras mulheres desempenham	Tenho uma vizinha que já trabalhou, mas agora está em casa. Ela estava num hotel. Acho que ela não se deu bem e teve problemas. Não gostava da sogra mas teve de se pôr boa com ela para lhe ficar com a filha.	Vânia Cordeiro
Entrevista 4	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\opinião relativamente ao trabalho que outras mulheres desempenham	Assim, de repente, não me estou a lembrar.	Vânia Cordeiro
Entrevista 5	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\opinião relativamente ao trabalho que outras mulheres desempenham	A minha tia. Ela trabalha no hospital. É mais cansativo e ela sente-se cansada porque o trabalho do hospital é mais pesado do que o de casa e ela fica muito cansada.	Vânia Cordeiro
Entrevista 6	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\opinião relativamente ao trabalho que outras mulheres desempenham	Sim, a minha filha. É empregada doméstica numa casa. Ela... pronto, tem de gostar porque dá para pagar o apartamento, a renda. Com o apartamento para pagar ele sozinho não dá. Eu fico com o filho dela.	Vânia Cordeiro
Entrevista 7	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\opinião relativamente ao trabalho que outras mulheres desempenham	Conheço colegas e a minha irmã. Ela é empregada doméstica. Ela trabalha porque precisa mesmo, casou nova, teve um filho nova... e a nível das tarefas de acordar cedo de manhã, levantar o filho cedo de manhã, deixá-lo com a sogra... isso de levantar o filho cedo, de preparar o saco, agente já vai trabalhar cansadas. Eu vejo que ela já vai cansada, eu vejo que ela volta cansadíssima, depois ela lava o miúdo, faz a comida para o marido no outro dia. Ela é nova, mas o trabalho é muito cansativo.	Vânia Cordeiro
Entrevista 8	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\opinião relativamente ao trabalho que outras mulheres desempenham	A minha irmã sempre deu dias. É diferente de mim que sempre quis mais estar em casa, eu ganhei dinheiro foi em casa. A minha irmã sempre gostou mais de sair e dar dias. Eu penso que é melhor que a costura. Nós saímos de manhã e voltamos às 5 horas mas temos o dia ganho e o dinheiro na mão, não é como a costura que damos fiado e ficamos com calotes às costas!	Vânia Cordeiro
Entrevista 9	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\opinião relativamente ao	A minha sobrinha. Ela trabalha no Modelo e a filha dela fica com a avó. Ela trabalha na caixa do hiper. É para ajudar a sua vida. É um trabalho bom, é perto de casa.	Vânia Cordeiro

	trabalho que outras mulheres desempenham		
Entrevista 10	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\opinião relativamente ao trabalho que outras mulheres desempenham	Uma prima minha que trabalha no mercado e ela diz que gosta porque mesmo para o preço da casa que ela paga, tem se ser os dois a trabalhar. Por isso ela habituou-se a trabalhar. Ela teve de ir trabalhar para ajudar à vida dele. Ele trabalha para a casa e ela para o resto das coisas. O trabalho dela é fácil, é só marcar as compras e por em cima do mêsão.	Vânia Cordeiro
Entrevista 11	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\opinião relativamente ao trabalho que outras mulheres desempenham	Sim. A minha irmã trabalha na empresa de transporte marítimo. Ela já foi recepcionista, já foi secretária do patrão e agora é gestora de linha. Acho que ela teve diversidade nos trabalhos e sempre conseguiu. Se fosse como ela ia gostar.	Vânia Cordeiro
Entrevista 12	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\opinião relativamente ao trabalho que outras mulheres desempenham	Não sei& mas do trabalho de cozinheira é uma coisa que eu simplesmente sei fazer.	Vânia Cordeiro
Entrevista 13	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\opinião relativamente ao trabalho que outras mulheres desempenham	Sim, a minha irmã trabalha no hospital a fazer limpezas. Ela gosta muito do trabalho, já está efectiva e não foi trabalhar por necessidade porque o meu cunhado ganha muito bem. Foi por ela ser independente, para comprar alguma coisa para a casa ou para si. Ela não gosta de estar a pedir ao marido. Ela tem outro nível de vida que eu não pude dar aos meus filhos porque o marido colabora e ganha bem.	Vânia Cordeiro
Entrevista 14	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\opinião relativamente ao trabalho que outras mulheres desempenham	Sim, faz limpezas. Acho que este é um trabalho honesto.	Vânia Cordeiro

Visão relativamente ao trabalho - Trabalho feminino: disponibilidade laboral			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\Disponibilidade laboral	Neste momento acho que não porque ainda me acho um bocado presa. Para sair já seria complicado porque eu já tenho problemas de saúde. Agora se for para ficar com os filhos dos meus filhos aí é diferente porque eles vêm cá deixá-los e eu continuo no meu cantinho. Na minha mente, eu ainda levantava o mundo... mas o meu corpo já não deixa. Já tenho 47 anos e isso já pesa.	Vânia Cordeiro
Entrevista 2	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\Disponibilidade laboral	Eu... trabalhar? Não sei... se me mandassem ia ter de ver...	Vânia Cordeiro
Entrevista 3	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\Disponibilidade laboral	Neste momento, se eu fosse trabalhar preferia deixar a minha filha na creche do que deixá-la com alguém... neste momento não posso ir trabalhar porque acho que a minha filha ainda é muito pequena para ficar com outras pessoas. Só tem 3 anos.	Vânia Cordeiro
Entrevista 4	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\Disponibilidade laboral	Sim. Para mim distrair, não aperreia muito os trabalhos de casa, o dia-a-dia. Agente trabalhando passa o dia, sabe que tem as tarefas para fazer, mas sempre distrai.	Vânia Cordeiro
Entrevista 5	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\Disponibilidade laboral	Sim, acho que podia ir trabalhar, porque a pequena está na creche e eu queria ver se arranjava um trabalho.	Vânia Cordeiro

Entrevista 6	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\Disponibilidade laboral	Os solteiros podem trabalhar. Queria eu... mas agora estou amarrada! Ainda para mais o rendimento agora ajuda-me mais... então não posso. Não. Porque estou amarrada pelos meus netos, ele só tem 7 anos e tenho de ajudar a elas. Se eu for trabalhar, as minhas filhas têm que pagar a pessoas para tomarem conta deles e assim não ajuda a elas porque o que elas vão ganhar vão ter de pagar a outra.	Vânia Cordeiro
Entrevista 7	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\Disponibilidade laboral	Se os filhos fossem maiores, se cada um já tivesse... assim, responsabilidade, aí eu não me importava nada de trabalhar. Ela tinha o nome no fundo desemprego e através do rendimento chamaram para ir trabalhar para uma escola na Lagoa... e eu fiquei com a minha dor porque eu também gostava de ir para a escola. Ela agora já deixou de receber o rendimento e está recebendo o seu ordenado. Já viu, de 450 € para 229 que é o que eu recebo vai uma diferença muito grande! Eu não me importava, depois de saber onde eles estão... eu voava porque em casa é muito cansativo! Eu podia também estar trabalhando, era uma ajuda enorme. Ele podia não ser pescador, ter um trabalho melhor e entre os dois era sempre diferente. Era uma coisa que eu estava segura e podia comprar mais coisas para os meus filhos, que às vezes não posso, porque nem sempre o rendimento dá. Neste momento não podia ir trabalhar. Se fosse preciso eu ia, porque eu gosto, mas acho que os meus filhos ainda não estão seguros. As pessoas hoje em dia não querem ficar com os filhos e o meu marido deixar a vida do mar para tomar conta deles também não acho justo. Neste momento não...	Vânia Cordeiro
Entrevista 8	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\Disponibilidade laboral	Agora com quarenta e tal anos já não. Porque eu passo mal nas viagens de camioneta e vomito.	Vânia Cordeiro
Entrevista 9	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\Disponibilidade laboral	Agora não por causa da minha filha mais pequena. Porque ela tem só 3 anos e ainda é pequena. Agora era mais complicado.	Vânia Cordeiro
Entrevista 10	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\Disponibilidade laboral	Sim. Se tivesse alguém que fosse buscar os meus filhos à escola e depois trazer e que fizesse comida para o meu marido porque ele vem a casa ao meio dia comer, eu ia.	Vânia Cordeiro
Entrevista 11	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\Disponibilidade laboral	Claro que estou disponível. Porque estou interessada e à procura.	Vânia Cordeiro
Entrevista 12	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\Disponibilidade laboral	(...) se era para arranjar emprego, com quem é que o meu mais velho ia ficar? Ele já é grandinho mas em casa não pode ficar porque tem aqui uns vizinhos que põem-se com ele, depois se ele brinca à bola e vai para o quintal da vizinha, ele pede com bons modos, ela começa a “ladrar”... ele está na biblioteca, mas não é todos os dias. Uma pessoa tem de estar com o seu juízo sossegado no serviço onde está. (...) Neste momento não estou a pensar em empregos. Não podia porque tenho os rapazes e há ATL para os outros dois e creche para o bebé, mas não há sítio para o meu mais velho.	Vânia Cordeiro
Entrevista 13	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\Disponibilidade laboral	Sim, porque eu não estou sempre manca da perna e com força de vontade tudo vai. Não podia fazer um trabalho que fosse em pé, o meu problema é este.	Vânia Cordeiro
Entrevista 14	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\Disponibilidade laboral	Sim. Porque eu posso ir trabalhar. Como não posso ser educadora de infância se calhar gostava de trabalhar no comércio. Já tive na Modalfa e gostei.	Vânia Cordeiro

Visão relativamente ao trabalho - Trabalho feminino: atitude face à concretização da hipótese de trabalhar

Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Visão relativamente ao	Eu respondia que se fosse com crianças, assim, uma coisa tranquila eu ia, agora se fosse para lavar casas eu dizia-lhe que “pelo amor de	Vânia Cordeiro

	trabalho\Trabalho feminino\Atitude face à concretização da hipótese de trabalhar	Deus!”. Para que é que eu ia fazer um serviço que já sei que vou fazer o primeiro dia com a minha vontade toda e depois vou forçar e ficar sem me mexer?	
Entrevista 2	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\Atitude face à concretização da hipótese de trabalhar	Eu havia de ir falar com ela e depois via conforme as coisas. Não sei dizer se ia aceitar.	Vânia Cordeiro
Entrevista 3	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\Atitude face à concretização da hipótese de trabalhar	Eu dizia que até me dava jeito para ajudar o meu marido porque ele tem dívidas para pagar, mas como vai ser a minha filha? Primeiro tenho de pensar é na minha filha.	Vânia Cordeiro
Entrevista 4	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\Atitude face à concretização da hipótese de trabalhar	Tem um quê... Isso agora de um dia para o outro é mais difícil. Porque assim de repente não tenho ninguém para ficar com ele....É sempre um risco. Eu recusar acho que não podia... mas também o meu contrato foi diferente, diz que ele vai se matriculado e só depois é que vou para o fundo de desemprego. Se ela me chamasse dizia-lhe que o contrato não foi feito assim.	Vânia Cordeiro
Entrevista 5	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\Atitude face à concretização da hipótese de trabalhar	Eu ficava contente e aceitava.	Vânia Cordeiro
Entrevista 6	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\Atitude face à concretização da hipótese de trabalhar	Por um lado eu gostava, mas não iria, porque tinha os meus netos e tinha que ajudar as minhas filhas.	Vânia Cordeiro
Entrevista 7	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\Atitude face à concretização da hipótese de trabalhar	A primeira coisa que eu dizia é que para a Dr. ^a R. arranjar um emprego agente tem de ser avisados porque não é de um momento para o outro que agente decide a nossa vida, e eles não vão decidir por nós. Precisava organizar a minha vida. Por um lado, acho que ia ficar contente por terem olhado por mim, mas por outro... Desta maneira, não!	Vânia Cordeiro
Entrevista 8	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\Atitude face à concretização da hipótese de trabalhar	Ai... Se fosse em Água de Pau eu se calhar ia. Vinha a casa na hora do almoço, via os meus filhos, dava a comidinha, mas fora de Água de Pau eu não ia.	Vânia Cordeiro
Entrevista 9	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\Atitude face à concretização da hipótese de trabalhar	Eu dizia-lhe que não podia ir porque tenho a pequena ainda é pequenina.	Vânia Cordeiro

Entrevista 10	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\Atitude face à concretização da hipótese de trabalhar	Eu ia... mas era se tivesse alguém que fizesse comida para o meu marido comer ao almoço e alguém que fosse buscar os meus filhos depois da escola. A minha sogra às vezes pode e às vezes não pode e a minha cunhada também nem sempre pode e aí sou eu que fico com o meu miúdo. Também para haver lavações de cara, não estou para isso. Se eu tivesse isso, eu me obrigava a trabalhar. E eu tinha de vir antes das 6h para ter tempo de fazer a comida antes que o meu marido viesse do trabalho. Assim, como o meu marido vem a casa comer o almoço não me dá jeito ir trabalhar. Eu ia dizer que não dava jeito agora ir trabalhar.	Vânia Cordeiro
Entrevista 11	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\Atitude face à concretização da hipótese de trabalhar	Eu esperava conseguir ficar com o emprego. Concorri para a escola porque é bom porque me vai dar o 12º ano e posso ter mais hipóteses, mas paciência, não iria desperdiçar essa oportunidade.	Vânia Cordeiro
Entrevista 12	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\Atitude face à concretização da hipótese de trabalhar	Ia dizer que tenho os rapazes e não tinham quem ficasse, e que podia ser para outra semana falar deste assunto.	Vânia Cordeiro
Entrevista 13	Visão relativamente ao futuro\Trabalho feminino\Atitude face à concretização da hipótese de trabalhar	Se fosse uma coisa que eu pudesse fazer ia porque eu já não tenho bebés. A minha bebé tem 12 anos.	Vânia Cordeiro
Entrevista 14	Visão relativamente ao trabalho\Trabalho feminino\Atitude face à concretização da hipótese de trabalhar	Eu ficava contente e seguia em frente. Aceitava.	Vânia Cordeiro

Perspectivas de futuro – Expectativas: descrição da vida actual sem o RSI			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Perspectivas de futuro\Expectativas\Descrição da vida actual sem o RSI	Seria tudo diferente. Da maneira como as coisas estão caras não sei como seria... e também com os estudos da minha filha... não sei.	Vânia Cordeiro
Entrevista 2	Perspectivas de futuro\Expectativas\Descrição da vida actual sem o RSI	Já lhe disse que ajudou muito a pagar as coisas. Senão... não sei.	Vânia Cordeiro
Entrevista 3	Perspectivas de futuro\Expectativas\Descrição da vida actual sem o RSI	Seria muito pior, muito mais complicada. Ia ser pior para comprar comida e pagar as contas. Seria também pior com a família porque teve um tempo que nos lavavam a cara por ajudar porque diziam que ele não trabalhava por vício.	Vânia Cordeiro
Entrevista 4	Perspectivas de futuro\Expectativas\Descrição da vida actual sem o RSI	Ia ser difícil apesar de ter alguma ajuda da minha sogra.	Vânia Cordeiro
Entrevista 5	Perspectivas de futuro\Expectativas\Descrição da vida actual sem o RSI	Era diferente daquilo que é agora... ia ser mais apertado de dinheiro.	Vânia Cordeiro
Entrevista 6	Perspectivas de futuro\Expectativas\Descrição da vida actual sem o RSI	Era a vida para trás outra vez, com dívidas, e com o rendimento sempre ajuda.	Vânia Cordeiro
Entrevista 7	Perspectivas de futuro\Expectativas\Descrição da vida actual sem o RSI	Depois surgiu esta ideia de fazer o rendimento e eu pensei se der deu, se não der eu então vou trabalhar. Ia ser uma vida infeliz.	Vânia Cordeiro

	da vida actual sem o RSI	Ia ter de pedir a ajuda das pessoas, mas as pessoas ajudam no princípio mas depois, para o fim, já começam a lavar a cara.	
Entrevista 8	Perspectivas de futuro\Expectativas\Descrição da vida actual sem o RSI	Ia ser muito difícil. Acho que ainda estava pagando dívidas de há 9 anos, de quando fiz a casa.	Vânia Cordeiro
Entrevista 9	Perspectivas de futuro\Expectativas\Descrição da vida actual sem o RSI	Seria mais complicada, este dinheiro já serve para alguma coisa. Aquilo que eu compro para as crianças comerem já não sai do ordenado do meu marido, faz diferença. Dá para o leite da pequena, comida e tudo. De inverno o meu marido pouco ganha e assim as crianças já comem melhor.	Vânia Cordeiro
Entrevista 10	Perspectivas de futuro\Expectativas\Descrição da vida actual sem o RSI	Havia de ter ido arranjar serviço para ir trabalhar. Para mim ia ser pior.	Vânia Cordeiro
Entrevista 11	Perspectivas de futuro\Expectativas\Descrição da vida actual sem o RSI	Acho que igual não ia ser, porque isso faz-nos falta mas íamos continuar a viver com mais pobreza, mas sempre temos a ajuda dos nossos irmãos.	Vânia Cordeiro
Entrevista 12	Perspectivas de futuro\Expectativas\Descrição da vida actual sem o RSI	Péssima. Podia estar pior, porque eu tenho parentes que moram perto, tenho irmãos que moram ao pé de mim e que não falam comigo, a família do meu marido também está mal comigo e a ajuda que tenho hoje é da Assistente Social.	Vânia Cordeiro
Entrevista 13	Perspectivas de futuro\Expectativas\Descrição da vida actual sem o RSI	Era igual como antes. Com dificuldades na comida.	Vânia Cordeiro
Entrevista 14	Perspectivas de futuro\Expectativas\Descrição da vida actual sem o RSI	Se agente não tivesse recebido o rendimento não estava aqui nesta casa. A minha avó acolhia agente, não nos ia deixar na rua, mas ia ser mais difícil porque ela tem lá outras pessoas a morar com ela... ia ser difícil a nível de ficarmos todos apertadinhos.	Vânia Cordeiro

Perspectivas de futuro – Expectativas: previsão do tempo que ainda vai necessitar do RSI			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Perspectivas de futuro\Expectativas\Previsão do tempo que ainda vai necessitar do RSI	Principalmente enquanto a minha filha ainda estiver na Universidade. Quando ela acabar o seu curso já vai para a sua vida. Neste entretanto, não sei o que é que se vai passar com os meus gémeos... não sei se vão para a universidade ou se vão trabalhar. Quando eu estiver sozinha com o meu marido em casa eu já não preciso. É muito difícil ter uma filha lá fora. A bolsa dá para pagar a renda, mas depois tem a comida, as fotocópias...	Vânia Cordeiro
Entrevista 2	Perspectivas de futuro\Expectativas\Previsão do tempo que ainda vai necessitar do RSI	Eu não posso dar certeza de tempos porque ele às vezes ganha e às vezes não.	Vânia Cordeiro
Entrevista 3	Perspectivas de futuro\Expectativas\Previsão do tempo que ainda vai necessitar do RSI	Da maneira que está o meu marido, eu não sei ao certo mas acho que vai ser por muito tempo, da maneira que as coisas estão, está tudo muito difícil.	Vânia Cordeiro
Entrevista 4	Perspectivas de futuro\Expectativas\Previsão do tempo que ainda vai necessitar do RSI	Quando eu tiver recebendo o ordenado, é claro que elas me vão cortar. Em Setembro vou procurar trabalho, mas não vou arranjar logo e já. É até arranjar um trabalho.	Vânia Cordeiro
Entrevista 5	Perspectivas de futuro\Expectativas\Previsão do tempo que ainda vai necessitar do RSI	Enquanto eu não arranjar trabalho.	Vânia Cordeiro
Entrevista 6	Perspectivas de futuro\Expectativas\Previsão do tempo que ainda vai necessitar do RSI	É o tempo que a Dr. ^a A. quiser dar.	Vânia Cordeiro
Entrevista 7	Perspectivas de futuro\Expectativas\Previsão do tempo que ainda vai necessitar do RSI	Eu recebo há 9 anos... não digo que vou receber sempre... bem, o meu filho tem 10 anos... talvez mais uns 7 ou 8 anos.	Vânia Cordeiro

Entrevista 8	Perspectivas de futuro\Expectativas\Previsão do tempo que ainda vai necessitar do RSI	Não sei... mas tenho medo que com a crise deixemos de receber. Todos os dias abrimos a televisão e vemos o rendimento acima e a baixo. Se eu pudesse receber o resto da minha vida era bem bom. Aos meus filhos o que eu não lhes pude dar em pequenos já ajudei a eles. Já lhes compro umas coisinhas melhores.	Vânia Cordeiro
Entrevista 9	Perspectivas de futuro\Expectativas\Previsão do tempo que ainda vai necessitar do RSI	Durante mais algum tempo para as crianças. Até as crianças terem os seus 18 anos. A minha mais nova ainda tem 3 anos.	Vânia Cordeiro
Entrevista 10	Perspectivas de futuro\Expectativas\Previsão do tempo que ainda vai necessitar do RSI	O resto da vida porque isso faz-me muita falta e ajuda muito à minha vida.	Vânia Cordeiro
Entrevista 11	Perspectivas de futuro\Expectativas\Previsão do tempo que ainda vai necessitar do RSI	Até eu trabalhar.	Vânia Cordeiro
Entrevista 12	Perspectivas de futuro\Expectativas\Previsão do tempo que ainda vai necessitar do RSI	Quando tiver emprego e viver o ordenado direitinho e ter tudo em dia.	Vânia Cordeiro
Entrevista 13	Perspectivas de futuro\Expectativas\Previsão do tempo que ainda vai necessitar do RSI	Não sei, não posso dizer durante quanto tempo. A menina P. disse que mesmo que o meu marido vá trabalhar para a Câmara, vai ser a fazer férias, não é para sempre. Mas também verdade seja dita, que o meu marido nunca me pediu o dinheiro do rendimento. Não é como muitos que esperam no canto dos bancos pela data e não querem trabalhar porque recebem o rendimento.	Vânia Cordeiro
Entrevista 14	Perspectivas de futuro\Expectativas\Previsão do tempo que ainda vai necessitar do RSI	Talvez mais um ano ou dois, mas ao certo não sei.	Vânia Cordeiro

Perspectivas de futuro – Expectativas: relação entre a atitude actual e contribuição para o futuro			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Perspectivas de futuro\Expectativas\Relação entre a atitude actual e contribuição para o futuro	Dou apoio para eles irem sempre em frente.	Vânia Cordeiro
Entrevista 2	Perspectivas de futuro\Expectativas\Relação entre a atitude actual e contribuição para o futuro	Vai ser melhor... não sei... quero é o bem dos meus filhos.	Vânia Cordeiro
Entrevista 3	Perspectivas de futuro\Expectativas\Relação entre a atitude actual e contribuição para o futuro	Eu dou de mim, faço o que posso fazer. Trabalho para o meu marido e para a minha filha. É verdade que eu aqui não ganho dinheiro, que quem me sustenta é o meu marido, mas isso é assim.	Vânia Cordeiro
Entrevista 4	Perspectivas de futuro\Expectativas\Relação entre a atitude actual e contribuição para o futuro	Estou procurando uma casa, já fiz os papéis para isso, só que está a demorar tanto tempo... já estou há 12 anos procurando uma casa, só que a Secretaria lá em baixo leva muito tempo.	Vânia Cordeiro
Entrevista 5	Perspectivas de futuro\Expectativas\Relação entre a atitude actual e contribuição para o futuro	Estou fazendo de tudo... a ver se arranjo trabalho para melhorar o futuro da minha filha.	Vânia Cordeiro
Entrevista 6	Perspectivas de futuro\Expectativas\Relação entre a atitude actual e contribuição para o futuro	Estou tomando conta dos meus netos e a minha filha está trabalhando para não pagar a ninguém.	Vânia Cordeiro
Entrevista 7	Perspectivas de futuro\Expectativas\Relação entre a atitude actual e contribuição para o futuro	Eu tento dar o máximo... eu tento dar conselhos... o meu marido é uma pessoa antiga, não é muito de ouvir coisas novas, mas principalmente para os filhos, gosto de incentivar, gosto de dizer “estudem que a mamã não estudou porque não conseguiu... vocês são homens, não são mulheres porque as mulheres têm de andar sempre perto dos homens”. Tento dar	Vânia Cordeiro

		sempre apoio para ajudar no crescimento, dar os conselhos.	
Entrevista 8	Perspectivas de futuro\Expectativas\Relação entre a atitude actual e contribuição para o futuro	Digo aos meus filhos para estudarem porque eu não pude.	Vânia Cordeiro
Entrevista 9	Perspectivas de futuro\Expectativas\Relação entre a atitude actual e contribuição para o futuro	Com o rendimento estou a melhorar o meu futuro. Sem o rendimento não tenho o mesmo futuro que tenho com o rendimento. Com esta ajuda já faço mais pelas crianças.	Vânia Cordeiro
Entrevista 10	Perspectivas de futuro\Expectativas\Relação entre a atitude actual e contribuição para o futuro	Estou a fazer de tudo para a minha vida ser boa e a deles também seja.	Vânia Cordeiro
Entrevista 11	Perspectivas de futuro\Expectativas\Relação entre a atitude actual e contribuição para o futuro	Acho que estou a aprender mais coisas, e mesmo tanto ali na casa dos velhinhos sei como é que eles se comportam, aprendo mais lá. Fazendo alguma coisa já serve. Também concorri para a escola.	Vânia Cordeiro
Entrevista 12	Perspectivas de futuro\Expectativas\Relação entre a atitude actual e contribuição para o futuro	Sim, porque mais tarde sou eu que vou dizer aos meus filhos que quando eles não tiveram alimento para comer, quem ajudou foi a Assistente Social.	Vânia Cordeiro
Entrevista 13	Perspectivas de futuro\Expectativas\Relação entre a atitude actual e contribuição para o futuro	Estou a receber o rendimento porque é mais uma ajuda.	Vânia Cordeiro
Entrevista 14	Perspectivas de futuro\Expectativas\Relação entre a atitude actual e contribuição para o futuro	A procurar trabalho.	Vânia Cordeiro

Perspectivas de futuro – Expectativas: possibilidade de melhoria das condições de vida no futuro			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Perspectivas de futuro\Expectativas\Possibilidade de melhoria das condições de vida no futuro	Espero que seja cada vez melhor.	Vânia Cordeiro
Entrevista 2	Perspectivas de futuro\Expectativas\Possibilidade de melhoria das condições de vida no futuro	Vai ser melhor	Vânia Cordeiro
Entrevista 3	Perspectivas de futuro\Expectativas\Possibilidade de melhoria das condições de vida no futuro	Eu gostava que fosse. Gostava muito.	Vânia Cordeiro
Entrevista 4	Perspectivas de futuro\Expectativas\Possibilidade de melhoria das condições de vida no futuro	Se eu tiver uma casa vai mudar imenso. Aqui a família é grande, com a casa é só o casal e os filhos e já posso por a minha regra mais à frente.	Vânia Cordeiro
Entrevista 5	Perspectivas de futuro\Expectativas\Possibilidade de melhoria das condições de vida no futuro	Acho que sim, porque quero dar um salto na vida e para isso preciso arranjar trabalho.	Vânia Cordeiro
Entrevista 6	Perspectivas de futuro\Expectativas\Possibilidade de melhoria das condições de vida no futuro	Só Nosso Senhor é que sabe. Hoje agente não sabe o amanhã.	Vânia Cordeiro
Entrevista 7	Perspectivas de futuro\Expectativas\Possibilidade de melhoria das condições de vida no futuro	Se continuar assim...acho que não é ruim.	Vânia Cordeiro
Entrevista	Perspectivas de	Eu não sei o que vai vir no futuro. Não sei...	Vânia

8	futuro\Expectativas\Possibilidade de melhoria das condições de vida no futuro		Cordeiro
Entrevista 9	Perspectivas de futuro\Expectativas\Possibilidade de melhoria das condições de vida no futuro	Depende do correr das coisas. Quando os meus filhos tiverem 18 anos eles hão-de ir trabalhar para si para ajudar à vida. Aí as coisas vão ser melhores.	Vânia Cordeiro
Entrevista 10	Perspectivas de futuro\Expectativas\Possibilidade de melhoria das condições de vida no futuro	Não sei.	Vânia Cordeiro
Entrevista 11	Perspectivas de futuro\Expectativas\Possibilidade de melhoria das condições de vida no futuro	Eu espero bem que sim. Se eu conseguir entrar na escola tenho a certeza que sim. Tenho que fazer por mim.	Vânia Cordeiro
Entrevista 12	Perspectivas de futuro\Expectativas\Possibilidade de melhoria das condições de vida no futuro	Acho que vai ser melhor. Porque eles já estão grandes, talvez já têm cada um os seus empregos, já não preciso de estar preocupada, já são grandes e agradeço a Assistente Social por me ter ajudado nas alturas mais difíceis.	Vânia Cordeiro
Entrevista 13	Perspectivas de futuro\Expectativas\Possibilidade de melhoria das condições de vida no futuro	Para ser melhor era o meu marido ter um servicinho com os seus direitos.	Vânia Cordeiro
Entrevista 14	Perspectivas de futuro\Expectativas\Possibilidade de melhoria das condições de vida no futuro	Não sei, mas o fundo desemprego chamou-me para ir para uma firma de tratar de idosos, mas eu achei que não era adaptado a mim. Agora apareceu-me uma senhora que precisa de uma empregada, acho que é melhor que esta outra firma, acho que está mais adaptado a mim.	Vânia Cordeiro

Perspectivas de futuro – Expectativas: sonhos			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Perspectivas de futuro\Expectativas\Sonhos	Ver a minha filha com o seu curso. Ver os meus filhos com a sua vida organizada.	Vânia Cordeiro
Entrevista 2	Perspectivas de futuro\Expectativas\Sonhos	Quero é paz e saúde.	Vânia Cordeiro
Entrevista 3	Perspectivas de futuro\Expectativas\Sonhos	Ter as dívidas pagas....e uma casa.	Vânia Cordeiro
Entrevista 4	Perspectivas de futuro\Expectativas\Sonhos	Uma casa e a minha família.	Vânia Cordeiro
Entrevista 5	Perspectivas de futuro\Expectativas\Sonhos	Arranjar uma casa para viver com o meu companheiro e com a minha filha.	Vânia Cordeiro
Entrevista 6	Perspectivas de futuro\Expectativas\Sonhos	Era uma vida feliz com paz e sossego, como eu estou levando.	Vânia Cordeiro
Entrevista 7	Perspectivas de futuro\Expectativas\Sonhos	O meu maior sonho que eu queria era uma casa. Se eu tivesse uma casa era muito bom, porque aí eu conseguia dobrar os meus filhos mais do que aquilo que eles são dobrados. Eles são crianças e brigam e agente tem de chamá-los à razão e quando há outras pessoas a interferirem já não dá para agente segurar como quer e aqui acontece isso.	Vânia Cordeiro
Entrevista 8	Perspectivas de futuro\Expectativas\Sonhos	Os meus filhos bem empregados e com as suas vidas terminadas. Com emprego ou sem, eu também terminei a minha.	Vânia Cordeiro
Entrevista 9	Perspectivas de futuro\Expectativas\Sonhos	Ter uma casinha minha.	Vânia Cordeiro
Entrevista 10	Perspectivas de futuro\Expectativas\Sonhos	Eu a minha vida tivesse melhor de dinheiro do que aquilo que está.	Vânia Cordeiro
Entrevista 11	Perspectivas de futuro\Expectativas\Sonhos	Eu estou a espera que seja entrar na escola, mas mesmo era em recepção, não só por ser aquilo que quero mas porque também preciso de fazer alguma coisa para poder alcançar algum objectivo.	Vânia Cordeiro
Entrevista 12	Perspectivas de futuro\Expectativas\Sonhos	Gostava de ser cantora!	Vânia Cordeiro
Entrevista 13	Perspectivas de futuro\Expectativas\Sonhos	A minha casinha toda consertada porque estou aqui há 9 anos e foi sempre desilusões. Era para obrigar os meus filhos como deve ser.	Vânia Cordeiro
Entrevista 14	Perspectivas de futuro\Expectativas\Sonhos	Ter um trabalho efectivo para começar. Já tive muito tempo parada.	Vânia Cordeiro

Perspectivas de futuro – Expectativas: projecção futuro profissional			
Text	Code	Segment	Author
Entrevista 1	Perspectivas de futuro\Expectativas\projecção futuro profissional	É continuar a ser doméstica. Os nossos reflexos e capacidades vão ficar mais lentos com a idade.	Vânia Cordeiro
Entrevista 2	Perspectivas de futuro\Expectativas\projecção futuro profissional	Daqui a 10 anos se calhar vou continuar doméstica porque eu não tenho estudos e porque eu já estou acostumada com esta vida em que é o meu marido a trabalhar e eu oriento a casa e os meus filhos.	Vânia Cordeiro
Entrevista 3	Perspectivas de futuro\Expectativas\projecção futuro profissional	Depende, nunca se sabe se eu ainda vou trabalhar... (choro) Não sei.	Vânia Cordeiro
Entrevista 4	Perspectivas de futuro\Expectativas\projecção futuro profissional	Não sei, com a 4ª classe que é o que eu tenho é muito difícil... Qualquer trabalho que aparecer é bom, nessa altura.	Vânia Cordeiro
Entrevista 5	Perspectivas de futuro\Expectativas\projecção futuro profissional	Ter um trabalho... não sei em quê... mas quero ter um trabalho.	Vânia Cordeiro
Entrevista 6	Perspectivas de futuro\Expectativas\projecção futuro profissional	Vai ser igual como estou agora. Porque eu agora estou amarrada e depois vou ficar velha.	Vânia Cordeiro
Entrevista 7	Perspectivas de futuro\Expectativas\projecção futuro profissional	Eu acho que é possível ter outra profissão se agente se empenhar. Agora se for pensar que toda a vida vai ser doméstica... vai ser mesmo doméstica. Mas se agente tiver outras ilusões e aquela capacidade de dizer que vou conseguir, daqui a 10 anos pode vir a ter...	Vânia Cordeiro
Entrevista 8	Perspectivas de futuro\Expectativas\projecção futuro profissional	A vida está difícil. Mas para a costura não volto. Não dá nada... Não sei...	Vânia Cordeiro
Entrevista 9	Perspectivas de futuro\Expectativas\projecção futuro profissional	Daqui a 10 anos já tenho cinquenta e tal, já não arrasto os pés, o mais certo é estar em casa.	Vânia Cordeiro
Entrevista 10	Perspectivas de futuro\Expectativas\projecção futuro profissional	Como eu não tenho ninguém que faça a comida para o meu marido e que vá buscar os meus filhos, o mais certo é eu ser doméstica.	Vânia Cordeiro
Entrevista 11	Perspectivas de futuro\Expectativas\projecção futuro profissional	De recepcionista, se eu entrar na escola porque a escola de S. Pedro tem muita saída de trabalho.	Vânia Cordeiro
Entrevista 12	Perspectivas de futuro\Expectativas\projecção futuro profissional	Acho que quando o meu filho mais novo tiver 10 anos se eu arranjar um emprego e me der bem neste emprego, quem sabe...	Vânia Cordeiro
Entrevista 13	Perspectivas de futuro\Expectativas\projecção futuro profissional	Vou continuar a ser doméstica.	Vânia Cordeiro
Entrevista 14	Perspectivas de futuro\Expectativas\projecção futuro profissional	Não sei... mas se o nível de emprego melhorar, talvez a nível do comércio, pode ser que o governo decida retirar a crise.	Vânia Cordeiro

Anexo VII

Análise Quantitativa

Anexo VII.1.

Distribuição dos processos por titular

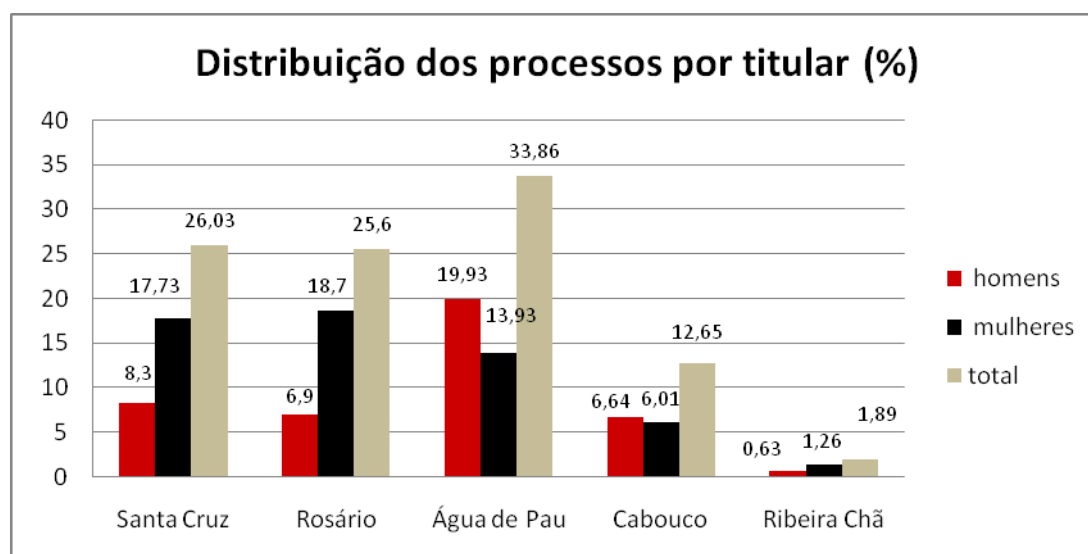
Quadro VII.1.1 - Distribuição dos processos por titular (frequência)

	Homens	Mulheres	total
Santa Cruz	26	56	82
Rosário	22	59	81
Água de Pau	63	44	107
Cabouco	21	19	40
Ribeira Chã	2	4	6
total	134	182	316

Quadro VII.1.2 – Distribuição dos processos por titular (%)

	homens	mulheres	total
Santa Cruz	8,3	17,73	26,03
Rosário	6,9	18,7	25,6
Água de Pau	19,93	13,93	33,86
Cabouco	6,64	6,01	12,65
Ribeira Chã	0,63	1,26	1,89
total	42,4	57,63	100

Gráfico VII.1.3 Distribuição dos processos por titular (%)



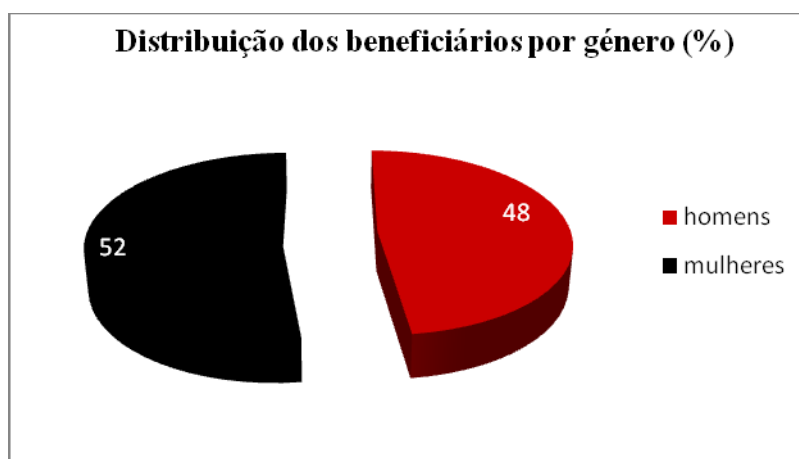
Anexo VII.2.

Distribuição dos beneficiários por género

Quadro VII.2.1

	frequência	%
Homens	566	48
Mulheres	612	52
total	1178	100

Gráfico VII.2.2



Anexo VII.3

Distribuição dos beneficiários por grupos etários

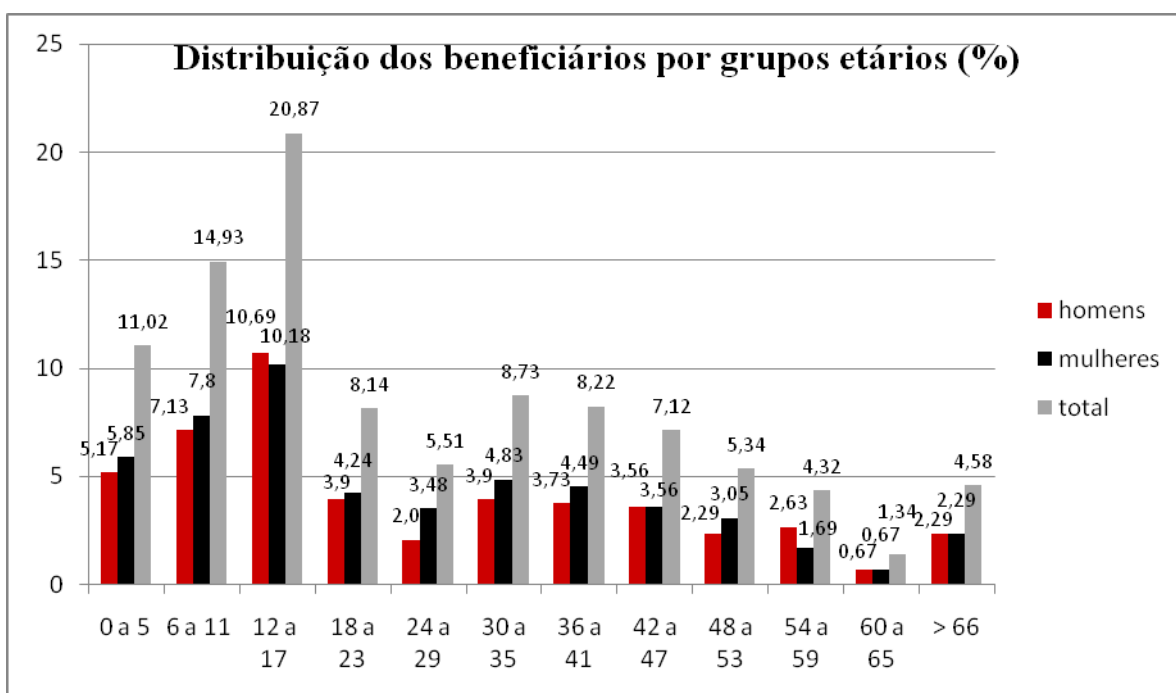
Quadro VII.3.1 Distribuição dos beneficiários por grupos etários (frequência)

	homens	mulheres
0 a 5	61	69
6 a 11	84	92
12 a 17	126	120
18 a 23	46	50
24 a 29	24	41
30 a 35	46	57
36 a 41	44	53
42 a 47	42	42
48 a 53	27	36
54 a 59	31	20
60 a 65	8	8
> 66	27	24
total	566	612

Quadro VII.3.2 Distribuição dos beneficiários por grupos etários (%)

	homens	mulheres	total
0 a 5	5,17	5,85	11,02
6 a 11	7,13	7,8	14,93
12 a 17	10,69	10,18	20,87
18 a 23	3,9	4,24	8,14
24 a 29	2,03	3,48	5,51
30 a 35	3,9	4,83	8,73
36 a 41	3,73	4,49	8,22
42 a 47	3,56	3,56	7,12
48 a 53	2,29	3,05	5,34
54 a 59	2,63	1,69	4,32
60 a 65	0,67	0,67	1,34
> 66	2,29	2,29	4,58
total	47,99	52,13	100

Gráfico VII.3.2 Distribuição dos beneficiários por grupos etários (%)



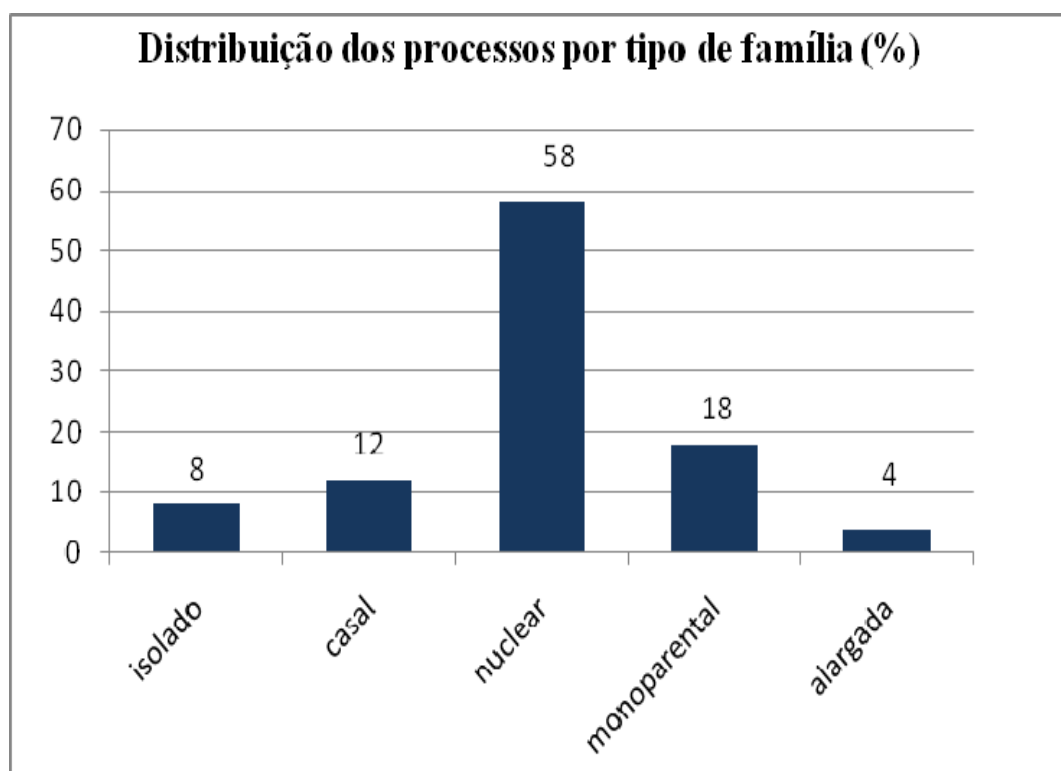
Anexo VII.4

Distribuição dos processos por tipo de família

Quadro VII.4.1

	Frequência	%
isolado	35	8
casal	37	12
nuclear	178	58
monoparental	56	18
alargada	10	4
total	316	100

Gráfico VII.4.2



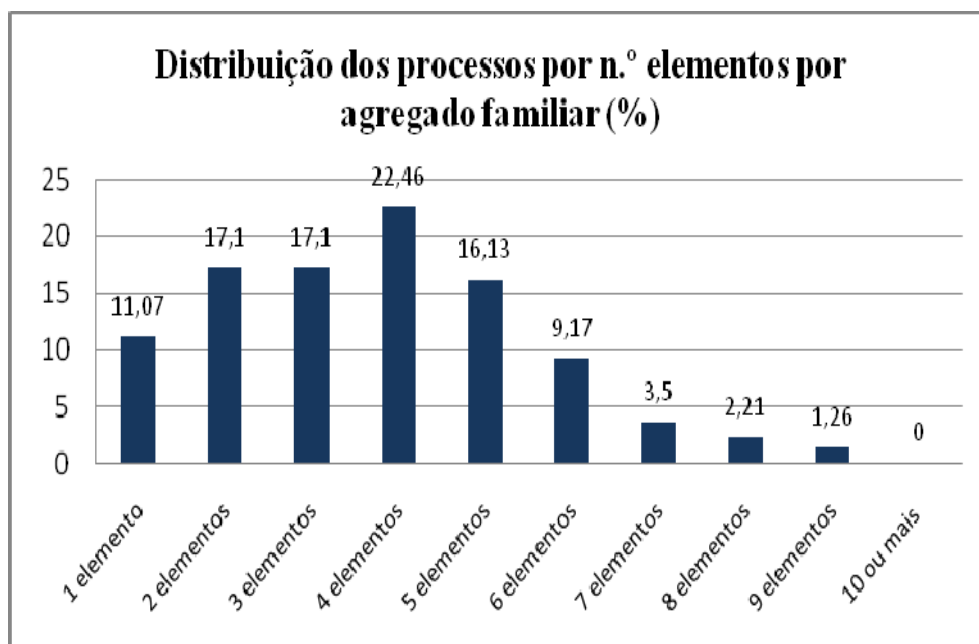
Anexo VII.5

Distribuição dos processos por número de elementos do agregado familiar

Quadro VII.5.1

	Frequência	%
1 elemento	35	11,07
2 elementos	54	17,1
3 elementos	54	17,1
4 elementos	71	22,46
5 elementos	51	16,13
6 elementos	29	9,17
7 elementos	11	3,5
8 elementos	7	2,21
9 elementos	4	1,26
10 ou mais	0	0
total	316	100

Gráfico VII.5.2



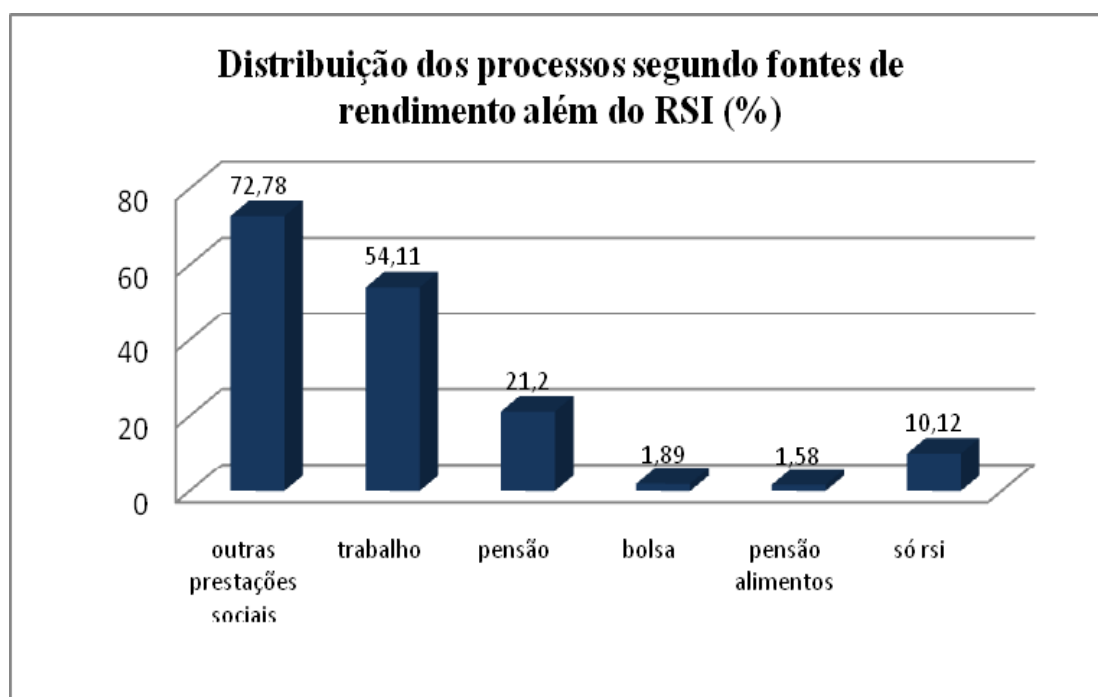
Anexo VII.6

Distribuição dos processos por fontes de rendimento familiar além do RSI

Quadro VII.6.1

	Frequência	%
outras prestações sociais	230	72,78
trabalho	171	54,11
pensão	67	21,2
bolsa	6	1,89
pensão alimentos	5	1,58
só rsi	32	10,12

Gráfico VII.6.2



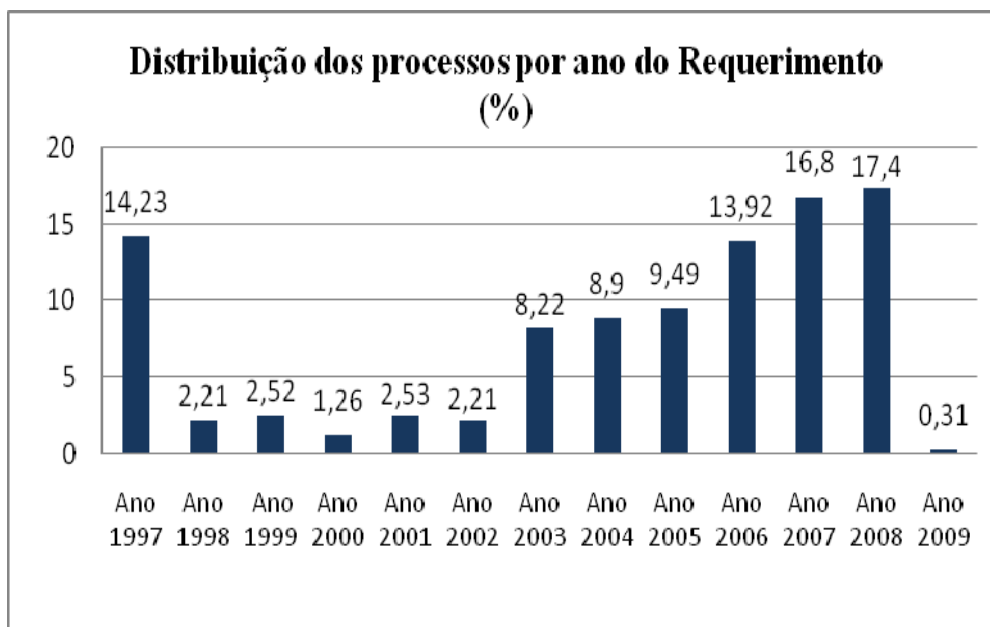
Anexo VII.7

Distribuição dos processos por ano do requerimento

Quadro VII.7.1 -

	Frequência	%
Ano 1997	45	14,23
Ano 1998	7	2,21
Ano 1999	8	2,52
Ano 2000	4	1,26
Ano 2001	8	2,53
Ano 2002	7	2,21
Ano 2003	26	8,22
Ano 2004	28	8,9
Ano 2005	30	9,49
Ano 2006	44	13,92
Ano 2007	53	16,8
Ano 2008	55	17,4
Ano 2009	1	0,31
total	316	100

Gráfico VII.7.2



Anexo VII.8

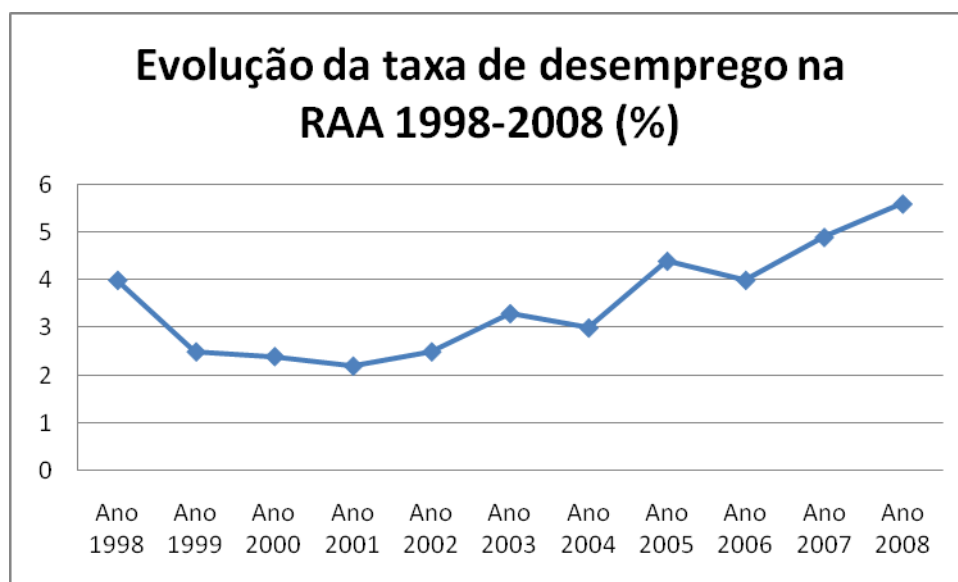
Evolução da taxa de desemprego na RAA 1998-2008 (%)

Quadro VII.8.1

	%
Ano 1998	4
Ano 1999	2,5
Ano 2000	2,4
Ano 2001	2,2
Ano 2002	2,5
Ano 2003	3,3
Ano 2004	3
Ano 2005	4,4
Ano 2006	4
Ano 2007	4,9
Ano 2008	5,6

Fonte: www.ine.pt

Gráfico VII.8.2



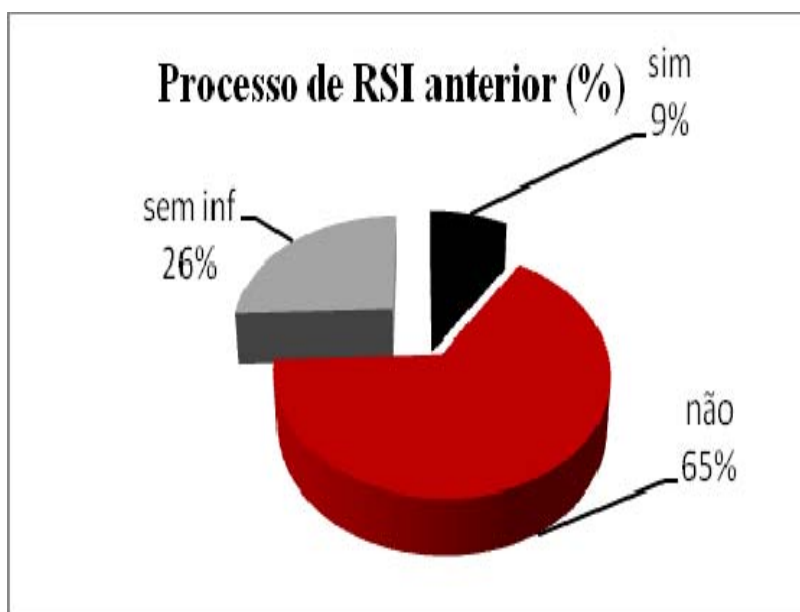
Anexo VII.9

Distribuição dos processos de acordo com a existência de processo anterior

Quadro VII.9.1

	Frequência	%
sim	29	9,18
não	206	65,19
sem informação	81	25,63
total	316	100

Gráfico VII.9.2



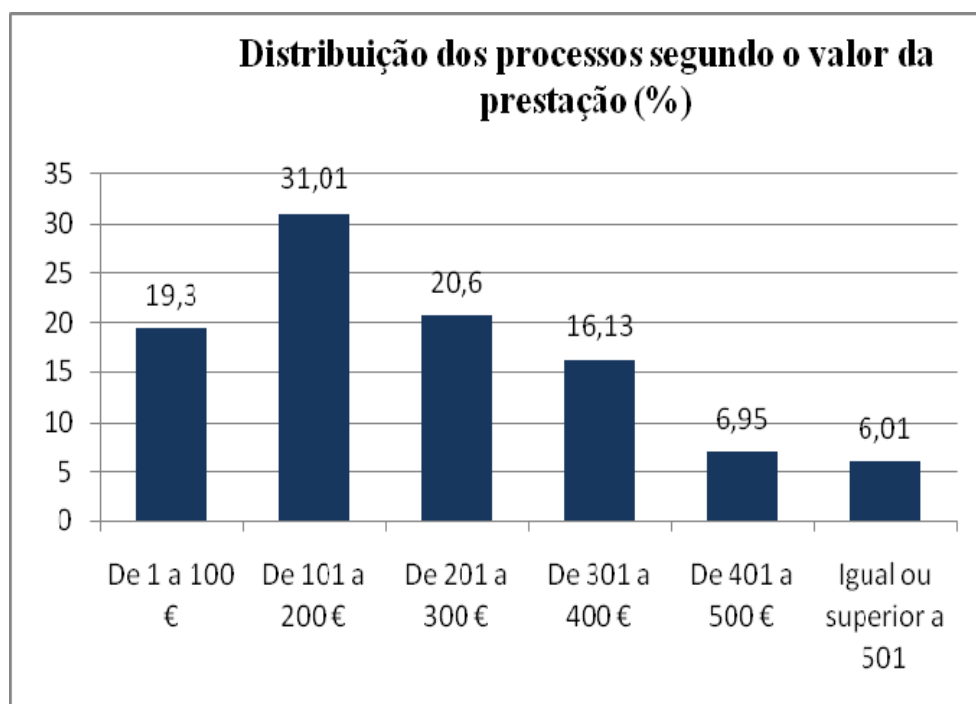
Anexo VII.10

Distribuição dos processos segundo o valor da prestação

Quadro VII.10.1

	Frequência	%
De 1 a 100 €	61	19,3
De 101 a 200 €	98	31,01
De 201 a 300 €	65	20,6
De 301 a 400 €	51	16,13
De 401 a 500 €	22	6,95
Igual ou superior a 501	19	6,01
total	316	100

Gráfico VII.10.2



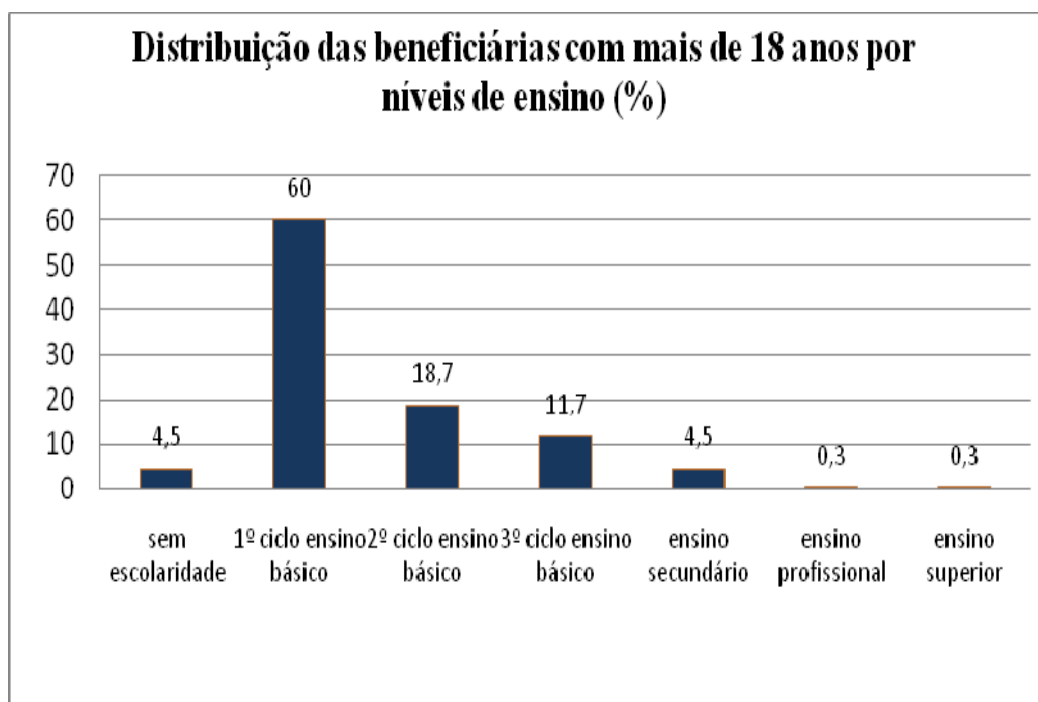
Anexo VII.11

Distribuição das beneficiárias maiores de idade por nível de ensino

Quadro VII.11.1

	Frequência	%
sem escolaridade	15	4,5
1º ciclo ensino básico	199	60
2º ciclo ensino básico	62	18,7
3º ciclo ensino básico	39	11,7
ensino secundário	15	4,5
ensino profissional	1	0,3
ensino superior	1	0,3
total	332	100

Gráfico VII.11.2



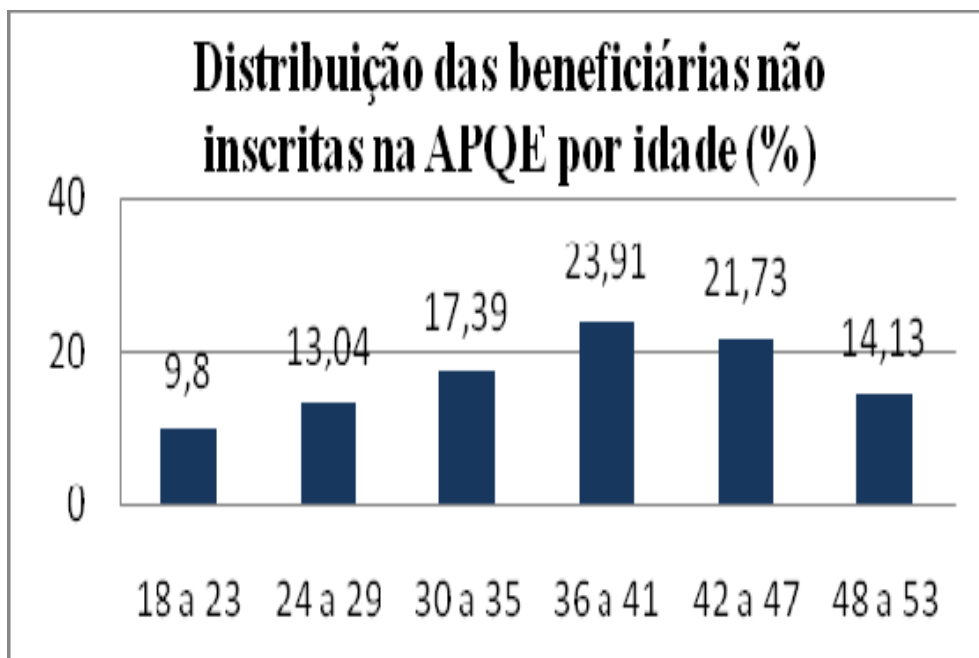
Anexo VII.12

Distribuição das beneficiárias disponíveis para inserção laboral e não inscritas na APQE por idade

Quadro VII.12.1

	Frequência	%
18 a 23	9	9,8
24 a 29	12	13,04
30 a 35	16	17,39
36 a 41	22	23,91
42 a 47	20	21,73
48 a 53	13	14,13
total	92	100

Gráfico VII.12.2



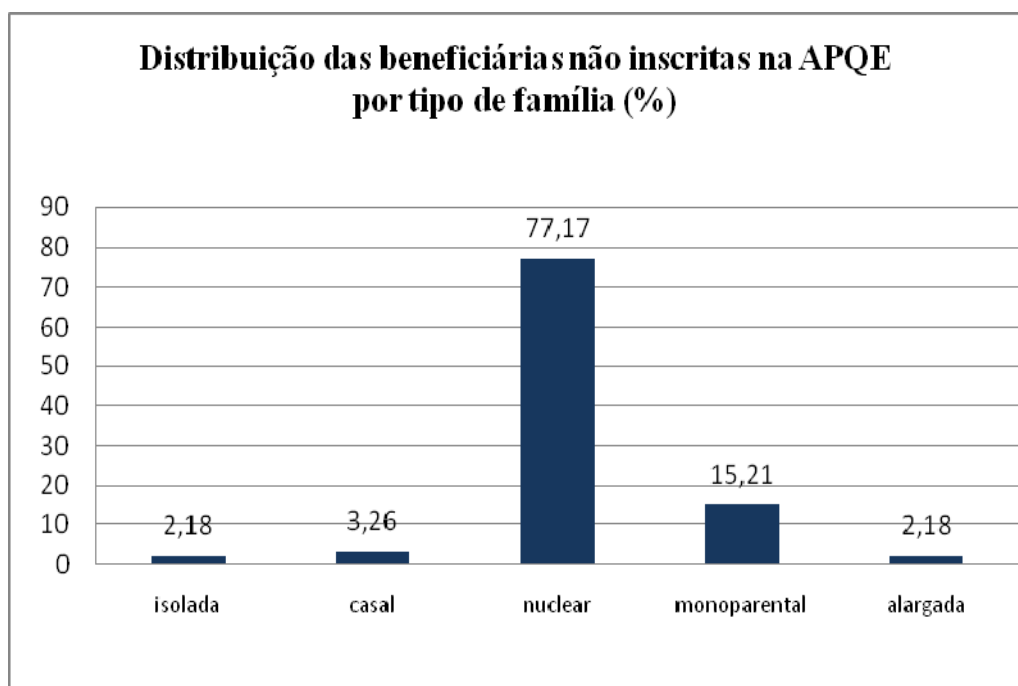
Anexo VII.13

Distribuição das beneficiárias disponíveis para inserção laboral e não inscritas na APQE por tipo de família

Quadro VII.13.1

	Frequência	%
isolada	2	2,18
casal	3	3,26
nuclear	71	77,17
monoparental	14	15,21
alargada	2	2,18
total	92	100

Gráfico VII.13.2



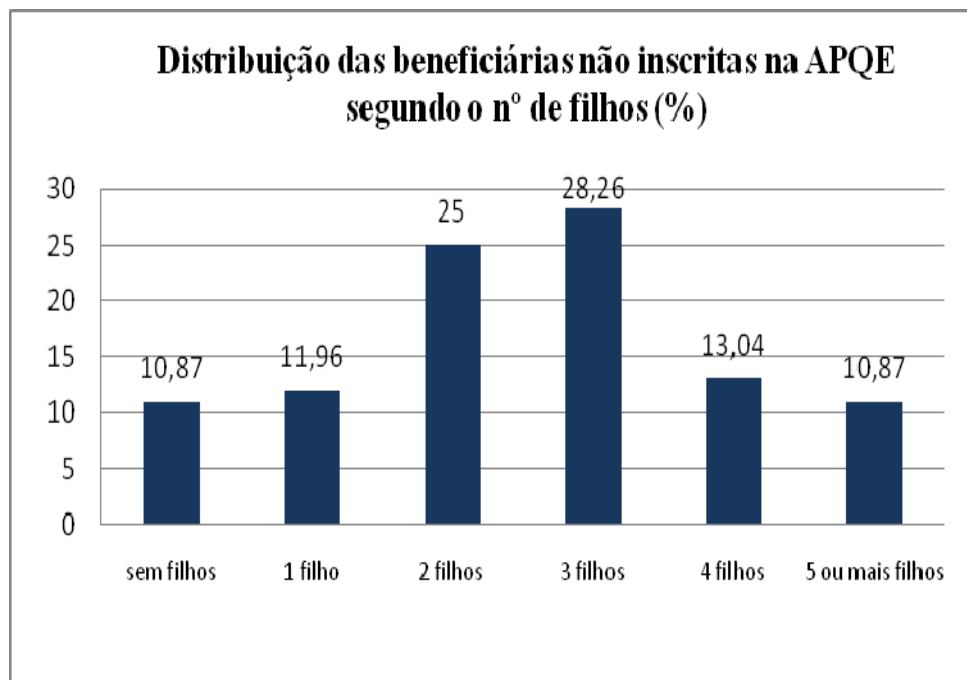
Anexo VII.14

Distribuição das beneficiárias disponíveis para inserção laboral e não inscritas na APQE por número de filhos

Quadro VII.14.1

	Frequência	%
sem filhos	10	10,87
1 filho	11	11,96
2 filhos	23	25
3 filhos	26	28,26
4 filhos	12	13,04
5 ou mais filhos	10	10,87
total	92	100

Gráfico VII.14.2



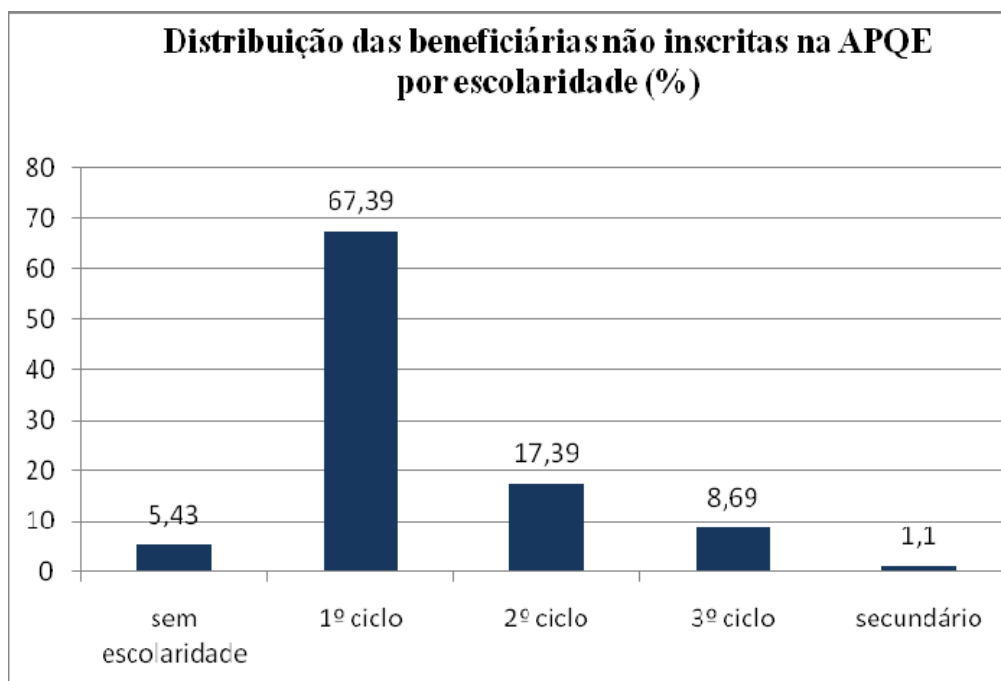
Anexo VII.15

Distribuição das beneficiárias disponíveis para inserção laboral e não inscritas na APQE por nível de escolaridade

Quadro VII.15.1

	Frequência	%
sem escolaridade	5	5,43
1º ciclo	62	67,39
2º ciclo	16	17,39
3º ciclo	8	8,69
secundário	1	1,1
total	92	100

Gráfico VII.15.2



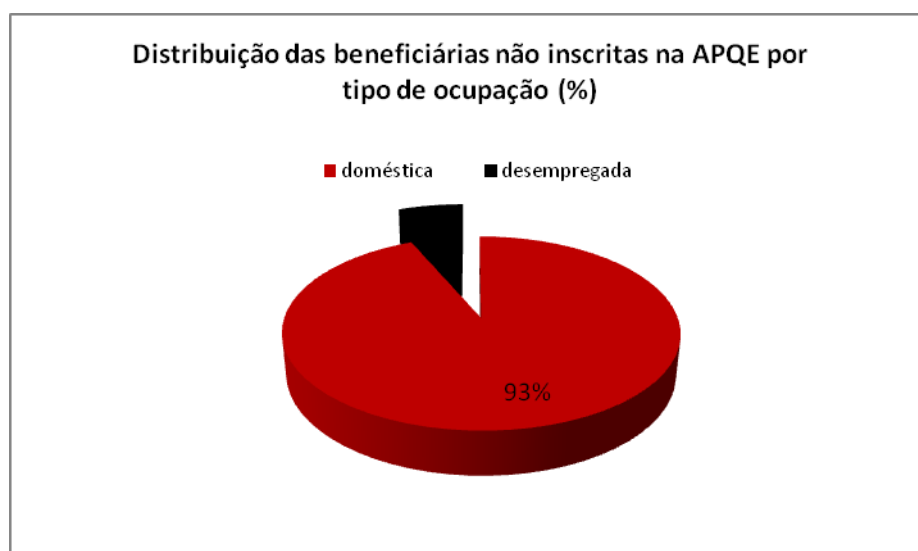
Anexo VII.16

Distribuição das beneficiárias disponíveis para inserção laboral e não inscritas na APQE por ocupação

Quadro VII.16.1

	Frequência	%
doméstica	86	93,47
desempregada	6	6,53
total	92	100

Gráfico VII.16.2



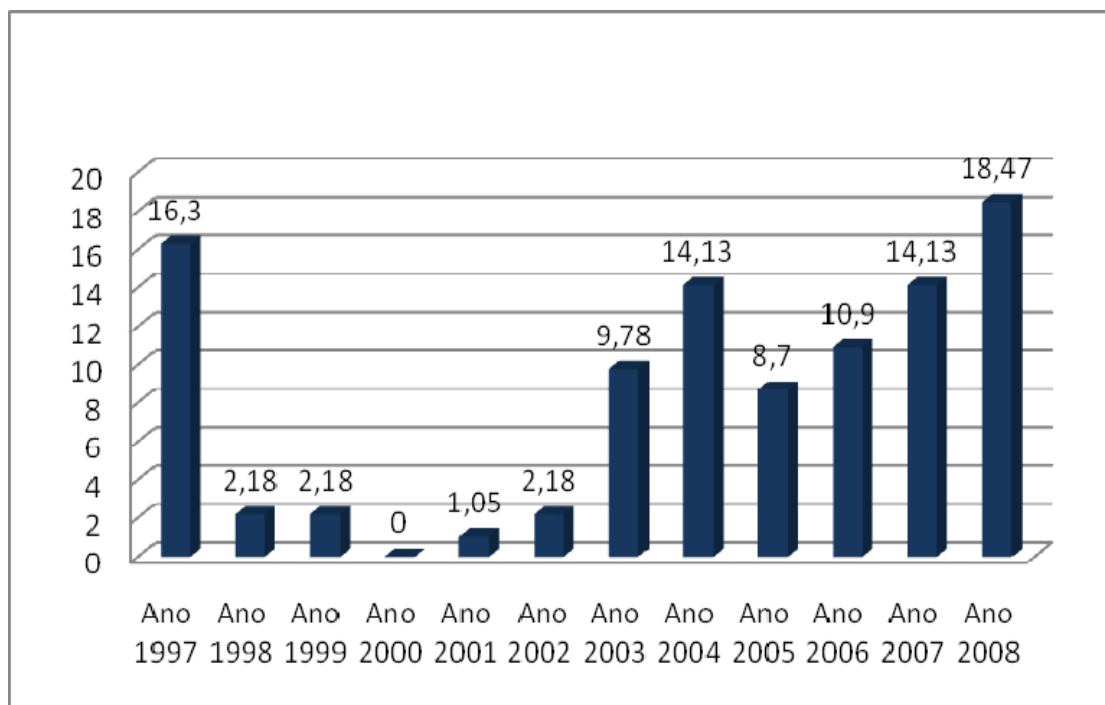
Anexo VII.17

Distribuição das beneficiárias disponíveis para inserção laboral e não inscritas na APQE por ano do requerimento

Quadro VII.17.1

	Frequência	%
Ano 1997	15	16,3
Ano 1998	2	2,18
Ano 1999	2	2,18
Ano 2000	0	0
Ano 2001	1	1,05
Ano 2002	2	2,18
Ano 2003	9	9,78
Ano 2004	13	14,13
Ano 2005	8	8,7
Ano 2006	10	10,9
Ano 2007	13	14,13
Ano 2008	17	18,47
	92	100

Gráfico VII.17.2



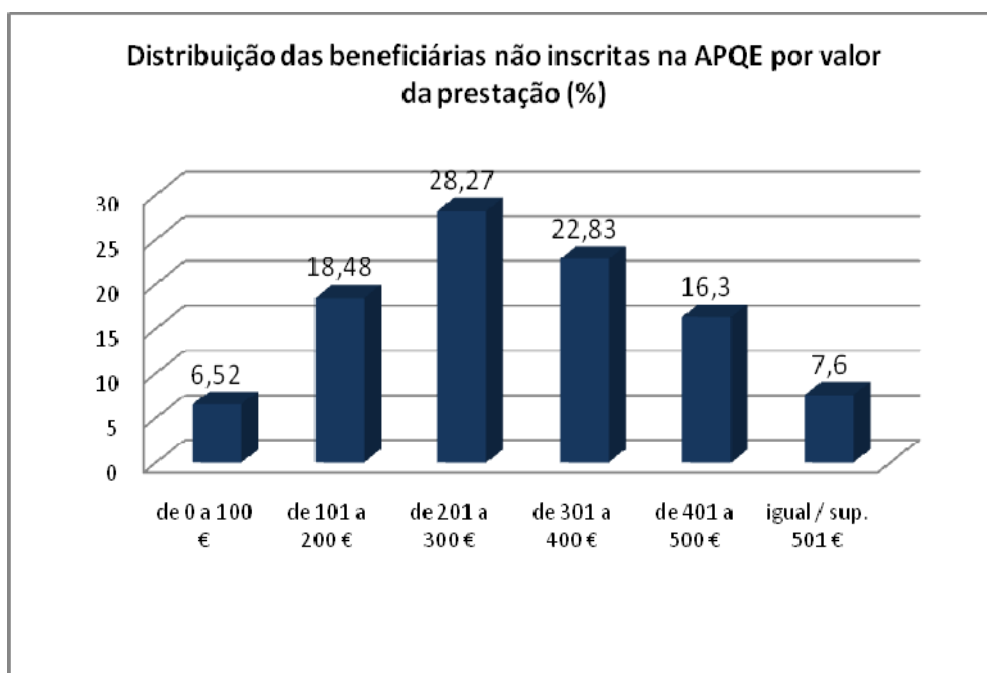
Anexo VII.18

Distribuição das beneficiárias disponíveis para inserção laboral e não inscritas na APQE por valor da prestação

Quadro VII.18.1

	Frequência	%
de 0 a 100 €	6	6,52
de 101 a 200 €	17	18,48
de 201 a 300 €	26	28,27
de 301 a 400 €	21	22,83
de 401 a 500 €	15	16,3
igual / sup. 501 €	7	7,6
	92	100

Gráfico VII.18.2



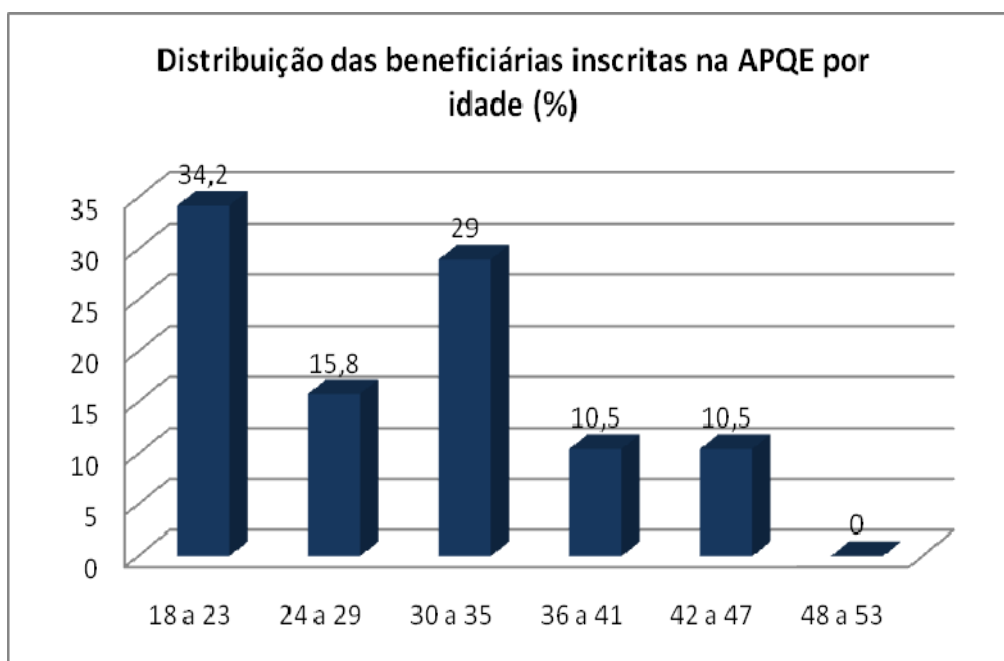
Anexo VII.19

Distribuição das beneficiárias disponíveis para inserção laboral e inscritas na APQE por idade

Quadro VII.19.1

	Frequência	%
18 a 23	13	34,2
24 a 29	6	15,8
30 a 35	11	29
36 a 41	4	10,5
42 a 47	4	10,5
48 a 53	0	0
total	38	100

Gráfico VII.19.2



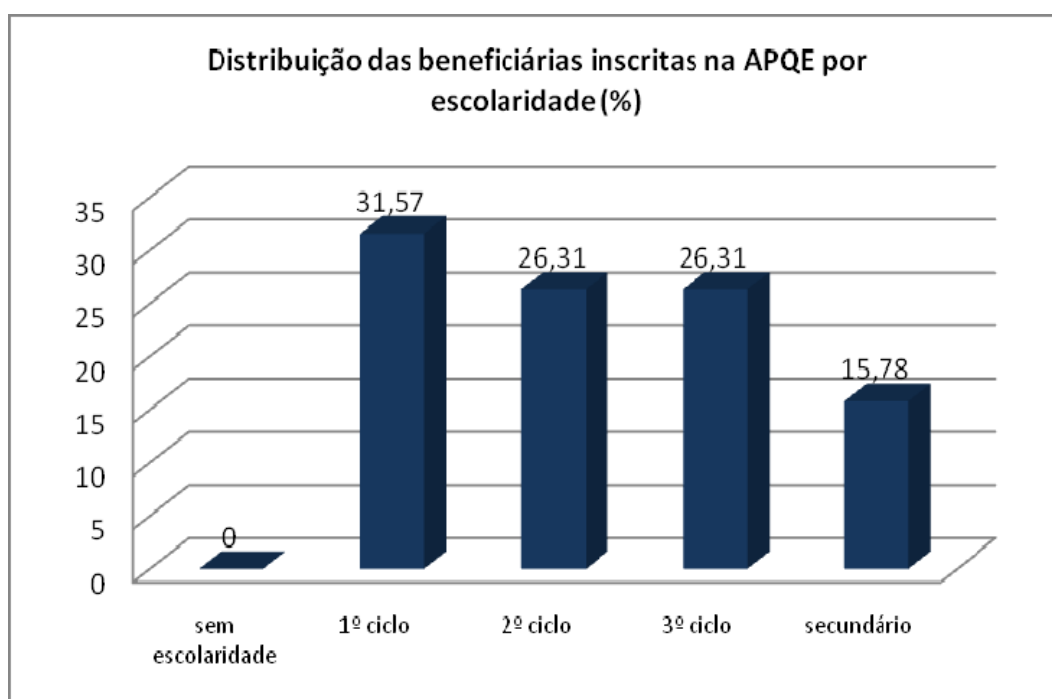
Anexo VII.20

Distribuição das beneficiárias disponíveis para inserção laboral e inscritas na APQE por nível de escolaridade

Quadro VII.20.1

	Frequência	%
sem filhos	10	26,31
1 filho	7	18,42
2 filhos	13	34,21
3 filhos	6	15,8
4 filhos	1	2,63
5 ou mais filhos	1	2,63
total	38	100

Gráfico VII.20.2



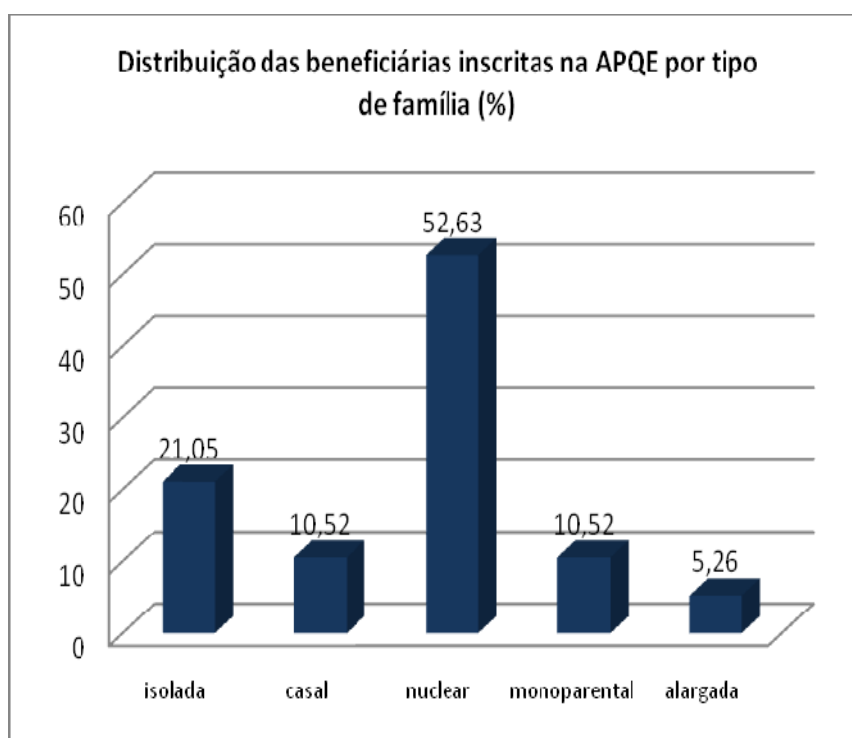
Anexo VII.21

Distribuição das beneficiárias disponíveis para inserção laboral e inscritas na APQE por tipo de família

Quadro VII.21.1

	Frequência	%
isolada	8	21,05
casal	4	10,52
nuclear	20	52,63
monoparental	4	10,52
alargada	2	5,26
total	38	99,98

Gráfico VII.21.2



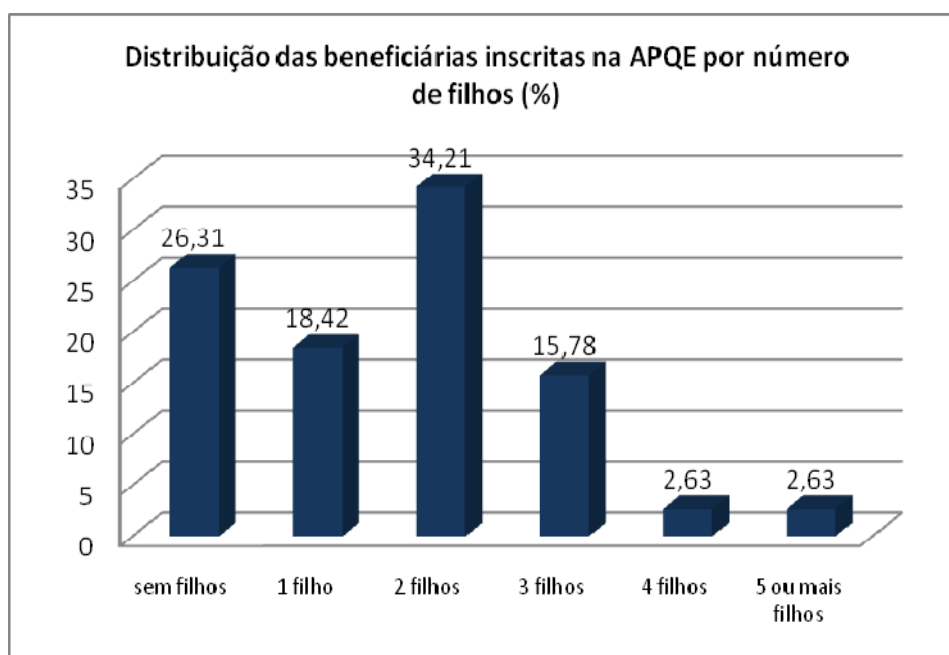
Anexo VII.22

Distribuição das beneficiárias disponíveis para inserção laboral e inscritas na APQE por número de filhos

Quadro VII.22.1

	Frequência	%
sem filhos	10	26,31
1 filho	7	18,42
2 filhos	13	34,21
3 filhos	6	15,78
4 filhos	1	2,63
5 ou mais filhos	1	2,63
total	38	99,98

Gráfico VII.22.2



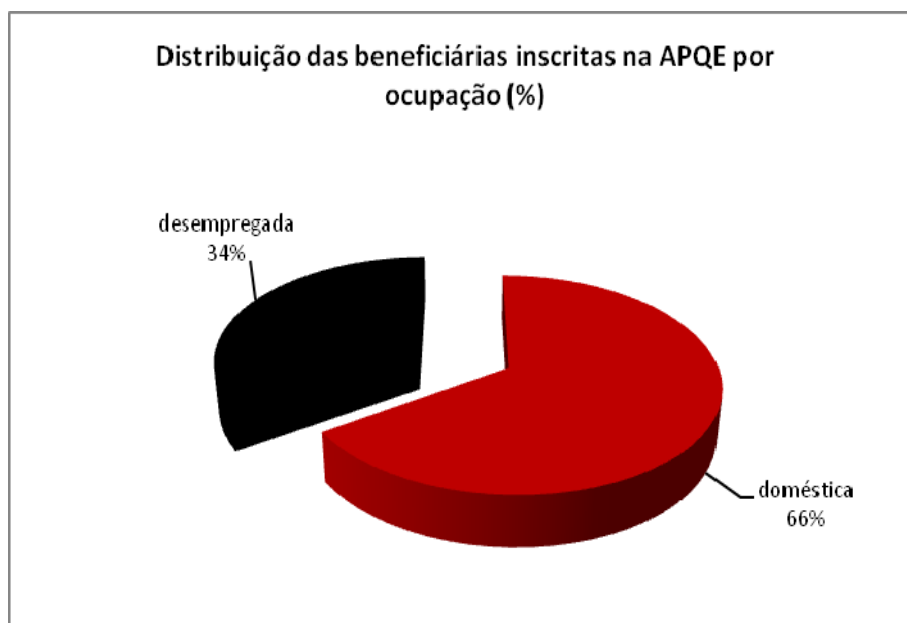
Anexo VII.23

Distribuição das beneficiárias disponíveis para inserção laboral e inscritas na APQE por ocupação

Quadro VII.23.1

	Frequência	%
doméstica	25	65,78
desempregada	13	34,21
total	38	99,99

Gráfico VII.23.2



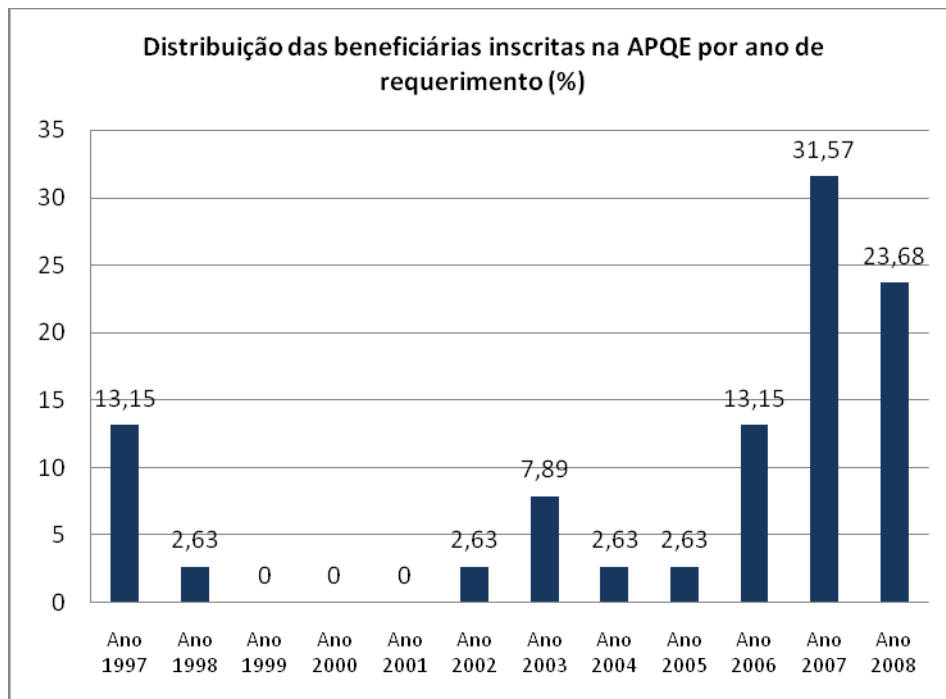
Anexo VII.24

Distribuição das beneficiárias disponíveis para inserção laboral e inscritas na APQE por ano do requerimento

Quadro VII.24.1

	Frequência	%
Ano 1997	5	13,15
Ano 1998	1	2,63
Ano 1999	0	0
Ano 2000	0	0
Ano 2001	0	0
Ano 2002	1	2,63
Ano 2003	3	7,89
Ano 2004	1	2,63
Ano 2005	1	2,63
Ano 2006	5	13,15
Ano 2007	12	31,57
Ano 2008	9	23,68
total	38	99,96

Gráfico VII.24.2



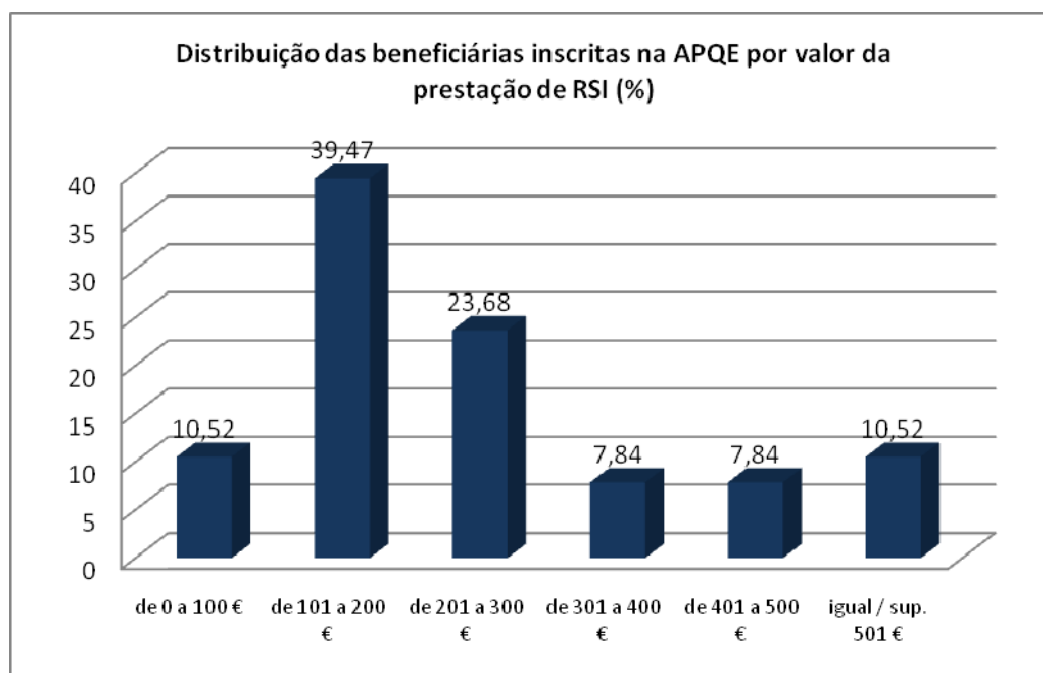
Anexo VII.25

Distribuição das beneficiárias disponíveis para inserção laboral e inscritas na APQE por ano do requerimento

Quadro VII.25.1

	Frequência	%
de 0 a 100 €	4	10,52
de 101 a 200 €	15	39,47
de 201 a 300 €	9	23,68
de 301 a 400 €	3	7,84
de 401 a 500 €	3	7,84
igual / sup. 501 €	4	10,52
total	38	99,87

Gráfico VII.25.2



Anexo VIII

Caracterização geral das entrevistadas

Anexo VIII

Caracterização geral das entrevistadas

N.º entrevistada	Designação da entrevistada	Idade	Estado civil	N.º de filhos	Ano do requerimento	Processo de RSI anterior	Montante da prestação	Grupo
1	Sr.ª S.	48	Casada	5	1999	Não	268,46 €	2
2	Sr.ª A.	38	Casada	3	2006	Não	296,58 €	1
3	Sr.ª A. J.	28	Casada	1	2006	Não	149,98	3
4	Sr.ª A.C.	31	Casada	3	2006	Não	330,72	1
5	Sr.ª V.	21	Solteira	1	2007	Não	67,95	3
6	Sr.ª T	47	Casada	6	2008	Sim	243,07 €	2
7	Sr.ª P.	30	Casada	2	2000	Não	304,08 €	1
8	Sr.ª O.	45	Casada	3	1998	Não	239,11 €	2
9	Sr.ª M. A.	46	Casada	4	2003	Sim	145,73 €	2
10	Sr.ª M.	31	Casada	3	2005	Não	344,88 €	1
11	Sr.ª G.	20	Solteira	0	1997	Não	277,51 €	3
12	Sr.ª F.	33	Casada	4	2007	Sim	328,99	1
13	Sr.ª E.	47	Casada	4	1997	Não	341,45 €	2
14	Sr.ª C. M.	22	Solteira	0	2007	Não	326,91 €	3

Anexo IX

Curriculum Vitae Resumido